UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA
E LÍNGUA PORTUGUESA

JORGE VIANA DE MORAES

*Unidade na diversidade:
as ideias de Serafim da Silva Neto como subsídios para a
constituição de uma teoria da variação linguística*

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2016

JORGE VIANA DE MORAES

*Unidade na diversidade:
as ideias de Serafim da Silva Neto como subsídios para a
constituição de uma teoria da variação linguística*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa

Orientador: Prof^a. Dr^a. Marli Quadros Leite.

De acordo.

Marli Quadros Leite (Orientadora)

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Md828u MORAES, Jorge Viana de
u Unidade na diversidade: as ideias de Serafim da
 Silva Neto como subsídios para a constituição de uma
 teoria da variação linguística / Jorge Viana de MORAES
 ; orientadora Marli Quadros LEITE. - São Paulo, 2016.
 346 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Variação linguística. 2. Mudança linguística. 3.
Teoria. 4. História das Ideias Linguísticas. 5.
Serafim da Silva Neto. I. LEITE, Marli Quadros,
orient. II. Título.

MORAES, Jorge Viana de. *Unidade na diversidade: as ideias de Serafim da Silva Neto como subsídios para a configuração de uma teoria da variação linguística*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: 16 de outubro

Banca Examinadora

Prof. Dr. Marli Quadros Leite Instituição: FFLCH - USP

Julgamento Aprovado Assinatura: Marli Leite

Prof. Dr. Carlos Costa Assunção Instituição: UTAD - PE

Julgamento Aprovado p/ Assinatura: Carla Assunção

Prof. Dr. Maria Winiwides Saraiva Harbuott Instituição: UNIP

Julgamento Aprovado Assinatura: Maria Harbuott

Prof. Dr. Rudiniilson Urbano Instituição: FFLCH - USP

Julgamento Aprovado Assinatura: Rudiniilson Urbano

Prof. Dr. CRISTINA ALMEIDA Instituição: FFLCH - USP

Julgamento Aprovado Assinatura: Cristina Almeida

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo à minha família, com amor, admiração e gratidão pela compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

Em especial...

À **Valéria**, minha esposa, que acreditou quando eu disse que conseguiríamos...
Conseguimos mais uma vez, meu amor!

À **Fernandinha**, que, desde muito pequena, soube dividir o papai com as pesquisas...

Ao vô Néó, seu **Manoel Araujo**, nascido em 1917, que aos 98 anos nos surpreende e nos inspira com seu vigor de vida; e ao meu pai, **Jorge de Moraes**, que, durante o processo de elaboração desta tese, passou por uma delicada cirurgia cardíaca, cuja recuperação, graças a Deus, nos surpreendeu positivamente. Cada um, a seu modo, aproxima-se do meu objeto de pesquisa. Os mais íntimos saberão por que.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me reservar esta grande preparação intelectual, em uma das maiores Universidades do país.

À Profa. Dra. Marli Quadros Leite, pela orientação segura, pelos anos de convivência em que muito ensinou, contribuiu e apoiou para o meu crescimento científico e intelectual. Durante todo esse processo, também agradeço pela amizade e pela confiança em mim depositadas.

Ao Prof. Dr. Carlos da Costa Assunção, pela atenção dispensada e segura orientação durante minha estada como bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Vila Real, Portugal, e também como membro de meu exame de qualificação.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), pela oportunidade de realização do curso de mestrado e, agora, doutorado.

À Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de doutoramento e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa, inclusive no período de três meses durante meu estágio no exterior (PDSE), na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, Vila Real, Portugal.

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da FFLCH-USP, membro de meu exame de qualificação, pelos judiciosos comentários, que me orientaram na melhor organização do trabalho.

Ao Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, da Área de Latim, do Departamento de Linguística da FCL-UNESP – Campus de Araraquara – SP, pela atenção especial com que atendeu meu pedido, enviando-me a cópia da tese de doutoramento do filólogo Prof. Dr. João Alves Pereira Penha.

À Profa. Maria Luiza G. Carmo, Coordenadora Pedagógica do CEL LEP *In-School*, unidade Colégio Guilherme Dumont Villares, pelo generoso trabalho de revisão do *Abstract* desta tese. Obrigado, Malu!

Ao corpo ministerial e aos irmãos na fé de minha comum Congregação Cristã no Brasil, Taboão da Serra – SP, bem como aos queridos irmãos portugueses que, gentilmente, me receberam em Vila Real e na cidade do Porto, no amor de Cristo Jesus, quando estive em Portugal para realizar estágio de doutoramento. Deus abençoe abundantemente a todos pelas contínuas orações.

Em especial, aos irmãos Fernando Faria, Thiago e Fernando Mourão, de Vila Real, Portugal.

Aos irmãos na fé Ismael, Edivaldo, Marcos, Joãozinho e Alcinei de Taboão da Serra. E, finalmente, a todos que, de uma forma ou de outra, me ajudaram a chegar até aqui. Ninguém faz uma tese sozinho.

Muito obrigado!

O que é certo, porém, é que os falares brasileiros se coadunam com o princípio da
unidade na diversidade e da diversidade na unidade.

SERAFIM DA SILVA NETO, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, 1986 [1950], p. 236.

Ora, compreende-se facilmente que o emprêgo do idioma varia com a classe social dos indivíduos. Daí haver, dentro da mesma comunidade, vários tons e gráus de linguagem. As crianças, por exemplo, caracterizam-se por sua linguagem infantil. As mulheres também teem o seu jeito pessoal de falar. Cada pessoa possui, a rigor, a própria linguagem, de maneira que há tantas falas quantos são os indivíduos.

SERAFIM DA SILVA NETO, *Fontes do Latim Vulgar: o Appendix Probi*, 1946, p. 29.

Que a linguagem corrente varia de acordo com a classe social e o grau de instrução é verdade mezinha

SERAFIM DA SILVA NETO, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* 1986 [1950], p. 25.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar que *no conjunto de sua obra Serafim da Silva Neto (1917-1960) apresenta subsídios para a constituição de uma teoria sobre a variação e a mudança linguística, entre os anos 40 e 50 do século XX, portanto, 20 anos antes e independentemente dos estudos a que modernamente denominamos Sociolinguística*, disciplina autônoma em que se investigam as relações da língua com a sociedade. Nossa tese é a de que Serafim da Silva Neto elaborou em sua obra conceitos relacionados à variação e à mudança linguística, tendo como referência as três áreas de investigação a que esteve ligado: a Filologia Românica; a Crítica Textual (edição de textos medievais portugueses) e o conhecimento de Gramáticas Antigas, tanto latinas como portuguesas. Neste sentido, o trabalho está dividido em cinco capítulos. No capítulo um tratamos de questões teórico-metodológicas adotadas. Do segundo ao quarto capítulos, organizamos o trabalho de forma a dar conhecimento a respeito dessas três áreas de atuação do filólogo carioca, apresentando os autores citados que mais contribuíram para a construção de conceitos variacionistas na sua obra. Com isso, procuramos explorar, na medida do possível, o *horizonte de retrospectção* de Silva Neto para, à luz da história, esclarecer como ele construiu seus conceitos a respeito da *variação e mudança linguística*. O quinto capítulo apresenta a aproximação entre Silva Neto, Hugo Schuchardt (1842-1927), linguista e romanista alemão, atuante no final do século XIX e início do XX, ostensivamente presente em seu horizonte de retrospectção, e William Labov (nascido em 1927), principal nome de articulação da *Teoria da Variação Linguística*, organizador da Sociolinguística, enquanto disciplina linguística e líder desse campo de pesquisa, para demonstrar que a proximidade de alguns conceitos teóricos presentes nas suas obras não é mero acaso. Embora temporal e espacialmente separados e filiados a correntes teóricas e metodológicas distintas, o trabalho desses autores contribui para a construção do conhecimento sobre a variação e mudança linguísticas, ainda que de forma não linear e assistemática, alcançando resultados significativos para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências da linguagem, em diferentes campos de atuação. Buscamos, deste modo, estabelecer uma possível *causalidade* entre o pensamento crítico dos três autores, articulados por uma complexa rede de referências, incluindo aí Uriel Weinreich (1926-1967), em cuja obra poderíamos encontrar uma das possíveis explicações para a relação entre os autores apontados, embora ela não seja a única. Ao longo do trabalho, fazemos incursões pelos domínios da Gramaticografia portuguesa e latina, pela Crítica Textual, pela Filologia Românica, e pela Sociolinguística contemporânea, levantando subsídios que comprovem nossa tese. Discutem-se alguns conceitos linguísticos e gramaticais, analisados na perspectiva da dimensão temporal, isto é, na longa duração do tempo, o que o inscreve no contexto da História das Ideias Linguísticas, segundo o modelo de Sylvain Auroux (1992, 1998, 2006, 2008); Colombat (2007) e Colombat, Fournier e Puech (2010).

Palavras-chave: Variação linguística; mudança linguística; teoria; História das Ideias Linguísticas; Serafim da Silva Neto.

ABSTRACT

The aim of this study is to demonstrate that in his whole work, Serafim da Silva Neto presents data for the configuration of a theory of *linguistic variation and change*, between the years 40 and 50 of the 20th century, therefore 20 years before, and independently of the modern studies called *Sociolinguistics*, autonomous subject in which we investigate the relations between language and society. Our thesis is that Serafim da Silva Neto has developed, in his work, concepts related to *linguistic variation and change*, having as reference the three areas of research which he was connected to: *Romance Philology*; *Textual Criticism* (edition of Portuguese medieval texts) and the knowledge of *Old Grammars* such as Latin and Portuguese. In this sense, this work is divided into five chapters. In the first chapter, we deal with adopted theoretical and methodological issues. From second to fifth chapters, we organize this work in order to inform about these three areas of the philologist action, with the aforementioned authors who contributed to the construction of variations concepts in his works studied in a way as to provide knowledge about these three areas of interest of the philologist from Rio de Janeiro. Thus, we have tried to exploit, as far as possible, the *retrospective horizons* of this author so that, in the light of history, be able to explain how he built his concepts about *linguistic variation and change*. The fifth chapter presents the approach between Silva Neto, Hugo Schuchardt (1842-1927), linguist and German Romanist, active in the late 19th century and early 20th century, noticeably present in his *retrospective horizons*, and William Labov (born in 1927), main name of the *Theory of Language Variation* and organizer of Sociolinguistics as a Linguistic discipline, to demonstrate that the proximity of some theoretical concepts presented in his works is no accident. Although temporally and spatially separated, and affiliated to different theoretical and methodological currents, the work of these authors contributes to the construction of knowledge about the language variation and change, albeit in a non-linear and unsystematic way, achieving significant results for the development of research in the sciences of language in different fields. We sought, therefore, to establish a possible *causal link* between the critical thinking of the three authors, joined by a complex network of references, including around Uriel Weinreich (1926-1967), in whose work it could find a possible explanation for the connection between the authors highlighted, although it is not the only one elucidation. Throughout this study, we have, therefore, done research about Latin-Portuguese Grammaticography, Textual Criticism, Romance Philology and Contemporary Sociolinguistics, in such a way as to shed light upon the whole of this complex issue and, consequently, raising data to prove our thesis. In this work, we discuss some linguistic and grammatical concepts, analyzed from the perspective of the temporal dimension, that is, in the long duration of time, which places it in the context of the History of Linguistic Ideas, following the model of Sylvain Auroux (1992, 1998, 2006, 2008); Colombat (2007) and Colombat, Fournier and Puech (2010).

Keywords: Linguistic variation; Linguistic change; Theory; History of linguistics ideas; Serafim da Silva Neto.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette étude est de démontrer que, pour l'ensemble de son oeuvre, Serafim da Silva Neto (1917-1960) présente des contributions à la configuration d'une théorie à propos de la variation et du changement linguistique, entre les années 40 et 50 du XXème siècle, donc 20 ans avant et indépendamment des études actuellement appelées *Sociolinguistique*, ceci une discipline autonome dans laquelle sont étudiées les relations entre le langage et la société. Cette thèse porte sur une théorie élaborée par Serafim da Silva Neto à propos des concepts liés à la variation et au changement linguistique, dont les références sont les trois domaines de recherche auxquels il était lié: la Philologie Romane; la Critique Textuelle (édition de textes médiévaux portugais) et la connaissance de Grammaires Anciennes, tant latines que portugaises. Ainsi, cette étude se divise en cinq chapitres. Au premier chapitre, on traite des questions théoriques et méthodologiques adoptées. Du second au quatrième chapitres, pour informer au sujet de ces trois domaines de travail du philologue carioca (il est né à Rio de Janeiro), on montre les auteurs cités qui ont contribué à la construction de concepts des *variations linguistiques* dans l'oeuvre du philologue. De cette façon, on cherche à explorer, dans la mesure du possible, *l'horizon de rétrospection* de Serafim da Silva Neto pour, à la lumière de l'histoire, afin d'expliquer comment il a construit ses concepts de la *variation* et du *changement linguistique*. Le cinquième chapitre présente l'approche entre Silva Neto, Hugo Schuchardt (1842-1927), linguiste et romaniste allemand, actif à la fin du XIXème siècle et au début du XXème siècle, très présent dans *l'horizon de rétrospection* du philologue brésilien. En outre, il y a aussi William Labov (né en 1927), le nom principal de l'articulation de la *Théorie de la Variation Linguistique* et l'organisateur de la Sociolinguistique comme une discipline linguistique, pour prouver que la proximité de certains concepts théoriques présentés dans ses oeuvres n'est pas un accident. Bien que temporellement et spatialement séparés, et aussi affiliés aux différentes théories et méthodologies, l'oeuvre de ces auteurs contribue à la construction de la connaissance sur la variation et le changement linguistique, quoique d'une manière non linéaire et non systématique, et il est donc possible d'obtenir des résultats significatifs pour le développement de la recherche dans les sciences du langage dans différents domaines. On cherche, par conséquent, d'établir un éventuel *lien de causalité* entre la pensée critique des trois auteurs, reliés par un réseau complexe de références, y compris autour de Uriel Weinreich (1926-1967), dont l'oeuvre on pourrait trouver une explication de la relation entre les auteurs soulignés, bien que cette clarification ne soit pas la seule possible. Dans la recherche on fait des incursions à travers la Grammaticographie Portugaise et Latine, la Critique Textuelle, la Philologie Romane et aussi la Sociolinguistique contemporaine, soulevant des aides qui prouvent cette thèse. Certains concepts linguistiques et grammaticaux sont discutés et analysés dans la perspective de la dimension temporelle qui, à la longue durée, s'inscrit dans le contexte de l'histoire des idées linguistiques, selon le modèle de Sylvain Auroux (1992, 1998, 2006, 2008); Colombat (2007) et Colombat, Fournier et Puech (2010).

Mots-clés: Variation linguistique; Changement linguistique; Théorie; Histoire des idées linguistiques; Serafim da Silva Neto.

Serafim da Silva Neto (1917-1960)

LISTA DE SIGLAS

MGHP	Manual de Gramática Histórica Portuguesa (1942)
FLV	Fontes do Latim Vulgar (O Appendix Probi) (1946 [1938])
SVRCFP	A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro: porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora, André de Resende (1947)
DSG	Diálogos de São Gregório (1950)
IELPB	Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil (1986b [1950])
MFP	Manual de Filologia Portuguesa: história, problemas, métodos (1952)
IEFP	Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa (1976) [1956])
EFP	Ensaio de Filologia Portuguesa (1956)
TMPSP	Textos medievais portugueses e seus problemas (1956)
GED	Guia para estudos dialectológicos (1957 [1955])
HLP	História da Língua Portuguesa (1986a [1957])
HLV	História do Latim Vulgar (2004 [1957])
BMP	Bíblia Medieval Portuguesa (1958)
LCC	Língua, Cultura e Civilização (1960)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Referência aos gramáticos na obra de Serafim da Silva Neto	121
Tabela 2 -	Eixos temáticos dos conceitos comparados	304
Tabela 3 -	Obras consultadas para estabelecer os conceitos comparados	304

LISTA DE IMAGENS E FIGURAS

Imagem -1	Fotografia de Serafim da Silva Neto	11
Figura 1 -	Representação gráfica das teorias das ondas, Schuchardt	208
Figura 2 -	Representação gráfica das teorias das ondas, Bailey	208

LISTA DE QUADROS E ESQUEMAS

Esquema 1-	Genealogia da Sociolinguística: From Whitney to Labov [De Whitney a Labov], Koerner (1995)	26
Esquema 2-	Horizonte de Retrospecção de Silva Neto quanto à variação	54
Esquema 3-	Proposta de uma complexa rede referencial: Schuchardt, Silva Neto, Weinreich, Labov	303
Quadro 1 -	Quadro-síntese de dez princípios teóricos e metodológicos adotados em H.I.L	52
Quadro 2 -	Quadro representativo das principais variantes latinas	84/ 118
Quadro 3 -	Quadro representativo das principais variantes portuguesas, SSN	117
Quadro 4 -	Quadro-síntese comentado do sumário de <i>HLP</i> (1957)	141
Quadro 5 -	Quadro-comparativo entre Oliveira e Argote para as principais variações linguísticas portuguesas	161
Quadro 6 -	Quadro das diferenças entre língua falada e língua escrita: Silva Neto	223
Quadro 7 -	Quadro das diferenças conceituais entre Silva Neto e Maurer Jr. sobre o Latim Vulgar	242
Quadro 8 -	Quadro-síntese conceitual-comparativo entre H. Schuchardt, S. Silva Neto e W. Labov	294

SUMÁRIO

Resumo	08
Abstract	09
Résumé	10
Lista de Siglas	12
Lista de tabelas	13
Lista de figuras	13
Lista de quadros e esquemas	13

INTRODUÇÃO

1. Uma tese sobre <i>variação linguística</i>	17
2. Problema da tese	23
3. Fundamentação teórico-metodológica	28
4. Objetivos da pesquisa	30
a. Hipótese	32
b. <i>Corpus</i>	33
c. A organização dos capítulos e plano de trabalho	34

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E IDEIAS LINGUÍSTICAS: ASPECTOS DA RETROSPECÇÃO

1.1. Considerações iniciais	38
1.2. História das ideias linguísticas ou História das teorias?	40
1.3. O trabalho do historiador	41
1.4. Os três princípios adotados em <i>História das Ideias Linguísticas</i>	43
1.4.1. Uma definição fenomenológica do objeto	43
1.4.2. A neutralidade epistemológica	44
1.4.3. Um historicismo moderado	45
1.5. A historicidade das ciências, segundo Auroux	45
1.6. O conceito de <i>horizonte de retrospecção</i>	48
1.6.1. A estruturação dos horizontes de retrospecção.	50
1.7. História das Ideias Linguísticas: temporalidade, explicação e causalidade	51

CAPÍTULO 2

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS GRAMÁTICAS LATINAS E NOS TEXTOS MEDIEVAIS PORTUGUESES

2.1. A variação linguística abordada nos estudos sobre o <i>latim corrente</i> e o <i>latim vulgar</i>	55
2.1. 2. A variação linguística segundo os testemunhos dos gramáticos latinos	56
2.1.2.1. Marcos Terêncio Varrão	60
2.1.2.2 O Livro VIII <i>De Língua Latina</i> de Varrão	63
2.1.2.3. Marcos Fábio Quintiliano	71
2.1.2.4. Mário Vitorino	72
2.1.2.5. Festo, Sérvio e Pompeio	75
2.1.2.6. Prisciano	78
2.1.2.7. Carísio, Vélío Longo e Diomedes	80
2.1.2.7.1. Aulo Gélío	81
2.1.2.8. Probo e Consêncio	81
2.1.3. A importância do estudo do “latim dos cristãos” e da obra de Santo	

Agostinho para o estudo da variação linguística, segundo Silva Neto	88
2.2. Variação linguística nos textos medievais portugueses, fundos de arquivos e a tese do conservadorismo do PB	93
2.2.1. Acerca da variação nos códices	95
CAPÍTULO 3	
FATOS DA VARIAÇÃO EM OBRAS DA TRADIÇÃO GRAMATICOGRÁFICA LUSO-BRASILEIRA	
3.1. A importância da <i>gramática</i> na obra de Serafim da Silva Neto	112
3.1.1. A noção de <i>variação linguística</i> a partir do conceito de <i>gramática</i>	118
3.1.2. A <i>variação</i> nas gramáticas portuguesas citadas por Silva Neto	123
3.1.2.1 A variação em Soares Barbosa	124
3.1.2.2. A variação em Caetano de Lima, Monte Carmelo e Madureira Feijó	124
3.1.2.3. A variação na <i>Grammatica practica</i> (1870) de Epiphanyo Dias	126
3.1.2.4. A variação na <i>Grammatica port. elementar</i> (1881) Epiphanyo Dias	128
3.1.2.5. A variação no <i>Epítome da grammatica</i> (1806) de Moraes Silva	130
3.2. A referência aos gramáticos portugueses na <i>História da Língua Portuguesa</i> de Serafim da Silva Neto	131
3.2.1 <i>História da Língua Portuguesa</i> (1957): o aparato teórico social	133
3.2.2. <i>Evolução e Desagregação</i>	135
3.2.3. <i>Criação e Difusão</i>	136
3.2.4. <i>Interação linguística</i>	138
3.2.5. <i>Evolução e estrutura social</i>	139
3.2.6. Quadro-síntese comentado do sumário de <i>HLP</i> (1957)	140
3.2.7 Os antigos gramáticos portugueses na <i>HLP</i> : <i>Fernão de Oliveira e Jerônimo Contador de Argote</i>	143
3.2.7.1. A <i>Grammatica da lingoagem portuguesa</i> (1536) de Fernão de Oliveira e a variação linguística	150
3.2.7.2. O conceito de <i>falar</i> na <i>Grammatica da lingoagem portuguesa</i>	153
3.2.7.3. A variação linguística nas <i>Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina</i> de Jerônimo Contador de Argote, de 1725 [1721]	159
3.2.7.4. A diversidade entre o PB e PE em Argote 1725	164
3.2.7.5. Silva Neto e a múltipla estruturação de seu horizonte de retrospecto	166
3.3. A <i>variação</i> nas gramáticas brasileiras do período científico	168
3.3.1. A variação na <i>Grammatica Portugueza</i> (1881), de Júlio Ribeiro	169
3.3.2. A variação na <i>Gramática Histórica</i> (1919) de Eduardo Carlos Pereira	171
3.3.3 A variação nas Gramáticas de Pacheco e Lameira (1887, 1894)	179
3.3.4. A variação na <i>Grammatica portugueza elem.</i> (1876) de Teófilo Braga	184
3.3.5. <i>Fatos da variação</i> nas gramáticas de orientação filosófica	186
3.3.5.1. Variações nas gramáticas de Sotero dos Reis (1861, 1871) e Carneiro Ribeiro (1881)	187
CAPÍTULO 4	
O PAPEL DA ROMANÍSTICA NO ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	
4.1. A Romanística como um programa sociocultural de investigação linguística	192
4.2. Metodologia empregada no capítulo	193
4.3. Do que trata <i>Über die Klassifikation der romanischen Mundarten</i> (1870), de Schuchardt	195

4.3.1. Teoria das Ondas [<i>Wellentheorie</i>]: as querelas	203
4.2.1.1. Variação e teoria linguística: a moderna <i>teoria das ondas</i> de Bailey	205
4.2.1.2. O modelo de Bailey (1973)	207
4.4. <i>L'Atlas linguistique de la France</i> , de Jules Gilliéron	212
4.4.1. Karl Jaberg e Jakob Jud e a renovação da Geografia Linguística	214
4.5. <i>La Fragmentación Lingüística de la Romania</i> , de Walther Wartburg	218
4.6. Serafim da Silva Neto e a <i>História do Latim Vulgar</i>	219
4.6.1 Língua falada e Língua escrita: relações segundo da Silva Neto	221
4.6.2. Os casos Schuchardt e Silva Neto: rupturas na estrutura dos horizontes de retrospecção	223
4.6.2.1 A obliteração das ideias de Hugo Schuchardt no programa sociolinguista	224
4.6.2.2. <i>Estruturalismo linguístico</i> e Schuchardt: causas da obliteração	228
4.6.2.2.1 As principais críticas de Schuchardt ao <i>Cours</i>	228
4.6.2.2.2 Serafim da Silva Neto e o estruturalismo no Brasil	233
4.7. Theodoro Henrique Maurer Jr.: <i>O Problema do Latim Vulgar</i> e a <i>Gramática do Latim Vulgar</i>	235
4.7.1. Confrontando algumas ideias: Silva Neto <i>versus</i> Maurer Jr.	239
4.8. O aspecto social e cultural nos estudos românicos brasileiros: A Unidade da România Ocidental, de 1951	242
4.9. A singularidade dos estudos românicos	245
4.9.1. Linguística para Romanistas?	248
CAPÍTULO 5	
HUGO SCHUCHARDT, SERAFIM DA SILVA NETO E WILLIAM LABOV: UMA APROXIMAÇÃO	
5.1. Considerações iniciais	252
5.2. Metodologia	254
5.3. A noção de “conceito” empregada	256
5.4. As aproximações conceituais	256
a) <i>Caracterização dos crioulos como uma configuração linguística que acelera vários processos sistemáticos de mudança linguística</i>	256
b) <i>Influência social e linguística (irradiação) dos falantes de classes sociais mais elevadas sobre os demais</i>	271
c. <i>A explicação não apenas linguística, mas, sobretudo, social para as questões da variação e mudança linguística.</i>	280
d) <i>Variação situacional de uso da língua</i>	287
e. <i>estratificação social e uso da língua.</i>	291
5.4.1. <i>A crise do positivismo</i> como elemento comum	295
5.4.2. Proposta de uma complexa rede referencial	299
CONCLUSÃO.....	305
REFERÊNCIAS	
	321

INTRODUÇÃO

1. Uma tese sobre *variação linguística*

Uma tese sobre *variação linguística*, cujo foco é o trabalho de um filólogo como Serafim da Silva Neto (1917-1960), pode causar surpresa porque, segundo a avaliação de muitos (socio)linguistas atuais, esse autor teria apresentado atitudes de preconceito e intolerância linguísticos contra as variedades de menor prestígio do português e contra as línguas indígenas e africanas, consideradas por ele como de estatuto menor.¹ Em torno do tema, estão condensados vários aspectos que despertam a atenção, nem sempre de maneira unívoca. Além disso, a expressão *variação linguística*, que constitui o núcleo deste estudo, está, genericamente, associada hoje à Sociolinguística, ou seja, a uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos. Ou, para sermos mais exatos, à comparação da estrutura linguística com a estrutura social, o que nas palavras de Bright (1966)², traduz-se no seguinte escopo: “a tarefa da sociolinguística é mostrar a variação sistemática da estrutura linguística e da estrutura social e, talvez, mesmo, um relacionamento causal em uma direção e outra”.

Para Bright (op. cit.), “a *diversidade linguística* é precisamente a matéria de que trata a sociolinguística”. Entretanto, sabe-se que a Sociolinguística projetou-se como disciplina linguística autônoma somente no início dos anos sessenta no exterior, e no final dos anos setenta no Brasil. Como se sabe, o próprio termo, cuja origem está envolta em questões bastante controversas, aparentemente, só passou a ser corrente em 1964, devido a

¹ MUSSA (1991); MATTOS E SILVA (2004). Ver, por exemplo, a respeito BESSA-FREIRE (2008, p. 122-3) que diz: “Há ainda aqueles que deram inclusive um tratamento preconceituoso às línguas indígenas. Lembro aqui de Serafim da Silva Neto [...]”. Para uma abordagem historiográfica sobre o problema, como também para uma breve biografia do autor, ver MORAES (2008, p. 11-12; 32-36). Moraes apresenta a maneira como os autores contemporâneos, “por não quererem se comprometer com o mérito da questão, fazem torneios para citá-lo”.

² *Apud* PRETI (2003, p. 15-6).

Bright.³ O que, em tese, inviabilizaria, cronologicamente, uma possível associação do nome de Silva Neto com esta área de estudos linguísticos, tendo em conta o seu falecimento precoce aos 43 anos em 1960, anos antes de essa disciplina ser implantada em nosso meio.

Neste sentido, é preciso que se estabeleça desde já a diferença entre *disciplina* e *área do conhecimento*. As duas não são co-extensivas. Exemplo disso é o que afirma Altman (2009) com relação à *Linguística*, que, segundo afirma, “é uma disciplina e um campo do conhecimento, objetos cujos escopos não são em absoluto, coincidentes” (ALTMAN, 2009, p. 116). Partimos da evidência prévia de que essa mesma relação existe entre os estudos da *variação* e *mudança* linguísticos e a Sociolinguística contemporânea. Embora esta última tenha se estabelecido há pouco anos como disciplina autônoma, os objetos de sua pesquisa já estão presentes há muito mais tempo como *área de investigação*.

Por isso, as outras palavras que compõem o título do trabalho – *ideias para a constituição de uma teoria* – delimitam o campo específico em relação ao qual o tema é abordado: a História das Ideias Linguísticas⁴; e, assim, o possível equívoco é desfeito, porque o conceito de *variação linguística* tratado ao longo das páginas seguintes diz respeito à *heterogeneidade linguística* ou, mais precisamente, ao que foi entendido pelo

³ Porém, para uma discussão informada acerca da origem e do emprego do termo, ver os seguintes trabalhos: ELIA (1987, p. 65-66), KOERNER (1995, p. 128, n. 9), PAULSTON E TUCKER (2003, p. 1-3) e SALOMÃO (2011, p. 188). Segundo Elia (1987, p. 17) “O termo ‘Sociolinguística’ foi cunhado em 1949 [...] mas, só tornou-se corrente na década de 60”. Provavelmente, Elia esteja se referindo ao trabalho do linguista Eugene Nida, que o utiliza na segunda edição de seu *Morphology* (1949, p. 152), mas há também a atribuição do termo a Haver Currie, que o usou em um trabalho apresentado em uma conferência em 1949 e depois em uma publicação no **Southern Speech Journal** em 1952”. Entretanto, Salomão (2011) afirma que suas origens se situam bem antes. Paulston e Tucker (2003) afirmam que o termo ‘sociolinguística’ foi cunhado em 1939 no título do artigo de Thomas C. Hodson, *Sociolinguistics in India* publicado no periódico **Man in India**. Koerner (1995, p. 128, n. 9) o avalia como a “referência mais intrigante”, porque retrocede a 1939. Thomas Callan Hodson (1871-1953), segundo Koerner, “foi aposentado do Serviço Público britânico na Índia, antes ele havia sido o primeiro a ocupar uma cadeira de Antropologia na Universidade de Cambridge, em 1932”.

⁴ Segundo Gonçalves (2003), o conceito de *ideia linguística* “corresponde ao corpo de ideias acerca de uma ou de várias línguas, num período, em determinado autor, movimento ou corrente, em conexão com os movimentos sociais, políticos, económicos e culturais das comunidades em que se desenvolveram” (GONÇALVES, 2003, p. 16).

filólogo⁵ estudado como “unidade na diversidade” linguística, especialmente em relação à língua portuguesa.

De acordo com Silva Neto “é próprio das línguas a oposição *unidade na diversidade e diversidade na unidade*” (SILVA NETO, 1986 [1952], p. 121).⁶ Não precisaríamos esperar os linguistas – diremos mais, os sociolinguistas – para trazer à consciência o fato empírico de que as línguas variam não somente em função do tempo, mas também em função de outras variáveis sócio-históricas e culturais; alterações que, no mais das vezes, obedecem não a causalidades de ordem estritamente lógico-estrutural, mas a pressões próprias do uso que delas fazem os seus falantes, consciente ou inconscientemente (FORTES, 2012, p. 199).

De qualquer forma, o título da tese condensa em si mesmo um enunciado conclusivo, que é a hipótese aqui defendida, qual seja: a de que Serafim da Silva Neto elaborou em sua obra conceitos relacionados à variação e à mudança linguística, tendo como referência as três áreas de investigação a que esteve ligado: a Filologia Românica; a Crítica Textual (edição de textos medievais portugueses) e o conhecimento de Gramáticas Antigas, tanto latinas como portuguesas.

Quando se examina o conjunto da obra de Silva Neto, é possível encontrar conceitos sobre a *variação* e a *mudança* linguística, de modo geral, e sobre a língua portuguesa em específico. As noções desenvolvidas pelo autor tomam forma a partir de

⁵ Refiro-me a Serafim da Silva Neto sempre como filólogo e não como linguista, embora haja razões suficientes para considerá-lo também como um linguista, ou, como observou Celso Cunha, “o mais atualizado linguista-filólogo que tivemos em qualquer época”. Se não procedemos assim, é por razão de ordem, estritamente, teórico-metodológica: em primeiro lugar, Silva Neto sempre se percebeu e se definiu como filólogo. Em segundo lugar, Silva Neto considerava a Linguística como autônoma da Filologia. “Reconhecidas como modos legítimos e, em certo sentido, complementares de se estudar as problemáticas linguísticas, Filologia e Linguística seriam, claramente, distintas e autônomas, na medida em que ambas teriam **interesses** – pelas línguas ou **pela** linguagem – **propósitos** – mais práticos ou mais teóricos – e **tarefas** – tratar amplamente línguas ou sintetizar fatos comuns a todas elas – diferenciados” (COELHO, 1998, p. 114). Ver também a Fig. 2 de COELHO, 1998, página subsequente à 114, não numerada).

⁶ SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença/ Pró-memória; Brasília: INL, 1986 [1952-1957]).

suas investigações sobre o latim vulgar, os autores latinos cristãos, os textos medievais portugueses, as diversas fases da história da língua portuguesa e, particularmente, a história da língua portuguesa no Brasil, traz inclusive referência aos filósofos gregos que de algum modo trataram a questão.

É o que demonstra quando menciona o Diálogo *Crátilo*. Em *HLP*, Silva Neto (1957) afirma, inclusive, que ali, nesse diálogo platônico, há o registro de um tipo de variação complexa: a variação temporal na sua relação com a variável sexo, apresentando, assim, a mudança linguística em *tempo aparente*, como se diz hoje em metalinguagem sociolinguística. Como explica Silva Neto:

Na manutenção dos velhos traços culturais e, portanto, da língua dos antepassados, é grande o papel das mulheres. Já Platão, no *Crátilo* (418 b), pela boca de Sócrates ao falar com Hermógenes, observava que elas conservam um modo de falar muito antigo (SILVA NETO, HLP 1957 [1986], p. 34).

É claro que Silva Neto não faz, e nem poderia fazer, uso do conceito sociolinguístico moderno de *mudança no tempo aparente*, mas se compararmos essa terminologia com o que ele acima afirma – “a manutenção dos velhos traços culturais e, portanto, da língua dos antepassados” – veremos que em tudo elas refletem correspondência lógica, já que o pressuposto central do *tempo aparente* é o de que as diferenças no comportamento linguístico de gerações diferentes de falantes num determinado momento refletiriam diferentes estágios do desenvolvimento histórico da língua.⁷

⁷ Para uma abordagem crítica a respeito do conceito de *mudança no tempo aparente*, ver CHAMBERS E TRUDGILL (1998 [1980]). Segundo esses autores, “The validity of apparent-time studies hinges crucially upon the hypothesis that the speech of, say, 40-year-olds today directly reflects the speech of 20-year-olds twenty years ago and can thus be compared and contrasted meaningfully to the speech of 20-year-olds today. Differences in the speech of 40-year-olds and 20-year-olds with respect to some linguistic variable are attributed to the progress of a linguistic innovation in the twenty years that separate the two groups. [A validade dos estudos em tempo aparente depende de modo crucial da hipótese de que a fala de, digamos, pessoas de 40 anos hoje reflete diretamente a fala de jovens de 20 anos, há vinte anos e pode, assim, ser comparada e contrastada significativamente com a fala de pessoas de 20 anos de idade hoje. As diferenças na

Silva Neto demonstrou acompanhar com interesse os avanços das polêmicas, que se faziam na Rússia comunista do século XX, entre os aspectos linguísticos e sociais. Exemplo disso é o seu trabalho sobre *Os estudos linguísticos na Rússia* (SILVA NETO, 1956 [1941])⁸, em que, ao resenhar uma obra de Nemirovsky, autor que reclamava uma tarefa urgente para a disciplina linguística naquele país: a de “introduzir o marxismo na ciência”, Silva Neto afirma que “a partir do novo regime [o bolchevique] a Linguística toma [na Rússia] *um caráter acentuadamente social*” (SILVA NETO, 1956 [1941], p. 138, grifamos), embora ele não se convencesse de que existisse algo com uma linguística marxista: “Sauvageot mostra que não há linguística marxista, ao menos até agora” (SILVA NETO, 1956 [1941], p. 138).

O autor acompanhou, inclusive, os primeiros passos que se deram na França sobre a *Sociologia da Linguagem*, introduzida por Marcel Cohen (1884-1974), ex-aluno de Antoine Meillet (1866-1936), que, em 1935, publicou em Paris “o volume *A la lumière du marxisme*”, e em que colaborou com o artigo “*Linguistique et société (linguistique et technique)*” (SILVA NETO, 1956 [1941]). Silva Neto, então, observava que “segundo Cohen, a linguística ‘não é propriamente uma ciência da natureza, não está relacionada

fala das pessoas de 40 anos e jovens de 20 anos com relação a alguma variável linguística são atribuídas ao progresso de uma inovação linguística nos vinte anos que separam os dois grupos] (CHAMBERS e TRUDGILL, 1998, p. 151). Ainda na observação crítica dos autores, “The relationship between real and apparent time may be more subtle than a simple equation of the two suggests. Social structures are dynamic, and any one of numerous social variables might alter in ways that impinge upon the progress of linguistic change and diffusion”. [A relação entre tempo real e tempo aparente pode ser mais sutil do que a simples equação dos dois sugere. As estruturas sociais são dinâmicas, e qualquer uma das inúmeras variáveis sociais poderia alterar, a ponto de incidir sobre o progresso da mudança linguística e da difusão] (Ibid.).

⁸ Silva Neto começa por fazer menção a alguns importantes nomes da linguística russa do final do século XIX e início do XX, dentre eles, Fortunatov, Baudouin de Courtenay, Porzezinski e Pokrowskij, depois a Nemirovsky, Sergievskij e outros; e com o surgimento, em 1928, “de uma nova escola – a Fonologia de Praga – criada por um grupo de linguistas russos”, refere-se também a nomes como: Troubetzkoy, Karcewski e Jakobson. Não é preciso dizer que não há referência alguma a Mikhail Bakhtin por, pelo menos, três motivos essenciais: 1º. Bakhtin não tem seus trabalhos inscritos na Linguística, propriamente dita; 2º. A recepção de Silva Neto aos linguistas russos se dá por meio da tradução alemã; e como se sabe, “no Ocidente, Bakhtin começa a ser conhecido a partir de 1967, quando Julia Kristeva, uma búlgara que estudava na França, publica uma apresentação de suas obras sobre Dostoiévski e Rabelais, na revista *Critique*” (FIORIN, 2011, p. 206); 3º. Os trabalhos de tradução e recepção da obra de Bakhtin só ocorreriam, tardiamente, a partir de 1968, portanto, temporalmente bastante distante de nosso autor, que, a essa altura, já havia desaparecido.

com a técnica de produção (o que explica, em parte, seu atraso) e isso depende pouco do progresso dos instrumentos” (SILVA NETO, 1956 [1941], p. 138)⁹, mas que, “pelo contrário, a língua é um instrumento que se liga à técnica da educação, e essa, ao governo” (op. cit).¹⁰

Para se ter a exata noção da importância dessas informações, bastará lembrar o disse Gumperz (1971), embora com algumas ressalvas, sobre a relevância do trabalho de Cohen, para a área:

Além de levantamentos geográficos, temos também uma série de estudos que mostram correlações entre a fala e grupos sociais. [...] *Pour une sociologie du langage* (1956), de Marcel Cohen, constitui uma análise detalhada, mas um tanto discursiva e sem uma revisão crítica da literatura nesta área (GUMPERZ, 1971, p. 79).¹¹

Durante o percurso percorrido nesta tese, observamos que o conceito de *variabilidade linguística* foi desenvolvido de tal modo por Silva Neto, que, em *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1950), ele apresentou uma definição ainda atual, afirmando que “por vários fatores [...] a língua falada corrente oferece diferenças segundo as classes sociais” (SILVA NETO, 1950, p. 18). Quando emite seu parecer sobre o fenômeno da variação, Silva Neto é taxativo, “tal fato não pode surpreender aos estudiosos, uma vez que a língua corrente é, como se sabe, variável segundo as pessoas, as circunstâncias, os tempos e os lugares” (ibidem). Na sua concepção, “na mesma capital a língua corrente oferece diferenças segundo as classes sociais” (ibidem). Serafim da Silva

⁹ Tradução de: “n’étant pas proprement une science de la nature, se ne trouve pas liée à la technique de la production (ce qui explique en partie son retard à se développer) et elle dépend peu du progrès des instruments”.

¹⁰ Tradução de: “Par contre le langage est un outil, ce qui le lie à la technique de l’éducation et à celle du gouvernement”

¹¹ Tradução de: “Aside from geographical surveys, we also have a number of studies showing correlations between speech and social groupings. [...] Marcel Cohen’s *Pour une sociologie du langage* (1956) constitutes a detailed but somewhat discursive and uncritical review of the literature in this field” (GUMPERZ, 1971, p. 79).

Neto, cuja ideia sobre a variação linguística e social também já figurava no *Manual de Gramática Histórica Portuguesa* (1942), entendia que:

podemos distinguir, além da língua cultivada, a língua padrão que serve de modelo e ideal – a língua corrente de todos os dias, fala despreocupada das classes médias – língua vulgar, usada por pessoas humildes sem instrução nenhuma, e, finalmente, as falas especiais empregadas por certos grupos: militares, estudantes, ladrões, etc. (SILVA NETO, 1942, p. 32-33).

O excerto acima mostra que o autor classificava e definia cada um desses *níveis de linguagem*, ou *registros*, para usarmos uma metalinguagem contemporânea, de maneira bastante próxima da atual. A modalidade escrita seria a única a aplinar todas as variedades porque, segundo entendia o autor, “graças ao seu caráter conservador e tradicional, [a língua escrita] está[va] acima de todas as variedades sociais e regionais, dominando e absorvendo tudo” (SILVA NETO, IELPB 1950, p. 19).

Quer fosse pelo aporte teórico oferecido pela Filologia Românica (Dialetoлогия e Geografia Linguística), quer fosse pela prática metodológica da Crítica Textual, empregada pelas diversas lições acerca de um mesmo manuscrito estudado por ele, o certo é que os conceitos sobre variação e mudança estiveram no horizonte de suas pesquisas. O mesmo se dirá com relação ao conhecimento que Silva Neto possuía das gramáticas latinas antigas e portuguesas. Além, é claro, de seus estudos sobre a questão da língua do Brasil.

2. Problema da tese

O problema central de nossa tese diz respeito aos fundamentos teóricos para interpretar o conceito de *variação e mudança linguística* na obra de Serafim da Silva Neto. Desde a dissertação de mestrado, cujo objeto de estudo era o pensamento crítico desse filólogo acerca do português do Brasil, examinamos como alguns dos conceitos linguísticos foram empregados, tais como os de *língua*, *dialeto* e *norma* (MORAES, 2008); ali percebemos o quanto as ideias sobre a *relação entre língua e sociedade* já eram

recorrentes no discurso metalinguístico do autor, ainda que de forma bastante assistemática e dispersa, tanto em relação aos estudos linguísticos brasileiros, quanto aos estrangeiros, europeus. Verificamos que antes mesmo do surgimento da Sociolinguística¹² enquanto disciplina, os autores se interessavam pela correlação língua/sociedade, quer seja no âmbito da Filologia, quer seja antes.

A partir da leitura de suas obras, vimos que Silva Neto faz alusão ao fato de que “a língua é um fenômeno social que só existe entre os homens e para eles” (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 10), também a afirmação de que “a língua é de certo [*sic*] o maior de todos os bens que a tradição nos lega; mas nem é o único, nem prescinde do auxílio dos demais; está intimamente entrosada com a Sociologia [...] e, em suma, com tudo aquilo que constitui a complexa teia da vida” (SILVA NETO, LCC 1960, p. 48).

Com base nessas afirmações, partimos da hipótese de que, *no conjunto de sua obra, Serafim da Silva Neto apresenta subsídios para a constituição de uma teoria sobre a variação e a mudança linguística, entre os anos 40 e 50 do século XX, portanto, 20 anos antes dos estudos a que modernamente denominamos Sociolinguística*. Mesmo quando, sobre as invasões bárbaras, tratou das questões de ordem histórica acerca da língua latina na sua transição para o romance ibérico e, por fim, deste para a língua portuguesa, Silva

¹² Independentemente de qual sociolinguística estivermos nos referindo, se da de orientação laboviana, isto é, da Teoria Variacionista (LABOV 1972 [2008], 1994, 2001), ou a mais ligada, por exemplo, aos estudos de Sociologia da Linguagem, de Basil BERNSTEIN (1962, 1971, 1972), em que se trabalhou com a teoria do déficit linguístico, notadamente oposta à teoria desenvolvida a partir de William Labov – não se vão discutir aqui as especulações em torno de cada uma dessas tendências –, o fato é que ambas levam em consideração o aspecto social em relação à língua. Sobre a avaliação da obra de Bernstein, ver MARCUSCHI (1975), que, após ter frequentado seminário de sociolinguística durante o semestre de inverno de 1972/73 na Universidade de Erlangen/Nürnberg, na então Alemanha Federal, apresentou uma introdução crítica à teoria dos códigos linguísticos do estudioso britânico. Quanto às referidas obras de Labov, a publicação, em 1972, de *Padrões sociolinguísticos* [Sociolinguistic Patterns] representou, segundo alguns especialistas, o nascimento oficial de uma área dos estudos da linguagem que, desde então, não tem parado de se desenvolver em todo o mundo: a sociolinguística variacionista. Seguiram-se a ela, dentre outras, dois densos volumes, Labov (1994, 2001) [respectivamente, *Principles of Linguistic Change – internal factors*, vol I e *Principles of Linguistic Change – social factors*, vol II], que, por um lado, estuda os princípios gerais da mudança linguística, sob os fundamentos da linguística histórica, da dialetologia e da sociolinguística, no caso do 1º vol; e, por outro, demonstra a relevância social, bem como cognitiva da rápida mudança linguística que está em andamento nos dialetos urbanos das cidades da América do Norte e da Inglaterra, no caso do 2º vol.

Neto não dispensou a explicação de natureza *social* associada à *linguística*, conforme exemplificado no excerto a seguir:

Não ficaremos longe da verdade se dissermos que *os Visigodos não alteraram, na essência, a fisionomia social e linguística da Península Ibérica*. Pelo contrário: isolando-a do resto do Império, contribuíram para acentuar-lhe o caráter conservador e arcaizante (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 320, grifo nosso).

Compulsando manuais de Sociolinguística, publicados tanto na Europa e nos EUA quanto no Brasil, verificamos que não há referência à obra de Silva Neto, nem às obras de autores que ele citou, assim como também não há referências a muitos outros autores, importantes sobre o ponto de vista da teorização sobre a questão da *variação* e da *mudança* linguística. Deste modo, o que se nota é que os autores das teorias modernas não recorrem a fontes antigas¹³, mesmo mediante indicações como as de Lavandera (1984), que sugerem a ideia de que

Se tomarmos a primeira definição, bastante ampla, de sociolinguística, que inclui todos os estudos relacionados de alguma forma com a diversidade de línguas, bem como com a variabilidade dentro de uma mesma língua ou dialeto, os estudos que incorporam informações sobre o contexto social, econômico, geográfico e/ou histórico, devemos reconhecer que os especialistas em filologia, dialetologia e estilística românicas sempre registraram e assinalaram o contexto externo de fatos linguísticos e conceberam a linguagem como um fenômeno cultural e social (LAVANDERA, 1984, p. 152-153).¹⁴

Koerner (1995), com base em um artigo de Malkiel (1976), que “estabeleceu uma conexão regular entre os trabalhos dialetológicos em línguas românicas e a

¹³ Nos últimos anos, Chambers (2003 e 2013) realizou algum progresso neste sentido, escrevendo “*Studying Language Variation – an Informal Epistemology*”, mas apresenta um número bastante reduzido de autores. O autor informa sobre o tratamento da variação nos trabalhos de Pânini, Varrão, Locke, Gauchat, no livro bíblico de Eclesiástico e na obra de Cícero.

¹⁴ Tradução de: “Si tomamos la primera definición, muy amplia, de sociolingüística, que incluye todos los estudios relacionados de alguna manera con la diversidad entre las lenguas, y con la variabilidad dentro de una misma lengua o dialecto, los estudios que incorporan información sobre el transfondo social, económico, geográfico y/o histórico, debemos reconocer que los especialistas en filología, dialectología y estilística romances, siempre han registrado y señalado el contexto externo de los hechos lingüísticos y han concebido el lenguaje como un fenómeno cultural y social”.

sociolinguística” (KOERNER, 1995, p. 121)¹⁵, oferece um dos poucos trabalhos (senão o único) dedicado a “estabelecer uma espécie de linha genealógica que leva de Whitney a Labov e à sociolinguística contemporânea” (KOERNER, 1995, p. 123).¹⁶

Genealogia da Sociolinguística segundo Konrad Koerner

Whitney

Saussure

Meillet

Martinet

Labov

Esquema 1: *From Whitney to Labov*

(KOERNER, 1995, p. 123)

Entretanto, no que diz respeito a uma história em que se possam estabelecer as relações entre os estudos sobre variação e mudança nas tradições filológica e linguística brasileiras e suas possíveis conexões com os estudos sociolinguísticos contemporâneos, essa, ainda, se está por fazer. Este trabalho apresenta uma contribuição neste sentido. Em dissertação de mestrado (v. MORAES, 2008), nós também propomos o estabelecimento de uma conexão entre Silva Neto e autores como Whitney e Meillet.¹⁷ Além de outros mais ligados às questões culturais e idealistas da língua, tais como Humboldt e Vossler.

¹⁵ Tradução de: “Malkiel (1976) established a regular connection between dialectological work in Romance languages and sociolinguistics”.

¹⁶ Tradução de: “[...] to establish a kind of genealogical line leading from Whitney to Labov and to contemporary sociolinguistics”.

¹⁷ Por já termos abordado, em trabalho anterior, tais relações entre os autores mencionados, não faz parte do escopo desta tese um estudo sobre eles. Para maiores detalhes, ver Moraes (2008), principalmente, no Capítulo 3 da dissertação.

Naturalmente, eles não foram os únicos *Scholars* que contribuíram para a construção de uma visão social dos fatos linguísticos com que Serafim da Silva Neto lidou em suas práticas investigativas, qualquer que fosse a área das que já apontamos acima. Do mesmo modo que, evidentemente, eles também não foram os únicos autores dos quais Silva Neto foi tributário, com relação à construção de conceitos referentes à variação e à mudança linguísticas. Outros nomes, como os de Hugo Schuchardt e Jakob Jud só para nos restringirmos, por ora, a apenas dois exemplos do campo Românico, tiveram fundamental importância na construção de seu edifício teórico.

A dificuldade para a realização de uma obra de reconstrução do conhecimento, dessa natureza, reside, em parte, na falta de referências em manuais a autores como Serafim da Silva Neto, e muitos outros que tiveram grande importância neste campo de estudos. No entanto, o fato de não haver referências a eles não diminui a importância de suas práticas nem de suas ideias para a história da disciplina.

Auroux (2008, p. 141-2) afirma que “a co-presença dos conhecimentos é uma modalidade necessária do *horizonte de retrospectção*”.¹⁸ É por meio dela, segundo o filósofo francês, que um sujeito pode totalizá-los e servir-se deles na sua pesquisa: são “referências” que figuram no fim de um artigo sob forma bibliográfica. Ainda segundo esse autor, apagar a co-presença, isto é, deixar de fazer referências a autores e obras nos quais o trabalho está apoiado, supõe uma ruptura na estrutura do horizonte de retrospectção, embora o historiador possa recuperar as informações omitidas pela identificação das referências, das teorias, dos conceitos, etc.

¹⁸ Cf. item 1.6. desta tese.

3. Fundamentação teórico-metodológica

No trabalho, discutem-se alguns conceitos linguísticos e gramaticais, na perspectiva da dimensão temporal, o que o inscreve no contexto da *História das Ideias Linguísticas*, segundo o modelo de Sylvain Aurox (1992, 1998, 2006, 2008); Colombat (2007) e Colombat, Fournier e Puech (2010).

A partir dessa linha teórico-metodológica adota-se, antes de tudo, uma orientação epistemológica. Entende-se, aqui, epistemologia como o estudo crítico das ciências consideradas nos seus desenvolvimentos e resultados (cf. AUROUX e WEIL, 1993).¹⁹ Ou, como a seguir citado, apresentam criteriosamente Colombat, Fournier e Puech (2010):

A epistemologia descritiva “toma a ciência como os fatos e se esforça por construir uma reflexão coerente sobre seus diversos aspectos (teórico, sociológico e prático)”. [...] [Portanto], a história da ciência faz parte dessa última forma de epistemologia, *com a dimensão temporal*. Mas, sempre de acordo com Aurox, existem dois tipos de temporalidade: uma temporalidade externa, que consiste na ‘pura descrição de uma teoria passada’ e uma temporalidade interna, que consiste na ‘tentativa de construir modelos de evolução, ou de explicações de mudança’. Dito de outro modo, a história da linguística, tal qual como é concebida, especialmente pela chamada ‘escola francesa’, tem muito mais a ver com *a epistemologia do que com a historiografia pura e simples: não se trata apenas de descrever, mas também de explicar* (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 32, grifamos).²⁰

Portanto, fundamentados em Aurox (2006), entendemos que ser historiador da ciência é ser capaz de construir representações e explicações, isto é, dar explicação sobre os fatos e as relações que têm uns com os outros. Sendo assim, devemos ter em conta que o historiador das ciências não pode se contentar em utilizar uma *temporalidade extrínseca*,

¹⁹ *Apud* COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 31.

²⁰ Tradução de: “L’épistémologie descriptive qui ‘prend des sciences comme des faits et s’efforce de construire une réflexion cohérente sur leurs différents aspects (théorique, sociologique et pratique’. [...] L’histoire des sciences fait partie de cette dernière forme d’épistémologie, avec la dimension temporelle. Mais, toujours selon Aurox, il existe deux types de temporalités: une temporalité externe, qui consiste dans la ‘pure description d’une théorie passée’ et une temporalité interne qui consiste externe, qui consiste dans la ‘tentative de construire des modèles d’évolution, voire des explications de changement’. Autrement dit, l’histoire de la linguistique, telle qu’elle est conçue notamment par ce qu’on appelle ‘l’école française’, a beaucoup plus à voir avec l’épistémologie qu’avec l’historiographie pure et simple: Il ne s’agit pas seulement de décrire, mais aussi d’expliquer” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 32).

isto é, com a “pura descrição de uma teoria passada” (AUROUX, 2006, p. 105). Antes, é necessário que o historiador explique porque o objeto por ele historiado é construído como é; do mesmo modo, é preciso que se estabeleça uma relação causal entre os fatos e os objetos por ele descritos.

Assim, para melhor compreendermos a questão fundamental do nosso problema, sob a perspectiva teórica adotada, temos de admitir que

o papel do historiador das Ciências da Linguagem é de criar condições para uma discussão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem, pela produção de informações confiáveis sobre: as antigas teorias, os conhecimentos que elas produziram, os conceitos que elaboraram; a forma sob a qual os problemas foram colocados e concebidos; ou, ainda, alargando um pouco a problemática sobre os problemas mais gerais e mais fundamentais (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 13).²¹

No âmbito de nossa pesquisa, é importante não só descrever, como também explicar o que pode ter mudado no funcionamento do sistema científico das ciências da linguagem relativo à prática científica de Serafim da Silva Neto. Dizendo isso de modo mais específico, pretendemos explicar o que pode ter-se passado no funcionamento *do sistema de objetos* (nos termos de Auroux, 2006, p. 106) que contribuiu para a configuração/conformação das ideias linguísticas desse autor sobre o conceito de variação da língua, e de entender e explicar como esse conceito, associado aos fatos linguísticos apresentados por ele como exemplos, foi aproveitado em benefício de sua interpretação sobre o Português do Brasil.

Nesse sentido, neste trabalho procuramos responder às seguintes questões distribuídas em:

²¹ Tradução de : "le rôle de l'historien des sciences du langage est donc de créer les conditions d'une réflexion informée sur l'épistémologie des sciences du langage, par la production d'informations fiables sur : les théories anciennes, les connaissances qu'elles ont produites, les concepts qu'elles ont élaborés ; la forme sous laquelle les problèmes ont été posés et conçus ; ou encore, en élargissant un peu la problématique, sur des problèmes plus généraux et plus fondamentaux" (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p.13).

1ª. Como nasceu a noção de “unidade na diversidade, diversidade na unidade” na obra de Serafim da Silva Neto? Com que exatidão essa noção reflete o conceito de variação linguística na obra do autor? Como ela foi construída? Como foi conformada, acomodada e relacionada aos outros conceitos metalinguísticos na sua obra? A que conjunto maior ela pertence?

2ª. Dentre a variada gama de conhecimentos que Serafim da Silva Neto possuía, isto é, parte daquilo que constituía seu *horizonte de retrospecto*, quais foram as áreas que deram suporte para que ele configurasse suas ideias sobre a *variação linguística*? A Crítica Textual (Filologia propriamente dita?). Os conhecimentos acerca das gramáticas latinas antigas? Os conhecimentos acerca das gramáticas luso-brasileiras? A Filologia Românica (Dialetoлогия e Geografia Linguística)? Os conhecimentos das teorias linguísticas modernas? Em que medida cada um desses campos de especialização do conhecimento contribuíram para que *Serafim da Silva Neto, no conjunto de sua obra, apresentasse subsídios para a configuração de uma teoria sobre a variação e a mudança linguística*?

3ª. Como essas ideias linguísticas sobre a variação encontram paralelos nas teorias sociolinguísticas contemporâneas? É possível estabelecer uma gênese comum a partir de traços análogos? Como?

As respostas a essas indagações, dadas no correr deste texto, não seguiram, necessariamente, o mesmo plano sequencial das perguntas, mas figuram em cada capítulo planejado para esta tese, conforme se verá mais adiante.

5. Objetivos da pesquisa

Portanto, partindo da hipótese de que, *no conjunto de sua obra, Serafim da Silva Neto apresentou subsídios para a constituição de uma teoria sobre a variação e a mudança linguística*, a tese tem por finalidade,

a) no contexto geral:

- examinar os fundamentos teóricos com base nos quais esse autor elaborou sua concepção sobre fenômenos relativos à variação e à variedade linguística com base nos quais interpretou o Português do Brasil.

b) no contexto específico:

- levantar, por meio do exame das citações, autores e obras empregados por Serafim da Silva Neto para o tratamento da *variação linguística* acerca do Português do Brasil.
- examinar, especialmente, a contribuição dos gramáticos latinos, portugueses, brasileiros e de Hugo Ernst Mario Schuchardt, romanista alemão, para a formação dos conceitos relativos a fatos de variação linguística na obra de Serafim da Silva Neto.
- comparar os conceitos relativos à *variação linguística* empregados por Silva Neto, Hugo Schuchardt e W. Labov, verificando suas proximidades e distanciamentos.²²

Ao cumprir tais objetivos, procurar-se-á explicar, por que e como houve continuidades e discontinuidades do discurso sobre o problema da variação, o que foi posteriormente denominado “sociolinguístico”, na história das *ciências da linguagem*.

Além disso, é preciso esclarecer que a delimitação do objeto desta pesquisa é temática, embora não se abra mão dos aspectos propriamente temporais, daí a justificativa do trabalho com autores distintos e separados no tempo e no espaço. Isto porque procuramos examinar a configuração do *horizonte de retrospecto* de Serafim da Silva

²² A princípio, não há nenhuma relação direta entre esses autores. Entretanto, não se descartam possíveis ligações indiretas.

Neto, que abrange uma gama de autores e obras extremamente afastados no tempo e espaço.

Esta forma de trabalho histórico condiz com um dos aspectos teóricos daquilo que Auroux denomina “modos de historicização”, ou seja, modos de os objetos estarem na “história real” (AUROUX, 2006, p.110). O que nos conduz a considerar a história da ciência não por meio de uma temporalidade idealista, que se daria de modo universal e fora do espaço, mas ao contrário, diz esse mesmo autor que a temporalidade dos conhecimentos linguísticos é remetida aos espaços.

No nosso caso, isso quer dizer que a temática da relação língua e sociedade referida, ou presente, nos estudos linguísticos de Serafim da Silva Neto, a partir dos conceitos por ele produzidos, não se desenvolveu da mesma maneira que em outros lugares e em tempos diferentes. Ela leva em consideração, justamente, as particularidades da formação de seu *horizonte de retrospecção*, embora algumas dessas mesmas ideias sejam também familiares a outros autores. O que não significa dizer, entretanto, que todos esses autores tenham conferido o mesmo grau de importância para o problema da variação.

d. Hipótese

Nesse contexto, nossa **hipótese**, em parte já enunciada, mas aqui destacada, é a de que *Serafim da Silva Neto, no conjunto de sua obra, apresentou subsídios para a constituição de uma teoria sobre a variação e a mudança linguística.*

Nossa hipótese abriga o seguinte **corolário**: *as ideias sobre a variação sempre estiveram presentes nos estudos linguísticos do Ocidente (entendida aqui como área de conhecimento), ainda que de maneira não continuada e assistemática. Foi essa permanência prolongada e a ideia de que a heterogeneidade é inerente à língua, que conformaram o pensamento contemporâneo, incluindo o do nosso autor e o expresso em*

obras que surgiram a partir dos anos 60 do século XX e configuraram um ramo, isto é, uma disciplina linguística denominada como Sociolinguística.

Isso prova que *a ruptura ou continuidade de certos **domínios de objetos** depende, em grande medida, do modo como se configuram os **horizontes de retrospecção***²³ dos sujeitos. O que nos leva a adotar mais a noção de continuidade e de descontinuidade, que só é capturável em uma dimensão temporal, do que propriamente a noção de ruptura, uma vez que, em se tratando das ciências da linguagem, a ruptura é difícil de ser detectada.

Nas ciências da linguagem, diferentemente do que ocorre nas ciências físicas, por exemplo, as continuidades parecem ser mais essenciais do que as rupturas.

e. Corpus

No desenvolvimento deste trabalho, utilizamos como *corpus* o seguinte conjunto de obras de **Serafim da Silva Neto**, que segue com as respectivas siglas por nós adotadas:

- a. Manual de Gramática Histórica Portuguesa, 1942; MGHP;
- b. Fontes do Latim Vulgar (O Appendix Probi) (1946 [1938]), FLV;
- c. A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro: porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora, André de Resende, 1947, SVRCFP;
- d. Diálogos de São Gregório, 1950, DSG;
- e. Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil (1986b [1950]), IELPB;
- f. Manual de Filologia Portuguesa: história, problemas, métodos (1952), MFP;
- g. Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa (1976 [1956]), IEFPP;
- h. Ensaio de Filologia Portuguesa (1956), EFP;
- i. Textos medievais portugueses e seus problemas (1956), TMPSP;
- j. Guia para estudos dialectológicos (1957 [1955]), GED;
- k. História da Língua Portuguesa (1986a [1957]), HLP;

²³ Sobre o conceito de **Horizonte de Retrospecção** (fr. *horizon de rétrospection*), conferir o item 1.6 do capítulo um desse trabalho.

- l. História do Latim Vulgar (2004 [1957]), HLV;
- m. Bíblia Medieval Portuguesa, 1958, BMP;
- n. Língua, Cultura e Civilização (1960), LCC.

Além das obras relacionadas acima, utilizaremos, também, alguns artigos do autor, publicados em periódicos especializados e em jornais de grande circulação no Rio de Janeiro, nas décadas de 40 e 50, todos constantes da nossa Referência bibliográfica. Eles não serão citados por siglas.

f. A organização dos capítulos e plano de trabalho

O trabalho é composto por cinco capítulos. No **capítulo um** tratamos de questões teórico-metodológicas adotadas. Do segundo ao quarto capítulos, organizamos o trabalho de forma a dar conhecimento a respeito das três áreas de atuação de Silva Neto, a Gramaticografia latina e portuguesa, a Crítica Textual (edição de textos medievais portugueses) e a Filologia Românica, apresentando os autores citados que mais contribuíram para a construção de conceitos variacionistas na sua obra. Com isso, procuramos explorar, na medida do possível, o *horizonte de retrospecção* de Silva Neto para, à luz da história, esclarecer como ele construiu seus conceitos a respeito da *variação e mudança linguística*.

Conforme entendemos, os subsídios para a configuração de uma *teoria da variação linguística* na obra de Serafim da Silva Neto são constituídos a partir de três bases fundamentais: **1.** a transmitida pela tradição gramatical luso-brasileira; **2.** a herdada da Filologia Românica do final do século XIX e praticada até meados do XX, sendo este derradeiro período, o contexto de atuação do autor; e por último, **3.** a resultante da atividade não só linguística, mas sobretudo filológica de Serafim da Silva Neto, referente a documentos antigos, que o levou a ter uma visão singular a respeito da língua portuguesa e,

em especial, da língua portuguesa do Brasil, mas também do conhecimento que ele possuía tanto dos gramáticos quanto dos escritores latinos, principalmente dos Padres da Igreja.

Nesse sentido, não será desarrazoado argumentar que uma parcela de sua interpretação sobre a *variação social* emerge dos fatos linguísticos que sobejam nesses documentos medievais e que saltam aos olhos do investigador. Não se pode negar que o trabalho de Serafim da Silva Neto com textos diferentes e de diversas épocas da História da Língua Portuguesa e, mais frequentemente, com o mesmo texto e suas diversas lições, observadas principalmente nos manuscritos e incunábulo estudados, abriu-lhe caminho para o entendimento, e, sobretudo, para a observação da prática da variação e da mudança linguísticas.

Do mesmo modo, é preciso reconhecer que o tratado dos gramáticos latinos, repreendendo o uso inadequado da língua falada e popular na modalidade escrita, serviu de referência para a descrição que nosso autor desenvolveu sobre o latim dito vulgar.

Para tanto, o **capítulo dois** é dedicado à investigação das ideias acerca dos principais gramáticos latinos, assim como dos principais escritores cristãos citados por Silva Neto, que deram testemunho da variação linguística latina. Nesse mesmo capítulo, apresentamos os mais importantes documentos portugueses medievais estudados pelo nosso autor, a fim de comprovar que seu contato com tais documentos também contribuiu para a configuração de sua teoria variacionista.

O **capítulo três** está voltado para a análise das principais gramáticas portuguesas e brasileiras que abordaram a variação linguística, e que, por isso, não foram ignoradas pelo autor estudado. A referência a essas gramáticas, por vezes, é feita de modo direto, integrando, portanto, o *horizonte de retrospectão* do nosso filólogo; mas também de modo indireto, cabendo ao historiador identificá-la e mapeá-la no contexto de ideais do autor

estudado. Como sabemos, a estruturação de horizontes de retrospectão segue o princípio da multiplicidade, podendo haver o tratamento indistinto do conhecimento comum; como também a indexação desse conhecimento (por meio de datas, autores, escolas, etc.) (AUROUX, 2006).

No **capítulo quatro**, apresentamos considerações acerca da Romanística e da Dialetoлогия, áreas com as quais os estudos de Serafim da Silva Neto estiveram diretamente ligados e, segundo entendemos, as ideias sobre a *variação linguística* ocuparam grande espaço e desenvolvimento desde o final do século XIX, sobretudo os trabalhos realizados no exterior por H. Schuchardt, I. G. Ascoli, J. Gilliéron. Silva Neto se beneficiou largamente das ideias desses autores, principalmente, das de H. Schuchardt, que, dentre todos, é o autor mais citado. Além de nomes ligados ao contexto científico de sua atuação, tanto brasileiros, quanto estrangeiros, tais como Theodoro Henrique Maurer Junior, Karl Jaberg, Jakob Jud e Walther Wartburg, respectivamente.

O **quinto capítulo** apresenta a aproximação entre Silva Neto, Hugo Schuchardt (1842-1927) e William Labov (nascido em 1927), principal nome de articulação da *Teoria da Variação Linguística* e organizador da Sociolinguística, enquanto disciplina linguística, para demonstrar que a proximidade de alguns conceitos teóricos presentes nas suas obras não é mero acaso.

Embora temporal e espacialmente separados e filiados a correntes teóricas e metodológicas distintas, o trabalho desses autores contribui para a construção do conhecimento sobre a variação e mudança linguísticas, ainda que de forma não linear e assistemática, alcançando resultados significativos para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências da linguagem, em diferentes campos de atuação.

Verificamos, assim, a proximidade conceitual das teorias dos autores citados, a partir dos seguintes temas:

- a. caracterização dos crioulos como uma configuração linguística que acelera vários processos sistemáticos de mudança linguística;*
- b. influência social e linguística (irradiação) dos falantes de classes sociais mais elevadas sobre os demais;*
- c. explicação não apenas linguística, mas, sobretudo, social para as questões da variação e da mudança linguística;*
- d. variação situacional de uso da língua;*
- e. estratificação social e uso da língua*

Nesse sentido, procuraremos averiguar nos conceitos formulados por Schuchardt e Silva Neto a existência de noções teoricamente preexistentes de conceitos utilizados por Labov, e dessa forma, explicar de que modo eles poderiam estar relacionados, ou mesmo ligados a uma gênese comum, conquanto, como se disse, estejam vinculados a tradições de estudos distintos.

Buscamos, deste modo, estabelecer uma possível *causalidade* entre o pensamento crítico dos três autores, articulados por uma complexa rede de referências, incluindo aí Uriel Weinreich (1926-1967), em cuja obra poderíamos encontrar uma das possíveis explicações para a relação entre os autores assinalados, embora ela não seja a única.

E, assim, o trabalho finaliza-se com algumas **considerações**, que servirão de aporte para uma reflexão final.

*“Les connaissances ne sont pas des évènements
et donc n’ont pas de date;
ce sont leurs éventuelles apparitions qui en ont
et que l’on date. Encore n’est-ce pas si facile,
puisque pour cela il faut construire une
permanence ou une identité aux connaissances”.*

*[Os conhecimentos não são acontecimentos
e, por conseguinte, não têm data;
são as suas eventuais aparições que têm.
No entanto, isso não é tão fácil,
porque, para atribuir uma data, é preciso construir uma
permanência ou uma identidade aos conhecimentos].
(AUROUX, 2006, p. 105)*

1.1. Considerações iniciais

O domínio da *Historiografia das Ciências da Linguagem* tem sido objeto de desenvolvimento considerável, nos últimos trinta anos. Há, contudo, nesses estudos certo embate quanto aos pressupostos teóricos que melhor conduziriam o trabalho de investigação. Sabe-se da existência de várias correntes, de distintas abordagens e métodos que dividem o mesmo espaço neste importante domínio científico. Existem, todavia, três que se destacam por estarem diretamente ligadas aos maiores nomes da historiografia, na atualidade. A primeira é a escola francesa, a qual esta tese encontra-se vinculada, e que desenvolve trabalhos na linha de Sylvain Auroux; a outra é a escola anglo-saxônica, que tem em Konrad Koerner seu maior expoente, e a terceira – não necessariamente em ordem de importância –, teve seu desenvolvimento sob a orientação de Pierre Swiggers.

Conforme entende Gonçalves (2006), as denominações concorrentes – *Historiografia Linguística*, *História das Ideias Linguísticas* e *História do pensamento*

linguístico – transcendem a mera variedade denominativa, “chegando a denunciar a filiação dos autores a certas escolas ou perspectivas dentro do âmbito historiográfico” (GONÇALVES, 2006, p. 734).²⁴

Moraes (2011) apresenta uma reflexão, ainda que incipiente, acerca das aproximações e distanciamentos entre as referidas escolas historiográficas; parte da hipótese inicial de que autores como Aurox e Koerner, por exemplo, “enunciam de lugares e perspectivas diferentes”. Mostra que Aurox fala “do ponto de vista de um filósofo da ciência”, enquanto “Koerner [...] procura fundamentar suas reflexões epistemológicas [...] partindo do quadro geral da história das ciências, com o intuito de estabelecer um campo distinto das demais práticas relativas à história” (MORAES, 2011, p. 3799).

Altman (2009), por sua vez, entende que a “oposição entre historiografia ou história das ideias linguísticas é [...] uma falsa questão” (ALTMAN, 2009, p. 129). Batista (2013), entretanto, afirma que “na perspectiva institucional e sociológica há de fato a percepção de dois diferentes modos de divulgar o saber construído sobre a história da linguística” (BATISTA, 2013, p. 21).

Embora não seja nossa intenção discutir aqui tal problemática, esses pontos de vista são inicialmente apresentados para mostrar que não há consenso entre os especialistas quanto à abertura ou não do campo em diversas correntes. Sublinhamos apenas que se trata de um espaço de pesquisa dinâmico e que não pode ser remetido a um único lugar de emergência e de exclusiva importância. Indubitavelmente, cada autor tem seu papel de relevância, mas a abordagem de cada um deles abrange apenas parte desse imenso e complexo campo.

²⁴ Tradução de: “llegando a denunciar la afiliación de los autores a ciertas escuelas o perspectivas dentro del ámbito historiográfico”.

Isto posto, cabe expor nosso interesse neste capítulo, que é o de apresentar questões teórico-metodológicas adotadas no trabalho, identificadas com os conceitos, os termos, as ferramentas, enfim com as noções empregadas em *História das Ideias Linguísticas*, tal como elas vêm sendo aplicadas em trabalhos da área.

1.2. História das ideias linguísticas ou História das teorias?

De modo bastante simplificado, pode-se dizer que uma teoria é um sistema de ideias utilizado para a explicação de um determinado objeto. Nesse sentido, procuraremos utilizar a expressão *história das ideias linguísticas* e evitaremos o uso da expressão *história das teorias*, porque algumas ou várias ideias podem dar forma a uma teoria. Além disso, evitaremos o risco de tomar o conceito de *teoria*, sugerida por algumas tradições de pesquisas, como uma noção restrita a alguns campos e contextos, que se auto definem, pretensamente, mais científicos do que outros:

O conceito de “teoria” apresenta o risco de ser tomado como significativo apenas no contexto de uma certa concepção da ciência, neste caso, aquele a que se desenvolve, acidentalmente, a partir do século XVIII. Para evitar este tipo de armadilha, que é assumir os problemas que se colocam como já resolvidos, nós preferimos o termo *as ideias* sobre a linguagem e as línguas, que apresenta a vantagem de ser menos comprometido epistemologicamente, ou, mais precisamente, que se reporta a um engajamento diferente, menos prescritivo, e mais respeitoso com a diversidade das formas que podem assumir o conhecimento na história ou em outras culturas (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 11).²⁵

Em historiografia, trabalha-se na perspectiva da dimensão temporal, isto é, na longa duração do tempo. Devido a esse ponto de vista, é comum no trabalho historiográfico haver a preocupação do historiador em verificar fatos construídos e esquecidos. Publicar essas características do saber; demonstrar, dessa forma, sua

²⁵ Tradução de: “La notion de “théorie” présente le risque de ne prendre son sens que dans le contexte d’une certaine conception de la science, en l’occurrence celle qui se développe en accident à partir du XVIII^e siècle. Pour éviter cette sorte de piège, qui revient à supposer les problèmes que nous posons comme étant déjà résolus, nous préférons le terme d’*idées* sur le langage et les langues, qui présente l’avantage d’être moins engagé épistémologiquement; ou plus exactement qui relève d’un engagement différent, moins normatif, et plus respectueux de la diversité des formes que peut prendre le savoir dans l’histoire, ou dans d’autres cultures”.

cumulatividade, é central para o historiador, uma vez que as ideias não nasceram naquele objeto investigado, isto é, não são genuínas a ele, mas advêm de objetos similares ou até mesmo de outros objetos e de sistemas de conhecimentos diferentes, que podem ser originários da adaptação de um termo tradicional, ressignificados em um novo contexto de investigação. Por isso, torna-se tão importante verificar a continuidade do pensamento expresso naquele objeto.

Nessa perspectiva, o trabalho com o *horizonte de retrospecção*, enquanto ferramenta conceitual, instrumento teórico, é fundamental para o historiador, porque é a partir dele que temos acesso à representação dos conhecimentos em determinado tempo/época, para determinado autor, em determinado contexto, e em determinado espaço na sua relação com outros autores e outros objetos. Cada época, autor e obra, refletem as características específicas de seu horizonte de retrospecção. Devido a esse motivo, o historiador, por exemplo, precisa estar atento para o fato de que os conhecimentos antigos, clássicos, funcionavam de outro modo, em outros sistemas do saber.

1.3. O trabalho do historiador²⁶

O historiador deve, portanto, munir-se de informações fundamentadas, precisas e suficientes para abordar, de modo tão seguro quanto adequado, seu objeto de estudo, ou seja, deve “transportar-se” para a época e para a ideologia daquele tempo estudados.

No estudo do *horizonte de retrospecção* de um determinado autor ou obra, devemos tomá-los como objetos que nos interessam conhecê-los a partir de sua inserção no tempo e

²⁶ Estamos conscientes das diversas formas, conflitantes, de se referir ao sujeito que escreve a história, ou o que faz historiografia, ou o que pratica a história das ideias linguísticas, como: historiador, historiógrafo, historiador das ideias linguísticas. Inclusive, conforme já apontamos, sabemos dos polêmicos usos das expressões História das Ideias Linguísticas, Historiografia [da] Linguística. Em linhas gerais, costuma-se afirmar que o primeiro, o historiador, se ocupa dos fatos ocorridos no passado, enquanto o segundo, o historiógrafo, se dedica ao estudo dos textos que os historiadores escrevem sobre os fatos passados. Todavia, não faz parte do escopo deste trabalho a discussão em relação a esses termos. Tão somente assumimos que a expressão *historiador das ideias linguísticas* denota o fazer epistemológico, histórico, crítico e analítico das ideias linguísticas em uma dimensão temporal. Em uma única palavra, para nós, historiador das ideias linguísticas e historiógrafo da linguística são termos tomados como sinônimos e, portanto, esvaídos de qualquer traço semântico negativo, entre si, ainda que, correntemente, sejam atribuídas funções distintas a cada um deles.

no espaço. Assim, o historiador deve apresentar a produção de informações confiáveis, de acordo com perspectivas ou focos variados, isto é, como a construção de representações teóricas suscetíveis de serem corroboradas ou invalidadas por dados empíricos (textos, tecnologias, instrumentos técnicos ou conceituais).

No que diz respeito ao horizonte de retrospectiva de um determinado autor, interessa ao historiador saber essencialmente:

- a. quem era, em que época viveu;
- b. o que ele representa na/ para sua época;
- c. o que ele conhecia;
- d. quem conhecia – tanto naquele tempo/espaço imediatos à sua produção, isto é, relativos à sua rede de contatos (*network*),²⁷ conhecimentos, quanto ao que se conhecia, se lia, entendia e seguia como parâmetro formador de suas ideias, ainda que separados de si no tempo e no espaço, mas tornados acessíveis pelos diversos instrumentos que expõem as chamadas **externalidades cognitivas** (Auroux 2008), como os livros, as bibliotecas, os cursos etc;
- e. por que escreveu uma determinada obra da forma que escreveu.

Para o historiador não interessa simplesmente falar da contextualização de um determinado objeto, mas sim de algo mais completo, porque estamos utilizando um conhecimento, uma pesquisa, mais amplos do que o contexto. Sendo assim, é preciso situar o autor na sua relação com:

- a. o espaço-tempo;
- b. sua discursividade com a de outros autores;
- c. as causalidades, isto é, a busca investigativa de um fenômeno relacionado com outros, mostrando suas causas.

²⁷ Swiggers (2013a, p. 42) afirma que “a história da linguística é um tecido integrado de acontecimentos pessoais e públicos (políticos, socioeconômico, institucionais), de correntes intelectuais e culturais, de *redes sociais* [...]”.

1.4. Os três princípios adotados em *História das Ideias Linguísticas*

Os trabalhos que servem de modelo para a área de *História das Ideias Linguística* têm adotado três princípios metodológicos fundamentais: o da *definição puramente fenomenológica do objeto*, o da *neutralidade epistemológica* e o do *historicismo moderado* (AUROUX, 1992).

1.4.1. Uma definição fenomenológica do objeto

O primeiro princípio é o da definição *puramente fenomenológica do objeto*. Nele há a admissão e o tratamento do conhecimento tal como é dado na ordem factual de sua manifestação. Trabalha-se com dados da experiência, investigando suas causas. No nosso caso, em específico, estamos trabalhando com fenômenos da linguagem que dizem respeito à variação e à mudança linguísticas, assim como com os conceitos que se referiram a esses fenômenos. A aplicação desse primeiro princípio consiste em evitar as pré-categorizações terminológicas do campo do saber a ser tratado, isto quer dizer que vamos despidos de “preconceitos” em relação a estes objetos:

É preciso situar nosso objeto em relação só a um campo de fenômenos, apreensíveis à altura da consciência quotidiana. *Seja a linguagem humana, tal como ele se realizou na diversidade das línguas; saberes se construíram a seu respeito; este é o nosso objeto* (AUROUX, 1992, p. 13).

Ao procedermos a uma investigação no âmbito da *História das Ideias Linguísticas*, especificamente sobre as ideias de determinados autores, poder-se-ia argumentar o fato de que as ideias não são tangíveis e, portanto, por serem abstratas, não poderem ser tomadas como dados empíricos de uma possível investigação científica. Afinal, como bem observa Auroux (2006, p. 137), “os conhecimentos – enfim as ideias – não são acontecimentos e, por conseguinte, não têm datas; são os eventuais aparecimentos que têm”. Ao que acrescentamos: aparecimentos materializados pela produção científica historicamente localizada em um espaço-tempo específico, por meio de publicações de um dado

pesquisador (sujeito-autor). Dito de outro modo, é a materialidade das ideias produzidas pelo sujeito-pesquisador, que são datadas. Esse processo ocorre por meio das publicações, que trazem os conhecimentos materializados historicamente por meio dos enunciados que compõem a obra produzida por esse sujeito. E nisso, é possível o historiógrafo das ciências da linguagem atuar com bastante eficácia.

1.4.2. A neutralidade epistemológica

O segundo princípio, o da *neutralidade epistemológica*, pressupõe um posicionamento meta-teórico. Exige-se do pesquisador a ausência de avaliação normativa em termos de cientificidade teórica. É preciso que o historiador das ideias linguísticas reporte-se àquele período, que ele estabeleceu como recorte temporal de sua investigação, para observar o objeto naquele horizonte de retrospecção específico. Ou seja, deve-se ler e construir um conhecimento sobre aquele problema em determinado espaço e tempo.

A neutralidade epistemológica decorre imediatamente de nossa forma de abordar o objeto: não faz parte de nosso papel dizer se isto é mais ciência do que aquilo, mesmo se nos acontecer de sustentar que isto ou aquilo é concebido como ciência, por esta ou aquela razão, segundo este ou aquele critério [...] *Ciência* pode ser uma palavra normativa de nossa linguagem-objeto, mas em nossa metalinguagem será apenas uma palavra descritiva. [...] Que todo saber seja um produto histórico significa que ele resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto. Não há nenhuma razão para que saberes situados diferentemente no espaço-tempo sejam organizados do mesmo modo, selecionem os mesmos fenômenos ou mesmos traços dos fenômenos (AUROUX, 1992, p. 14).

Na nossa pesquisa, aborda-se o problema do conceito de variação e mudança no tratamento dado por Silva Neto a aspectos ligados aos diversos campos do saber, como os do estudo do latim, do latim vulgar na sua evolução nas diversas falas românicas e, em especial, na língua portuguesa, e na sua relação com o PB. Além da representação dessa variação nas diversas gramáticas da tradição portuguesa e brasileira.

1.4.3. Um historicismo moderado

O terceiro princípio refere-se ao *historicismo moderado*. Ele tem como preceito o tratamento do saber como um produto histórico, resultado de sua interação com um determinado ambiente (tradições, culturas, técnicas, etc.). O que modera tal historicismo é um realismo metodológico

que concede consistência ao saber e independência aos fenômenos, em sua existência, em relação a este saber. Resulta daí que o valor de um saber – queremos dizer seu grau de adequação a um fim dado, logo seu valor de verdade quando este fim é a representação – é uma causa em seu devir histórico (AUROUX, 1992, p. 15).

Quando o realismo recai sobre os fenômenos (**realismo dos fenômenos**), há nesse princípio o reconhecimento da existência de fenômenos independente de saberes, quando o realismo recai sobre os saberes (**realismo dos saberes**), há o reconhecimento da consistência de saberes independentes dos fenômenos. Entretanto, os únicos objetos afetados pela temporalidade, neste caso, seriam os conhecimentos e crenças na verdade (do que é considerado verdade), de tais conhecimentos. Como se sabe, o discurso científico não é narrativo, ele é argumentativo. No caso da *história das ideias linguísticas*, que faz parte de um tipo específico de discurso científico, estamos em busca de causalidades, consequências, efeitos, porque, “o valor dos conhecimentos é ele mesmo uma causa em sua história” (AUROUX, 1992, p. 15).

1.5. A historicidade das ciências, segundo Aurox

Em Aurox (2006; 2008), discutem-se os aspectos da historicidade das ciências, de modo geral e o da historiografia linguística, em particular. O autor procura estabelecer os parâmetros que constroem a representação histórica do saber. Aurox (2008, p. 138) afirma que na prática do historiador, a pergunta da história pode-se resumir a uma pergunta de dimensões e de relações entre estas dimensões quando se *constrói a representação histórica*. Segundo ele, podemos considerar estas dimensões em cinco, quais sejam:

- um sistema de objetos (ou seja, uma representação construída a partir do domínio de objetos);
- um parâmetro temporal;
- um parâmetro espacial;
- um sistema de para-metragem externo que liga o sistema de objetos ao seu contexto;
- um sistema de interpretantes (AUROUX, 2008, p. 138).

O *sistema de objetos* refere-se à representação da história construída a partir de um domínio de objetos considerados como objetos *históricos* e caracterizados pela *emergência* de novas entidades e pela *irreversibilidade* das sequências emergentes. No nosso caso, refere-se à variação e mudança linguísticas, tal como Silva Neto as considerou, as concebeu teoricamente, e também como tratou os diversos temas relacionados a elas.

O *parâmetro temporal* refere-se à localização temporal relativa a dados históricos: a inscrição desse objeto em uma época e a inscrição dessa época em uma cadeia causal cronológica (importância da periodização). No nosso caso, é relativo àquele tempo em que viveu e atuou Silva Neto, e ao tempo em que necessariamente repercutiu sobre a sua configuração teórica acerca da variação e mudança linguísticas.

O *parâmetro espacial* diz respeito à localização geográfica relativa aos dados históricos, ou seja, à importância da difusão/dispersão do conhecimento, isto é, da circulação do saber. Em nosso trabalho, refere-se ao espaço em que se deu a construção dos conceitos sobre variação e mudança na obra de Silva Neto, que foi o da tradição filológica brasileira e portuguesa, em diálogo constante com outros centros de investigação europeus.

O *sistema de parametragem externo* é o que liga o sistema de objetos ao seu contexto espaço-temporal (parâmetros 1 e 2), funcionando como meta-parâmetro. Para este trabalho, considera-se toda a situação que conecta os estudos de Silva Neto, especialmente aqueles sobre variação e mudança, ao conhecimento científico produzido no campo das

ciências da linguagem. Daí a importância do quinto capítulo desta tese, em que aproximamos os conceitos linguísticos variacionistas produzidos por Silva Neto, H. Schuchardt e W. Labov.

O *sistema de interpretantes* é um sistema de interpretação constitutiva da significação relativa (isto é, historicamente determinadas) das representações do saber e dos conhecimentos científicos. Neste sentido, refere-se à possibilidade de interpretação do objeto tanto pelos leitores que se beneficiaram do conhecimento produzido, quanto pelo historiador que interpreta esse conhecimento. Aqui levamos em consideração todas as demais dimensões anteriormente apontadas.

Ressalta-se ainda, sobre o último sistema, que a interpretação das ideias difere de historiador para historiador, isto é, “diferem de interpretante para interpretante, porque cada um constrói a representação histórica a partir do que ‘conhece e sabe’”. Isso quer dizer que, quanto mais o sujeito conhece e sabe, “mais condições terá de enxergar no trabalho tudo o que suporta e como ele contribui para a produção de conhecimento novo, o que em última instância, interessa à ciência” (LEITE *apud* PEREIRA, 2015, p. 18). Essas cinco dimensões constituem, juntas, o tecido da história da ciência, o princípio da coerência da narrativa histórica da ciência.

No entanto, é preciso considerar que se podem escolher diferentes pesos para cada um destes parâmetros um face ao outro, como diferentes relações de ordem entre si.

Ainda nesse contexto de reflexões, Auroux defende a ideia segundo a qual o sistema científico do conhecimento respondeu aos paradoxos do conhecimento²⁸ pela “organização de **comunidades de conhecimentos**”. Para Auroux, essas comunidades são

²⁸ Por paradoxos do conhecimento, o autor entende uma série de questões de ordem epistemológica, tais como as proposições em enunciados científicos (creio que **p**; sei que **p**); a ideia de **transparência; objetividade; referencialidade** (que é inerente a toda representação, inclusive científica); e por fim, o **paradoxo da expressão**, pois, segundo Auroux “o conhecimento passa necessariamente pela expressão linguística, dado que deve ser comunicável. Ora, desde o Renascimento, as ciências constroem-se em línguas nacionais [...] a tradução é possível, mas necessariamente aproximativa” (2008, p. 128-9).

normativas e funcionam com a ajuda do **reconhecimento dos pares** (educação, comitês de especialistas, de jûris, etc.) e, conseqüentemente, por **exclusão**. Nestes termos, podemos considerar o fazer científico sob o ponto de vista das relações sociais, e ancorados, porque normatizados, pelas e nas diversas práticas de poder. Aqui, mais do que a cooperação, há o predomínio da competição. Ou seja, “*não há ciência sem exterior*. As comunidades têm uma função social geral de **validação** e de **legitimação**” (AUROUX, 2008, p. 130).²⁹

Além dessa abordagem sociológica, Auroux apresenta, sobretudo, um enfoque filosófico e cognitivo a respeito da história das ciências da linguagem. O conceito *horizonte de retrospecção* é o exemplo disso.

1.6. O conceito de *horizonte de retrospecção*

O *horizonte de retrospecção* é um conjunto de conhecimentos anteriores que regula o surgimento determinada uma teoria científica. Auroux (2008) o define como um conjunto de conhecimentos que possuímos, e que são antecedentes a qualquer atividade cognitiva que venhamos a desenvolver. Diz textualmente o autor:

O ato de saber (a produção de conhecimento) não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade. Para simplificar, imaginemos um sujeito S na sua atividade cognitiva. Ele dispõe de competências adquiridas e desenvolvidas durante a sua formação. Quando se propõe a resolver um problema, dispõe igualmente de conhecimentos; ora, estes conhecimentos necessariamente foram produzidos *antes* da atividade cognitiva em questão. Nós nomeamos *horizonte de retrospecção* o conjunto destes conhecimentos antecedentes (AUROUX, 2008, p. 141) (grifos do original).

Ou, conforme também explicaram Colombat, Fournier e Puech (2010) retomando Auroux, “o historiador produz a informação sobre o sistema científico que constituem as ciências da linguagem e permite, portanto, expandir entre os pesquisadores, o que

²⁹ Na posição assumida pela Historiografia Linguística, de linha anglo-saxônica, encontram-se algumas noções similares, aproximadas a essas. Na *Sociologia das Ciências*, na perspectiva de Stephen Murray (MURRAY, 1994, p. 10), encontramos, por exemplo, conceitos como “Colégios” e “Redes Científicas Invisíveis”. Para um exemplo de abordagem historiográfica em que se aplicam essas categorias analíticas de Murray, ver COELHO (1998), que estudou a atuação de *Serafim da Silva Neto (1917-1960)* e a *Filologia Brasileira sobre o papel da liderança na articulação de um paradigma em ciência da linguagem*, a partir das noções de **liderança intelectual** e **liderança organizacional**.

poderíamos chamar de seu ‘horizonte de retrospecção’” que é “a memória dos resultados, dos problemas, dos conceitos desenvolvidos antes deles” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 13).

A **constituição de um *horizonte de retrospecção*** está relacionada à identificação, distinção e exame crítico da temporalidade e de certos tipos de recepções (motivações, periodização, etc.), enfim, está vinculada com a determinação do regime de circulação de conhecimento linguístico,³⁰ inserido em um “circuito” mais amplo do que o contexto ou a situação de produção.

Embora haja uma forte tendência (justificável até) em se associar o conceito pura e simplesmente ao contexto (ou condições) de produção³¹ de determinadas obras, e até mesmo autores, não podemos reduzi-lo somente a isso. A nosso ver, o *horizonte de retrospecção* não é um simples sinônimo de contexto (condição) de produção, apesar de poder haver um certo sentido nisso. Afinal, “o conjunto de conhecimentos antecedentes”, tal como *horizonte de retrospecção* é definido, pode muitas vezes se referir ao contexto de produção de determinadas obras. Mas, devido mesmo ao fato de Aurox referir-se à *atividade cognitiva* de um dado sujeito, não podemos ignorar esse sintagma para nossa compreensão do termo.

Ou seja, se Aurox fala em *atividade cognitiva*, na qual o sujeito dispõe de competências adquiridas e desenvolvidas durante a sua formação, há motivo suficiente para acreditarmos que, **cognitivamente**, os conhecimentos que este sujeito adquire, necessariamente, não precisam estar presos àquele contexto (condições) de produção – em termos de datas inclusive – específico a que este sujeito pertence.

³⁰ Sobre a implicação desse conceito com outros similares em Historiografia Linguística, como “influência”, “fonte”, “modelo”, “abrangência referencial”, “embate de teorias” [ing. *theory clash*], ver Swiggers (2013a, p. 48), que propõe agrupá-los sob a mesma rubrica de “**Linhas de desenvolvimento de relações com o tempo**”.

³¹ Maingueneau (2006, p. 31), em seu *Termos-chave da Análise do Discurso* entende o termo *condições de produção* como uma variante de *contexto*.

Podemos, por exemplo, simplesmente recorrer ao conhecimento que temos a respeito da filosofia hegeliana para resolver um problema que está *agora* diante de nós. Isso não significa nem que Hegel, muito menos sua filosofia, foi produzida *aqui-agora*, ou mesmo que sejam referências para toda a comunidade científica a que pertencemos. Nós as conhecemos, ou melhor, temos delas uma particular **percepção**³² (**representação**), e as relacionamos àquilo que acreditamos ser conveniente a nosso trabalho. Como se vê, o conceito de *horizonte de retrospecção* também é entendido como a percepção, isto é, a representação que o sujeito faz do conhecimento. *Enfim, é o sujeito que constrói o conhecimento a partir de sua percepção, da representação que faz tanto do objeto quanto do próprio conhecimento em si – sejam eles “passados” ou não –, valendo-se das competências cognitivas que lhe são inerentes e que, portanto, como afirma Auroux, tem uma relação necessária com a temporalidade.*

1.6.1. A estruturação dos horizontes de retrospecção.

Há uma multiplicidade de princípios (de estruturação dos *horizontes de retrospecção*): tratamento indistinto como conhecimentos comuns (conceito de “ar do tempo”); indexação dos conhecimentos (datas, autores, escolas, ...); etc. Auroux (2008) afirma que

Os conhecimentos podem figurar de maneiras indistintas como *conhecimentos comuns*. Mas podem também ser *indexados*, com autores, ou mesmo com datas. A existência dos horizontes de retrospecção atesta que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não há *conhecimento instantâneo*, o que não significa que o objeto de conhecimento ou o seu valor sejam temporais, como sustenta o relativismo. Isso significa *que é necessário tempo para saber* (AUROUX, 2008, p. 141, grifos do original).

[...]

A co-presença dos conhecimentos é uma modalidade necessária do horizonte de retrospecção; é por meio dela que S pode totalizá-los e servir-se deles na

³² Em trabalho conjunto, AUROUX e COLOMBAT (1999) fizeram um levantamento, inclusive estatístico, do *corpus* representativo das gramáticas importantes na constituição da linguística ocidental sobre um longo período (da Antiguidade ao século XX). Nesse trabalho, intitulado «L’horizon de rétrospection des grammairiens de l’*Encyclopédie*», ao definir o conceito de *horizonte de retrospecção*, os autores assim se expressaram: “Il s’agit ici d’étudier la perception qu’avaient les Encyclopédistes des travaux antérieurs concernant l’étude du langage, ce que nous nommons ‘horizon de rétrospection’” (1999, p. 111, sublinhamos).

sua pesquisa (é o que se chama, hoje, “as referências” e que figuram no fim de um artigo sob forma bibliográfica) (AUROUX, 2006, p. 110).

Por ser, sob certo aspecto, um exercício cognitivo, o *horizonte de retrospecção* só poderá ser concreto se o caracterizarmos a partir das **externalidades cognitivas**, isto é, dos livros, das bibliotecas, das calculadoras que, segundo Auroux (2008, p. 125) levam a ultrapassar as capacidades individuais por meio de instrumentos técnicos e significantes.

1.7. História das Ideias Linguísticas: temporalidade, explicação e causalidade

O trabalho de reconstrução, de substituição (ou contextualização) e interpolação de acordo com os procedimentos verificáveis, como explicação/construção de séries (problemas, conceitos, etc.) causalmente ordenados é núcleo da preocupação do historiador das ideias. Segundo Auroux (2006, p. 105-6), “ser historiador da ciência é poder construir cronologias e ligações causais [...], é ser capaz de construir representações e explicações. [...] O trabalho do historiador é explicar porque X é construído *como é*, e ver se há (ou não) uma linha causal entre Y e B”. Auroux entende que

A existência dos horizontes de retrospecção atesta que o conhecimento tem necessariamente relação com o tempo: não há *conhecimento instantâneo*, o que não significa que o objeto de conhecimento ou o seu valor sejam temporais, como sustenta o relativismo. Isso significa *que é necessário tempo para saber* (AUROUX, 2006, p. 104).

O quadro geral que se segue é uma tentativa de síntese de dez dos principais conceitos teóricos, metodológicos, e de certos instrumentos acima apresentados, que, se utilizados pelo *historiador das ideias linguísticas*, auxiliam-no no trabalho de construção de modelos de evolução suscetíveis de explicar a mudança na dimensão temporal, entendida como parte da **epistemologia**, “estudo crítico das ciências [...] nos seus desenvolvimentos e nos seus resultados” (AUROUX; WEIL, 1993 *apud* COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 31).

(Q.1) Síntese de dez princípios teóricos e metodológicos adotados em H.I.L

1. **Os três princípios adotados em H.I.L:** o da *definição puramente fenomenológica do objeto*, o da *neutralidade epistemológica* e o do *historicismo moderado*.
2. **Instrumento teórico:** A noção de *horizonte da retrospecção*.
3. **Armadilhas a serem evitadas:** A ilusão retrospectiva, anacronismos conceituais: aplicar conceitos e / ou categorias atuais sobre o passado histórico.
4. **Solução:** Definição “materialista” (empírica) da ciência.
5. **Estabelecimento dos parâmetros que constroem a representação histórica do saber:** um sistema de objetos; um parâmetro temporal; um parâmetro espacial; um sistema de parametragem externo que liga o sistema de objetos ao seu contexto; um sistema de interpretantes.
6. **Os objetivos do trabalho do historiador:**
 - a. **Efeito do trabalho histórico.** Constituição de uma história cumulativa de série, não-cíclica (ou teleológica).
 - b. **Corolário do trabalho histórico.** Evitar a reprodução dos mesmos erros (por exemplo, a questão da origem da linguagem e das línguas).
7. **A estruturação dos horizontes de retrospecção.** Multiplicidade de princípios (de estruturação dos horizontes de retrospecção: tratamento indistinto como conhecimentos comuns (conceito de “ar do tempo”); indexação dos conhecimentos (datas, autores, escolas, ...); etc.
8. **HIL: temporalidade, explicação e causalidade**
Trabalho de reconstrução, de substituição (ou contextualização) e interpolação de acordo com os procedimentos verificáveis: explicação/construção de séries (problemas, conceitos, etc.) causalmente ordenados.
9. **Motivo da reconstrução histórica:** ocorre nas ciências da linguagem, a percepção não imediata da coerência cognitiva das teorias;
10. **Finalidade da reconstrução histórica:** visa explicar a construção de modelos de evolução suscetíveis de explicar a mudança.

[Quadro - 1 Síntese de dez princípios teóricos e metodológicos em HIL, baseado em Aurox (1992, 2006, 2008) e Colombat, Fournier e Puech (2010)]

Fonte: autoria própria

Feito o percurso pelos princípios teóricos e metodológicos que orientaram nosso trabalho, nos próximos capítulos, desenvolveremos as reflexões que buscam compreender as referências de Silva Neto aos vários autores e campos que configuraram o que temos denominado de *subsídios para a constituição de sua teoria sobre a variação e mudança linguística*. Começemos pelos gramáticos latinos e escritores cristãos, e, em seguida, pelos

textos medievais portugueses. E assim por diante. Antes, porém, expomos um esquema representativo dos principais elementos que compõem o *horizonte de retrospecção* de Serafim da Silva Neto.

O quadro a seguir, apresenta, de forma tão pormenoriza quanto possível, uma proposta integralizada desse horizonte do filólogo. Busca-se, deste modo, inseri-lo no conjunto dos vários outros autores e domínios das Ciências da Linguagem, que estruturaram e deram sentido aos conceitos que ele constituiu, ao longo de sua obra, concernentes ao tema aqui estudado. Ressalta-se, ainda em relação ao quadro, que, nos capítulos subsequentes, certos recortes se fizerem necessários, para que efetuássemos, de forma adequada, a delimitação ao tema proposto. Neste sentido, os trabalhos de Whitney, Saussure, Meillet, Sapir e Vendryes, por exemplo, embora sejam importantes na composição do horizonte de retrospecção do autor, não serão objeto de análise neste trabalho, principalmente, porque alguns deles já foram estudados, por nós, em pesquisa anterior (MORAES, 2008), conforme já mencionado.

Esquema 2:

Horizonte de Retrospecção de SSN quanto à constituição do conceito de variação linguística

Indo-europeístas, germanistas e romanistas que deram ênfase ao aspecto social da língua

[Esquema 2: Horizonte de Retrospecção de Serafim da Silva Neto quanto à constituição do conceito de variação linguística.]
(Fonte: autoria própria)

“consuetudo loquendi est in motu”
[“O uso da linguagem comum está sempre em movimento”]
(VARRÃO, *Liber IX*, XI. 17)

2.1. A variação linguística abordada nos estudos sobre o *latim corrente* e o *latim vulgar*

Conforme entendemos, o tema da variação linguística sempre esteve presente ao longo do desenvolvimento da obra do autor. Por isso, no seu conjunto, a obra de Silva Neto apresenta subsídios para a configuração de uma *teoria da variação linguística*. Essas ideias foram desenvolvidas ao longo de um percurso que vai desde seus primeiros estudos sobre o *latim vulgar*, passa por suas *investigações* eminentemente *filológicas*, é evidenciada na construção de sua *história da língua portuguesa* e, por fim, encontra-se em contornos mais definitivos nos seus *estudos sobre a língua portuguesa no Brasil*. Sem descartar, obviamente, o reflexo de todo esse empreendimento até nas suas obras de cunho mais didático. Isso quer dizer que os aspectos da variação foram estudados pelo autor desde sua incursão nos estudos sobre a língua latina e a história do latim vulgar, que remontam pelo menos desde 1938, data da primeira edição de *Fontes do latim vulgar*: o Appendix probi.³³ É o que procuraremos demonstrar neste item.

Anos mais tarde (1957), analisando “o papel social e linguístico” desempenhado pelos gramáticos latinos, Silva Neto dirá que “como se vê, é da mais alta relevância o papel

³³ Na 2ª edição da referida obra é encontrada a seguinte observação: “Escrita em 1935, editorada semanalmente em 1936 no jornal a “Voz de Portugal”, só agora sai em livro esta obra” (SILVA NETO, 1946, p. 12).

social e linguístico do gramático, pois sua atividade representa pujante força de conservação” (p. 82). Isto para demonstrar o quanto o gramático exercia uma espécie de força restritiva contra a variação. Nesse sentido, dizia que o ensino do gramático seguia “o modelo dos clássicos, dos mestres que imprimiram as obras consideradas perfeitas e acabadas. Assim o gramático se tornou o mais zeloso e fiel mantenedor das normas da língua”. Utilizando o conceito de *deriva* de Sapir, Silva Neto entendia que o gramático era como um “poderoso dique contra as tendências evolutivas da *deriva*: mantinha luta constante contra desvios da pronúncia, alterações morfológicas, semânticas ou sintáticas; policiava rigorosamente as palavras e expressões baixas ou regionais” (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 82).

2.2.2. A variação linguística segundo os testemunhos dos gramáticos latinos

Serafim da Silva Neto, como sabemos, grande erudito, foi conhecedor também dessa doutrina gramatical dos latinos, e, assim, não deixou de fazer menção aos testemunhos desses autores, cuja exemplificação está repleta de fatos da *variação linguística*, designados pelos gramáticos antigos por *metaplasmos*, *barbarismos* e *solecismos*. Exemplos disso são suas referências a Varrão, Quintiliano, Prisciano, Vélío Longo, Aulo Gélío, Máximo Vitorino, Donato, uns mais, outros menos; além, é claro, ao Appendix Probi, ao qual dedica uma obra inteira a respeito do assunto: “Fontes do Latim Vulgar - o Appendix Probi” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938]).

Com referência ao latim, é notável o fato de Silva Neto recorrer a esses antigos gramáticos latinos como testemunhas da *variação linguística* porque, segundo ele, “os gramáticos ajudam-nos, testemunhando êste ou aquele fato”, ainda que na sua avaliação, “as indicações deles [dos gramáticos] t[enham] valor puramente informativo e não

científico”, pois, segundo afirma o autor, “naquele tempo, a Filologia estava muito longe de ser ciência” (SILVA NETO, *op. cit.*, p. 86).

De toda forma, o aproveitamento dessas fontes pelo filólogo mostra que sua busca para o entendimento do fenômeno da variação já tem início nos seus estudos sobre o latim vulgar. Para tanto, Silva Neto (1946) expõe, inclusive, uma longa lista desses gramáticos em *Fontes do Latim Vulgar – o Appendix Probi*, que depois será reproduzida, como outras passagens, em *História do Latim Vulgar* (2004 [1957])³⁴ conforme segue. Diz o autor, sobre os gramáticos e sobre as obras destes por ele consultadas, o seguinte:

Eis os principais:

VARRÃO – 1º séc. a. C. Restam-nos fragmentos do seu tratado *De língua latina*.

QUINTILIANO – 1º séc. d. C.

VÉLIO LONGO – Primeira metade do 2º séc. d. C. Editado por KEIL, *Grammatici Latini*, VII. Acêrca dêsse gramático merece lido Neitzke, *De Velio Longo grammatico*, 1927.

FESTO – 2º séc. d. C.? Boa edição de Lindsay, *Sexti Pompei Festi De verborum significatu*, Lipsia, 1913.

VÉRRIO FLACO – Primeira metade do 1º séc. d. C. Publicado por H. Willers em *De Verrio Flaco glossarium interprete*, 1886.

AULO GÉLIO – 2º séc. d. C. Escreveu interessante miscelânea intitulada *Noctes Atticae*: cito pela ed. M. Hertz, Leipzig, 1886.

CAPER – 2º séc. d. C. Editado em KEIL, VII.

PROBO – 3º séc. d. C. Editado em KEIL, IV.

TERENCIANO MAURO – Fim do 2º séc. d. C. Editado em KEIL.

A princípio Teuffel (trad. fr., tomo III, pg. 106) julgava-o dos fins do 3º séc. d. C. mas as observações, mais exatas, de Schanz (tomo III², 2ª parte, § 514, pgs. 25-27) colocam-no no fim do 2º século.

Vj. mais o estudo de Ries, *De Terentiani Mauri aetate*, 1912, e a 6ª ed. de Teuffel (*III*, 1913, 134 ss.).

CARISÍO – Meio do 4º séc. d. C. Editado em KEIL, I.

DONATO – Meio do 4º séc. d. C. Editado em KEIL, IV.

NÔNIO MARCELO – Primeira metade do 4º séc. Cito pelas edições de Quicherat e de Lindsay.

MÁRIO VITORINO – Meio do 4º séc. d. C. Editado em KEIL.

DIOMEDES – Segunda metade do 4º séc. d. C. Editado KEIL, I.

SÉRGIO – 4º e 5º séc. d. C. Editado em KEIL, IV.

SÉRVIO – 4º e 5º séc. d. C. Cito pela edição Teubner.

POMPEIO – 5º séc. d. C. Editado em KEIL, V.

PRISCIANO – 5º séc. d. C. Editado em KEIL, II e III.

³⁴ Compulsamos ambas as obras. Em relação à *História do Latim Vulgar*, a edição consultada foi a da 3ª reimpressão de 2004, 2ª edição de 1977, mas que, por sua vez, é uma “reprodução fotográfica, depois da correção de erros tipográficos e a atualização da ortografia da 1ª edição de 1957, que veio a lume pela Livraria Acadêmica”, conforme apresentação de Rosalvo do VALLE.

CONSÊNCIO – 5º séc. d. C. Editado em KEIL.

A respeito dêsse gramático ler-se-ão com bastante proveito a Abbot, *Vulgar latin in the Ars Consentii de Barbarismis* e Kohlstedt, *Das romanische in den Artes des Consentius*, 1917.

É livro fundamental a moderna edição de Nierdermann, *Consentii, Ars de Barbarismis et metaplasmis*, 92 pgs., Paris, 1937.

CASSIODORO – 6º séc. d. C. Editado em KEIL, VII (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 87-88).

Na conclusão da relação aos gramáticos latinos, Silva Neto, entretanto, afirma que o mais importante de todos os testemunhos era o dado pelo *Appendix Probi*, texto de autor anônimo que apresentava as formas consideradas erradas na língua latina literária, seguidas de suas devidas correções:

O mais importante de todos é, porém, o APPENDIX PROBI. Êsse texto, de autor anônimo, consiste numa lista de palavras e grafias da língua corrente, seguidas pelas formas literárias.

Isto é: não se deve dizer *asa*, pois é errado, mas *ansa*, que é certo, donde concluímos que o grupo – *ns* – se havia reduzido a – *s* – no sermo usualis.

Daí tiramos conclusões a respeito do latim corrente.

Pena é que o elenco, oriundo da abadia de Bóbio, hoje códice vienense n. 17, seja muito pequeno, pois, ao todo, são 227 correções.

Chama-se APPENDIX PROBI (*Apêndice de Probo*) porque foi achado como anexo a uma obra do gramático PROBO – o que não significa fôsse êsse o seu autor (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 88-89).

Em *História do Latim Vulgar*, Silva Neto (2006 [1957], p. 217) apresenta outra ponderação a respeito dos gramáticos latinos: a de que “os gramáticos latinos, apesar de seu pouco interesse pela linguagem popular, empenhados que estavam na exegese e comentário das grandes obras clássicas, oferecem algum material precioso”, além, é claro, de fazer menção a outros estudos. E em nota, (op. cit., p. 217, n. 99), acrescenta-nos a informação acerca de sua principal fonte para referência a tais gramáticos:

Os textos dos gramáticos latinos estão recolhidos, principalmente, em Funaioli, *Fragmenta grammaticae latinae*, I, 1907 (único volume publicado) e em Keil, *Grammatici Latini*, *La Grammaire latine selon Grammairiens latins*, publicado em Dijon, em 1908 (SILVA NETO, 2004 [1957] p. 217, n. 99).

Os textos editados por Keil, *Grammatici Latini*, estão, hoje, todos digitalizados e *online*, acessíveis por meio de quatro domínios: ARCHIVE.ORG, oriundo da Biblioteca da Universidade de Toronto; GOOGLE; CORPUS CORPORUM da Universidade de Zurique e o CORPUS GRAMMATICORUM LATINORUM, organizado por pesquisadores de Universidades francesas.³⁵ Dos quatro sites, apenas os dois primeiros oferecem a *escanerização* do texto original de Keil, sem apresentar nenhum tipo de tratamento especial à obra; entretanto, apenas os dois últimos oferecem a busca específica de dados, de acordo, por exemplo, com os tópicos gramaticais (*de littera, de nomine, de verbo*, etc.).

Segundo os editores deste último, o **CGL - Corpus Grammaticorum Latinorum**,

O *corpus* de textos atribuídos de maneira convencional a *Grammatici Latini* consiste em todos os livros de gramática latina escritos entre o século III e VIII A.D. e editados por Heinrich Keil em oito volumes entre 1855 e 1880, em um total de 4.226 páginas (CGL, 2008, p. 174).³⁶

Já os editores do Corpus Corporum da Universidade de Zurique (CC-UZ), afirmam que “os critérios filológicos de Keil são agora, em certa medida, ultrapassados; sua seleção e agrupamento são incompletos e nem sempre confiáveis”, porque algumas obras estão representadas apenas parcialmente ou simplesmente por um exemplar.³⁷ De qualquer modo, pesquisando em uma época desprovida do auxílio de ferramentas digitais e valendo-se de poucas boas edições disponíveis, esses eram os textos que Silva Neto tinha à

³⁵ Respectivamente disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos:

ARCHIVE.ORG: <https://archive.org/details/grammaticilatin07keil>;

GOOGLE: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=keil+grammatici+latini+online&safe=off&tbm=bks;

CORPUS CORPORUM: <http://www.mlat.uzh.ch/MLS/xanfang.php?corpus=13&lang=0>;

CORPUS GRAMMATICORUM LATINORUM: <http://kaali.linguist.jussieu.fr/CGL>

Cf. também CORPUS DE TEXTES LINGUISTIQUE FONDAMENTAUX: http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?num=1204

³⁶ Tradução de: “Le corpus des textes attribués de manière conventionnelle aux *Grammatici Latini* est constitué par l’ensemble des manuels de grammaire latine écrits entre le III^e et le VIII^e siècle apr. J.-C. et édités par Heinrich Keil en huit volumes entre 1855 et 1880, pour un total de 4.226 pages” (CGL, 2008, p. 174).

³⁷ Os editores apresentam esses argumentos como justificativa para substituir por outros, quando necessário, os textos editados por Keil, conforme indicam: “no nosso corpus, substituímos a edição de Keil pelas mais recentes, sempre que disponíveis, e as obras que foram publicados de forma incompleta em Keil foram integradas, completas, em edições posteriores” (cf. CORPUS CORPORUM – Universidade de Zurique).

disposição, e dos quais soube como poucos, segundo a sua destreza filológica e forte formação linguística e humanística, aplicar “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”, para usarmos uma afortunada expressão de Labov (1982, p. 20)³⁸, na caracterização deste para a Linguística Histórica.³⁹

Em relação às outras edições referidas pelo filólogo, no caso, a *Grammatici Latini*, *La Grammaire latine selon Grammairiens latins*, publicada em Dijon, por Charles Lambert, e a *Fragmenta grammaticae latinae*, I, 1907, publicada por Gino Funaioli, não tivemos acesso a elas e nem as encontramos em arquivos *online*.

2.1.2.1. Marcos Terêncio Varrão

Por ser considerado “o primerio gramático latino importante de que temos notícia” (ROBINS, 1979, p. 37), Varrão figura no topo da lista de gramáticos relacionados por Silva Neto (cf. relação abaixo). Dentre os autores que refletiram sobre a importância desse gramático latino para a história das ciências linguísticas, destacamos Leroy (1971), Robins (1979), Desbordes (1995 [1990]), Weedwood (2002) e Ruy (2006).

Segundo Ruy (2006), Marcos Terêncio Varrão nasceu em Rieti, antiga cidade Sabina. Pertencia ele a uma das famílias mais ricas de seu tempo. Varrão, segundo a autora, foi o mais fecundo erudito da antiguidade, tendo produzido nada menos do que 620 livros. Historiando o percurso acadêmico de Varrão, Ruy (op. cit.) informa ainda que este importante gramático latino, contemporâneo a César, vai a Roma para receber formação com os melhores mestres de sua época. Aprendeu os primeiros rudimentos da gramática na escola de Lúcio Ácio. Na escola de Élio Estilão é encaminhado à ciência etimológica e à atividade oratória. Entre 84 e 82 a. C. foi à Atenas, onde aperfeiçoou seus estudos em filosofia, iniciados ainda em Roma.

³⁸ Tradução de: “Historical linguistics may be characterized as *the art of making the best use of bad data*”.

³⁹ Isso não quer dizer que vinculemos Serafim da Silva Neto a esta área de investigação linguística, que se formou posteriormente às diversas filologias, e tomou-lhes emprestado muitos subsídios e pressupostos.

Outra razão para iniciarmos esse tópico com Varrão é porque, segundo Collart (1978)⁴⁰, século após século, ele foi o gramático mais citado por seus sucessores, tais como: Quintiliano, Aulo Gélcio, Carísio, Prisciano, Isidoro e Donato. O *horizonte de retrospecção* desses gramáticos, então, passa inevitavelmente, pelo conhecimento da obra de Varrão, o primeiro relacionado por Silva Neto na obra *Fontes do Latim Vulgar: o Appendix probi*, conforme relacionado acima. Entretanto, não podemos ignorar que Varrão, de fato, não foi um gramático, embora escrevendo assuntos gramaticais diversos e sendo referido por vários gramáticos, conforme orienta Desbordes:

Varrão escrevera sobre todos os assuntos – história, filosofia, economia rural, poesia... – e, com predileção, sobre questões da esfera gramatical. Não um *grammaticus*. Porém sua carreira política não tivera sucesso, vivia no meio de livros e era mesmo, nos últimos vinte anos de sua vida, uma espécie de bibliotecário oficial, por vontade de seu antigo adversário político, César. Era o sábio de Roma (DESBORDES, 1995 [1990], p. 45).

Já o *horizonte de retrospecção* de Varrão voltava-se de forma mais imediata à polêmica entre analogistas e anomalistas. Leroy (1971) ao se referir a essas duas correntes da linguística antiga, diz:

O fato de existirem na língua, ao lado das manifestações de uma estrutura regular, aspectos que contradizem essa regularidade havia sido muito bem observado pelos antigos, mas tal observação foi utilizada num sentido doutrinário, para opor os que queriam construir um sistema gramatical fundado nas analogias aos que, pelo contrário, se baseavam nas anomalias (LEROY, 1971, p. 18).

O resultado dessas observações, diz Leroy (op. cit.), foi uma série de disputas entre os defensores das duas doutrinas. Os analogistas professavam uma doutrina essencialmente normativa, enquanto que os anomalistas se apresentavam antes como letrados ciosos de respeitar o uso. Recebendo como herança tais discussões, Varrão dará enorme contribuição à linguística antiga, a partir de sua obra *De Língua latina*, monumental compêndio sobre o

⁴⁰ Apud RUY, 2006, p. 13.

latim, composto originalmente por 25 livros, dos quais, segundo Ruy (2006, p. 26, nota 2), seis (do V ao X) chegaram até nós.

Ainda segundo Ruy (2006, p. 08), a importância do livro VIII do *De Língua Latina* nesse contexto explica-se exatamente pelo fato de tratar diretamente da polêmica entre analogistas e anomalistas. E como no livro VIII em questão, como aponta a autora, “Varrão trata sobre a maneira de se expressar na escrita, e na fala – mesmo que de uma minoria ilustrada” (idem., ibidem), vê-se, pois, que o caráter social ligado à língua já está perfeitamente ali contemplado. O que, de certo modo, não passou despercebido a Silva Neto, porque, como veremos em lugar oportuno, o filólogo aproveitou-lhe os exemplos da variação na fala dos romanos, por meio daquilo que Varrão denominou de metaplasmos, conforme a tradição dos antigos.

Weedwood (2002) aponta que Varrão, precisamente nos livros VIII a X, aborda a questão dos papéis da analogia e da anomalia, derrubando a necessidade de uma controvérsia sobre a importância relativas a elas, mostrando que *ambos os princípios decorrem do uso*. Ou, nas próprias palavras do gramático latino, “uma coisa é dizer que é possível encontrar analogias em palavras, e outra é dizer que devemos segui-las” (VARRÃO, IX, 4).⁴¹ Para que tenhamos uma ideia de como é expressiva a importância que Varrão deu ao *uso* linguístico, ilustrativo é o comentário de Weedwood (op. cit.), a respeito da opinião do gramático sobre o neologismo. Diz a autora que “seu conselho é pragmático: os neologismos devem ser guiados pela analogia, *mas se uma forma anômala já estiver bem estabelecida, deve-se permitir que permaneça*” (WEEDWOOD, 2002, p. 38, grifamos).

⁴¹ *Apud* WEEDWOOD, 2002, p. 38.

2.1.2.2 O Livro VIII *De Língua Latina* de Varrão

Analisando o livro VIII *De Língua Latina* de Varrão, vemos que os exemplos do caráter social incidindo sobre a língua são fartos. Vejamos o que diz Varrão (2006) em alguns exemplos:⁴²

Todo discurso, *como deva ser concebido para a utilidade*, à qual então afinal ele chega se é claro e breve, como determinados, porque um orador prolixo e difícil de compreender faz perder a paciência, e como fique claro para que se compreenda e breve para que logo compreenda, para os eloquentes o costume /torna o discurso/⁴³ claro e a moderação, breve. *E ambos podem ser produzidos sem a analogia – ela não é necessária. Nem se a analogia, pois, ensinar que seja correto dizer Herculi clauam ou Herculis clauam (o cajado de Hércules), como ambos são permitidos no uso não se deve desprezá-los*, pois são igualmente breves e claros (VARRÃO, XI – 26).⁴⁴

A questão do *uso linguístico* é importante porque pressupõe a variação, já que não se pode falar em *uso* sem se levar em consideração o falante ou o grupo de falantes de uma dada língua. E nesse caso, o melhor seria seu emprego plural: *usos*. No excerto acima, está enunciado o aspecto do *uso*, quando o gramático diz que todo discurso deve ser concebido para a utilidade, embora haja aqui uma forte posição doutrinária do autor em relação ao discurso, uma vez que, seguindo as diretrizes dos estudos da linguagem da época, dirá que se deve seguir o modelo da concisão e da clareza.

À primeira vista, poder-se-ia argumentar contra esta ideia de *uso*, afirmando-se que o termo *utilidade*, empregado por ele, refere-se à utilidade apenas no sentido de *ser útil*, de

⁴² Utilizamos em nosso trabalho a tradução de Ruy (2006). Para maiores referências, consulte-se a relação bibliográfica no final deste trabalho. Conforme o original: “Omnis oratio cum debeat dirigi ad utilitatem, ad quam tum denique pervenit, si est aperta et bevis, quae petimus, quod obscurus et longi(or) orator est odio; et cum efficiat aperta, ut intellegatur, brevis, ut cito intellegatur, et aperta(m) consuetudo, brevis temperantia loquentis, et utrumque fieri possit sine analogia, nihil ea opus est. Neque enim, utrum Herculi an Herculis clauam dici oporteat, si doceat analogia, cum utrumque sit in consuetudine, non neglegendum, quod aequae sunt et brevis(a) et aperta”.

⁴³ Conforme esclarece a tradutora, os termos entre barras ao longo da tradução foram inseridos para completar o sentido das frases, necessários para a compreensão em português.

⁴⁴ *Apud* RUY, 2006, p. 40, grifamos.

bom proveito e não de *uso*. Todavia, acompanhando o fio do discurso do autor, podemos notar a aberta referência ao *uso*, quando ele diz que os aspectos de brevidade e clareza do discurso podem ser produzidos sem a analogia, pois para ele – de acordo com a citação –, ela não é necessária, de modo que “*nem se a analogia, pois, ensinar que seja correto dizer Herculi clauam ou Herculis clauam (o cajado de Hércules), como ambos são permitidos no uso não se deve desprezá-los*”. Por este exemplo, notamos que, para Varrão (neste caso específico), era o uso que determinaria o emprego de uma forma ou de outra.

Tais paradoxos eram comuns nas gramáticas antigas (e eles continuam em muitas gramáticas modernas). Leite (2007, p. 46), ao historiar a gramática antiga, na intenção de verificar que possíveis trabalhos serviram de base (ou mesmo modelo) às primeiras gramáticas portuguesas [notadamente a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540)], afirma que o filósofo grego Sexto Empírico (séc. II d. C.) já questionava os critérios contraditórios da gramática. Baratin (2000)⁴⁵, ao comentar o dilema de Sexto Empírico, esclarece que o filósofo chega à conclusão de que os critérios são contraditórios porque, em muitos casos, o *uso* pode ser a razão de uma realização linguística condenada pelo critério da analogia. Leite (2007) observa, então, que se o *uso* exclui a analogia, ela [a analogia] não tem razão de ser, assim como não o tem a gramática, que é formada pela analogia, o que não quer dizer com isso que a autora ignore a importância da gramática, enquanto *instrumento linguístico*. A reflexão volta-se apenas para a complexidade que envolve a relação entre *analogia versus anomalia*.

O próprio Silva Neto, aplicando uma teoria linguística moderna ao estudo da *variação* e da *mudança* no latim, sugeriu uma explicação baseada na dicotomia saussuriana

⁴⁵ *Apud* LEITE, 2007, p. 47.

langue-parole, somada à *teoria das ondas* [Wellentheorie],⁴⁶ que ele tratou sob a designação de tendências que *abortavam* e tendências que *vingavam*: “A verdade é que no curso evolutivo do latim houve tendências que *abortaram* e tendências que *vingaram*, passando do campo da *parole* para o domínio da *langue*” (SILVA NETO, FLV 1946, [1938], p. 19), asseverava o autor.

Por isso que Silva Neto (op. cit., p. 244), que utiliza um conceito atual acerca do processo de variação e mudança, explica que é a ideia de **adoção**, que o torna possível:

Não é absurda nem impossível a adoção de um vulgarismo pela língua geral, pois que a língua literária e língua popular andam sempre em interpenetrações; se a língua culta impõe ao falar descuidado muitas particularidades, é certo que também assimila muito vulgarismos (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 244).

A respeito dessas “interpenetrações” a que se refere Silva Neto, talvez, os estudos linguísticos contemporâneos possam explicá-los melhor. Leite (2005b, p. 197), por exemplo, alhures em estudos sobre a norma culta e popular, amparada em teorias modernas, refletiu se deveríamos nos indagar se seria pertinente a “qualificação da norma” como *norma culta* e *norma popular*. Segundo Leite, (op. cit., p. 198), “poderíamos dizer que *somente em termos* esses conceitos são aceitáveis, porque os próprios conceitos do que seja culto e popular são de difícil fixação”. Para Leite, quanto à língua, tem-se que, em geral, nas sociedades letradas, o que se configura na tradição é o que ficou registrado nos “instrumentos linguísticos” como prática prestigiosa da língua, tomado assim como um parâmetro para o “julgamento” de todos os enunciados linguísticos, falados e escritos. Na conclusão a que chegou a autora afirma que

Desse modo, todos os enunciados que estiverem mais próximos da tradição são considerados “cultos”, e todos os que dela se distanciarem são considerados menos cultos ou “populares”. Isso dá origem à dicotomia norma culta/ norma popular (LEITE, 2005b, p. 198).

⁴⁶ A respeito da querela sobre a *Teoria das Ondas* no final do século XIX e início do século XX no campo da Filologia Românica, bem como sua aplicação pela Sociolinguística moderna, ver o Capítulo 4 desse presente trabalho.

Isso para dizer que esses aspectos a respeito do que seja *popular* e *culto* e suas respectivas implicações são de difícil concepção, embora sejam importantes e devam ser considerados para a melhor compreensão do problema relativo à variação.

Enfim, como vimos na citação mais acima referente à Varrão, essa questão do *uso* versus *analogia* está presente e se desdobra em outras considerações importantes; portanto, se há uma preferência pelo uso em detrimento da analogia, a questão da variação (que é social) está, mesmo que sub-repticiamente, contemplada na obra desse erudito latino. Observemos mais uma citação, que é um parágrafo subsequente ao analisado acima:

Além disso, se alguém a partir de uma coisa compreendeu que cada uma delas tenha sido inventada em razão dessa utilidade /poderá/ pesquisá-la por um prazo maior porque tenha muito tempo livre. *E como em razão da utilidade os nomes tenham sido aplicados às coisas para revelar /o significado delas/ se compreendermos isso simplesmente com o uso, a analogia não tem serventia* (VARRÃO, XII-27).⁴⁷

No excerto acima, além de desenvolver este raciocínio a respeito do *uso* versus *analogia*, o gramático chega mesmo a enunciar que, em razão da utilidade de os nomes terem sido aplicados às coisas para revelar-lhes o significado, a analogia não tem utilidade. Poder-se-ia aventar que o gramático não deu grandes passos no sentido de romper com a noção de analogia, que, sob uma perspectiva atual, talvez, não teria nem razão de ser. Não nos esqueçamos, no entanto, que este era o *horizonte de retrospectão* de Varrão, ou seja, discutir questões de linguagem, necessariamente passava pela abordagem a respeito da analogia *versus* anomalia.

Ninguém diria, por exemplo, hoje, que, um estudioso da linguagem, abordando em suas discussões o paradoxo da mudança linguística, a partir da noção de estrutura, estaria ultrapassado, já que o *horizonte de retrospectão* de qualquer estudo contemporâneo sobre

⁴⁷ *Apud* RUY, 2006, p. 41, grifamos. Do original: “Praeterea quous utilitatis causa quaeque res sit inuenta, si ex ea quis id sit consecutus, amplius ea(m) scrutari cum sit nimium otiosi, et cum utilitatis causa uerba ideo sint imposita rebus ut ea(s) significant, si id consequimur una consuetudine, nihil prodest analogia”.

a variação e a mudança, leva em consideração a noção de estrutura tratada a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916. É o que irá ocorrer, por exemplo, com o texto seminal de Weinreich, Herzog e Labov (1968), *Princípios empíricos para uma teoria da mudança linguística*.⁴⁸ Com isso, queremos dizer que devemos abordar os fenômenos linguísticos em epistemologia histórica, atentando para aquilo que diz Auroux (1979, p. 15), e que já enunciamos no início desse trabalho, que é o cuidado não apenas em determinar o sentido que estes conhecimentos passados podem vir a ter para nós, mas, sobretudo, de reconhecer este sentido como algo pertencente ao universo cultural onde eles apareceram.⁴⁹ Parece-nos que este é o caso da *analogia* versus *anomalia*, foco de debate entre os antigos, mas que será revitalizado na atualidade sob outra perspectiva das reflexões acerca da *variação* e da *mudança* linguísticas, por exemplo.

Embora devamos atentar para as diretrizes teórico-metodológicas acima mencionadas, é impossível não entrever no discurso do autor o aspecto social como determinante para os fatos linguísticos, na medida em que Varrão considera aquilo que chamamos hoje de variação situacional e de uso, fator essencial para a escolha desta ou daquela forma; como ilustrado por ele nesta lúcida metáfora da vestimenta:

Acrescenta-se a isso que na vida a qualquer coisa que seja adotada por causa do uso é próprio de nós nelas procurar a utilidade, não a semelhança. E assim em relação à roupa embora a toga masculina seja diferente da túnica e a estola feminina do manto apesar da dessemelhança usamos /ambas/. (VARRÃO, XIII – 28).⁵⁰

Ou seja, para este erudito latino, o uso linguístico, assim como o uso da vestimenta, deveria seguir o critério situacional. Como é de conhecimento, assunto este tão caro à

⁴⁸ Obra de 1968, traduzida para o português em 2006.

⁴⁹ Koerner (1995) chamará a isso *Princípio de Imanência*.

⁵⁰ *Apud* RUY, 2006, p. 41. Do original: “Accedit quod quaecumque usus causa ad uitam sint assumpta, is his no(strumst) utilitatem quaerere, non similitudinem: itaque in unestitu cum dissimillima sit uirilis toga tunica(e), muliebri(is) stola pallio, tamen inaequabilitatem hanc sequimur nihilo minus”.

linguística contemporânea, mais precisamente nas abordagens da sociolinguística, e da sociolinguística interacional. Esta ideia, do critério situacional do uso, pode ser mais bem avaliada na próxima citação:

Por isso, como na roupa e nos edifícios, na mobília e na comida e em todas as outras coisas que se tomam na vida por causa de sua utilidade domine a dessemelhança, *também na linguagem – que foi determinada em razão do uso – não se deve rejeitá-la* (VARRÃO, XV – 30).⁵¹

Varrão diz mesmo que, em matéria de *linguagem*, não se pode rejeitar a “dessemelhança” – que na sua metalinguagem quer dizer, por exemplo, não-conformidade com os autores clássicos –, justamente, porque ela, a dessemelhança, *foi determinada em razão da necessidade do uso*.

Aqui, Varrão faz uma consideração explícita em relação ao que, ao longo das citações, viemos tentando comprovar: o de que, imbuído que estava na defesa da anomalia, ou seja, do *uso* como regulador de formas consideradas incorretas, ele será o primeiro autor que, citado por Silva Neto, aparecerá no *horizonte de retrospecção* quando a discussão acerca da variação se fizer presente, isto porque também serviu de base para os outros gramáticos, igualmente referidos pelo filólogo.

Para finalizarmos, por ora, fiquemos com a seguinte conclusão de Varrão a respeito dessas questões:

[...] Portanto, ou as coisas diferentes não devem ser afirmadas como aprazíveis para nós, ou – pois é preciso admitir /isso/ - deve ter fixado que a dessemelhança das palavras – *que ocorre no uso* – não há de ser evitada (VARRÃO, *apud*, RUY, 2006, p. 43, grifamos).⁵²

Vejamos, pois, o aproveitamento dos exemplos de metaplasmos, formas arcaicas, dados etnográficos e de alterações lexicais, registrados por Varrão, que, citados por Silva

⁵¹ *Apud* RUY, 2006, p. 42, grifamos. Do original: “Quare cum, ut in vestitu aedificiis, sic in supellectile cibo ceterisque omnibus quae usus (causa) ad uitam sunt assumpta dominetur inaequabilitas, in sermone quoque, qui est usus causa constitutus, ea non repudianda”.

⁵² Do original: “[...] Quare aut negandum nobis disparia esse incunda aut, quoniam necesse est confiteri, dicendum uerborum dissimilitudine(m), quae sit in consuetudine, non esse uitandam”.

Neto, serão, dentre muitos, a observação de dados sociais sobre a língua latina, a ilustração de fenômenos de variação e de mudança da língua.

O primeiro é o que segue:

Legou-nos Varrão êstes exemplos: “*spica* autem quam rustici, ut acceperunt antiquitus, uocant *specam*, a *spe* videtur nominata” (R. R. 1. 48, 2) (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 55-56).⁵³

Silva Neto (1986 [1957]) utiliza ainda o testemunho de Varrão para registrar a base de formas atuais de línguas românicas modernas, tais como o sardo: “*Fornum*, que está documentada num mss. de Varrão [...], é a base de formas sardas e do sul da Itália [...], às quais se vem agora reunir o noroeste ibérico” (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 191, n. 29).

Varrão também é citado pelo filólogo para desfazer equívocos a respeito de certas etimologias, como no seguinte trecho:

dizendo que os vocábulos *Minerva*, *Feronia*, e *Nouensides* eram sabinos, acrescentava Varrão: “e quis nonnulla nomina in utraque lingua habent radices, ut arbores quae in confinio natae in utroque agro serpunt: potest enim Saturnus hic de alia causa esse dictus atque in Sabinis, et sic Diana, de quibus supra dictum est” (SILVA NETO, 1946 FLV [1938], p. 169).

Também ao expor a alteração lexical da palavra latina *palpebra* e *palpetra*, serve-se novamente da referência a Varrão:

Cabe aqui uma referência às interessantes formas galegas *parfeba*, *perfeda*, que continuam as bases latino-vulgares *palpebra* (C. Gl. L. 3, 85, 35) e * *palfetra*. É que ao lado de *palpebra* havia *palpetra* (Varrão, *táboa execratória*); com esta coexistia a forma dialetal * *palpefra*, que, cruzando-se com aquelas, produz *palfebra* e * *palfetra* (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 117, n. 17, sublinhamos).

⁵³ O exemplo, retirado de *Rerum Rusticarum de Agri Cultura* [Coisas do Campo], de Varrão, não é citado por completo por Silva Neto. O trecho faltante é este: “[...] nominata: eam enim quod sperant fore, seerunt”. Segue a tradução de toda a passagem: “A espiga, que, todavia, os camponeses por tradição chamam “Specam”, parece que se deriva de “spes” (esperança) porque se semeia com a esperança de colher”.

O testemunho de Varrão é utilizado ainda para comprovar que a forma *sēcūla* (*sega* do verbo port. *segar* - ceifar) era originária de uma determinada região do sul da Itália. Silva Neto (1946 [1938]) diz: “Varrão dá o segundo [*sēcūla*] como originário da Campânia: ‘... hae (falces) in Campania *seculae* a secando.’ (*Lingua Latina*, V, 137)” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 59-60).

Assim como, para fazer referência a dados etnográficos sobre os costumes dos povos como os etruscos, que, coabitaram a península itálica ao lado dos romanos, e não obstante serem mais desenvolvidos, foram absorvidos por estes. Mas não sem deixar marcas de toda sorte na língua, na culinária e na arquitetura do Lácio. Sobre isso, Silva Neto menciona que “o erudito Varrão afirma-nos que as fortalezas - como tantas outras coisas – eram construídas à maneira etrusca” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 53).

Em *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* a referência é mais completa, uma vez que o filólogo remete seu leitor à obra – “veja *De Lingua Latina*, V, 143”, denomina Varrão como gramático, e transcreve o trecho, anteriormente, apenas aludido: “O gramático Varrão afirma-nos que as fortalezas eram construídas à maneira etrusca: ‘Oppida condebant in Latio Etrusco ritu multi ...’ ” (SILVA NETO, IEPF [1956] 1976, p. 21).

Varrão também é citado como exemplo de usuário culto da língua, que havia incorporado, já anos antes, certas expressões consideradas por alguns como da língua falada. A essas expressões Silva Neto denominava “torneios sintáticos”. Vejamos: “[...] não se pode olvidar que, desde o antigo latim, se empregava *quod*: ‘similiter quod’ é torneio sintático do vernaculíssimo Varrão” (SILVA NETO, IEPF 1976 [1956], p. 199).

E, por último, ainda sobre o desempenho linguístico do gramático latino, que teve de abandonar formas linguísticas de sua antiga variedade por outras que se adequassem

melhor ao contexto social e situacional em que se encontrava, informa que “Varrão, havendo aprendido a dizer, no seu falar natal, *aeditumus* (que é forma antiga), teve de substituí-la pela forma urbana *ardituus* – ‘ut didicere didicimus a patribus nostris... ut corrigimur a recentibus urbanis’ (*R.R.I.* 2, 1)” (SILVA NETO, EFP 1956 [1952*], p. 27).⁵⁴

Dando continuidade às citações de Silva Neto aos outros gramáticos antigos, vejamos, agora, algumas referências a Quintiliano.

2.1.2.3. Marcos Fábio Quintiliano

Segundo Pereira (2006), **Quintiliano** (*Marcus Fabius Quintilianus*) nasceu por volta de 30 d. C.; como Sêneca, era oriundo da Hispânia. Segundo o testemunho de São Jerônimo, foi o primeiro a abrir em Roma uma escola pública e a ser remunerado por isso (PEREIRA, 2006, p. 21). Conforme entendemos, o tratamento dado não só por Quintiliano e Varrão, como também por outros gramáticos latinos à variação linguística, como se verá, a partir de um ponto de vista da *História das Ideias Linguísticas*, está representado, por dois modos diferentes: de um lado, a atitude deles com respeito à correção, clareza e elegância; de outro, o tratamento que deram ao problema aos chamados “vícios de linguagem”: o barbarismo e o solecismo.⁵⁵ É nesse sentido que o caráter social, contextual e de *uso* da língua latina afloram nas obras gramaticais desses autores e, desse modo, serão aproveitadas pelo filólogo brasileiro.

Silva Neto (FLV 1946 [1938], p. 240) cita, por exemplo, uma passagem de **Quintiliano** na qual não é difícil divisar o caráter social envolvido na questão. Diz o

⁵⁴ SILVA NETO, Serafim da. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1956.

*Publicado anteriormente in *Verbum*, Rio, tomo IX, 1952.

⁵⁵ Para uma abordagem acerca da **Correção dos gramáticos**, bem como sobre **Erro ou variante** apontadas pelos gramáticos latinos, a partir de um ponto de vista da *História das Ideias Linguísticas*, ver DESBORDES (1995 [1990]), especialmente, às páginas 226, 227 e 228. De acordo com Desbordes “a segunda maneira de corrigir, – a primeira, conforme esclarece a autora, é a dos eruditos – é a dos gramáticos profissionais, dos *Grammatici* imbuídos de seu sistema da língua e suas regras que consideram aplicáveis a todos os textos”. Ainda segundo a autora, “o sentido do texto importa-lhes pouco, mas não querem deixar passar nem um barbarismo ou um solecismo” (DESBORDES, 1995 [1990], p. 226).

filólogo que “QUINTILIANO recomendava aos pais que antes de tudo evitassem, para os rebentos, amas de linguagem viciosa: ‘Ante omnia, ne sit vitiosus sermo nutricibus quas si fieri posset, sapientes Chrysippus optavit...’ (*Institutionis Oratoriae*, I, 1)”.

Quando explicou a simplificação do grupo *ns* em vocábulos como; *ansa* > *asa*; *tensa* > *tesa*; *mensa* > *mesa*; *menses* > *meses*, etc., o filólogo trouxe um excerto de **Quintiliano** para abonar a mudança: “Quintiliano atestava: ‘Consules exempta *n* littera legimus’ (Inst. Or. 1. 7. 29)”. (idem, ibidem, p. 173).

Para ficarmos com mais um exemplo, dentre muitos, o filólogo carioca assegura que “Quintiliano estabelece clara relação entre o falar do campo e a língua dos antigos – ‘uerborum atque ipsius soni *rusticitate*... imitationem *antiquitatis affectant*’ (XI, 3, 10)” (SILVA NETO, EFP 1956 [1952*], p. 27).⁵⁶

E por último, Silva Neto indica que é de **Quintiliano** o conceito de *sermo cotidianus, usualis*, que equivaleria atualmente ao de língua falada na conversação: “À língua de *conversação, corrente* em suma, chamavam *sermo cotidianus, usualis*. São bastante felizes êsses conceitos de Quintiliano: ‘Sermone quotidiano –, quo cum amicis, coniugibus, liberis, servis loquamur’ (XII,10, 40)” (SILVA NETO FLV, 1946 [1938], p. 37).

2.1.2.4. Mário Vitorino

Outro gramático bastante citado por Silva Neto é **Mário Vitorino**. De acordo com Gilson (2013, p. 135)⁵⁷, Mário Vitorino nasceu na África proconsular em torno de 300 e faleceu por volta de 363. Era cognominado *Afer* (o africano), para distingui-lo de seus homônimos. Dele, ainda segundo Gilson (idem, ibidem), “resta-nos apenas uma pequena

⁵⁶ SILVA NETO, Serafim da. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1956.

* Publicado anteriormente in *Verbum*, Rio, tomo IX, 1952.

⁵⁷ GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. 3ª ed. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

parte de suas numerosas obras, que tratavam dos mais diversos temas: *gramática*, dialética, retórica, exegese e teologia” (GILSON, 2013, p. 135, grifamos).⁵⁸

Silva Neto (HLV 2006 [1957], p. 209, n. 85) aventa “que a forma *sems*, que, é tanto em espanhol como em português popular e dialetal” talvez proviesse de uma forma registrada na gramática de **Mário Vitorino**: “Messala, Brutus, Agrippa pro *sumus simus scripserunt*”. (Keil, *Grammatici Latini*, VI, 9).

Mário Vitorino é igualmente citado em *História da Língua Portuguesa* quando Silva Neto registra, por exemplo, a história do possessivo *vossa*, a partir de sua variação e evolução latina. Diz o autor:

Convém lembrar a história de *uester*, que é a forma do latim padrão. Era ela a continuação do itálico *uesteros*, o qual, sob a ação de *uos*, se transformou no arc. *uoster*: cp. úmbrio *uestra*. *Voster* evolucionou para *uester*, forma clássica, em virtude de conhecida norma da fonética histórica latina [...]. Apesar disso, *uoster* continuou a usar-se na língua falada, pelo menos a provincial, pois aparece numa inscrição africana [...] e figura nesta lembrança do gramático Mário Vitorino: ‘*voster, vorit* et similia per *e* non per *o* scribere debemus.’ (in Keil, *Grammatici Latini* VI, 1923, pág. 10)” (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 235, n. 10).⁵⁹

De sua obra, Silva Neto também retira os seguintes excertos, confirmando exemplos de **sonorização** na fala romana, na mudança de **c / g** (gutural surda/sonora):

Escrevia Mário Vitorino: “Apud antiquos C poni, solitum ut pro agro Galbino *Calbino* pro lege *lece*, *acna* pro agna: auctio certe ab augendo dicta est: et numeri cum habeant *c* ut *ducenti, trecenti*, sescenti, reliqui habent *g*, ut *quadrigent, nongenti*” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 208).

A importância desse testemunho reveste-se do mais alto grau de valor porque, conforme também afirma Silva Neto (op. cit.), citando um trecho do gramático

⁵⁸ Contemporâneo a Santo Agostinho, influenciou a este profundamente. Por volta de 340 foi ensinar retórica em Roma, onde travou uma ativa polêmica anticristã (GILSON, 2013, p. 135). Acabou por converter-se ao Cristianismo e, posteriormente, influenciando Agostinho. Veja-se o relato da conversão de Mário Vitorino e a influência deste sobre Agostinho em *Confissões* VIII, 2, 3-5.

⁵⁹ Tradução de: “*voster, vorit* e semelhantes devem ser escritas com *e* e não por *o*”.

Terenciano Mauro⁶⁰ e outro do próprio Mario Vitorino, “os gramáticos diferenciavam o c do k”:

Diz o segundo [i.é, Mario Vitorino], que é da metade do 4º século: ‘c, reducta introrsum lingua, hinc atque hinc molares urgens, haerentem intra o sonum vocis excludit’ e adeante mais que o c se pronuncia *distento* e o k, ao revés, *produto ricto*” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 148).

Mostrando a radiação dessas duas variantes sonoras, *c* e *k*, cuja penetração alcançou também a camada culta da população, dirá que ela ocorreu “só pelo 2º e 3º séc. d. C.”, e que “a pronúncia sibilada entrou [assim] nas classes cultas: na boca do vulgo, porém, já ela existia há muito tempo” (*idem, ibidem*). Igualmente, esses mesmos gramáticos, acima citados, testemunharam as “diferenças de timbre”. Diz Silva Neto que “Terenciano Mauro, no fim do século II, distingue ð de ò, **Mário Vitorino**, dois séculos depois, reconhece a oposição ě / ē” (*idem, ibidem*, p. 155).

Ainda de **Mário Vitorino**, Silva Neto após este outro trecho em que discute a mudança de *d* por *l*:

Atente-se para a documentação dos gramáticos. Diz Mário Vitorino: ‘Gn. Pompeius Magnus ut dicebat et scribebat *kadamitatem* pro *calamitate*’. (KEIL, V. 1874, pg. 8). Adeante corrobora: “Et *linguam* per I potius quam per d, et *praesidium* per d potius quam per l”, (pág. 9). E por fim diz mais: “Novensiles sive per I sive per d scribendum. Communionem enim habuit I littera cum d apud antiquos, ut *dinguam* et *linguam* et *dacrimis* et *lacrimis*, et *kapitodium* et *kapitolium* et *sella* a *sede* et *olere* ab *odore*”, (pg. 26) (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 242).⁶¹

Fassina (2007), a propósito da análise que fez de um passo de *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha (c.560-636), comparou-o com esse primeiro trecho de **Mário Vitorino**, conforme vimos, referido por Silva Neto:

⁶⁰ Esclarece Pizano (2010, p. 18) que “Terenciano Mauro viveu no século II d.C, portanto, posterior aos chamados séculos de Ouro e de Prata das criações literárias latinas, situados, em linhas gerais, entre o século I a. C e o primeiro século da Era Cristã”.

⁶¹ Os referidos excertos aparecem em Desbordes (1995 [1990]) com a seguinte proposta de tradução: “O grande Pompeu escrevia e dizia *kadamitas* em lugar de *calamitas*”.

Isid. *orig.* I 27, 14 ‘L’ autem litteram interdum pro ‘D’ littera utimur, ut ‘latum’ pro ‘datum’ et ‘calamitatem’; a cadendo enim nomen sumpsit calamitas.

Mar. Victorin. 4,4 p. 71 M (*GL VI* 8, 15) Cn. Pompeius Magnus et scribebat et dicebat ‘kadamitatem’ pro calamitate’.

(FASSINA, 2007, p. 58).

E chegou à seguinte conclusão:

Para nos limitar a algum exemplo significativo, parece derivar da *Arte de Gramática* de Mario Vitorino parte da discussão sobre a correspondência entre a letra *D* e a letra *L* no capítulo de ortografia [de Isidoro de Sevilha], porque Vittorino, de fato, parece ser o único autor a preservar a memória da pronúncia *kadamitatem* de Gn. Pompei (FASSINA, 2007, p. 58).⁶²

Isso quer dizer que as observações de **Mário Vitorino** refletiam de tal modo significativo as variantes latinas utilizadas naquele período, que Isidoro de Sevilha não tendo outra fonte, senão esta, recorreu a ela para exemplificar com fidedignidade a pronúncia do vocábulo ilustrado, aparentemente a única disponível neste sentido.

2.1.2.5. Festo, Sérvio e Pompeio

O gramático **Festo**, no que lhe diz respeito, é citado na sequência da referência anterior, para demonstrar a mudança de *fidium* por *filio*. Sobre ele Silva Neto diz que “Festo, por sua vez, esclarece-nos: ‘Ac *fidium* pro *filio* quod saepe ante pro *l* litera *d* utebantur’ (ed. Lindsay, pg. 133) Ainda sustentava que: ‘*Impelimenta, impedimenta dicebant*’ (pg. 180 de edição de Amsterdão, 1699)” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 243).

Informa ainda que foi **Festo** quem documentou uma das formas para o vocábulo *ouro* encontrada no Appendix probi:

83) *Auris non Orīcla*. Ao latim de Roma *auris* correspondia a divergente dialetal *oris*, donde o diminutivo *orīcula*.

⁶² Tradução de: “Per limitarci a qualche esempio significativo, [Isidoro di Siviglia] sembra dipendere dall’*Ars grammatica* di Mario Vittorino parte della discussione sulla corrispondenza tra la lettera *D* e la lettera *L* nel capitolo de orthographia poichè Vittorino infatti sembra essere il solo autore a serbare memoria della pronuncia *kadamitatem* di Gn. Pompeo, che Isidoro ricorda al paragrafo 14” (FASSINA, 2007, p. 58).

FESTO documenta-a: “*Orata genus piscis a colore auri dicta, quod rustici orum dicebant ut aurículas, orícūlas*”. (ed. Lindsay, pgs. 197 e 196). (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 193).

Explicando outra, das muitas formas apresentadas no *Appendix Probi* – “(79) *Dīgītus non Dicītus*” –, Silva Neto diz que “a princípio só existia o *c*. Depois é que se criou o *g*. Daí ser usado, às vezes, ao envés do segundo”. Referendava que havia sido o gramático “**Festo**, *De uerborum significatione*, [quem] atestava o fato” da variação entre as formas *c* e *g*: “*c enim pro g frequenter ponebant antiqui*” (FESTO *apud* SILVA NETO, 1946 [1938], p. 188).

Além de que foi **Festo** quem “conservou-nos a variante *cōuum*, correspondente à romana *cauum*”. Esse dado também é pertinente para a tese aqui defendida, porque, segundo Silva Neto, “o port. *côvo*, o esp. *cueva*, o antigo bearnês *cobe* ascendem à variante dialetal que, como se vê, era corrente no sermo cotidianus hispânico” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 51); isto é, era comum na *variante conversacional* usada naquela região do império.

Sobre o gramático **Sérvio**, Silva Neto, em *História da Língua Portuguesa*, chama a atenção para o fato de que “Sérvio comentando as *Geórgicas*, acentua a diferença entre *latine* e *vulgo* ‘*Latine asílus, vulgo tabanus vocatur*’” (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 81). Também recorre às mesmas informações do gramático ao abordar a difícil relação entre a língua falada e a língua escrita – nesse caso específico sobre o latim –, dizia que não havia textos escritos em latim corrente, uma vez que a língua escrita – conforme entendia – é um instrumento que se adquire penosamente, é uma técnica que exige aperfeiçoamento de uma vida inteira. Nesse contexto reflexivo, o filólogo carioca citava em nota o gramático latino Sérvio nos seguintes termos:

Se não há minuciosas descrições das complexas variedades da língua falada, como sei que uma forma é *vulgar*? Pela ambivalência estilística, pelo “tom” da linguagem em que aparece; ou melhor, exatamente pelo *contraste*, por não aparecer no elevado modo de exprimir criado pela tradição e pela técnica literária. É preciso ter sempre na mente que a língua falada se caracteriza por: *afetividade, amor ao concreto, expressividade* (vj. as *Fontes*, pág. 167). Isso, deixando de parte as informações dos gramáticos (por ex.: “Latine *asílus*, vulgo *tabanus* vocatur” ensina Sérvio, in Georg. 3, 147) e a possível confirmação, a *posteriori*, pelas línguas românicas (SILVA NETO, 1986 [1957], p. 110, n. 3).

Embora Silva Neto redirecione o leitor para compulsar as *Fontes do Latim Vulgar*: o appendix probi, por ele editado e comentado, verdadeiramente, obra em que melhor abordou a assunto, não deixa de comentar as “técnicas” em que seria possível distinguir a variante padrão da não padrão em uma língua qualquer, e neste caso, a da latina: que seria reconhecível, segundo ele, “pelo tom”, “pelo contraste”. A referência de Silva Neto a **Sérvio**, que traz o comentário a respeito da variante latina, é fundamental nesse contexto da citação da *História da Língua Portuguesa*, porque servia como testemunho da variação linguística registrada em um *instrumento* como a gramática.

Registrando a evolução de *c* e *t* antes de hiato latino, Silva Neto apresenta o testemunho conservador do gramático **Pompeio** em relação a este fenômeno, afirmando que “Pompeio, gramático latino de séc. V d. c., ainda pretendia remar contra a maré”. O trecho referido trata-se do seguinte:

Iotacismi sunt, qui fiunt per i litteram, siqui ita dicat, *titius* [titsius?], pro eo quod est *titus*, *Auentis* [Auentisius?] pro eo quod est *Auentius*, *Amantius* [Amantsius?] pro eo quod est Amantius. Quo modo ergo hoc fit uitium? Definiamus illud, et uidebimus postea, quo modo cauere debemus. Fit hoc uitium quotiens post *ti* uel dissyllabam sequitur uocalis, si non sibilus sit. Quotiens cumque enim post *ti* uel di illud *ti* uel di in sibilum uertendum est. Non debemus dicere ita, quem ad modum scribitur *Titius*, media illa syllaba mutatum in sibilum (Keil, *Grammatici Latini*, V, pág. 286 apud SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 217).⁶³

⁶³ Quando necessário, as citações de Silva Neto de originais em latim serão traduzidas em nota: “Rotacismos são fenômenos produzidos pela letra *i*, por assim dizer, *titius* [titsius?], pelo o que é realmente *Auentius*, *Amantius* [Amantsius?] pelo o que de fato é Amantius. Então, como este erro é cometido? Defini-lo-emos, e veremos mais adiante, como devemos tomar cuidado para evita-lo. Este erro é cometido ao colocarmos *ti* ou vogal dissílaba seguida de vogais, quando esta não é o som de uma. Não devemos dizê-lo, não em todos, como está escrito *Titius*, em que a sílaba do meio foi alterada, em sibilante”.

Ao dizer que Pompeio “ainda pretendia remar contra a maré”, Silva Neto demonstra ter a clara ideia de que a despeito da força da norma gramatical e da atuação dos “grammaticus” – para usarmos uma expressão empregada por ele – a língua seguia um curso de mudança pela força do uso.

2.1.2.6. Prisciano

Ao fazer referência à *fala vulgar* dos Romanos, Silva Neto (FLV 1946 [1938], p. 246) traz o testemunho de **Prisciano**, afirmando que “o gramático Prisciano verberava: ‘*Sifilare, quod nos, vilitatem verbi evitantes, sibilare dicimus.*’ (De *Compendiosa Doctrina*, pg. 619 da ed. Quicherat)”. Prisciano,

originário da Mauritânia, segundo a opinião comum, era cristão, provavelmente expulso de sua terra natal, África, no último quartel do século V, em razão da instabilidade causada pela ocupação dos vândalos. Prisciano teve como mestre, em Constantinopla, o gramático Teoctisto [que viveu por volta do ano 500], pelo contrário, pouco conhecido, antes de assumir a uma das dez cadeiras de Gramática Latina, fundada por Teodósio II (BARATIN et alli, 2010, p. 09).⁶⁴

Ainda de **Prisciano**, Silva Neto apresentou os seguintes excertos acerca das trocas que os latinos faziam entre *u* e *o*:

São de Prisciano estes dizeres: “multa praetera vestustissimi etiam in principalibus mutabant syllabis, *gungrum* pro gon-, proferentes,”... *funt*es pro fontes, *frundes* pro frondes... quae tamen a junioribus repudiata sunt quae rústico more dicta” (SILVA NETO, HLV 2004 [1957], p. 152)⁶⁵.

A seu modo, e em contexto analítico bem *característico*, **Prisciano** falou especificamente de variação. Baratin (1984), em artigo sobre *a gramaticalidade e a inteligibilidade em Prisciano*, afirma que *o que* Prisciano chama de *variação* é a modificação em singular-plural de algumas formas consideradas até contraditórias pela configuração dos seus constituintes:

⁶⁴ Tradução de: “Originaire de Maurétanie, selon l’opinion commune, Chrétien, sans doute chassé de son Afrique natale dans le dernier quart du Ve siècle en raison des troubles causes par l’occupation vandale, Priscian a eu pour maître à Constantinople le grammairien Théoctiste, par ailleurs mal connu, avant d’occuper l’une des dix chaires de Grammaire latine fondées par Théodose II”.

⁶⁵ SILVA NETO, Serafim da. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2004 [1ª ed. 1957].

Para Prisciano, com efeito, se esta ocasião da construção em si mesma revela o significado dos seus constituintes, é possível considerar que a significação seja revelada pela construção ou até mesmo seja contraditória pela forma dos constituintes. Por exemplo, na fórmula de Virgílio *Pare in frusta secant* (uma parte deles cortados em pedaços), a forma *pars* é um nominativo singular, mas a significação de *pars*, tal como a revela a construção desse nominativo com o verbo *secant* no plural, é um significado plural. Este é o princípio que Prisciano chama de *variação*, aqui variação singular-plural (BARATIN, 1984, p. 158).⁶⁶

Prisciano também é citado como registro da variação – “transmutação esporádica” nos termos do filólogo – “de *d* oriundo de *z*”: “Temos aqui uma transmutação esporádica: *d* oriundo de *z*. Entretanto, em Prisciano, deparou-se-me a seguinte abonação: ‘Antiquissimi quoque Medentius dicebat pro Mezencius’ (cf. KEIL, Gramm. Latini, II, 1854, pg. 24)” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 150).

Para ilustrar o uso de “U em vez de ō” latino, demonstrando também aspectos da variação dessas vogais, Silva Neto (FLV 1946 [1938], p. 72) faz referência, além de Prisciano, a Carísio e Vélio Longo, respectivamente, nos seguintes termos: “são de **Prisciano** estes dizeres ‘multa praeterea vetustissimi etiam in principalibus mutabant syllabis, *gungrum* pro gon- proferentes... *funtres* pro fontes, *frundes* pro frondes... quae tamen a junioribus repudiata sunt quasi rustico more dicta.’ (KEIL, 2, 26 25)”.⁶⁷

⁶⁶ Tradução de: “Pour Priscien en effet, si c’est à l’occasion la construction elle-même qui révèle la signification de ses constituants, il est possible d’envisager que la signification révélée par la construction soit même contradictoire par rapport à la forme des constituants. Par exemple, dans la formule de Virgile *Pare in frusta secant* (une partie d’entre eux les découpent en morceaux), la forme *pars* est au nominatif singulier mais la signification de *pars*, telle que la révèle la construction de ce nominatif avec le verbe au pluriel *secant*, est une signification plurielle. C’est le principe que Priscien appelle la *variation*, ici variation singulier-pluriel” (BARATIN, 1984, p. 158).

⁶⁷ Tradução: “além disso, mesmo os mais idosos, mudaram as principais sílabas de *gungrum* para –gon, proferindo *funtres* por fontes, *frundes* por frondes..., no entanto, são iguais aos mais jovens repudiados pela maneira grosseira de se colocar...”.

2.1.2.7. Carísio, Vélio Longo e Diomedes

O autor afirma que “a lição é confirmada por **Carísio** (KEIL, I, 130, 29) e por **Vélio Longo** (id., VII, 49, 16)”, acrescentando a informação de que o último, Vélio Longo, escreveu o seguinte: “in multis etiam nominibus varie sunt scripturae, ut *fontes funtes, frondes frundes*” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 72).⁶⁸

Em relação a uma pronúncia popular, que em termo moderno chamaríamos variação diastrática, Silva Neto afirma que ela é atestada por **Vélio Longo**: “O gramático Vélio Longo (fins do I e princípio do II séc. d. C.) atesta a pronúncia popular *dossum*, com assimilação do grupo *rs*: ‘sic et *dossum* per duo *s* quam per *r dorsum* quidam ut leuis enuntiaverunt.’ (Keil, *Grammatici Latini* VII, pág. 79)” (SILVA NETO, HLV 2004 [1957], p. 206).

Quanto ao processo de “assimilação nos grupos *nd* e *mb*”, o filólogo apresenta o importante testemunho de **Diomedes**, em relação à variação temporal. Sobre isso, diz ele: “advertia o gramático Diomedes: ‘*grunnit* porcus dicimus; ueteres *grundire* dicebant’ (vj. KEIL, I, pg. 383)” (op. cit., p. 78).⁶⁹

Analisando os fenômenos de redução na língua latina, o autor observou o mesmo fenômeno na língua portuguesa popular, independentemente de qual variante se tratasse, se do lado de cá ou de lá do Atlântico, afirmando mesmo que: “em português pop[ular], tanto em Portugal como no Brasil, há [a forma] *tamém* (também). No dialeto extremenho deparam-se-nos formas como *imora* (embora) e *Imurósio* (*Ambrósio*)” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 79, n. 79).

Embora também reconhecesse largamente que “a língua portuguesa, [tivesse] agora, duas pátrias: Portugal e Brasil. Lá [ref. a Portugal] como vimos, há variantes

⁶⁸ Tradução: “em muitos casos, até mesmo os nomes são escritos de várias maneiras, de modo que para *fontes* [escrevem] *funtes*, para *frondes*, *frundes*”.

⁶⁹ Tradução: “dizemos *grunnit* [grunhido] de porcos; os antigos diziam *grundire*”.

dialetais, aqui, também poderemos assinalar variedades” (SILVA NETO, GED 1957, p. 22).⁷⁰ Isso para dizer que suas ideias sobre os fenômenos da variação estão presentes nos estudos sobre a língua latina, como também estão largamente apontados, em paralelo, na língua portuguesa.

Silva Neto não deixa de apontar as limitações desse método, conquanto ressalte a importância dos testemunhos desses gramáticos latinos para a constituição das fontes do que seria o *sermo usualis* da língua latina ou o “latim corrente”, na metalinguagem própria utilizada por ele. Isto porque – segundo bem observa – “os gramáticos latinos, em vez de observá-lo e cuidadosamente estudá-lo [o *sermo usualis*], perseguiram-no com ódio implacável” (SILVA NETO FLV, 1946 [1938], p. 83).

2.1.2.7.1. Aulo Gélcio

Mas também reconhecia o fato de que **Aulo Gélcio**, em *Noites Áticas*, havia feito referência ao livro de **T. Lavinius**. *De verbis sordidis*, “obra que, sem dúvida, seria de inestimável valor para a pesquisa do latim popular”, caso não houvesse sido lamentavelmente perdido (cf. SILVA NETO, op. cit. p. 83, n. 83).

2.1.2.8. Probo e Consêncio

Por último, adicionemos este exemplo de *ultracorreção* (hipercorreção) colhido de **Probo** por Silva Neto, em que diz: “31) Eis-nos de novo diante de uma evolução estranha [por ultracorreção] [...]. O gramático Probo ensinava ‘quaeritur qua de causa hic sobrius et non hi sober dicatur’” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 166). **Probo** (IV séc. d. C.), aliás, é, segundo Silva Neto, o gramático que “maior número de informações presta-nos”, dessa língua falada, corrente e popular (SILVA NETO, HLV 2004 [1957], p. 217).

⁷⁰ SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957 [1955].

Podemos afirmar com segurança que os exemplos acima referidos, verdadeiramente, são testemunhos de variação aproveitados pelo filólogo brasileiro para registrar o *fenômeno da variação e da mudança na língua latina*, porque ele também tinha a clara noção de quando não o eram, conforme demonstra no seguinte trecho: “Com efeito, **Consêncio** não nos diz, claramente, insofismavelmente, que tal forma era de uso corrente entre o povo. Limita-se a apontá-lo como exemplo de troca de acento” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 160).

Do mesmo modo, ao tratar das limitações apresentadas pela metodologia, Silva Neto procura colher dados linguísticos, e também (sócio) linguísticos a partir das obras gramaticais e as limitações desses dados. Asseverava Silva Neto:

Outrossim, se raras observações faziam, não são elas muito completas, pois eles não nos informam em que lugar tal ou qual forma se usava, nem a que classe social se circunscrevia” (SILVA NETO, HLV 2004 [1957], p. 99).

Ademais, a ação do gramático que acaba por registrar, ainda que indiretamente, as diferentes variantes de uma determinada língua a partir do comentário normativo que faz das formas divergentes, leva-nos a garantir a forte convicção de Serafim sobre o embasamento teórico assumido, qual seja, o de que a variação social, a variação situacional, e mesmo as diferentes modalidades – escrita e falada – são determinantes para a variação linguística que, por sua vez, leva à mudança, até porque o próprio autor o enuncia alhures, quando diz: “*a língua popular evoluciona com muito mais rapidez do que a literária, devendo ainda notar-se que a língua falada difere com as camadas sociais e os lugares em que está em uso*” (SILVA NETO, IEPF 1956, p. 36, grifamos).⁷¹

⁷¹ SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956; com 2ª edição ampliada e revista por Evanildo Bechara e Joram Pinto de Lima. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

Com esse comentário, Silva Neto (1956) não apenas nos apresenta seu conceito sobre o aspecto conservador da modalidade escrita da língua, em oposição ao dinamismo da falada, como também nos expõe sua concepção acerca da diversidade linguística da língua falada, em virtude das diferenças sociais e geográficas, que em tudo é igual à concepção sociolinguística contemporânea.

Corroborando essa ideia, cita-se a já referida pesquisadora francesa Françoise Desbordes (1995 [1990]), que, trabalhando com a *concepção sobre a escrita na Roma Antiga*, chegou à conclusão de que “essa maneira de considerar as relações entre escrito e oral” está na origem da nossa atual “fonética histórica” e é o que a torna possível. A ideia é concluída da seguinte forma:

Onde quer que um testemunho, uma prova contrária não possam ser trazidos, o mais simples é considerar as variantes gráficas como variantes linguísticas. É sempre o credo da filologia latina, e era para os próprios latinos uma ocasião para observar que a língua, como tudo neste mundo, transforma-se (DESBORDES, 1995 [1990], p. 231).

E o que é mais importante para os nossos propósitos é que o autor divisava, já nos estudos sobre o latim, essa heterogeneidade, porque, conforme dizia, “no latim, como em toda língua de povos civilizados, podemos distinguir vários matizes” (Idem, ibidem). Isso quer dizer que a construção de uma teoria da variação pelo autor encontra sua gênese nos estudos que realizou sobre o *latim vulgar*; foi ampliada – conforme se verá – devido a sua atuação nas lides filológicas, em edições de textos medievais, e mais tarde, refinada no trabalho com os problemas acerca do Português do Brasil, que, com seu pensamento crítico, soube enfrentar.

Mas, talvez, o que venha a ser ainda mais proveitoso para nosso argumento, seja o excerto seguinte, que sintetiza bem a ideia segundo a qual as línguas variam, ou, de que “é próprio das línguas a *oposição unidade na diversidade e diversidade na unidade*” (SILVA

NETO, HLP 1986 [1957], p. 121, grifo do autor). Embora o exemplo em causa, se refira especificamente ao latim, não se pode afirmar que ele não seja bem aplicado às línguas em geral. Diz o autor:

Não se pode pôr em dúvida que, bem apurados os fatos, só houve um latim, que, em todos os lugares e em todos os tempos, serviu de meio de expressão a todos os cidadãos romanos e, por causa disso, foi tão ricamente diferenciado como os milhares de indivíduos que dele se serviam. As diferenças, pois, encontram-se nas pessoas que o falavam, gente variadíssima que, no espaço e no tempo, se caracterizava por preferências constantes. Essa *constância de preferências* no uso da língua era, precisamente, uma das características de cada grupo (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 109, grifo do autor).

Esta citação deixa claro que, na concepção de Silva Neto, uma das manifestações mais importantes da identidade coletiva é a língua. Neste caso, segundo o autor, falar a mesma língua não significa, necessariamente, falar a mesma variedade dela, uma vez que, em sua diversidade, a língua se estabelece não só entre os mais diversos grupos sociais, o que, aliás, na concepção do filólogo, já seria um fator preponderante para a diferenciação linguística, como também ela se acomoda entre os mais diversos indivíduos, quer seja no espaço, quer seja no tempo. Neste caso, mesmo diante de quadro tão variado, a língua não mudaria a ponto de ser percebida como outra por seus falantes. O autor esquematizou as variantes latinas do seguinte modo:

(Q. 2) Quadro representativo das principais variantes latinas, segundo SSN)

<i>lingua latina</i> (material lingüístico usado pela população da Româ- nia para assegurar a com- preensão)	<i>corrente</i> (sermo usualis, cottidianus)	{ sermo familiaris sermo vulgaris, popularis ou plebeius sermo castrensis, nauticus, etc.
	<i>regional</i> (peregrinitas)	{ sermo hispaniensis sermo gallicus sermo africanus sermo italicus, etc.

(SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 109).

Enfim, à medida que lemos e conhecemos as particularidades da obra desse importante autor, os exemplos a respeito da variabilidade linguística, explicada à luz do embasamento social, avolumam-se. De modo que, a forte convicção de Serafim da Silva Neto de que a língua não podia ser estudada separadamente de sua estrutura social é comprovada, já em *Fontes do Latim Vulgar: o appendix probi* (1946 [1938]), quando o autor, baseando-se em uma divisão de Leite de Vasconcelos a respeito do âmbito da Filologia, dirá que poderíamos resumir o âmbito da Filologia em “I – História da língua [gramática histórica, antroponímia, toponímia, métrica, *estrutura sociológica da língua*, etc.]” (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 260, grifamos).

Silva Neto era da opinião – aliás, fundamentada em H. Schuchardt –, segundo a qual “os neogramáticos, nessa questão de *leis* [fonéticas], eram incoerentes, pois a equiparavam às ciências naturais”, embora não deixasse de reconhecer que os mesmos neogramáticos “proclamassem o caráter social da linguagem” (op. cit., p. 262).

Todos os excertos acima reproduzidos, dos quais, conforme ilustramos, Serafim da Silva Neto procurou abeberar-se com a intenção de documentar e comprovar a *dialetação* ou a *variação* desse *latim corrente* ao longo dos tempos, mostram que “a história da gramática latina não termina, evidentemente, com os gramáticos latinos” (AUROUX, 1992, p. 62), pois, como sabemos, em um certo sentido, ela ainda sobrevive nas diversas formas das atuais línguas românicas, incluindo a portuguesa, porque, segundo entendia o filólogo, “as línguas neolatinas são fases atuais do latim” (SILVA NETO, IEPF 1956, p. 65).

Cabe ainda ressaltar que o conhecimento acerca das gramáticas latinas antigas, ou, para sermos mais precisos, das gramáticas latinas pertencentes à antiguidade tardia,

concorreu para o estabelecimento do que temos denominado de conceitos *linguísticos variacionistas*, encontrados no conjunto da obra do autor.

Por fim, registre-se que o conhecimento de Serafim da Silva Neto acerca da doutrina gramatical latina não se restringiu, tão-somente, à dialeção e aos fatos da variação linguística, que ficaram conhecidas como sendo o *latim vulgar*, denominação, aliás, refutada por ele que preferia o emprego da noção de *latim comum*. O filólogo também tomou referências a Donato e a Varrão para desenvolver um estudo linguístico sobre as onomatopeias.⁷² De Donato, adotou a definição do fenômeno: “Já a definia o velho gramático latino: ‘Onomatopeia est nomen de sono factum, ut tinnitus aeris, clangor tubarum’ (vj. Keil, IV, pág. 450)”.⁷³ De Varrão, um exemplo ilustrativo. Afirmava que “Varrão já dizia que as aves tomavam os nomes do seu próprio canto [...] (cf. *De lingua latina*, V, 75)” (SILVA NETO, LCC 1960, p. 229).

Passemos à análise das referências que Silva Neto fez aos escritores latinos da Antiguidade Tardia.

2.1.3. A referência a outros escritores latinos antigos

A referência aos escritores latinos antigos que, de certo modo, registraram algum aspecto variante do latim, é encontrada quando Silva Neto (IEFP, 1956) menciona os textos de São Jerônimo, na tradução bíblica latina chamada Vulgata, e nos escritos teológicos de Santo Agostinho, e em alguns de Tertuliano, conforme demonstraremos um pouco mais adiante. Mas também na junção dos testemunhos tantos dos gramáticos quanto desses antigos escritores cristãos, conforme se nota no trecho a seguir.

⁷² Ver. “Notas sobre as Onomatopeias” In. SILVA NETO, Serafim da. *Língua, Cultura e Civilização*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960, p. 229-246. Segundo o autor, artigo publicado por volta de 1936. Aproveitado na 1ª edição das *Fontes do Latim vulgar*.

⁷³ Tradução: “Onomatopeia é o nome de um som produzido, tal como o zumbido do ar e o soar das trombetas”.

Será necessário desvendar as fases primitivas não só no romance como também nas línguas românicas de per si.

Em compensação, num caso podemos dizer seguramente que o influxo foi grande. Foi no acento, isto é, na entonação, no sotaque. Já Aulo Gélíio e Isidoro (*Origines*, XXXI, I) (VI, 2) São Jerônimo (*Epist.* LXVI) atestaram que a pronúncia latina sofria, na boca dos Bárbaros, tratos de polé (SILVA NETO, IEFP 1956, p. 55).

Na passagem em questão, a respeito dos *substratos* e *superstratos linguísticos*, Silva Neto discutia a dificuldade metodológica que todo estudioso de história de línguas românicas encontrava na precisão de dados e datas acerca de elementos linguísticos que fossem românicos e pré-românicos, e que contribuíssem na formação das referidas línguas, afirmando que até aquele período os estudiosos “nada, ou quase nada” sabiam das línguas pré-românicas, e de que “o próprio *latim vulgar* não esta[va] inteiramente desvendado” (op. cit., p. 55).

A discussão do filólogo continuava no sentido de assegurar com quais elementos, pois, poderiam ser apontados, com absoluta certeza, “se tal ou tal fenômeno é românico ou pré-românico?” Como poderíamos hoje, dizia ele, “desamalgamar dois elementos tão intimamente ligados?” Para Silva Neto, a questão em parte estava respondida. No seu modo de ver, se a interpenetração dos elementos pré-romanos nos elementos propriamente romanos foi muito forte na primeira fase da história do contato entre esses idiomas, conforme parecia indiscutível, seguindo os argumentos dos principais romanistas, ela foi-se aos poucos depurando e foi lentamente sendo absorvida na *língua comum*, na *língua geral*. “Daí a dificuldade em apontá-la agora”, conforme reconhecia o filólogo. Nota-se que a explicação está repleta de argumentos de ordem cultural e social.

Cultural porque a *interpenetração* é devida à ação do *substrato*, ou, à do *superstrato*; como se sabe, fenômenos que, respectivamente, designam atitudes de *manutenção* ou *abandono* de um grupo por sua própria língua, em face da língua de outro.

Social porque a *absorção* se dava sempre em um contexto de influência gregária. Foi o que defendeu o filólogo ao dizer que “trata-se em ambos os casos [*superstrato* e *substrato*] de *línguas preteridas*: a diferença é apenas político-social” (SILVA NETO, IEFEP 1956, p. 46, nota*).

Alicerçado em Schuchardt, Silva Neto (1956) não deixará dúvidas de que entendia o fenômeno mais do ponto de vista social do que linguístico ou fisiológico. Nesse sentido, disse: “Já Schuchardt asseverou que onde há interpenetração de línguas esta [...] decorre de um outro fator: a causa é sempre de essência *social* e não *fisiológica*” (SILVA NETO IEFEP, 1956, p. 49, grifos do autor).

Há também um conjunto de estudos denominado *latim dos cristãos*, bem como certas particularidades da obra de Santo Agostinho que se fazem presentes na construção teórica de Serafim da Silva Neto, a respeito dos fatores sociais que incidem sobre as características linguísticas. Vejamo-los.

2.1.3. A importância do estudo do “latim dos cristãos” e da obra de Santo Agostinho para o estudo da variação linguística, segundo Silva Neto

Nos estudos que dedicou à história da língua portuguesa, Serafim da Silva Neto julgou ser muito importante o estudo do chamado “latim dos cristãos”.⁷⁴ Segundo entendemos, a abordagem histórica que o autor faz dos estudos sobre o latim, seja do clássico, seja do dito vulgar, é, no plano orgânico de sua obra, parte da “evolução” desse latim em curso no espaço e no tempo; uma vez que, para ele, a língua portuguesa era a língua latina modificada no tempo e no espaço.

⁷⁴ “O Latim dos Cristãos”, aliás, é o título de um dos capítulos de *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa*. 2ª ed. ampliada e revista. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. O responsável pela 2ª edição, o filólogo, linguista e gramático Evanildo Bechara, acrescentou este breve capítulo que não existia na 1ª ed. de 1956. De acordo com Bechara, em prefácio à obra, “aparece esta 2ª edição ampliada e revista, pelo que podemos colher na História da Língua Portuguesa, para corrigir dados, ampliar lições e enriquecer a antiga edição, com novas páginas, mas tudo saído da pena do mestre” (BECHARA, 1976, Prefácio, p. [7]). Na verdade, esse trecho aditado por Bechara figura da página 131 a início da página 135, da *História da Língua Portuguesa*. Citamos pela 4ª edição da *História*, que é de 1986. Segundo Auerbach (2012, p. 65), é a Joseph Schrijnen a quem devemos o conceito de *latim cristão*.

Desse modo, especificamente em relação à variação da língua latina, de acordo com Silva Neto (1986 [1957], p. 133), “como é natural, o latim dos cristãos era fortemente influenciado pelas antigas versões da Bíblia, anteriores a São Jerônimo, elaboradas por gente semi-instruída, com poucas preocupações gramaticais e nenhuma estilísticas”; além do mais, ainda conforme entendia o filólogo, o *condicionamento social* havia sido determinante na evolução desse latim falado pelos cristãos, entendidos, nesse período como um grupo diferenciado:

Lidos do púlpito e memorados nos serões domésticos, esses textos influiriam profundamente na linguagem de todos os dias. *Uma circunstância de ordem social*, deduzida do novo credo, contribuía para aproximar do povo os escritores cristãos. É que, empenhados na redenção dos humildes, não podiam desprezar-lhes a linguagem, não podiam compartilhar do *odi profanum vulgus* dos pagãos. É natural, pois, que procurassem, nos seus escritos, aproximar-se do povo, usando linguagem acessível aos pequeninos. Por isso o Cristianismo, do ponto de vista linguístico-literário, representou uma democratização. A língua dos padres da Igreja pode ser definida, com Löfstedt, como mescla de retórica, reminiscências poéticas e vulgarismos (SILVA NETO, id. ibid., p. 133, grifo nosso).

Silva Neto argumenta no sentido de que o latim dos cristãos procurava reproduzir na escrita a variante falada daquela língua. O que certamente ia contra o rigor gramatical da variante escrita. Nesse sentido, o que, sob certo aspecto, caracterizava a literatura cristã, era o “afrouxamento no rigor da disciplina gramatical, uma meia tolerância com certos giros da linguagem, já não direi popular, mas falada”, com os quais os padres da Igreja, principalmente Santo Agostinho, mantinham a pregação do Evangelho em linguagem viva e bastante próxima ao povo. Segundo Silva Neto (op. cit.), “com isso se caminhou, realmente, para uma expressão mais livre, sobretudo, de certas proibições gramaticais que limitavam a língua escrita” (p. 134). Essas situações favoreciam de tal modo à variação linguística, que Silva Neto asseverava a seguinte opinião a respeito da contribuição linguística agostiniana:

Isso quer dizer, em última análise, que se ampliou a liberdade da escolha. Santo Agostinho, justificando-se de usar *fenerant* (por *feneratur*), diz com vigor: “Melius in barbarismo nostro vos intelligitis, quam in nostra disertitudine vos deserti eritis. Melius ut reprehendant nos grammatici quam non intelligent populi”⁷⁵ (in P. L., de Migne, XXXVII) (SILVA NETO, 1986 [1957], p. 134).

A referência à variação linguística em Agostinho é constante, como por exemplo, nos seguintes trechos: “É ainda o grande bispo de Hipona quem transinge com a forma vulgar *floriet* (por *florebit*), temeroso de que fosse impossível extirpá-la do canto religioso”; ou ainda, de que “o grande escritor [Sto. Agostinho] caminhou progressivamente no sentido da expressão ‘popular’, pois nos primeiros escritos – anteriores à conversão – usa, apenas, depois dos verbos com o significado de ‘dizer’ e ‘pensar’, proposições infinitivas” (idem, ibidem). Contudo, nas obras posteriores, segundo Silva Neto, Agostinho “abandonou o rigor gramatical e multiplicou exemplos de orações do tipo de *dico quod, dico quoniam, dico quia*” (idem ibidem), como se sabe, características da linguagem popular.

Lembra ainda Silva Neto que o próprio “Agostinho, decerto lembrando-se dos seus começos, pois fora *grammaticus*, ensinava: ‘quod vulgo dicitur *ossum*, latine os dicitur’. In Psalm, 138, 20)” (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 81). Nesse mesmo sentido, o filólogo explicou que, mais do que a importância geográfica, devia-se levar em consideração áreas históricas e demograficamente relacionadas, e nesse caso, o latim africano estava incluso. O ponto em questão era a “harmonização entre *e* e *o* abertos (ê e ô) e as vogais finais *-i* e *-u*”, que ocorria no sul da Itália e na Sardenha, de um lado, no noroeste ibérico, de outro. Aqui, traz novamente o testemunho de eminente Pai da Igreja:

⁷⁵ Tradução: “É preferível que nos entendam em nosso barbarismo, do que sendo nós eloquentes andem errantes pelo deserto. É preferível ser criticado pelos gramáticos, mas ser entendido pelo povo”.

Santo Agostinho nos dá a entender, num comentário, que o povo não fazia distinção entre *ōssum* (pronunciado, com metafonía, *ossu*) e *os*: “... cur pietatis docotorem pigieat imperitis loquentem “*ossu*” potius quam “*os*” dicere, ne ista syllabas non ab eo quod sunt “*ossa*”, sed ab eo quod sunt “*ora*” intelligatur, obi Afrae aures de correptione vocalium uel productione non iudicant” (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], p. 189).

Quando tratou de uma das formas nominais latinas, advertiu que “o supino desapareceu do uso geral” e havia sido “substituído, desde o séc. I d.C., pelo infinitivo. Já Sto. Agostinho escreve, muito naturalmente: *cum veneris ad bibere* (Serm. 225, cap. 4)” (idem, ibidem, p. 256).

Auerbach (2012 [1952], p. 15 *et passim*) partilha igualmente da ideia de que os Padres da Igreja, para atingir seus objetivos de alcançar o povo, procuravam expressar-se em “estilo simples, popular, humilde, inculto, a fim de enunciar as verdades eternas da fé e da sabedoria divina”. Em dois ensaios que estão organicamente ligados, *Sacrae scripturae sermo humilis* e *Sermo humilis*⁷⁶, o filólogo alemão discute a questão do estilo em escritores cristãos latinos da Antiguidade tardia, tais como Santo Agostinho, em relação aos escritores latinos pagãos da mesma época, bem como o aproveitamento que desses últimos fizeram os autores humanistas e renascentistas como Dante Alighieri. Auerbach (op. cit.) parte do pressuposto de que “o termo *planus* sempre remeteu à linguagem simples, popular, compreensível a todos, portanto ao mais baixo dos três estilos na escala da teoria clássica” (idem, ibidem.).

Schrijnen (*apud* AUERBACH, 2012, p. 66), por sua vez, é da mesma opinião de que a linguagem popular e seu estilo estão fortemente representados nos sermões dos apologistas da fé cristã. Segundo ele, “onde a alma eleva-se até Deus, quer o faça em latim culto ou popular, não há lugar, na opinião de Santo Agostinho, para a retórica ou para os

⁷⁶ In. AUERBACH, Erich. *Ensaaios de Literatura Ocidental*. Org. Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. Trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

artifícios artísticos, apenas para os ritmos populares da fala humana cotidiana” (grifo nosso).

Ressalta-se que o próprio Schrijnen serviu também de referência a Silva Neto no que diz respeito ao estudo do *latim cristão*, embora o filólogo brasileiro concordasse apenas em parte com ele; porque, para Silva Neto, o que diferenciava o latim dos cristãos dos outros falantes era o fato de que os cristãos davam um “tom de linguagem”, que particularizava o latim que falavam. É claro que o autor trata aqui de questões de ordem social, de sentimento de pertença a um determinado grupo, cuja linguagem reflete tais peculiaridades, que nos dizeres do filólogo é uma espécie de “tom”. Nesse sentido, afirmava Silva Neto o seguinte:

Compreende-se que a vida íntima dos primeiros cristãos, segregados do resto da população tornados sobre si mesmos, as suas aspirações comuns, as suas reuniões, o seu modo de encarar a vida e o mundo – tudo isto devia produzir, se não uma língua à parte, como pretendem os filólogos da escola de Schrijnen, pelo menos um “tom” de linguagem que, identificando-os, os extremasse dos demais (SILVA NETO, IEPF 1976 [1956], p. 48).

Burke (1995, p. 21), por sua vez, avalia o trabalho de Schrijnen, dimensionando-o em um contexto, segundo ele, em que se estudavam “as variedades características da linguagem” que tinha sido com frequência “a marca das minorias religiosas”. Conforme explica esse autor, do ponto de vista do campo de estudo que tem denominado de *história social da linguagem*, “comunidade de fala bastante unida” (“*schuf eine engere Sprachgemeinschaft*”), na expressão de Schrijnen, já é um termo bastante utilizado, porque refere forte solidariedade de um grupo perseguido. De acordo, pois, com Burke (op. cit.),

Em estudo pioneiro, o historiador holandês Josef Schrijnen chamou a atenção para o fato de que os primeiros cristãos, da mesma forma que os advogados, soldados, barqueiros e outros grupos sociais empregavam uma *Sondersprache*, uma variedade de latim que expressava uma solidariedade. Eles cunharam novos termos, tais como *baptizare*, ou usavam termos antigos, como *carnalis*, com um sentido novo, e dessa forma “criaram uma comunidade de fala bastante unida” (“*schuf eine engere Sprachgemeinschaft*”), expressando forte solidariedade de um grupo perseguido (BURKE, 1995, p. 21).

Enfim, a percepção variacionista da língua, neste caso, como um traço social, estava tão presente nos escritores latinos, tais como Santo Agostinho, que Silva Neto cita-os a cada passo para fazer menção à *heterogeneidade linguística*, seja do latim em questão, seja de qualquer outra língua, como a portuguesa, por exemplo.

Passemos a outro aspecto importante, delineado para o desenvolvimento argumentativo deste capítulo: a variação registrada nos textos medievais portugueses.

Lembre-mo-nos ainda de que Serafim da Silva Neto inseriu um trecho da versão então inédita dos sermões de Santo Agostinho no seu estudo *Textos medievais portugueses e seus problemas*, de 1956, conforme adverte Calado (1964). Para isso, confirmam-se as páginas 47-49 e 169-172 (essas últimas não numeradas), do referido *Textos medievais...*, que correspondem à leitura crítica que Silva Neto fez do códice e sua respectiva cópia fac-similada.

2.2. Variação linguística nos textos medievais portugueses, fundos de arquivos e a tese do conservadorismo do PB

Na organização geral desse trabalho, reservamos espaço para a comprovação de que a prática eminentemente filológica de Serafim da Silva Neto, conforme entendemos, também contribuiu para a consolidação de suas ideias sobre variação linguística, neste caso, como um traço temporal. Chamamos de *prática eminentemente filológica* de Silva Neto seu trabalho com a crítica textual, no estabelecimento e na edição de textos medievais portugueses.

Nesta seara filológica, sua militância científica fecunda o possibilitou publicar os seguintes três textos: **1. *A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro***; em 1947, pelas Edições Dois Mundos, dando à estampa em edição fac-similar o único exemplar conhecido de um texto quinhentista de Mestre André de Resende. **2. *Diálogos de São***

Gregório, edição crítica segundo os três manuscritos conhecidos (na época), dois dos quais do século XIV, publicado em 1950 pela editora Atlântida, de Coimbra. 3. Com data de 1958, o autor imprimiu pelo INL o primeiro de quatro volumes da *Bíblia Medieval Portuguesa*, história d'abreviado Testamento Velho, segundo o Mestre das histórias escolásticas, texto apurado por Silva Neto.⁷⁷ Além, é claro, da publicação de *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas* (1956).

E, nesse sentido, o contato do filólogo com diversos manuscritos medievais portugueses foi, conforme entendemos, inevitavelmente, uma de suas fontes sobre o conhecimento da variação linguística temporal portuguesa, que abrange desde o período da constituição do romance na Península Ibérica, a época das invasões bárbaras e posterior fragmentação dialetal românica, até a emergência de uma língua portuguesa arcaica, cujas transformações, isto é, mudanças foram comprovadamente refletidas nos diversos manuscritos medievais estudados por ele.

O contato com estes *corpora* é testemunhado pelo mesmo Silva Neto, que afirmava ser dono de praticamente toda a produção medieval portuguesa. Dizia *praticamente toda* porque, segundo informava o autor, impressionantemente, faltava-lhe apenas um códice para completar a coleção. No *Manual de Filologia Portuguesa*, Silva Neto (1988 [1952]) dá ciência da dimensão volumétrica dessa imensa biblioteca, ao dizer que

a fotografia ocasionou, no estudo dos velhos códices, um progresso inestimável. [...] A nossa coleção de fotocópias engloba quase toda a literatura medieval portuguesa, inclusive os códices que estão fora de

⁷⁷ Sabemos que devido a sua morte prematura, o projeto de Serafim da Silva Neto, que previa a publicação de quatro volumes, “sendo um de Glossário e três de textos”, esses, a saber: “I – Velho Testamento. II – Evangelhos e Epístolas. III – Atos dos Apóstolos” (SILVA NETO, BMP 1958, p. 15-6), não se concretizou; sendo publicado apenas o volume um: *O Velho Testamento*. Um dos trabalhos, que seria a publicação do *Glossário da Bíblia Medieval Portuguesa*, que Silva Neto prometeu “sumarizar e sintetizar o que presentemente se conhece do vocabulário arcaico que será encontrado nessa Bíblia Medieval”, foi realizado em partes por Heitor Megale (1992), que publicou um estudo do Pentateuco da referida edição de Silva Neto.

Portugal; só me falta um, que vi nas mãos do grande paleógrafo A. G. Rocha Madahil (SILVA NETO, MFP 1988 [1952], p. 218, n. 11).

Isso demonstra, em certo aspecto, a importância da tecnologia no desenvolvimento da ciência, que, já em meados do século XX, beneficiava-se da fotografia. Vivemos atualmente um outro grande salto tecnológico com a escanização ou digitalização dos documentos, que podem ser armazenados em discos rígidos, pen-drive ou CD-ROM.

2.2.1. Acerca da variação nos códices

A obra em que encontramos o maior número de observações a respeito da variação em incunábulos, cimélios e códices, a partir de uma atividade, que temos chamado de, eminentemente, filológica de Serafim da Silva Neto, é sem dúvida *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas* (1956), obra didática, destinada “aos estudiosos de língua portuguesa, especialmente, alunos das nossas Faculdades de Filosofia” (SILVA NETO, TMPP 1956, [p. 11], *Introdução*), que abrigavam nossos cursos de Letras da época. Sua publicação justificava-se “pelo fato de não [se] conhecer nada semelhante [à época] e pela evidente necessidade de um livro dêste tipo, que explicasse como se dev[ia] encarar e como se dev[ia] tratar um texto medieval” (idem, ibidem).

O interesse do autor por esse campo da filologia era de tal ordem, que ele acumulou, ao longo dos anos, das viagens e de bastante investimento financeiro, uma biblioteca rara e especializada, conforme testemunho do próprio filólogo acima reproduzido, que passou a ser designada *Biblioteca de Serafim da Silva Neto*⁷⁸ e, posteriormente, *Manuscritos Serafim da Silva Neto*.⁷⁹ De acordo com o autor:

⁷⁸ Designação dada pelo próprio Serafim da Silva Neto na relação bibliográfica de códices medievais, organizada por bibliotecas, apresentada pelo autor como parte integrante dos objetivos didáticos de *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas* (cf. SILVA NETO, 1956, p. 104-105).

⁷⁹ Trata-se do conjunto de documentos, composto do *Livro das Aves*, dos *Diálogos de São Gregório* e do *Flos Sanctorum*. Segundo Machado Filho (2004, p. 13), são assim “chamados Manuscritos Serafim da Silva Neto, porque pertenceram ao grande filólogo-linguista brasileiro e, depois da sua morte, foram comprados

a extraordinária importância desses códices é que eles são dos mais antigos que se conhecem; na insuspeita e competente avaliação do grande paleógrafo Pedro d'Azevedo ascendem ao séc. XVI, cronologia que o estudo da linguagem confirma plenamente (SILVA NETO, TMPP 1956, p. 106).

Entretanto, na edição que preparou para *Bíblia Medieval Portuguesa* (1958)⁸⁰, o autor também fez referência ao mesmo processo de variação e mudança registrado nas diversas edições que o texto medieval sofreu. Sobre isso diz:

Com relação aos Atos dos Apóstolos, possuímos um manuscrito do século XV, provavelmente cópia de outro, século anterior, intitulado *O segundo livro que fala de todo o feito e de todas as vidas e das paixões dos apóstolos*. Códice alcobacense 280, hoje guardado, como os demais, na Biblioteca Nacional de Lisboa. Com a linguagem modernizada, adaptada à época, foi impresso em 1505 (SILVA NETO, BMP 1958, p. 15, sublinhamos).

A expressão *linguagem modernizada, adaptada à época*, demonstra que o texto havia passado por mudanças porque a língua havia variado e mudado e, por isso, era preciso fazer as adaptações necessárias ao texto para que ele se tornasse inteligível aos leitores da época.

Ainda em relação aos mesmos *Autos dos Apóstolos*, Silva Neto afirma em *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas* (1956) que sua impressão em 1505 teve “fiel intenção de conservar a linguagem antiga, mas adaptado, aqui e além, às novas condições linguísticas” (SILVA NETO, TMPP 1956, p. 17). O autor transcreve trecho do *Prólogo*, reproduzido posteriormente em Silva Neto (LCC, 1960, p. 1997), em que o impressor dessa importante obra, desculpava-se pelo livro apresentar palavras arcaicas, *do falar antigo*, devido a uma ordem expressa pelo próprio rei para que não “fossem mudados os vocabulos antigos e modernos”. Diz ele nos seguintes termos:

pela Universidade de Brasília e hoje estão no acervo de sua Biblioteca Central”. Sobre isso, conferir, um pouco mais adiante, as informações que trazemos ao fim desse Capítulo. O autor ainda assinala que “os Manuscritos Serafim da Silva Neto são os únicos manuscritos medievais portugueses existentes no Brasil” (Idem. Ibidem). Para saber mais sobre o percurso histórico desses textos manuscritos, ver SILVA NETO (1956, p. 105, 106); MATTOS E SILVA e MACHADO FILHO (2009, p. 189-202); MACHADO FILHO (2004a, p. 13, 64, 65); MACHADO FILHO (2004b, p. 39-51).

⁸⁰ SILVA NETO, Serafim da. *Bíblia Medieval Portuguesa*: Texto apurado por Serafim da Silva Neto. Vol. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

E porque neste lyvuo vã muytas palavras do falar antigo que mais parece galegas que portuguesas não ponha vossa alteza culpa ao impressor. Porque como sabe vossa real senhoria que a el Rey nosso Sñor aprouve e vossa presença, que não fossem mudados os vocabulos antigos e modernos (In: SILVA NETO, 1956, p. 17).

Em *A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro*, editada em 1947 por Silva Neto, há um “prefácio-estudo” de Jaime Cortesão, cujos trechos são reproduzidos, mais tarde, em *Língua Cultura e Civilização* (1960). Nesse “prefácio-estudo”, Cortesão afirmava que, “enquanto na biografia do Infante”, – que é a obra usada pelo estudioso português em comparação com *A Santa Vida...* –, avulta, conforme diz, a pintura do ambiente social, “através das relações dum poderoso com as camadas populares, na *conversação de frei Pedro* oferece-nos o autor o retrato dum tipo popular, cujo caráter vigoroso ofusca desta vez o meio a que pertence” (In: SILVA NETO, LCC, 1960, 286). Ainda segundo Cortesão citado por Silva Neto (op. cit.),

Na primeira, Resende consegue dar nova vida e flagrante, quer da bondade, quer da livre rudeza do povo, compondo uma série de esboços de figuras populares, cuja indomável hombridade áspero e por vezes violento espírito de independência nem diante das pessoas reais se curva (In: SILVA NETO, LCC, 1966, p. 282).

A percepção variacionista do autor, em relação a esse texto em específico, salta aos olhos nas decisões que ele tomou a respeito das lições apresentadas para o estabelecimento do texto. Em artigo intitulado *Resposta a um crítico I*, publicado em 14 de fevereiro de 1950 no jornal carioca *A Manhã*, no qual mantinha uma coluna quinzenal (sempre às terças-feiras), Silva Neto rebatia, na ocasião, fortes críticas dirigidas a ele por Alfredo Pimenta⁸¹, autor português que havia escrito no jornal *Diário de Notícias*, de Lisboa, em 31 de janeiro de 1950, uma resenha a respeito de *A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro*, editada do filólogo. Na resposta ao crítico, Silva Neto procurou justificar

⁸¹ **Alfredo** Augusto Lopes **Pimenta** (1882-1950) foi um historiador, poeta e escritor português.

certas escolhas que fez na edição que realizou do cimélio de 1570; escolhas, aliás, pautadas no critério da variação e do uso linguístico. Assim diz o autor:

Ora, na página citada escrevo: “**viles**, plural que hoje se diria **vis**”. E exemplificando com autores do século XVI, cito outros plurais do mesmo tipo: **dóciles, hábiles, difíciles, estabiles, inútiles, paules, pensiles, volatiles**. É claro que mantive no texto aquela forma, **que não é simplesmente gráfica, mas pelo contrário, corresponde a um uso da língua antiga**. Digno de censura seria eu se, no texto, pusesse **vis** onde o eborense escreveu **viles** (SILVA NETO, *A Manhã*, 14-02-1950, p. 4, grifos do autor).

E continua a justificativa para suas lições, embasado em Carolina Michaëllis, a grande filóloga de origem alemã, referência em edição de textos portugueses:

Alterar a grafia, em textos não medievais, é lícito, desde que se respeitem as formas linguísticas. D. Carolina Michaelis, para citar apenas um exemplo, em sua monumental edição das **Poesias**, de Sá de Miranda, adotou êsse critério [...] É verdade que a rebarbativa grafia de Resende nos leva, em alguns casos, a dúvidas e a dificuldades. A escrita **nocte**, por exemplo, corresponderá à pronúncia com **ct**? Não é fácil afirmá-lo com certeza. Se, porém, transcrevi noite (a **aproveitar, leite, douto**, etc.) não deixei de, várias vezes, chamar a atenção do leitor para o problema (SILVA NETO, *A Manhã*, 14-02-1950, p. 4, grifos do autor).

Quanto à linguagem dos *Diálogos de São Gregório* (SILVA NETO, 1950), o autor afirmava que a importância de seu estudo estava no fato de os exemplares disponíveis apresentarem mudanças, ou “evoluções da língua”, para usarmos uma terminologia própria sua. Segundo Silva Neto, “como se vê, a publicação do texto **A**, com as variantes dos textos **B** e **C**, para além do seu valor como texto arcaico dos mais expressivos, enseja-nos a comparação entre cópias distantes cerca de um século” (SILVA NETO, DSG 1950, p. VII).

E como que querendo provar a evolução, que de fato existia na distância temporal entre as cópias manuscritas estudadas, apresenta algumas palavras do mss. **A** em comparação com o **C**:

Podemos, dessarte, observar um bom corte na evolução da língua, já que é flagrante e contínua a modernização do mss. C:

mss. A	mss. C
paravra	palavra
mnha	minha
pudi	pude
treteza	tristeza
nonas (= nō'nas)	nō as
limphos	linpos
miragre	milagre
acaecerō	aqueecerō
certidões	certidom
cōtar-ch'as-ey	digo-t'as
testemōiho	testemunho
des as	des sua
sobrelo	sobre o
aqueste	este
minho	minino
sas matīhas	suas matinas
mansidoem	mansidom
eno nome	em nome
cona (=cō'na)	com a
cho	to
conhoçudo	conhocido

(SILVA NETO, DSG 1950, p. VII-VIII).

Fora essa tabela, por si só, bastante expressiva para demonstrar que a variação e a mudança registradas nos códices não passaram despercebidas por ele, Silva Neto também apresenta, ao longo de todo o texto, notas de rodapé com as variantes encontradas nos outros manuscritos estudados.

Já em *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1986 [1950]), para exemplificar a colocação pronominal brasileira, como mantenedora de certos traços do português arcaico, embora também não descartasse aí a influência dos falares negros e indígenas, Silva Neto faz referência aos *Diálogos de São Gregório* como prova da preferência pelo gerúndio no lugar do infinitivo, já presente na fase arcaica de nosso idioma:

Na linguagem brasileira a evolução [da colocação pronominal] processou-se diferentemente [da portuguesa], porque a existência de aloglotos (africanos e ameríndios) ensejou a criação de novo ritmo. Dessarte não existe, na nossa linguagem corrente, sistematização rigorosa.

[...]

Na conjugação perifrástica o português arcaico preferia o gerúndio ao infinitivo, ao revés do que se faz hoje. Eis as provas: “... seu abade San Beento ho amoestou muytas vegadas que nõ andasse vaguciando pelo mundo...” (*Dialogos de S. Grigório*).

[...] No Brasil guardamos o modo antigo (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 178).

O que representaria, dentre tantos outros exemplos, o caráter conservador do PB em relação ao PE. No entanto, a representação da variação e da mudança linguística não se encontra apenas nos manuscritos apontados. Ainda em *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1986 [1950]), o autor também argumentou a favor da presença de variações em documentos antigos. Silva Neto procurou demonstrar, em comparação com o fenômeno contemporâneo da harmonização vocálica de certas palavras, que tal fenômeno já aparecia representado em textos medievais, quinhentistas e seiscentistas. Em certa passagem do referido livro, o autor afirma que o emprego do *e* pretônico no Brasil está sujeito a dois tipos de harmonização vocálica “*e-i>i-i* e *e-u>i-u*” (p. 152). Nesse contexto, apresentou a variação existente na pronúncia, por exemplo, das seguintes palavras:

Eis exemplos do primeiro: *feliz>filiz*; *pepino>pipino*; *medida>midida*; *menino>minino*; *ferida>firida*; *perigo>pirigo*; *avenida>avinida*; *bem-te-vi>bem-ti-vi*; *seguro>siguro*; *peludo>piludo*, mas, claramente, *verdura*.

Notemos, contudo, que neste caso se verificam, até mesmo na linguagem da mesma pessoa, aquelas oscilações a que aludimos há pouco. Nem se esqueça que a língua escrita paira sempre como uma sobra protetora (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 152).

O filólogo expõe outros exemplos contemporâneos de tais flutuações fonéticas e conclui seu argumento com a afirmação de que os textos medievais, quinhentistas e seiscentistas também refletiam essas oscilações, e, para comprovar seus argumentos, faz referência à *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* de Fernão d’Oliveira, de 1536, o primeiro *instrumento linguístico* sobre o português, como prova do registro da ocorrência:

Não há dúvida, por isso, que os textos medievais, quinhentistas e seiscentistas refletem oscilações. Basta abrir ao acaso um texto antigo para se encontrarem exemplos. Já o nosso primeiro gramático escrevia: “Antre *u* e *o* pequeno há tanta vezinhaça que nos confundimos dizendo uns *somir* e outros *sumir* e *dormir* ou *durmir* e *bolir* ou *bulir*” (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 154).

Entretanto, Silva Neto era consciencioso quanto ao emprego desse tipo de expediente, porque, para ele, “a mácula dessa teoria está[va] em partir dos textos, em basear-se estritamente neles”, uma vez que, para usar suas próprias palavras, “a língua falada não se deixa fotografar, móvel e flutuante que é” (SILVA NETO 1977, p. 77). Tais considerações de Silva Neto apresentava clara percepção que ele tinha da dinamicidade da língua falada.

Contemporaneamente, a variação linguística em manuscritos passou a ser estudada, também por pesquisadores, linguistas e filólogos, que se organizaram sob a orientação de Heitor Megale da Universidade de São Paulo, em torno do Projeto Filologia Bandeirante (MEGALE, 1999).⁸²

Enfim, o que queremos demonstrar é que o trabalho de Silva Neto em edição de textos, como manuscritos e incunábulo que descreveu e estudou, contribuiu para sua percepção acerca do fenômeno linguístico da variação. Em um Relatório de 1947,⁸³ é possível encontrar uma relação dessas obras, com indicação bastante detalhada de sua localização nos respectivos fundos, coleções e bibliotecas portuguesas. Do mesmo modo, em *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas* (1956, p. 55-106), encontramos a

⁸² Ver MEGALE, Heitor. *A leitura do texto antigo: variação linguística em manuscritos*. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.28, 1999, p. 175.

⁸³ Intitulado *Estudos Filológicos em Portugal*, redigido e entregue ao *Real Gabinete Português de Leitura* (Rio de Janeiro) no mesmo ano de 1947, posteriormente reproduzido como Apêndice, às páginas 69-96 com alguns acréscimos, no *Manual de Filologia Portuguesa* (1952). Citamo-lo pela 4ª edição de 1988. Esse Relatório refere-se à sua primeira viagem a Portugal, em missão de pesquisa, subsidiada pelo *Real Gabinete Português de Leitura* (Rio de Janeiro).

indicação pormenorizada de obras⁸⁴, localizadas em diversas bibliotecas portuguesas, que refletem, direta ou indiretamente, a diversidade linguística portuguesa, caracterizada pelo aspecto social e histórico da variação.

Pressupomos, desse modo, que a intensa e profícua atividade não só linguística, mas sobretudo filológica de Serafim da Silva Neto, referente a esses documentos, o levou a ter uma singular visão a respeito da língua portuguesa e, em especial, da língua portuguesa do Brasil⁸⁵, a que dedicou boa parte de seus estudos.⁸⁶ Nesse sentido, não será desarrazoado argumentar que uma parcela de sua interpretação sobre a variação social emerge dos fatos linguísticos que sobejam nesses documentos e saltam aos seus olhos de

⁸⁴A título de exemplo do que aqui se afirma, observemos os seguintes excertos: “**Arquivo Nacional da Torre do Tombo** – mss. da capa do códice, maço 15, gaveta 7 – Fragmentos de um códice do séc. XIV, que continha uma tradução portuguesa das *Partidas* de Afonso X [...]” (SILVA NETO, 1952, p. 63); “**CCCXXIV (alcobacense)** – Livraria, Sala S, 2-A - *O primeiro livro das Sete partidas de Afonso X*, de Castela, traduzido em português. Inédito até hoje. (SILVA NETO, 1952, p. 65); “**Biblioteca Nacional de Lisboa** – B – Fundo Geral – 2.294 – colectânea apógrafa do séc. XV, que contém o *Livro d’Alveitaria*, de *Mestre Giraldo* (elaborado em 1318, por mandado de D. Dinis) e o *Livro de Falcoaria*, de *Pero Menino* (escrito no último quartel do séc. XIV, antes de 22 de outubro de 1383, – dia da morte de D. Fernando)” (SILVA NETO, 1952, p. 93).

⁸⁵Na verdade, testemunhos indicam que foi por este campo que o autor iniciou seus estudos. Embora *Fontes do Latim Vulgar* – O Appendix Probi (1938) tenha sido sua primeira publicação de fôlego, desde 1936 o filólogo brasileiro já publicava artigos, segundo ELIA (1988, p. 11), “quase sempre sobre a língua portuguesa no Brasil”, em *Voz de Portugal*, periódico ligado à colônia portuguesa. Coelho (apud MORAES, 2008, p. 33) afirma, de acordo com depoimento do próprio Silva Neto, que sua estreia como autor havia sido antes da publicação desta obra que o projetou, pois diz: “já entre dezembro de 1934 e janeiro de 1935, ou seja, quando tinha 17, publicara alguns textos, que tratavam do português do Brasil, na Revista Vitória (Rio)”. O que demonstra sua precocidade autoral, uma vez que 1934 era o ano em que ele concluía o curso colegial no Colégio Batista do Rio de Janeiro (cf. MORAES, op. cit., p. 33).

⁸⁶ Conferir a respeito: 1º. SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1950), cujos capítulos e itens, bastante acrescentados, são a reunião dos seguintes trabalhos anteriormente publicados pelo autor: i) *A língua portuguesa no Brasil*, In: Revista Filológica, Rio de Janeiro, 8, 1941; ii) *Origem do dialeto brasileiro* In: Revista Filológica, Rio de Janeiro, 9, 1941; iii) *O português quinhentista e o português brasileiro* In: Revista Filológica, Rio de Janeiro, 10 e 12, 1941; iv) *Diferenciação e unificação do português do Brasil* In: Revista de Cultura, Rio de Janeiro, XXXII, 1942; vi) *A língua literária* In: Prefácio da Edição Brasileira a Agostinho de Campos. *Futuro da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1948, p. 7-24; vii) *Diferenciação e unificação do português do Brasil*, Opúsculo de 1946; viii) *Capítulos de história do português no Brasil*. Opúsculo de 1946, constituído das seguintes partes: *As três fases da história da língua portuguesa no Brasil*, *Contato e inter-ação linguística no Brasil colonial*, *Panorama atual da língua portuguesa no Brasil e Português de índios no século XVII*. 2º. *Problemas do português da América*. In: SILVA NETO, Serafim da. *Língua, Cultura e Civilização* (1960[1940]), p. 247-274; 3º. *A língua portuguesa no Brasil. Problemas* (1960). A respeito desses textos, cujos títulos dão a impressão de se repetirem, como lembrou o filólogo brasileiro Heitor Megale (1998, p. 18), tal impressão, porém cede diante da leitura que revela não ser nenhum dos títulos subsequentes reprodução pura e simples de trabalho anterior: a cada publicação o autor oferece novos dados a que acrescenta novos aspectos e novo tratamento.

investigador. Em uma palavra: *suas ideias variacionistas, em vários aspectos, nascem de sua prática*. Não se pode negar que o trabalho de Serafim da Silva Neto com textos diferentes e de diversas épocas da História da Língua Portuguesa e, mais frequentemente, com o mesmo texto e suas diversas lições, observadas principalmente nos manuscritos e incunábulos estudados, abre caminho para o entendimento, e, sobretudo, para a observação da prática da variação e da mudança linguísticas.

A respeito disso, Silva Neto (1956) demonstrou pelas diversas lições apresentadas nos manuscritos, códices e incunábulos consultados que a observação da variação linguística (neste caso, a temporal) era apreensível por intermédio desses documentos, que serviam, incidentalmente, de suportes para os vários registros da *evolução* da língua, ou seja, da *mudança* linguística em curso. A citação a seguir, dá-nos uma ideia de sua ponderada observação:

Até o seu advento (o primeiro livro, em português, como se sabe, é de 1495) os trabalhos eram escritos à mão e distribuídos, naturalmente, em várias cópias. Com o correr do tempo, ou por serem em número insuficiente, ou por se deteriorarem, eram retransladadas. *Essa transladação apresenta grande importância linguística, por que os novos escribas, ainda que fossem cuidadosos, alteravam o original:*

1º) porque não entenderiam sempre todas as letras, e em consequência, deturpavam as palavras;

2º) *porque, aqui e além, substituiriam certas palavras e formas, já arcaizadas, pelos correspondentes usadas contemporaneamente* (SILVA NETO, 1956, p. 15, grifo nosso).

Tais ocorrências, como indicado, davam-se pelo testemunho dos diversos escribas que, em diferentes tempos, mas com a mesma finalidade, demonstravam a necessidade de atualização desses documentos para uma linguagem mais condizente com o tempo em que viviam. Embora essa modernização fosse parcial porque, conforme em outro trecho lembrou Silva Neto, “no mesmo texto podemos encontrar, lado a lado, as formas antigas que escaparam ao escriba, e as correspondentes mais modernas” (idem, ibidem, p. 15-16). Essa peculiar característica dos manuscritos põe em evidência a manifestação do fenômeno

a que modernamente chamamos de covariação ou variantes linguísticas. Adverte, pois, Mollica (2003, p. 11), que “as variantes podem permanecer estáveis nos sistemas (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece”.

Igualmente, segundo entendemos, os textos medievais e quinhentistas portugueses, com os quais o autor manteve maior contato, também contribuíram fortemente para a construção de suas mais famosas teses.

Não é novidade que Silva Neto (1986a [1957]) sempre defendeu a tese da *unidade e diversidade*⁸⁷, assim como a tese do *conservadorismo e inovação*⁸⁸ referentes à língua, embora destacasse apenas os primeiros termos – *unidade* e *conservadorismo* – das duas díades para ressaltar as características das origens do português brasileiro. No trecho seguinte é possível notar não somente esses aspectos apontados, como também sua capacidade avaliativa a respeito do caráter, diríamos hoje, “sociolinguístico” desse português brasileiro.

O português do Brasil *não é um todo, um bloco uniforme*. É preciso distingui-lo os vários matizes, de acordo com as ocasiões, as regiões e as classes sociais. [...] Os colonizadores vinham de toda parte de Portugal, de modo que, em contato e interação, se fundiram num denominador comum, de notável unidade [...]. Daí, evidentemente, as raízes das características do português brasileiro: a *unidade* e o *conservadorismo* (SILVA NETO, 1986b [1950], p. 16, sublinhamos, o itálico é do autor).

Em concordância com os estudos históricos das línguas e a dialetologia tradicional, de quem era tributário, o autor se centrou em aspectos fônicos e do léxico do português para ilustrá-las.

⁸⁷ “A história das línguas mostra, precisamente, sucessões de *unificação e diferenciação*” (SILVA NETO, 1986a [1957], p. 14).

⁸⁸ “As línguas estão, pois, em perpétua mudança, embora só o repouso seja facilmente perceptível. [...] A todo instante surgem *inovações*, cujo destino vai depender da estrutura social. [...] A *inovação*, que parte do indivíduo, pode restringir-se a ele e, portanto abortar – ou, pelo contrário, generalizar-se na comunidade” (idem, ibidem, p. 15).

Embora contestada por uma parcela dos linguistas brasileiros antigos e contemporâneos⁸⁹, a tese do conservadorismo ainda não foi totalmente descartada.

Ainda que discordasse do mestre em certos pontos, Rosa Virgínia Mattos e Silva reconheceu que, de fato, no léxico regional rural se encontram itens lexicais antigos, não, segundo ela, necessariamente arcaicos (sécs. XIII ao XVI). O mais famoso deles, conforme atesta a autora, é *sarolha*, “terra umedecida pela chuva”, documentado, na década de sessenta e setenta do século XX no Atlas Linguístico da Bahia e de Sergipe (*cf.* Cardoso e Rollemberg 1988: 79-87 *apud* Mattos e Silva, [s.n.t.]), com o seu significado original e também metaforizado, designando “farofa úmida”, “beiju molhado com leite de côco”. No século XV, no *Livro da Montaria* de D. João I, ocorre como “terra de barro ou lama” (CELSO CUNHA 1986: 206 e nota 29, *apud* MATTOS E SILVA, [s.n.t.]).

Igualmente, pesquisas do Projeto Filologia Bandeirante (FILOBAND)⁹⁰, cujo *corpus* foi constituído tanto por língua escrita quanto por língua falada, apontaram o caráter conservador da língua portuguesa do Brasil nas regiões estudadas por seus pesquisadores, a denominada área do Português Caipira⁹¹, outrora ocupadas pelas *Bandeiras Paulistas* nos séculos. XVI, XVII e XVIII, referentes aos territórios dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Anos antes, inspirado pelo próprio Silva Neto, o professor e pesquisador João Alves Pereira Penha, da UNESP de Franca, embora utilizando apenas *corpus* escrito no

⁸⁹ A título de exemplificação, restringir-me-ei, apenas, aos trabalhos Mattos e Silva (1993, 2000, 2001 e 2004), importante nome da linguística-histórica brasileira.

⁹⁰ O Projeto Filologia Bandeirante (FILOBAND), coordenado no final dos anos 90 do século XX pelo também filólogo Prof. Dr. Heitor Megale (MEGALE, 1998), tinha como objetivo comprovar a preservação de camadas linguísticas do Português antigo no Brasil e propiciar aos estudiosos da língua um corpus cientificamente preparado para seu estudo (*cf.* *Filologia bandeirante: projeto temático de equipe em Filologia e linguística portuguesa*. Processo: 96/01265-0). Disponível on line no site da FAPESP: <http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/1263/filologia-bandeirante-projeto-tematico-de-equipe-em-filologia-e-linguistica-portuguesa/> Acesso em: 25 jul 2013.

⁹¹ A que Silva Neto (1986b [1950], p. 186-7) designava *Interlands*.

primeiro de seus estudos, comprovou a tese do nosso autor em relação ao conservadorismo do PB (PENHA 1970, 1975). Em **primeiro lugar**, procurou ver comprovada a tese da *arcaicidade da língua popular brasileira* (PENHA 1970), e em **segundo lugar**, produziu a uma *tentativa de descrição da linguagem rural brasileira* (PENHA 1975).

Conforme defendeu Penha, havia incontáveis autores, dentre eles Silva Neto, que reconheciam no português do Brasil uma base arcaica. E que este fato se devia a uma “passividade receptiva, estritamente ligada ao espírito conservador das classes médias, que deixam entrever certo sentimento de purismo”. Ainda baseando-se no filólogo fluminense, dizia que essas “são características que sempre vislumbramos nas línguas transplantadas, como reconheceu Serafim Silva Neto” (PENHA, 1970, p. 11).

Para a primeira tarefa, Penha (1970), com base na literatura popular brasileira em comparação com a literatura quatrocentista e quinhentista portuguesa, analisou tal material sob os diversos níveis linguísticos: **Fonético, Morfológico, Sintático, Semântico e Lexical**. Segundo o autor, o fato de ter-se decidido “pelo aproveitamento da língua escrita”, sucedeu-se por haver a “conhecida impossibilidade, pelo menos, n[aquela] etapa das pesquisas nacionais, de se registrar a língua oral de todo o País” (PENHA, 1970, p. 4-5). Perspectiva essa, conforme sabemos, mudada com a implantação do projeto NURC, em meados dos anos setenta, nas principais capitais do país.

Enquanto que para a segunda tarefa, Penha apresentou *Aspectos da linguagem de São Domingos* na *tentativa de descrição da linguagem rural brasileira*. São Domingos, segundo o autor, é um bairro rural do município de Elói Mendes no Sul de Minas, cujas características e história explicam “a linguagem conservadora dos seus habitantes”. De acordo com Penha:

O início do povoado prende-se à era setecentista. E os primeiros habitantes da Mutuca (hoje Elói Mendes) provieram de localidades vizinhas, geralmente originárias da penetração das bandeiras paulistas. Eram núcleos populacionais de diminuto contacto com as outras partes do Brasil e mesmo do território mineiro — o que explica a linguagem conservadora dos seus habitantes (PENHA, 1975, p. 81).

Após a apresentação dos principais dados sociolinguísticos e sócio-históricos dos habitantes da região estudada, Penha (1975) explica como ocorreu o surgimento da ideia da pesquisa, que, segundo ele, teria procedido do próprio Silva Neto:

Em 1955, em contacto com o Prof. Serafim da Silva Neto no Rio de Janeiro, recebi do saudoso mestre convite para pesquisar a linguagem de minha região e publicar os resultados na *Revista Brasileira de Filologia*, que — sob sua direção — começava a circular. Honrado com o oferecimento do mais eminente dos nossos filólogos, intensifiquei minha leitura no campo da Dialetologia e passei a observar os seus modernos métodos, interessando-me ao mesmo tempo pela situação linguística das localidades rurais daquela parte do Sul de Minas. Mas infelizmente não cheguei a aprontar material para a Revista, que parou de circular logo após a morte do seu diretor (PENHA, 1975, p. 85).

Enfim, são profundas e já bastante conhecidas as marcas da influência e das direções aplicadas aos estudos da variação dialetal do PB exercidas por Silva Neto. Entretanto, nos estudos linguísticos brasileiros, no que se refere à perspectiva propriamente social da variação (pensamos aqui no aspecto mais verticalizado, em oposição ao horizontalizado), bem como o de sua influência sobre autores contemporâneos, ou mesmo mais posteriores a ele, nada foi dito até momento. É que procuramos mostrar com este trabalho. Silva Neto, pois, trouxe grandes contribuições às teorias linguístico-sociais relativas à língua portuguesa.

Voltando ao ponto central de nossa argumentação, de um lado, para explicar a tese do conservadorismo e inovação, Silva Neto, por sua vez, buscou justificativa na origem geográfica diversa dos colonos portugueses, mas também nas suas diferentes identidades sociais: pessoas oriundas de setores humildes da sociedade e provenientes das diversas províncias portuguesas, o que, por si só, já é relevante, porque demonstra a sua

preocupação em identificar certas características sócio-dialetais dos falantes do português; e, de outro lado, o autor também foi trabalhando conceitos sobre a variação e a mudança, conforme entendemos, com base nos fatos linguísticos, que saltavam aos seus olhos de filólogo. Esses fatos eram, como se disse, originários dos documentos (manuscritos e incunáveis) escritos e reescritos no intervalo de séculos. Daí a importância desse material que, então, lhe serviu de referência.

Encontraremos em *História da Língua Portuguesa* exemplo da tese do conservadorismo e inovação. Nesta obra Silva Neto (1986a [1957]) afirma que:

A origem social da grande massa dos colonos, provenientes de classes humildes e da província, apresenta muito interesse do ponto de vista linguístico, visto que a linguagem dos camponeses *é bastante conservadora*, como se fosse um reflexo de uma vida tranquila e essencialmente tradicional: corresponde pois ao reflexo de uma vida estagnante de todos os outros traços culturais, tendo semelhança com uma vida onde os hábitos predominam, onde o horizonte mental é reduzido; os trabalhos quotidianos são sempre os mesmos, as relações limitadas, abrangendo pessoas ocupadas pelos mesmos problemas. Se nos recordarmos que as grandes obras do século XVI datam todas do fim do século, *não será exagero classificar a língua dos primeiros colonizadores como pertencente ainda ao século anterior, isto é, representando um sistema linguístico muito antigo* (SILVA NETO, 1986a [1957], p. 587, grifo nosso).

É importante acentuar que, buscando a unidade, Silva Neto encontra a diversidade. Esse aspecto importante de sua concepção sobre o Português do Brasil aparece na citação acima. De um lado é conservação, porque a fala vem com os portugueses, de outro, é diversidade porque são portugueses oriundos de diversas localidades.

Naro e Scherre (2007), fazendo o levantamento de vários dados em obras da dialetologia portuguesa, e mesmo trabalhando a partir de pressupostos teóricos diversos do de Serafim da Silva Neto, chegaram à conclusão semelhante à dele. Assim, citam-no nominalmente:

Os fatos observados nas 12 obras^[92] da dialetologia europeia e na tese de Varejão (2006) constituem evidências adicionais e inequívocas para situar no

⁹² Nas páginas 89 e 90, os autores apresentam a relação dessas 12 obras a partir das quais extraem dados que eles cruzam com os do *português popular brasileiro*. Com esse procedimento, Naro e Scherre (op. cit.)

português-europeu não padrão a GÊNESE, OU FONTE ORIGINAL, da ampla variação da concordância que ocorre em solo brasileiro. *Em outras palavras, os dados linguísticos primários recebidos pelos falantes não nativos, com seus contextos de variação, vieram com os portugueses, em toda a sua diversidade dialetal.* Estudiosos do português brasileiro mostram com clareza que veio para o Brasil um microcosmo português, de todas as regiões de Portugal e de diversas classes sociais (cf. Silva Neto, 1988: 581-587) (NARO & SCHERRE, 2007, p. 114, grifo nosso).

Os autores, que estiveram nas últimas décadas em Portugal (1997, 2000 e 2001), no Centro Linguístico da Universidade de Lisboa, mantiveram contato com esse material da dialetologia portuguesa. Alguns, de acordo com nosso levantamento, foram compulsados e referidos quase cinquenta anos antes por Silva Neto em *Manual de Filologia Portuguesa* (1952). Um exemplo disso é o trabalho de Silva Pereira⁹³ (1952), sobre a *Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*, Coimbra.

Segundo entendemos, a convicção que Silva Neto tinha a respeito das teses da *unidade e diversidade* e a respeito do *conservadorismo e inovação* teve origem no seu pensamento crítico não apenas a partir do contato que manteve com os muitos falares das mais diversas regiões no Brasil e em Portugal, por onde passou, mas também, a partir do contato que ele estabeleceu, na condição de filólogo, conforme afirmamos, com um número razoável de textos publicados ou depositados em fundos de arquivos e de

mostram muitas semelhanças entre as variedades europeia e brasileira *não padrão* da língua portuguesa. Utilizando a metáfora do *garimpo* com a qual investigam as origens do Português brasileiro, os investigadores atribuem a origem da concordância variável no PB à Portugal. Neste estudo específico, eles se voltaram especialmente para os seguintes pontos: “1) ampliação de registros de neutralização entre 1ª e 3ª pessoas do singular; 2) identificação sistemática de dois contextos da gênese da variação da concordância verbal entre as 3ªs pessoas do singular e do plural: *sujeito à direita do verbo* e *oposição singular/ plural menos saliente* e considerações gerais sobre outros contextos de variação; 3) ampliação dos registros ainda escassos de concordância nominal variável, apontando também contextos de variação; 4) identificação generalizada de expressões que denotam frequência de variação da concordância no português europeu não padrão; 5) visão de conjunto das palavras de Adolfo Coelho; 6) evidências adicionais: o trabalho de Varejão (2006)”, segundo o qual a posição depois do verbo também nos dados do português europeu popular tem o papel claro de diminuir a concordância verbal (NARO e SCHERRE, 2007, p. 90-91).

⁹³ SILVA PEREIRA, Maria Palmira da. FAFE – norte de Portugal: comunidade de lavradores, habitantes do norte do concelho: Várzea Cova, Moreira do Rei, Ribeiros e Estorvão, perto de Braga. *Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do Concelho. Revista Portuguesa de Filologia. Casa do Castelo: Editora Coimbra, 1951. Vol. IV. Apud* Naro e Scherre, 2007, p. 89; Silva Neto, 1952.

bibliotecas portuguesas, relativos a períodos pretéritos de nossa história, sobretudo o medieval. Esse seu contato com os textos antigos se intensificou, principalmente, na ocasião da referida viagem que fez a Portugal em 1947, data a partir da qual pôde adquirir diversas obras e fotocopiar outras tantas. Enfim, há aqui uma simbiose perfeita da formação “socio-histórico-linguística” do nosso autor, nascida da relação entre ideias e práticas.

O fato é que, conforme afirmou Boléo⁹⁴ (1960, p. 5) [em necrológio que fez do colega brasileiro prematuramente desaparecido] “graças a circunstâncias favoráveis, [Silva Neto] pôde formar uma biblioteca especializada de linguística românica, não só de espécies impressas, mas também de fotocópias de centenas de manuscritos antigos portugueses”. O próprio Silva Neto faz menção à sua abastada biblioteca, conforme demonstramos acima.

Infelizmente, todavia, segundo nos informou segura fonte, parte dessa biblioteca (senão toda ela), se perdeu. Sobre isso obtivemos outras informações, em 2010⁹⁵, com a Prof^a. Dr^a. Cristina Altman (coordenadora do CEDOCH-DL/USP) e com a Prof^a. Dr^a Maria Carlota Rosa, docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de que, depois do falecimento de Serafim da Silva Neto (23-09-1960), sua biblioteca pessoal foi adquirida pela universidade carioca, que acondicionou os livros e outros diversos materiais bibliográficos seus em contêineres durante um longo período, à espera da disponibilidade de um espaço em que os livros fossem devidamente acolhidos.

Com o passar do tempo, à mercê das intempéries climáticas, dos problemas de infiltração e da umidade, boa parte desse material deteriorou-se. Por sua vez, os cimélios

⁹⁴Manuel de Paiva Boléo (1904-1992), linguista, filólogo e romanista português.

⁹⁵ Informação fornecida por ALTMAN e CARLOTA ROSA em 2010, durante o V Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Historiografia Linguística da USP (V Mini-Enapol em Historiografia Linguística - USP) e o IV Encontro Setorial do GT Historiografia da Linguística Brasileira da ANPoLL.

tiveram uma sorte melhor: foram vendidos à Biblioteca da Universidade de Brasília (UnB) pela viúva do autor, a senhora Cremilda de Carvalho e Silva, e pertencem hoje à *Divisão de Coleções Especiais* daquela Biblioteca:

[Cremilda de Carvalho e Silva, espôsa de Serafim da Silva Neto] vendeu os três MSS do marido falecido à Biblioteca da Universidade de Brasília (segundo depoimento DL-n. 08/64, de 1964-02-29, do Departamento de Letras firmado por Cyro dos Anjos) em Cr\$ 2.000.000,00 (PHILOBIBLON).⁹⁶

Uma vez confirmada a hipótese de que tanto as gramáticas latinas, quanto os escritores latinos cristãos, assim como os manuscritos medievais e quinhentistas portugueses conformaram a perspectiva variacionista de Serafim da Silva Neto, quer seja a de traços sociais, quer seja a de traços de temporais, passemos, agora, ao **Capítulo 3** dessa tese, em que procuraremos comprovar, conforme o plano geral do trabalho, que também houve grande contribuição das gramáticas luso-brasileiras na sua concepção variacionista de língua.

⁹⁶ Segundo informações encontradas em **Philobiblon** da Biblioteca da Universidade de Berkeley. Disponível em: <http://pb.lib.berkeley.edu/saxon/SaxonServlet?source=BITAGAP/Display/3889Person.xml&style=BITAGAP/templates/Person.xsl&gobk=http%3A%2F%2Fpb.lib.berkeley.edu%2Fxtf%2Fsearch%3Fmode%3Dphilobitagap%26title%3Dbeja%26text-join%3Dand%26mode%3Dphilobeta%26browseout%3Dwork%26sort%3Dmoniker%26startDoc%3D61> Acesso em: 27 mar. 2014.

*“Variando de época para época, de província para
província, de cidade para cidade, às vezes
de aldêa para aldêa, e mesmo de escriptor para escriptor,
‘é escraboso problema tentar acordar
a escripta com a pronuncia’.”
(SILVA JR. e ANDRADE, 1894, p. 125).*

3.1. A importância da *gramática* na obra de Serafim da Silva Neto

Quando o assunto é *gramática*, podemos encontrar duas atitudes diversas em Serafim da Silva Neto. De um lado, atitude de desaprovação em relação aos chamados puristas, e de outro, de aproveitamento de importantes dados (sócio)linguísticos recolhidos por ele para dar explicação ao desenvolvimento histórico da língua portuguesa em geral e do PB, em particular. Esses dados servem como importantes elementos na construção do que temos denominado de *subsídios para a configuração de uma teoria da variação linguística* no conjunto da obra do autor em gramáticas da língua portuguesa.

Silva Neto via na gramática (ou nos gramáticos) uma postura purista que deveria ser combatida e reprovada em nome de uma abordagem lógica, conduzida pelo moderno “método científico” que, em sua opinião, seria o único “capaz de oferecer um critério e uma direção firme, realmente científica” (SILVA NETO, IEPF 1956, p. 199) aos estudos gramaticais, e ofereceria seguro embasamento à descrição dos fatos da linguagem.

Para Silva Neto, “enquanto a Filologia cada vez mais aperfeiçoava e alargava o campo de estudos, [...] a gramática prática e geral, continuou entregue aos amadores e vernaculistas” (idem, ibidem).

Para o autor, “a gramática deve[ria] ser simplificada e não complicada: deve[ria] registrar o mínimo de noções, não arbitrariamente deduzidas na cabeça dos gramáticos e pretensos gramáticos, mas, ao contrário, [deveria ser] rigorosamente justificada pelos fatos da língua” (SILVA NETO, IEFP 1956, p. 200). Enfim, na sua opinião, “o conhecimento gramatical deve[ria] ser um meio e não um fim” (SILVA NETO, IEFLP 1956, p. 192). Considerava, por isso, na tradição lusitana, a *Nova Gramática Portuguesa*, Acomodada aos Programas Oficiais para uso das Escolas Normais e dos Institutos de Ensino Literário, “depois de reformada e modernizada por A[ntónio] A[ugusto] Cortesão”, como sendo “uma das melhores gramáticas portuguesas” (SILVA NETO, MFP 1988 [1952], p. 55).⁹⁷ Essa gramática, conforme o mesmo Silva Neto informa, “trata[va]-se de refundição da velha gramática de Bento José de Oliveira (*Nova gramática portuguesa*, 1ª ed. 1862)” (Idem, Ibidem).

Ainda na avaliação das gramáticas de Portugal, Silva Neto reconheceu a importância da “*Gramática prática da língua portuguesa* (Porto, 1870)”, de Augusto Epifânio Dias, a quem atribui ter modernizado “os métodos de ensino” e introduzido, “pela primeira vez, a Sintaxe como capítulo de obra didática” (SILVA NETO, op. cit, p. 32). Para Silva Neto, “esse livrinho [de Epifânio Dias], refundido e aperfeiçoado pouco mais tarde (1875) é, ainda hoje, modelo de concisão e segurança e, a nosso ver – dizia ele – permanece como a melhor obra dessa espécie” (SILVA NETO, MFP 1988 [1952], p. 32).

Percebe-se que o filólogo brasileiro tinha apreço pela produção gramatical desenvolvida na segunda metade do século XIX, sob a égide da filologia histórico-comparativa.

⁹⁷ *Manual de Filologia Portuguesa*.

Este capítulo é importante porque, conforme entendemos, outro campo que ajudou Serafim da Silva Neto a configurar *conceitos relativos à variação* e à *mudança* linguística foi o da gramaticografia luso-brasileira.

Sabe-se que a variação é inerente à língua.

Hipótese - se a variação é inerente à língua, a gramática reflete-a em seu corpo e poderá ser objeto de avaliação histórica.

Nesse sentido, é natural que os *instrumentos linguísticos*, de algum modo, tenham feito referências a ela. Seja, como entendemos hoje, à variação diacrônica, seja à variação sincrônica: diatópica (ou variação dialetal geográfica), diastrática (ou variação sociocultural) e diafásica (registro ou variação de acordo com a situação de *uso*). As gramáticas, “geralmente se apoiando sobre uma discussão do que seja ‘bom uso’ vai reduzir esta variação” (AUROUX, 1992, p. 69), mas não vai apagá-la totalmente, acrescentamos nós.

Sabemos que para o historiador das ciências, a inscrição dos saberes linguísticos na história se faz de uma forma diferente das demais ciências. Nas ciências da linguagem, diferentemente do que ocorre nas ciências físicas, por exemplo, as continuidades parecem ser mais essenciais do que as rupturas. Isso porque, segundo Colombat, Fournier e Puech (2010), “uma disciplina como a gramática, caracterizada tanto por a ancianidade de sua origem quanto por sua orientação didática, apresenta ao longo do tempo [literalmente “sobre longo termo”] fenômenos notáveis de estabilidade e de reprodução” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 241).⁹⁸

Sendo assim, a abordagem ao tema e o tratamento de conceitos metalinguísticos relativos à variação sempre estiveram presentes ao longo da história e da tradição

⁹⁸ Tradução de: “une discipline telle que la grammaire, caractérisée à la fois par l’ancienneté de son origine et son orientation didactique, présente sur le long terme des phénomènes de stabilité et de reproduction remarquables”.

gramaticográfica luso-brasileira, uma vez que as variedades linguísticas são o próprio espelho da diversidade sócio-cultural. Cada indivíduo torna-se, desse modo, em cada momento de sua existência, detentor de uma competência comunicativa que reflete a complexidade e a variedade de situações sociocomunicativas das quais ele participa por ser membro de uma sociedade, seja na vida familiar, na vida profissional, seja nas atividades culturais, religiosas e de lazer. Silva Neto, sendo conhecedor de tais particularidades, fez uso dos dados acerca da variação trazidos por estes *instrumentos linguísticos*, que são as gramáticas.

Quando atualmente se diz que uma comunidade “fala uma língua”, deixa-se normalmente a impressão de que todos os seus membros conhecem a mesma língua em sua integralidade. O que, segundo Azeredo (2007), não é verdade. “Ninguém, de fato, conhece uma língua na totalidade de seus usos, que são múltiplos” (AZEREDO, 2007, p. 35). O que se conhece e se emprega nas situações concretas de comunicação são *variedades* dessa língua. Tal afirmação na atualidade não chega a ser uma surpresa. No entanto, não o era no período de atuação de Serafim da Silva Neto, que declarou algo muito próximo disso, ao dizer que “a única espécie de língua que realmente existe é a *falada*. [...] Além disso, a classificação que fizermos será sempre relativa, pois cada pessoa emprega a língua a seu jeito” (SILVA NETO, FLV 1946, p. 22 e 31, o grifo é do autor).

Quanto aos conceitos metalinguísticos relativos à variação, é claro que Silva Neto fará uso de metalinguagem (nomenclatura e conceitos) própria, ou oriunda da Filologia Românica (incluindo a Dialectologia e a Geografia Linguística), uma de suas áreas de atuação. Esses conceitos são os seguintes: *falares*, a noção de *isoglossas*, *antiga língua*, *estudo dos erros gramaticais*, *linguagens especiais* (*gíria e calão*), *tons de língua*, *diferentes matizes* (*isto é, os falares, usos, linguagens*); *1. linguagem padrão*, uma espécie

de norma empregada pelas pessoas cultas em situações mais tensas; 2. *linguagem familiar*, utilizada pelas mesmas pessoas, entretanto em situações menos tensas, que chamaríamos hoje, em terminologia sociolinguística atual, de variação diafásica; 3. *linguagem popular*, em que se incorporam as gírias, utilizada por pessoas menos instruídas, 4. *linguagem regional*, que, ao contrário dos três primeiros níveis, seria utilizada por pessoas que vivem na zona rural e marcada por especificidades locais.

Conforme observou Coelho (1998), essa classificação resultaria de uma primeira tripartição entre, a saber: *linguagem literária*, representada pelas produções artísticas; *linguagem corrente* ou *comum*, uma espécie de média linguística que englobaria os níveis 1, 2, 3 e 4 acima, e *linguagens regionais*, que, apresentando diferenciações ou particularidades locais, tenderiam a tê-las aplainadas, sobretudo por intermédio da educação escolar, pela linguagem corrente ou comum (COELHO, 1998).

Enfim, o autor apresenta uma gama bastante abrangente de termos que definem e referem à variação linguística. A síntese é representada do seguinte modo por Silva Neto:

Por ser esclarecedor, convém reproduzir o esquema geral, elaborado pelo autor em *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1950), que sintetiza o que se expõe acima:

(Q.3) Quadro representativo das principais variantes portuguesas, segundo SSN:

Nessa ordem de idéias penso que se pode gizar o seguinte esquema da *língua portuguesa*:

(Extraído de SILVA NETO, *IELPB* 1986 [1950], p. 29).

Esse outro esquema-síntese apresentado em IELPB (1950) demonstra haver maior clareza de Silva Neto sobre a diversidade linguística do português em geral, e do PB em específico. Neste esquema, ele distinguia, sempre em relação ao Brasil e Portugal, o *uso padrão*, o *uso corrente* e o *uso regional*. No *uso padrão*, entendia que as diferenças entre PB e PE eram meramente de *estilos*. A respeito do *uso corrente*, o subdividia em *tenso*, *familiar*, *popular* e *gíria*. Reservava para o *uso regional*, tanto os *falares*, quanto os *crioulos*. Como sua classificação englobava o domínio da língua portuguesa em geral, distinguia os *falares* em *de Portugal*, *do Brasil*, *açoriano*, e *madeirense*. Em relação aos *crioulos*, o autor notava sua característica *gramatical mínima*, mas também ressaltava, como singularidade, a *estratificação social* inferior de seus falantes, ainda que sua expressão para defini-los não seja, do ponto de vista contemporâneo, a das mais polidas e politicamente correta – “gramática mínima, executada por seres de categoria social inferior”. Silva Neto inclui nesta subdivisão, a dos *crioulos*, as seguintes variedades: indo-

português, malaio-português, cabo-verdiano, guineense, São Tomé, Príncipe, Ano Bom e Macau.

O esquema é uma adaptação do que o autor já havia feito em relação ao latim, porque, conforme vimos defendendo, suas ideias sobre a *heterogeneidade linguística* vão pouco a pouco ganhando forma, e aparecem plenamente desenvolvidas em conceitos coerentes que definem e retratam a *variação linguística* em sua complexidade. Comparemo-los:

(Q. 2) Quadro representativo das principais variantes latinas, segundo SSN:

<i>lingua latina</i> (material lingüístico usado pela população da Româ- nia para assegurar a com- preensão)	<i>corrente</i> (sermo usualis, cottidianus)	{ sermo familiaris sermo vulgaris, popularis ou plebeius sermo castrensis, nauticus, etc.
	<i>regional</i> (peregrinitas)	{ sermo hispaniensis sermo gallicus sermo africanus sermo italicus, etc.

(SILVA NETO, *HLP* 1986 [1957], p. 109).

Entretanto, tanto o conceito quanto o esquema já estavam formulados no *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*, de 1942, obra embrionária do que viria a ser, mas tarde, sua *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (1956).

3.1.1. A noção de *variação linguística* a partir do conceito de *gramática*

Em sua concepção de gramática, desde 1942, quando publicou o *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*⁹⁹, está apresentada a ideia segundo a qual “a gramática varia e evolve com os tempos” (SILVA NETO, MGHP 1942, p. 11). Segundo o filólogo, “certamente a primeira [gramática] que se escreveu sobre a nossa língua, a de *Fernão d’Oliveira*, em 1536, apresentava uma *fotografia* diversa da atual” (idem). A concepção de

⁹⁹ SILVA NETO, Serafim da. *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

variedade, inclusive sociodialetoal, já se esculpia nessa obra do filólogo brasileiro, a partir de noções distintivas, entre dois empregos da língua, conforme denominados por ele como: *corrente e literário*. Faz-se notório em passagens como as seguintes:

Em todas as línguas há dois empregos: *corrente e literário*.

O primeiro, despreocupado e espontâneo, brota vivo e vigoroso na linguagem quotidiana, variando de acordo com a instrução das pessoas.

[...]

Em que língua escreveu Rúi Barbosa? Naquela mesma, descuidada e livre, que usavam os seus contemporâneos mais humildes: leiteiros, açougueiros, padeiros, etc.

A diferença, porê, é que ele a tocou com a varinha mágica do seu gênio, dando-lhe uma incomparável auréola de encanto e sedução (SILVA NETO, MGHP 1942, p. 115).

Quanto à variedade culta, Silva Neto afirmava que “a gramática descritiva é, em suma, a exposição dos princípios da linguagem padrão. É a seleção social, como o modo de vestir, de falar, etc.” (idem, ibidem, p. 116).

Em passagens como a seguinte, não seria nem mesmo presumível falar-se em *intuição sociolinguística* desse estudioso brasileiro. Entendemos que há, simplesmente, uma clareza, uma nítida perceptibilidade conceitual a respeito da *variação linguística*, que, assim, é esquematizada pelo autor. Vejamos:

A linguagem literária pode ser *escrita e falada, prosa ou verso*.

A linguagem corrente é sempre *falada*: é a linguagem das conversas entre amigos e parentes.

Torna-se evidente que, sendo artistificação da linguagem corrente, a linguagem literária varia com a época (ibidem, loc. cit.).

Segundo essa perspectiva, inclusive a literatura de épocas passadas eram estilizações da fala corrente. Nesse sentido, Silva Neto (2004 [1957], p. 111) chega mesmo a considerar mais tarde que a “língua viva” fique, pois, no seu entender, “encarcerada, quase invisível debaixo dos enfeites e requintes com que a arte dos poetas e prosadores a engalana e afestoa”. Investigar como se davam tais artistificações era um dos objetivos desse seu *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*, conforme afirmava o autor na parte destinada à Crestomatia Arcaica (dos sécs. XIII, XIV, XV, XVI e XVII), referentes às

páginas 113 até 140. Já na abertura, “Introdução aos textos”, todas essas ideias acima descritas com relação à variação estavam esquematizadas da seguinte forma:

Vamos agora ver como estilizavam a fala corrente do tempo autores dos séculos XIII, XIV, XV, XVI e XVII.

Portanto:

(SILVA NETO, MGHP 1942, p. 116).

No mesmo *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*, Silva Neto (1942, p. 32) afirmava que “sem dúvida nem todos os Brasileiros falam da mesma maneira, pois a linguagem varia segundo a educação das pessoas”. E apresentava, ao que parece, a primeira classificação sociológica moderna, para não dizer sociolinguística, das variantes brasileiras:

Podemos distinguir, além da língua cultivada, a língua padrão que serve de modelo e ideal – a língua corrente de todos os dias, fala despreocupada das classes médias – a língua vulgar, usada por pessoas humildes sem instrução nenhuma, e, finalmente, as falas especiais empregadas por certos grupos: militares, estudantes, ladrões, etc. (SILVA NETO, MGHP 1942, p. 32).

Antes de passarmos ao estudo da presença das gramáticas luso-brasileiras no pensamento linguístico do nosso autor, segue abaixo uma relação dos principais gramáticos citados na obra de Silva Neto. Não tivemos a intenção de esgotar a lista. Todavia, procuramos elencá-los conforme surgiram no horizonte de nossa leitura.¹⁰⁰

¹⁰⁰ Afirmamos isso com a única intenção de ressaltar que o referido levantamento não passou por um processamento mecânico da informação. Não utilizamos, por exemplo, ferramentas computacionais, tais como programas para listar palavras, comuns em *Linguística de Corpus*.

(T1) Tabela de referência aos gramáticos na obra de Serafim da Silva Neto

Obra	Ano	Pág.	Gramático	Obs.
IELPB ¹⁰¹	1950	191-2	Pacheco e Lameira [Silva Jr. e Andrade]	
IELPB	1950	25	Leite de Vasconcellos	
IELPB	1950	28-29	Leite de Vasconcellos	
IELPB	1950	36: nota 13	Leite de Vasconcellos	
IELPB	1950	24/25	A. Coelho	
IELPB	1950	42	Fernão de Oliveira	
IELPB	1950	61	Fernão de Oliveira	
IELPB	1950	148	Fernão de Oliveira	
TMPSP ¹⁰²	1956	19	Fernão de Oliveira	
IELPB	1950	154	Fernão de Oliveira	
IELPB	1950	69	João de Barros	
HLP ¹⁰³	1957		João de Barros	
IELPB	1986 [1950]	142	João de Barros	
IELPB	1950	65	João de Barros	
IELPB	1986 [1950]	151	Contador de Argote	
HLP	1986 [1957]	561-562-563-564	Contador de Argote	
IELPB	1986 [1950]	70	Duarte Nunes Leão	
IELPB	1986 [1950]	116	Duarte Nunes Leão	

¹⁰¹ *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*¹⁰² *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas.*¹⁰³ *História da Língua Portuguesa*

IELPB	1950	65	Amadeu Amaral
IELPB	1950	46	Epifânio Dias
HLP	1957	574	Moraes Silva
IELPB	1986 [1950]	199-200	Moraes Silva
FLV: AP¹⁰⁴	1946	110-221	Moraes Silva
IELPB	1986 [1950]	151	D. Luis Caetano de Lima
FLV: AP	1946	221	Monte Carmelo
IELPB	1986 [1950]	88-89	Monte Carmelo
IELPB	1986 [1950]	156: n. 56	Monte Carmelo
IELPB	1986 [1950]	168	Monte Carmelo
IELPB	1986 [1950]	179	Monte Carmelo
IELPB	1986 [1950]	179	Madureira Feijó
IELPB	1986 [1950]	167	Madureira Feijó
IELPB	1986 [1950]	160-1	Luís Verney
IELPB	1986 [1950]	152	J. Soares Barbosa
IELPB	1986 [1950]	161	J. Soares Barbosa
FLV: AP	1946	107	João Ribeiro
FLV: AP	1946	196	João Ribeiro
FLV: AP	1946	262	João Ribeiro
IELPB	1986 [1950]	81	João Ribeiro
LCC¹⁰⁵	1960	260	Júlio Ribeiro

¹⁰⁴ *Fontes do Latim Vulgar: o Appendix Probi.*

¹⁰⁵ *Língua, Cultura e Civilização.*

LCC	1960	69	Júlio Ribeiro
FLV: AP	1946	122	Ribeiro Vasconcelloz
IELPB	1986 [1950]	176	Carlos Pereira
MFP¹⁰⁶	1988 [1952]	55	A.A. Cortesão
MFP	1988 [1952]	22	A Coelho
MFP	1988 [1952]	26	A. Coelho
MFP	1988 [1952]	32	Epifânio Dias
IELPB	1986 [1950]	154	Gramáticos do século XVIII
IELPB	1986 [1950]	212	Batista Caetano
HLP	1986 [1957]	564-5	João Franco Barreto
HLP	1986 [1957]	564-5	João de Moraes Madureira Feijó
HLP	1986 [1957]	564-5	Luís Verney
HLP	1986 [1957]	564-5	Monte Carmelo
IELPB	1950	191-2	Carlos Pereira
IELPB	1950	191-2	Amadeu Amaral

3.1.2. A *variação* nas gramáticas portuguesas citadas por Silva Neto

Os gramáticos portugueses citados por Silva Neto, com relativa frequência, para ilustrar ou testemunhar aspectos *da variação linguística* foram: Fernão de Oliveira, Jerônimo Contador de Argote, Jerônimo Soares, e os ortógrafos João Franco Barreto; João de Moraes Madureira Feijó; Luís Verney e Monte Carmelo, os quais Silva Neto denominava gramáticos. Embora citados com menor frequência como gramáticos, encontraremos também menção às obras de Augusto Epiphanyo Dias e Adolpho Coelho, como se sabe, importantes filólogos, linguistas e glotólogos portugueses do final do século XIX.

¹⁰⁶ *Manual de Filologia Portuguesa.*

Em relação aos gramáticos Fernão de Oliveira e Jerônimo Contador de Argote, reservaremos um espaço um pouco mais adiante, no item em que descreveremos a **referência aos gramáticos portugueses na *História da Língua Portuguesa*.**

3.1.2.1 A variação em Soares Barbosa

Citado como testemunha da pronúncia brasileira, de acordo com Silva Neto, “o gramático **Jerônimo Soares Barbosa**, nascido em Ancião (entre Coimbra e Leiria) em 1737 e morto em 1816, diz que os brasileiros ‘pronunciavam como Z o S líquido, quando se achavam sem voz diante, ou no meio, ou no fim do vocábulo, dizendo: Mizterio, Fazto, Livroz novoz, em vez de Misterio, Fasto, Livros novos’ (Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou Principios da Grammatica Geral applicados á nossa linguagem, 2ª ed., 1830, pág. 52)” (SILVA NETO, IELPB, 1986 [1950], p. 161). Isto é, explica o filólogo,

os brasileiros pronunciavam mistério, fasto, livros novos, em lugar de mišterio, fašto, livroš novoš. Subsiste, porém, uma dificuldade: a que região do Brasil se refere Soares Barbosa? Acaso não se referirá a uma das regiões que ainda hoje assim pronunciam? Desde logo, contudo, excluimos o Nordeste, pois ele censura a pronúncia brasileira de prègar e vádio como prêgar e vádio (SILVA NETO, IELPB, 1986 [1950], p. 161).

3.1.2.2. A variação em Caetano de Lima, Monte Carmelo e Madureira Feijó

Os ortógrafos **D. Luis Caetano de Lima, Monte Carmelo e Madureira Feijó**, citados por Serafim da Silva Neto como gramáticos, dão testemunhos das variações entre as pronúncias portuguesa e brasileira.

Sobre D. **Luis Caetano de Lima**, ortógrafo do séc. XVIII, referido por intermédio de Cornu, Silva Neto afirmava que:

Um caso mais complexo é o caso de *e* pretônico, que na pronúncia portuguesa hodierna se elide, mas que no século XVI provavelmente se mantinha, como ainda hoje se vê no Brasil, e em certos falares ultramarinos. Essa é a opinião de Cornu, que se funda no testemunho de um gramático do século XVIII, a saber. D. Luís Caetano de Lima, segundo o qual aquela vogal pretônica era proferida

com o som de *e* fechado ainda na primeira metade daquele século” (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 151).

A apresentação do testemunho de **Monte Carmelo** se dá do seguinte modo: “A forma *mantega* já ocorre em Monte Carmelo, no século XVIII. Também aliás *pinhêro*, o que mostra que a evolução lisboeta de *ei* para *âi* constituiu talvez um esforço para manter o ditongo” (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 156: n. 56). Silva Neto cita esta passagem para justificar a “pronúncia conservadora” carioca, em que há a redução do ditongo em palavras como *bêjo*, *pêxe*, *primêro*, *mantêga*.

Sobre a pronúncia brasileira, novamente o filólogo fluminense fazia referência à Monte Carmelo: “Lembremos que já em 1767 um gramático português, Monte Carmelo, referindo-se precisamente essas vogais portuguesas abertas, [padeiro; esquecer; mordomo] dizia que os brasilienses confundem os acentos da nossa língua” (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 168). Citava também os testemunhos de dois autores de forma conjugada, em que dizia: “Pouco mais tarde, em 1734 e 1735, os gramáticos Madureira Feijó e Monte Carmelo preferem *pergunta* a *pregunta*, como norma ideal da fala culta” (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 179).

Madureira Feijó, também citado por intermédio do romanista suíço Julio Cornu, dá testemunho de formas já consideradas populares, no início do século XVIII. Silva Neto dizia que “Já no primeiro quartel do século XVIII, o gramático Madureira Feijó, natural de Bragança, censurava formas como *ómes* (homens), *ervage* (ervagem), *forruge* (ferrugem), *Estevo* (Estevão), *orfo* (órfão), *orgo* (órgão)” (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 167). Isso para demonstrar o quanto essas variantes populares portuguesas eram também encontradas no português popular do Brasil.

Serafim da Silva Neto denominou os ortógrafos do séc. XVIII também de gramáticos, provavelmente, pelo fato de resgatar o uso primitivo da palavra, pois, como se sabe, “gramática, para os latinos, como para os gregos, era inicialmente a ciência das letras, quer dizer, o aprendizado elementar da leitura e da escrita” (DESBORDES, 1995 [1990], p. 12), a ortografia, nesse sentido, pode ser vista como uma parte extensiva ou integrante da gramática. Nesse trecho em questão, o autor defende a ideia de que em Portugal “a história da ascensão social e da vitória da pronúncia xê [em oposição à pronúncia tchê] pode observar-se através da interpretação de textos dos gramáticos” referidos acima.

3.1.2.3. A variação na *Grammatica practica* (1870) de Epiphanio Dias

Conforme já se afirmou, Silva Neto reconheceu a importância da *Gramática prática da língua portuguesa* (1870), de Augusto Epifânio da Silva Dias, atribuindo a ele ter modernizado “os métodos de ensino” e de ter introduzido, “pela primeira vez, a Sintaxe como capítulo de obra didática” (SILVA NETO, op. cit, p. 32). Para Silva Neto, “esse livrinho [de Epifânio Dias], refundido e aperfeiçoado pouco mais tarde (1875) é, ainda hoje, modelo de concisão e segurança e, a nosso ver – diz ele – permanece como a melhor obra dessa espécie” (SILVA NETO, MFP 1988 [1952], p. 32). E tanto assim era que havia quem a adotasse, quer fosse aqui, quer fosse em Portugal. Pelo menos, é o que afirmava Silva Neto: “a Gramática de Epifânio Dias, por exemplo, encontra quem a adote tanto em Portugal como no Brasil” (SILVA NETO, LCC 1960, p. 248).

A noção de que a língua é o resultado de um processo permanente de mudança também está firmada no Prólogo dessa *Grammatica*, nos seguintes termos:

Descobrir as leis, segundo as quaes se operaram as modificações, que fizeram surgir o organismo de uma lingua de um organismo anterior, e investigar a natureza dessas leis, tal é o objeto da grammatica scientifica de uma lingua (DIAS, 1870, Prólogo, p. 3).

Mas, por reconhecer o caráter prático, isto é, didático da obra, que se destinava ao uso dos alunos do primeiro ano do curso dos liceus, Epiphany da Silva Dias afirmava que

Entretanto a obra que damos á estampa é uma grammatica practica: não podendo apresentar a lingua como uma modificação de um organismo linguistico anterior, e embargada de lançar mão de dados, que a grammatica comparada subministra, offerece os factos mutilados: dahi provem, o não poder mostrar-se a conexão intima entre muitos factos, afrouxar por vezes a exactidão ou poder ser taxada de superficial, e apparecerem bastas irregularidades que se esvaecem aos olhos dos que podem ver os factos no seu desenvolvimento histórico, na sua totalidade e portanto na sua regularidade (DIAS, 1870, Prólogo, p. 5).

Mesmo com essa recomendação apresentada no Prólogo, ele não deixou de observar certos aspectos a respeito do uso, determinante para a variação linguística e, portanto, para a sua possível evolução. A. Epiphany da Silva Dias afirma nessa gramática o seguinte: “Alguns substantivos que são masculinos, eram antigamente femininos, v.g.: fim, planeta, a estratagemma; outros que são femininos eram antigamente masculinos, v.g.: arvore, base, linhagem, linguagem, viagem. Há ainda substantivos, mas raros, que uns empregam como femininos, outros como masculinos, v.g.: grude.” (DIAS, 1870: parte I, 31).

Observou também que “No portuguez archaico terminavam em *ades, ade, êdes, êde, ides, ide* as 2^{as} pessoas do plural que no portuguez moderno terminam em *aes, ae, eis, ei, is, i*, exemplo: - *pensades* (pensaes), *queredes* (quereis), *acharedes* (achareis), *deixedes* (deixeis)” (DIAS, 1870, p. 59).

E como registro do exemplo de variação que levou à mudança, temos em Epiphany da Silva Dias a observação de que “em alguns verbos hoje regulares, usavam-se antigamente algumas formas irregulares, que hoje não existem; v.g. *mouro* ou *mouro* (*morro*), *moura* ou *moira* (*morra*), *arço*, *arça* (*ardo*, *arda*), *comesto* (*comido*), *tolheito* (*tolhido*), etc.” (DIAS, 1870, p. 70).

Passaremos a seguir, a uma breve análise da *Grammatica portugueza elementar* (1881) com relação aos temas aqui abordados.

3.1.2.4. A variação na *Grammatica portugueza elementar* (1881) Epiphanio Dias

Variação diacrônica

Epiphanio Dias também fez referências à variação linguística no eixo temporal na *Grammatica portugueza elementar* (1881). O gramático português afirmava que

nas épocas mais antigas, quando o artigo era precedido da preposição *em*, dava-se-lhe a forma *no na nos nas* (que provém da forma antiga *lo la los las*, cf. § 58) e dizia-se *em no, em na, em nos, em nas*. No português moderno, ou se diz *em o, em a, em os, em as, ou* (e é a prática ordinária) se diz simplesmente *no, na, nos, nas*, suprimindo a preposição *em*, mas conservando no artigo o *n* (DIAS, 1881, p. 39).

Ao tratar do emprego dos pronomes, Epiphanio Dias afirma que: “no sul do reino não costumamos empregar na conversação o plural do pronome da 2ª pessoa; substituímos a forma *vos* do complemento directo por *os as*, a forma *vos* do complemento indirecto por *lhes*, e a forma *vós* por *vossés* Cf. § 116 *obs.*” (DIAS, 1881, p. 115), associando dois tipos de variação, a sincrônica (diatópica) à sincrônica (diafásica), já que o gramático refere-se ao uso de certas formas pronominais empregadas na conversação pelas pessoas no sul do país.

Variação diafásica (no uso familiar)

Ainda em relação à variação diafásica (no uso familiar, nos termos do gramático), Epiphanio Dias afirma que

Obs. 1 - A preposição *de* empregada assim, em sentido definitivo, tem as vezes da aposição; e da arbitrariedade do uso é que depende o empregar em uns casos *de* definitivo, em outros a aposição. Diz-se, por exemplo: *o nome de Augusto*, mas: *a palavra Augusto; a cidade de Lisboa, mas: o rio Tejo*.

Obs. 2 - No estilo familiar também se diz, com uma construção análoga, por exemplo: *o demonio do homem, o travesso do rapaz* (DIAS, 1881, p. 103, § 154).

Ao abordar os complementos regidos de preposição, (o emprego da preposição *a*) Epiphanio Dias afirma que “muitos verbos intransitivos exprimem uma acção ou estado de

vae referir-se a uma pessoa ou cousa, v.g. *resistir a alguém, agradar a alguém*” (DIAS, 1881, p. 96). Mas, atento que estava às variedades diafásicas de seu tempo, registrou na *Grammatica portugueza elementar*, de 1881, o seguinte:

No estilo familiar, a língua portugueza junta muitas vezes ao verbo um pronome pessoal na fôrma de complemento indirecto (§ 187); nas expressões de admiração ou censura, mas recomendações e instancias e nas interrogações acerca de alguém, para significar que a pessoa designada pelo pronome pessoal tem interesse na acção: *Porque não me estuda? não me saia d’aqui* (DIAS, 1881, § 131, p. 96).

Até sobre a pronúncia do numeral *dois* o gramático registrou a variação, afirmando que: “tambem se escreve *dous*; mas pronuncia-se sempre *dois* (DIAS, 1881, p. 28).

Por tudo o que essas gramáticas apresentam e representam para a história da gramaticografia portuguesa, assim como outras gramáticas ou compêndios gramaticais brasileiros, elas não passaram despercebidas da avaliação de Silva Neto e encontram-se no seu horizonte. As observações de Epifânio de Dias acerca da *heterogeneidade linguística* portuguesa em gramáticas escolares antecipa em muitos anos a tendência contemporânea de trazer no corpo das gramáticas, ou em notas de rodapé, exemplos de usos considerados não padrão, mas que estão no limite do aceitável (ver BARROS, 1999, 2008 e LEITE, 2006a).

É a partir dessa perspectiva que Silva Neto, conforme entendemos, absorve não somente os exemplos dos quais se serve para ilustrar fatos da variação diacrônica, como também noções que já estão incorporadas na metalinguagem do gramático português, tais como as expressões *uso familiar, linguagem familiar*.

Vejamos o que ocorre em relação ao *Epítome da grammatica da lingua portugueza* (1806) de Antônio de Moraes Silva.

3.1.2.3. A variação no *Epítome da grammatica* (1806) de Moraes Silva

O gramático **Antônio de Moraes Silva**, autor do *Epítome da grammatica da lingua portugueza* (1806), também é referido por Silva Neto para apresentar exemplo de variações, que nos termos do gramático brasileiro¹⁰⁷ eram “erros das Colônias”: *amo-lhe*, *adoro-lhe* e “composições viciosas” do tipo: *homem boa*, *bons homens*, *os homens morreu*, mas que para Silva Neto eram exemplos do “português crioulo do Brasil”.

É provável que o nosso Moraes, em 1802, pensasse no português crioulo do Brasil ao capitular como “erros das Colônias” o *amo-lhe*, o *adoro-lhe*, bem como ao exemplificar as “composições viciosas”: *homem boa*; *bons homens*; *os homens morreu* (*Gramática Portuguesa*, ed. de 1813, pág. XXXVI). (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 199-200).

O trecho é significativo porque ilustra uma forte tese de Silva Neto: a de que teria havido, no período colonial da nossa história, formações de falares que ele denominou de *crioulos* ou *semicrioulos*. De acordo com Silva Neto, esses falares, cujas fontes tanto para ele quanto para Moraes Silva são os testemunhos de Pe. Vieira (v. SILVA NETO, HLP, 1986 [1957], p. 524), aos poucos foram sendo absorvidos pela modalidade culta das grandes cidades, geralmente, litorâneas, cujo maior símbolo era o Rio de Janeiro.

Conforme é apresentado no excerto, para Silva Neto, o gramático teria registrado como seriam essas linguagens, que, contemporaneamente, ainda poderiam ser encontradas, com expressivos traços em alguns dos falares rurais e nas diversas falas populares brasileiras. No capítulo cinco desta tese voltaremos a discutir esse problema. Por ora, resta-

¹⁰⁷ Em relação à obra de Antônio de Moraes Silva (1755-1824), como se sabe, apesar de escrita em Pernambuco, no ano 1802, só veio a lume em 1806 em Lisboa. É possível ler no colofão da obra as seguintes referências espaço-temporais: “Acabou-se este Epítome da Grammatica Portugueza no Engenho Novo da Moribeca em Pernambuco, aos 15 de Julho de 1802” (MORAIS SILVA, 1806, p. 163), entretanto, como se sabe, sua página de rosto traz as seguintes informações: “Epítome da Grammatica da Lingua Portugueza, composta por Antonio de Moraes Silva, Natural do Rio de Janeiro, Lisboa, M. DCCCVI” (MORAIS SILVA, 1806, p. 01). Por isso, a elencamos entre as gramáticas publicadas em Portugal. No entanto, não faz parte do escopo deste trabalho a discussão contraditória sobre a nacionalidade de Moraes Silva, nem sobre os aspectos pioneiros de sua obra, que tem chamado a atenção de pesquisadores já há alguns anos. Para maiores informações a respeito do problema, conferir Figueiredo (1957, p. 49-50); Monteiro (1958, p. 45); Orlandi (2002, p. 130), Fávero e Molina (2006, p. 69), Kemmler (2013, p. 61-2) e Cavaliere (2014, p. 61).

nos observar que Silva Neto considera como referência a data de produção da gramática, 1802, que remete ao espaço-tempo linguístico brasileiro, conforme afirmamos em nota mais acima, ou à *hiperlíngua* brasileira (Auroux, 1994)¹⁰⁸, e não ao tempo espaço-tempo de sua publicação, que, como se sabe, remete ao espaço-tempo português: Lisboa, em 1806. Esses detalhes são importantes porque Silva Neto está preocupado com os dados “sociolinguísticos” desse português brasileiro, para ele “estropiado”, relacionados com a formação do Português do Brasil, ao longo de sua sócio-história.

No próximo item, passaremos a analisar as referências feitas aos gramáticos portugueses na *História da Língua Portuguesa* (1957).

3.2. A referência aos gramáticos portugueses na *História da Língua Portuguesa* de Serafim da Silva Neto

O objetivo deste item é verificar, a partir dos conceitos apresentados por Silva Neto na Introdução da *História da Língua Portuguesa* (1957), que enfatizaram a primazia do fenômeno social sobre a questão da variação e da mudança linguística, como este autor aproveitou o conhecimento produzido pelos antigos gramáticos portugueses para teorizar a respeito da *variação linguística* do português. Esse item diz respeito à presença das gramáticas na *História da Língua Portuguesa*, mais precisamente, às citações a elas no fio do discurso de Serafim da Silva Neto, uma vez que, um dos trabalhos do historiador diz respeito

a descrição das formas em que os estados de conhecimento diferentes foram representados: as teorias são apresentadas sob a forma de textos, de discursos, que podem ser descritos como tal, do ponto de vista da sua materialidade, mas podem (e deve) também fornecer uma concepção semântica de núcleos de

¹⁰⁸ A noção de *hiperlíngua*, proposta por Auroux, contrasta com as concepções gramaticais que abstraem sujeitos, espaço e tempo, apresentando uma estrutura linguística formal; uma *hiperlíngua* só é concebível em função de sujeitos que vivem “em determinadas frações de espaço-tempo”, e que são “dotados de determinadas capacidades linguísticas ou ainda dotados de ‘gramáticas’ (não necessariamente idênticas), envoltos por um mundo e por artefatos técnicos, entre os quais figuram (às vezes) gramáticas e dicionários” (AUROUX, 1994, p. 243).

conhecimento, ou seja, descrever (dentro) do sistema conceitual a que correspondem (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 14)¹⁰⁹.

Devido a sua natureza, a pesquisa configura-se como teórica e bibliográfica, e está amparada, neste caso, conforme já afirmamos anteriormente, teórica e metodologicamente pela *História das Ideias Linguísticas* (AUROUX 2006); (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010). Nesse sentido é esclarecedor reafirmar que o papel do historiador das Ciências da Linguagem é de criar condições para uma discussão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem, “pela produção de informações confiáveis sobre as antigas teorias, o conhecimento que elas produziram, os conceitos que elas elaboraram, a forma sob a qual os problemas foram concebidos e projetados; ou pela expansão de um pequeno problema sobre questões mais gerais e mais fundamentais” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 13)¹¹⁰.

Deste modo, o capítulo estará assim organizado: no item 3.2.1, faremos um breve estudo da Introdução da *História da Língua Portuguesa*, no sentido de verificar se a abordagem teórica e metodológica que Silva Neto propôs seguir reflete, efetivamente, a maneira como ele enfrentou os problemas, principalmente os da ordem da variação linguística, aqui estudados. A análise dos conceitos desenvolvidos ou assumidos por ele nesta parte da obra será importante na medida em que nos mostrará, dentre outras coisas, seu *horizonte de retrospecto*. Afinal, entendemos que

O historiador produz a informação sobre o sistema científico que constituem as ciências da linguagem e permite, portanto, se expandir entre os pesquisadores, o que poderíamos chamar de seu "horizonte de retrospecto" (Auroux, 1992;

¹⁰⁹Tradução de: “La description des formes sous lesquelles les différents états de connaissance ont été représentés: les théories sont exposées sous la forme de textes, de discours, qui peuvent être décrits en tant que tels, du point de vue de leur matérialité; mais on peut (et on doit) également se doter d'une conception sémantique des noyaux des connaissances; autrement dit décrire (de l'intérieur) le système conceptuel auquel elles correspondent (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 14)

¹¹⁰ Tradução de: “par la production d'informations fiables sur : les théories anciennes, les connaissances qu'elles ont produites, les concepts qu'elles ont élaborés ; la forme sous laquelle les problèmes ont été posés et conçus ; ou encore, en élargissant un peu la problématique, sur des problèmes plus généraux et plus fondamentaux” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 13).

Puech [dir], 2006: a memória dos resultados, dos problemas, dos conceitos desenvolvidos antes deles (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 13)¹¹¹.

Em seguida, no item **3.2.7**, faremos um levantamento para saber como os gramáticos, por ventura, citados na *História...*, teorizaram sobre a variação linguística; após, finalizaremos com algumas considerações nas quais tentaremos responder às questões formuladas ao longo do capítulo.

3.2.1 História da Língua Portuguesa (1957): o aparato teórico social

Paul Teyssier (2007), ao arrolar a bibliografia sumária que lhe serviu de apoio à sua **História da Língua Portuguesa**¹¹², se referiu à obra de Serafim da Silva Neto como “**a única** consagrada à história da língua portuguesa”¹¹³ (grifei). Por colocar essa referência em destaque, encabeçando a lista, em detrimento das outras, que seguem organizadas em subtemas, tais como Gramáticas históricas, Das origens ao século XVI, História da língua e estilística etc., é possível presumir que Teyssier a considerava como a melhor obra do gênero, até então escrita sobre a história do português.

De fato, nos últimos cinquenta anos, essa obra teve seu valor reconhecido pelos especialistas como segura referência sobre a história da nossa língua. Não obstante, embora esteja assentada nos pressupostos teórico-metodológicos da filologia românica, cujos autores citados, tais como Jakob Jud, Antoine Meillet, Jules Gilliéron, Izaia G. Ascoli e

¹¹¹ Tradução de: “L'historien produit de l'information sur le système scientifique que constituent les sciences du langage et permet donc d'élargir, chez les chercheurs, ce que l'on peut appeler leur ‘horizon de rétrospection’ (Auroux, 1992; Puech [dir], 2006: la mémoire des résultats, des problèmes, des concepts, développés avant eux” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 13).

¹¹² TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹¹³ A referência completa do estudioso francês à obra de Silva Neto se dá da seguinte maneira: “A única obra importante consagrada à história da língua portuguesa é: Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*, 1ª ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1952-1957; 2ª ed., Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1970; 3ª ed., MEC/Presença, Rio de Janeiro, 1979” (Teyssier, 2007, p. 139). Por motivo de conveniência, passaremos a nos referir a esta obra de Silva Neto com a sigla *HLP* (1957), ou com a simples designação de *História...*, seguida da data da edição por nós consultada.

Hugo M. Schuchardt deram nova orientação à romanística e à linguística no final do século XIX e início do XX, a leitura atenta de *HLP* (1957) de Serafim da Silva Neto não deixa passar despercebida sua composição desigual. Tendo que dar conta da empreitada e honrar compromisso assumido junto ao editor, Silva Neto, que iniciou a publicação da obra em fascículos em 1952; já doente, escreveu às pressas os capítulos finais da *História...*, publicados em 1957. Tais circunstâncias de escrita deixavam marcas indeléveis no texto, como é possível notar nos capítulos referentes aos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, extremamente curtos, se comparados aos capítulos anteriores (cf. quadro 4 no item 3.2.6 desse trabalho), dedicados aos pressupostos teórico-metodológicos da obra; à história inicial da língua, que se dá a partir da origem latina do português e que se entende até o período da Idade Média.

Tal constatação não elide em nada o valor quer linguístico, quer histórico dessa grande obra. Pelo contrário, é possível observar que, mesmo quando tinha pressa em deixar pronto o referido livro, Silva Neto, sem tempo para maiores e detalhados comentários, fez sucintas e perspicazes observações a respeito da evolução histórica da língua, principalmente, em relação à fundamentação teórica do tema que nos propomos aqui investigar: a variação linguística. Para tanto, com o intuito de explicá-la, recorreu, também, à tradição gramaticográfica portuguesa. É o que procuraremos investigar nos próximos itens. Por ora, todavia, nos deteremos em descrever os principais aspectos teóricos apresentados na Introdução da *História...* que deram suporte, ao longo de toda a obra, aos conceitos que enfatizaram a primazia do fenômeno social sobre a questão da variação e da mudança linguística.

3.2.2. *Evolução e Desagregação*

Silva Neto procurou demonstrar já na **Introdução** à obra que a mudança na língua parte dos acidentes coletivos, isto é, de questões relacionadas aos aspectos sociais. Com efeito, segundo defende o autor, tais mudanças são preparadas pela estrutura mesma da língua e estão contidas virtualmente nela. Segundo ele, cada estado de língua sai naturalmente do estado de língua anterior. Conforme entendemos, o que será descrito aponta para a concepção de *mudança linguística* do autor, segundo a qual, o indivíduo, não podendo ser separado de seu entorno social, é impedido de ter na evolução da língua alguma responsabilidade. Para Silva Neto (1957, p. 13), a evolução caracteriza-se por um *feixe de tendências*; o acúmulo e a integral modificação delas dependem de *condições sociológicas*¹¹⁴. Silva Neto, no entanto, aponta para a distinção existente entre o que ele entende por *Evolução e Desagregação*. Na evolução, *não há descontinuidade*, enquanto que na *desagregação há uma nítida cesura, a transição de um estilo social para outro*. O romanista defendia que este era o caso, por exemplo, do latim que se desagregou nas dez línguas românicas. Segundo Silva Neto: “a fase do romance representa uma cesura, uma transição em que os estratos sociais e linguísticos foram desintegrados e, em seguida, reintegrados de maneira diferente” (1957, p. 14).

¹¹⁴ Encontraremos semelhante concepção em Edward Sapir, que a denomina como *deriva*, e que é citado por Silva Neto nesta mesma *História...* (1957, p. 15, nota 6) e em outros lugares (cf. também *Introdução aos Estudos da Língua Portuguesa no Brasil*, 1986 [1950], p. 115); anos mais tarde, essa mesma concepção estará presente em Labov (2008 [1972]). Sobre Labov, cf. *Padrões Sociolinguísticos*, 2008, p. 307, nota 2 e p. 356, em que o autor, fazendo menção a Meillet para endossar seus argumentos sociológicos a respeito da língua, aborda as diversas flutuações no sistema vocálico do inglês de Martha's Vineyard, principalmente as levadas a cabo pela fala dos ianques, em que há o alçamento afetando o ditongo (ay), em um momento, segundo a descrição de Labov, em que a população portuguesa da ilha “não era vista como parte da comunidade”. Depois de 1930, ainda de acordo com o autor, os portugueses passaram a ocupar cada vez mais o lugar dos ianques no comércio e na administração pública. A partir disso, Labov entende que “os portugueses então começaram a usar a centralização em seu próprio inglês, mas alçaram (aw) para [Λ¹] mais enfaticamente do que mudaram (ay) para [e¹]”. Para ele, “esses são os tipos de flutuações a que Meillet se referia quando caracterizou a sociedade como ‘um elemento em que as circunstâncias induzem a variação contínua, às vezes rápida, às vezes lenta, mas nunca completamente suspensa (1905: 16)’” (LABOV, 2008, p. 364).

Para o autor, nesse sentido, “as línguas estão em perpétua mudança, embora só o repouso seja facilmente perceptível” (SILVA NETO, 1957, p, 15). E aqui, mesmo que não haja menção direta ao alemão Hugo Schuchardt, é possível reconhecer a concepção deste importante romanista no segmento citado. A expressão diz respeito a um trecho da recensão crítica que Schuchardt (1917) fez do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, publicado, meses antes, em 1916, como se sabe, pelos alunos do mestre de Genebra. Para verificar a menção indireta a Schuchardt, bastará uma consulta às seguintes páginas:

Repouso e Movimento [isto é, sincronia e diacronia] (estes em seus sentidos mais amplos), como sempre, em relação às línguas, não apresentam qualquer contradição; **antes só o movimento é real, embora apenas o repouso seja perceptível**. Este corresponde ao registro fotográfico instantâneo, enquanto aquele corresponde a uma sucessão de imagens, tal como exibidas em uma sala de cinema (SCHUCHARDT, 1917, p. 4, sublinhamos); posteriormente reproduzidas em *Schuchardt-Brevier* (SCHUCHARDT, 1922, p. 266).¹¹⁵

3.2.3. Criação e Difusão

Outros dois importantes conceitos com forte interpretação social do fenômeno linguístico desenvolvidos em *História...* são **Criação e Difusão**. De acordo com Silva Neto (1957, p. 15), a inovação linguística, que parte do indivíduo, pode restringir-se a ele, ou generalizar-se. Esses são mais dois conceitos que tem como base as ideias de Schuchardt, que o autor cita em nota. Cabe observar que estas importantes noções estarão presentes, anos mais tarde, nos atuais estudos sociolinguísticos, seja pela teoria laboviana, seja pelos estudos da *teoria das ondas* (*Wellentheorie*) de Bailey (1973).¹¹⁶

¹¹⁵ Tradução de: “Ruhe und Bewegung (diese im weitesten Sinn genommen) bilden wie überhaupt so bei der Sprache keinen Gegensatz; **nur die Bewegung ist wirklich, nur die Ruhe ist wahrnehmbar**. Dieser entspricht die photographische Augenblicksaufnahme, jener eine Aufeinanderfolge solcher wie sie von der Kinodarstellung erheischt wird” (SCHUCHARDT, 1917, p. 4, sublinhamos); reproduzidas depois em Schuchardt-Brevier (1922, p. 266).

¹¹⁶ Para maior discussão a respeito da *Teoria das Ondas* [*Wellentheorie*], tanto no âmbito dos estudos sociolinguísticos atuais, quanto no da tradição Romanística, bem como suas implicações, remeto ao capítulo três *O papel da Romanística nas Ciências da Linguagem: pontos para reflexão*, item 3.3.1 desse trabalho.

Em todo fato linguístico, conforme preceitua Silva Neto, haveríamos de distinguir a *criação* da *coletivização*. Poderíamos traduzi-los na seguinte fórmula: (iniciativa individual + aceitação coletiva = mudança). Todavia, segundo o autor, somente subsistem os esforços individuais, em relação à mudança, que forem realizados no sentido das *tendências linguísticas*. É neste ponto que o conceito de *deriva*¹¹⁷ de Sapir vem novamente à tona, e é explicado por ele nos seguintes termos:

A expressão *tendência linguística* serve para designar o conjunto de fatores, ainda imprecisamente definidos, que, numa certa área, numa certa época, orientam as mudanças em determinado sentido. É o que Sapir chama de “*deriva da língua*” (drift): “The drift of a language is constituted by the unconscious selection on the part of its speakers of those individual variations that are cumulative in some special direction. This direction may be inferred, in the main, from the past history of the language. In the long run any new feature of the drift becomes part and parcel the common, accepted speech; but for a long time it may exist as a mere tendency in the speech of a few, perhaps of a despised few” (Language, págs. 165-6). (SILVA NETO, 1957, p. 16-7, nota 6).

118

Embora Silva Neto, neste contexto, adote o conceito de *drift* de Sapir – uma metáfora náutica empregada por este linguista para afirmar que as línguas derivam em um processo diferente da cisão de dialetos, devido à separação comunicativa de comunidades – é perceptível, analisando a citação completa que o autor transcreveu desse gigante de Yale¹¹⁹, sua rejeição quanto à ideia de **seleção inconsciente** (*unconscious selection*), a qual ele não teceu nenhum comentário, já que, segundo entendemos, poderia conduzir a

¹¹⁷ Para uma análise detalhada do conceito sapiriano de *deriva*, consultar Malkiel (1981).

¹¹⁸ Tradução: “A *deriva* de uma língua é constituída pela seleção inconsciente por parte de seus falantes dessas variações individuais que são cumulativas em alguma direção especial. Esta direção pode ser inferida, em geral, a partir da história passada da língua. Em longo prazo qualquer novo recurso do desvio torna-se parte integrante da fala comum, aceitável; mas por um longo período de tempo pode existir como uma mera tendência na fala de alguns, talvez de alguns poucos desprezados”.

¹¹⁹ A expressão *gigantes de Yale* (ALTMAN, 2011) refere-se nos estudos linguísticos historiográficos aos primeiros linguistas norte-americanos que atuaram na Universidade de Yale, dentre eles, William Dwight Whitney (1827–1894); Edgar H. Sturtevant (1875-1952); Leonard Bloomfield (1887-1949); Benjamin Lee-Whorf (1897-1941) e o aqui citado Edward Sapir (1884-1939). Esta instituição de ensino “possui uma longa tradição na pesquisa de línguas e em linguística”, conforme se lê na página oficial de seu Departamento de Linguística. Esta é uma breve relação de ilustres estudiosos que contribuíram para esta tradição, conforme, também, se lê na página oficial daquele Departamento (cf. YALE UNIVERSITY, <http://ling.yale.edu/departament-history>).

interpretação desse fenômeno linguístico a uma abordagem psicologizante da linguagem; abordagem que, como se sabe, Silva Neto fortemente rejeitava, fosse porque, na esteira de Schuchardt, recusava a “herança” neogramática da regularidade da mudança fonética, que, para ele, reduzia o fenômeno a mero dado positivo, ou seja, para sermos mais fiéis às suas palavras: “na linguagem não há leis cegas, comparáveis às da Natureza, pois no mesmo espaço e no mesmo período de tempo um câmbio fonético pode não ter ainda atingido tôdas as palavras” (SILVA NETO, 1960, p. 42); ou, fosse porque entendia como certa a forte atuação das variáveis sociais na conformação das mudanças linguísticas, concepção traduzida por ele na seguinte passagem da mesma obra: “É que a sua extensão [a da mudança fonética] é fortuita e inconstante, como **fenômeno social que é**” (idem, ibidem) (Grifamos).

3.2.4. Interação linguística

Outro conceito com o qual o ilustre romanista operou, e que nos interessará mais de perto porque diz respeito ao enfoque social dado por ele à língua, refere-se à “**Inter-ação linguística**” (SILVA NETO, HLP 1957, p. 23). Basicamente, Silva Neto sustentou sua argumentação a este respeito, levando em consideração os seguintes pontos:

- 1º. antinomia entre coerção social e o espírito criador;
- 2º. esse duplo caráter – individual e social – também se manifesta na língua;
- 3º. embora cada um fale diferente do outro, há, dentro de cada grupo social ou regional, determinadas somas de identidades, o que lhe confere um jogo perpétuo de ação e reação.

Amparado nos estudos sociológicos de sua época, observou que a sociedade, seguindo a lógica da imitação que se dá por meio do **prestígio**, se compara a uma pirâmide

de camadas sociais justapostas. Cada uma delas procurando imitar o que lhe está imediatamente superior, e evitando as características da que lhe fica logo abaixo. É o que ocorre na *interação linguística* por meio dos diversos tipos de contato, que o autor dividiu em *tendências positivas*, na qual ocorre a imitação; e *tendências negativas*, na qual se procura rejeitar a imitação. Sendo que o superior e último estágio na pirâmide social, não tendo a quem social e linguisticamente imitar, voltava-se para o passado, criando novas formas. Os contatos linguísticos – acentua ele – são dos mais diferentes tipos, a saber:

- ✓ contato entre indivíduos
- ✓ contato entre elementos linguísticos
- ✓ contato das línguas das várias classes sociais
- ✓ contato das falas regionais entre si
- ✓ contato das falas regionais com a língua comum
- ✓ contato das gerações
- ✓ contato de línguas diversas por penetração pacífica ou militar.

3.2.5. Evolução e estrutura social

Entendia, também, o autor que a evolução linguística estava intimamente ligada à evolução histórico-social: “a rapidez ou a lentidão das transformações depende da estrutura da sociedade” (SILVA NETO, HLP 1957, p. 30). Para o autor, que aqui se baseava nos argumentos do sociólogo francês Gabriel Tarde, a vida social oscila entre a imitação dos antigos e a difusão das inovações; isto é, da *imitação-costume* e da *imitação-moda*.¹²⁰

¹²⁰ Nota-se que Silva Neto também buscou amplo amparo nos mais fecundos estudos sociológicos do início do século XX, sobre os quais, como se vê, demonstrou ter excelente domínio. Além do sociólogo acima mencionado, citou outros tantos, da escola sociológica francesa e da alemã, tais como *Theodor Julius Geiger* (1891-1952), *Georg Simmel* (1858-1918), *Émile Durkheim* (1858-1917) e René *Worms* (1869-1926). Chegou mesmo a referir-se à famosa polêmica existente entre E. Durkheim e Gabriel Tarde, sobre a antinomia coerção social e espírito criador, que, conforme apontou, havia sido superada e conciliada pelos estudos posteriores de Worms (SILVA NETO, 1957, p 24).

Estes são os fatores que, de acordo com Silva Neto, **favorecem o prestígio do costume**: culto dos antepassados; isolamento físico; isolamento linguístico; isolamento social; vida caseira; analfabetismo; reverência aos livros sagrados; sedentarismo; falta de contatos culturais. Pelo contrário, estes são os elementos, segundo ele, **favoráveis à imitação-moda**: autoridade da geração nova; melhoramento dos meios de comunicação; igualdade civil e social; hospitalidade; emancipação das mulheres; instrução; liberdade de discussão; viagens e migrações; guerra e conquista. O equilíbrio entre esses fatores – ressalta – é o que explica a relativa e aparente estabilidade social.

Para Silva Neto, seria lícito estudar a evolução de uma língua (a história), de século a século, se determinados fatores sociológicos – esses acima apresentados –, não influíssem no sentido de retardá-la ou apressá-la. Todavia, reconhecia ao mesmo tempo que era precisamente “êsse ininterrupto contacto, esse uso repetido e multiforme, essa ininterrupta reparação do todo, que explica[va]m o estado de permanente mudança, característico das línguas” (SILVA NETO, HLP 1957, p. 30).

3.2.6. Quadro-síntese comentado do sumário de *HLP* (1957)

O desenvolvimento de todos esses conceitos contribuiu para que o autor demonstrasse, ao longo da obra, os diversos fatores, tanto linguísticos quanto sociais, que fizeram do latim, a língua (modificada no tempo e no espaço) que viríamos a denominar, anos mais tarde, de portuguesa. Após a Introdução, que, como se notou, dava-se ênfase aos fenômenos sociais que incidiam sobre a língua, e na qual vemos antecipados vários pressupostos que virão a fazer parte dos estudos sociolinguísticos contemporâneos, podemos observar que a matéria está assim dividida:

✓ Antes dos Romanos, p. 55;
✓ Os Romanos (Séc. III a. C.), p. 67;
✓ A Língua, p. 107;
✓ O Latim Hispânico, p. 161-309, para o qual é dedicada grande extensão da obra, em que se descreve desde seu sistema fonético, passando pelas descrições morfológicas, sintáticas, e que culmina na descrição vocabular (léxica) dessa fase da evolução da língua;
✓ O Período Germânico, p. 317;
✓ Os Árabes, p. 333;
✓ Portugal, p. 347;
✓ A Língua Portuguesa, p. 365;
✓ O Português Medieval, p. 397-407, em que se aborda desde <i>A língua dos trovadores</i> (p. 403), passa-se pela observação da <i>Criação e florescimento da prosa artística</i> (p. 406), e termina com o estudo do <i>Século XV: a respeito do aperfeiçoamento da prosa e decadência da poesia</i> (p. 407);
✓ Expansão da Língua, p. 427-437, trecho que, embora cheio de subitens, configura-se de modo relativamente curto; no qual o autor, dentre outras coisas, define o que é <i>falar crioulo</i> ;
✓ O Século XVI, p. 443;
✓ Expansão da Língua, p. 513, trecho que retoma e amplia algumas abordagens anteriores a respeito da expansão, no entanto, dessa vez passa-se pela expansão do Português na América, isto é, no Brasil (p. 521), e termina com algumas <i>Reflexões acerca da expansão</i> (p. 514);
✓ O Século XVII, p. 547, trecho extremamente curto, conforme já dissemos,

se comparado com os outros, e no qual figura apenas um subitem denominado <i>A língua literária</i> (p. 557); o mesmo ocorre para o século seguinte;
✓ O Século XVIII, p. 567, cujo único subitem denomina-se <i>A língua literária do século XVIII</i> (p. 571); para o século XIX o autor reservou o pequeno trecho a seguir:
✓ Os grandes modelos da Língua Literária no século XIX, p. 575-9, de apenas quatro páginas e, encerrando, uma
✓ Nota Final, p. 579-80, na qual o autor, dentre outras coisas, como agradecimentos, reconhece em público “as deficiências, desigualdades e até erros” dessa <i>História da Língua Portuguesa</i> .

[Quadro 4 – Descrição comentada do sumário da *História da Língua Portuguesa*]

Fonte: autoria própria.

Não há nenhuma menção à história da língua que se refira ao século XX. Talvez, por ser este um período muito próximo ao que Silva Neto escrevia, ou pela já aludida falta de tempo para a conclusão do trabalho, devido a grave doença a que ele estava acometido.

Um estudo mais detalhado da *História...* foge ao nosso alcance, já que, o que nos interessa, de fato, são as questões aludidas no início do capítulo, e que repetimos: partindo dos conceitos apresentados na Introdução da *História...*, que enfatizaram a primazia do fenômeno social sobre a questão da variação e da mudança linguística, verificar como Silva Neto aproveitou o conhecimento produzido pelos gramáticos portugueses a respeito da variação linguística do português. É o que passaremos a desenvolver no próximo item.

3.2.7 Os antigos gramáticos portugueses na *HLP*: *Fernão de Oliveira* e *Jerônimo Contador de Argote*

Ao compulsarmos a *HLP* (1957), verificamos que há inúmeras referências aos antigos gramáticos portugueses.¹²¹ Aliás, não só aos gramáticos como também aos dicionaristas e aos ortógrafos. No entanto, os dois gramáticos citados que estão mais diretamente relacionados ao problema aqui estudado: o da variação linguística, e que estão no *horizonte de retrospectão* do autor, são **Fernão de Oliveira** (1507-1581), já conhecido primeiro gramático português, do século XVI, que escreveu em 1536 a *Grammatica da lingoagem portuguesa*; e, **Jerônimo Contador de Argote** (1676-1749), autor de uma

¹²¹ No *Manual de Filologia Portuguesa* (1988 [1ª ed, 1952], p. 251), obra na qual, segundo Elia (em orelha da edição por nós compulsada, a 4ª edição, de 1988), “Silva Neto inaugurou entre nós a literatura didática, em nível superior, para a língua portuguesa”, o autor apresentava uma relação de *Temas para trabalhos de Filologia Portuguesa*. Nessa relação, dentre os vários trabalhos que Silva Neto já apontava como imprescindíveis para o estudo da Língua Portuguesa – segundo entendemos, verdadeiro *Programa de pesquisa*, que, em boa parte já foi realizado ou encontra-se atualmente em estágio de pleno desenvolvimento, pela linguística contemporânea –, o autor destacava como importante o estudo da *doutrina dos gramáticos portugueses*.

Sabe-se que, atualmente, há inúmeros trabalhos, uns mais descritivos, outros mais interpretativos, publicados no campo da *Historiografia Linguística*, no da *História das Ideias Linguísticas*, assim como em *Linguística Missionária*, ou mesmo em *Historiografia Linguística Portuguesa* tanto em Portugal quanto no Brasil, que vem cumprindo este importante papel nos estudos gramaticográficos da língua portuguesa. Conferir neste sentido, os importantes estudos realizados pelo grupo de pesquisa da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD - Portugal), sob a liderança de Assunção (1997, 2000), Torres e Assunção (2000), Assunção e Fernandes (2007), em que os autores conjugam historiografia linguística ao já tradicional campo de pesquisa da filologia portuguesa, com o resgate e o estabelecimento crítico dos textos; além de Kossarik (2002) e Buesco (1978, 1983, 1984a, 1984b); bem como os trabalhos na perspectiva teórico-metodológica de Sylvian Aurox (1992, 1994, 1998, 2006, 2008) que vem sendo realizados no Brasil por Leite, (2001, 2005, 2006, 2007a, 2007b, 2009a, 2009b, 2010, 2011a, 2011b, 2011c, 2012) e, desde 2009, pelo grupo de trabalho coordenado por ela, denominado *GT: História, descrição e discurso*, (<http://gtgramaticashdd.wix.com/gtgramaticas>), oficialmente inscrito no Diretório de Pesquisa do CNPq (<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00678015CMX7EO>); além de Barros (2002, 2003, 2006a, 2006b, 2007, 2008a, 2008b, 2011), que, particularmente, aplica ao trabalho historiográfico a teoria semiótica greimasiana; conferir também, em uma linha mais próxima aos trabalhos de Swiggers (1997) e de Koerner (1996), todavia, sem negligenciar os de Aurox (1992a), os trabalhos, já realizados ou em andamento, acolhidos pelo projeto *Documenta Grammaticae et Historiae. Projeto de documentação linguística e historiográfica*, coordenados por Altman e Coelho (2006-atual), que faz parte do Centro de Documentação em Historiografia Linguística, centro complementar do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (CEDOCH-DL/USP), coordenado pela Profª. Drª. Cristina Altman, que “tem como objetivo principal a construção e a disponibilização de corpora representativos da tradição gramatical-colonial ibérica” (cf. **Objetivos Gerais em site do Projeto:** <http://www.fflch.usp.br/dl/documenta>); também os trabalhos realizados pelo grupo de pesquisa liderado por Bastos e Palma (orgs.) (2004, 2006, 2008, 2010), que seguem, sobretudo, a linha metodológica de Koerner (1996), a quem procuram *estritamente* observar os conhecidos princípios de contextualização, de imanência e de adequação; além dos trabalhos desenvolvidos por Cavaliere (2000, 2012, 2014); Fávero (1996); Fávero e Molina (2006); e, associado aos dispositivos teóricos da AD de linha francesa, também os trabalhos publicados pelo grupo liderado por Orlandi (org.) (2001) e Orlandi (2002).

gramática de grande relevância do século XVIII, intitulada *Regras da língua portugueza, espelho da língua latina*, publicada pela primeira vez em 1721, sob o pseudônimo de Pe. Caetano Maldonado da Gama; a segunda edição sai, acrescentada, em 1725, com a revelação do verdadeiro nome do autor¹²². Essa gramática foi “por onde”, conforme nos atesta Silva Neto (1957, p. 483) “durante tantos anos se estudou a nossa língua”, e na qual, como se verá, se descrevem pela primeira vez de forma sistematizada os dialetos portugueses.

O primeiro gramático, Fernão de Oliveira, era um padre dominicano português que viveu no período de 1507 a 1580, ou 1581, e teve uma vida extremamente conturbada. Aos treze anos de idade, entrou para o Convento dos Dominicanos (Évora); e de lá saiu, em abandono à vida eclesiástica, aos vinte e cinco, quando se exilou em Toledo, na Espanha. Muito viajado, inclusive para o estrangeiro, onde esteve na corte de Henrique VIII, rei inglês, Fernão de Oliveira era um homem extremamente culto, segundo os estudiosos¹²³, voltado para as letras, e também, conforme ressalta Leite (2007a), para a navegação, era nautógrafo. De formação humanística, escreveu algumas importantes obras, muitas delas, perdidas no tempo; pois além da *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536), escreveu também três livros de navegação: *Arte da Guerra e do Mar* (1554), *Livro da Fábrica das Naus* (publicado muito tempo depois, em 1898, por Henrique Lopes Mendonça), *Arte da Navegação*, e um livro de história: *História de Portugal*.

Por sua vez, Jerônimo Contador de Argote, nasceu em Colares, Portugal, no ano de 1676, e morreu em 1749, em Lisboa, no Convento dos Caetanos. Conforme nos atesta Leite (2011a, p. 667), “além de gramático, o padre foi historiador e escreveu, dentre outras,

¹²² Conforme já afirmamos na Introdução da tese, para maiores detalhes a respeito das duas edições da referida obra, ver Kemmler (2012),

¹²³ Para maiores detalhes acerca da biografia dessa interessante personagem, consultar Leite (op. cit.); Torres e Assunção (2000).

a obra *Memórias históricas do arcebispado de Braga* (1744), dividida em quatro volumes e dedicada ao rei D. João V”.

De acordo com Leite¹²⁴ (2011a, p. 665), há, “no que concerne ao tratamento da variação linguística”, ao longo da história da língua portuguesa, “três gramáticas relevantes de diferentes séculos (XVI, XVIII e XX)”. Das três obras apontadas pela autora, duas se referem justamente às de Oliveira e Argote, respectivamente citadas na *História da Língua Portuguesa* por Silva Neto; a terceira é a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra, de 1986, cuja importante relação com a obra de Silva Neto, procuraremos demonstrar linhas adiante nesse trabalho. Com razão entende a autora que

para falar do assunto, é obrigatória a referência a nossa primeira gramática, a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, publicada em 1536, não somente por ter sido o instrumento que gramatizou o vernáculo, mas também porque registrou o estado da língua falada por pessoas cultas naquela altura no século XVI, com importantes referências sociolinguísticas. Depois dessa, tem-se de citar a gramática do Pe. Jerônimo Contador de Argote, *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina*, na sua segunda edição, de 1725, que traz um capítulo completa e especialmente voltado à variação linguística, com minucioso estudo dos dialetos regionais, e comentários importantes sobre os dialetos sociais, pelos quais se conhece não somente o estágio em que se encontram os estudos linguísticos da época, como também pormenores sobre o português praticado na época (LEITE, op. cit., p. 665-6).

É o que faz Silva Neto tanto em relação ao gramático do século XVI, quanto em relação ao do século XVIII; o romanista cita a ambos. Busca, no primeiro, as referências que tratam das variedades portuguesas no século XVI, e, ao mesmo tempo, trata de “como a história documenta a ‘evolução linguística’ a par das mudanças sociais”, como bem observou Leite (2007a, p. 96). Nesse sentido, Silva Neto registrou o cuidado que **Fernão de Oliveira** teve de consultar fontes para atestar a mudança linguística. E, de fato, Silva Neto citou-o nos seguintes termos: “Fernão d’Oliveira teve o cuidado de consultar

¹²⁴ A quem seguiremos de perto os estudos realizados sobre ambos os gramáticos (Cf. LEITE, 2007a, 2011a).

mulheres idosas para aprender o significado de palavras desusadas no seu tempo” (SILVA NETO, 1957, p. 34).

Mais adiante, Silva Neto demonstra, em uma longa citação, que “Fernão de Oliveira tinha perfeita noção, quer da *variedade linguística-social*, quer das variedades regionais” (op. cit., p. 490, grifo nosso). Ao final desse longo trecho citado, o filólogo brasileiro faz uma sinopse deste, diríamos modernamente, verdadeiro *quadro sociolinguístico* do português do século XVI:

Na lúcida exposição que acabamos de ler encontra-se:

- 1 – a *língua comum*: que todos falam e entendem, própria do nosso tempo e terra;
- 2 – a *língua padrão*: a dos cortesãos, a dos “melhores”, aqueles que mais estudaram e ocupam a classe social mais bem dotada;
- 3 – as *línguas especiais*;
- 4 – as *falas regionais*: o beirão, o alentejano, o extremenho, o interamense... (op. cit. p. 491).

O comentário desse trecho citado em Silva Neto não escapou à Leite (2009a, p. 215) que, em estudo que fez da obra de Fernão de Oliveira, a *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536), em comparação com a de João de Barros, *Gramática da língua portuguesa* (1540)¹²⁵, dedicou considerável espaço para demonstrar o tratamento dispensado pelo primeiro sobre a *variação linguística*¹²⁶; como se vê, aspecto já inaugurado no domínio português pela primeira gramática.

Em certa altura da *História...*, quando estudava a evolução do sistema fonético português do século XVI, principalmente, no sentido de verificar que ele seria diferente do século XX, Silva Neto buscou referência nos dois gramáticos já citados, por meio de

¹²⁵ LEITE, M.Q. *O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma*: São Paulo: Humanitas/ Paulistana, 2007a. Obra que resulta de sua tese de livre-docência, apresentada e defendida em 2006, na Universidade de São Paulo, na qual a autora faz uma leitura segura e cuidadosa – como bem avaliaram Barros e Neves (na apresentação que fizeram da obra) – das duas primeiras gramáticas do português, no século XVI, na perspectiva dos estudos de Sylvian Auroux sobre a *gramaticalização, instrumentos linguísticos e engajamento normativo* (cf. BARROS e NEVES, 2007, p. 15).

¹²⁶ Nesse aspecto, tanto para o estudo específico sobre Fernão de Oliveira, quanto para um estudo comparativo entre este e João de Barros, conferir na mesma obra especialmente as páginas 205-15; 238; 241-2; 267 e 300.

uma obra de Franco de Sá.¹²⁷ É provável que Silva Neto tenha iniciado seus estudos acerca dos gramáticos antigos (talvez até dos filólogos) por intermédio desse esquecido autor brasileiro, embora seja bastante provável que não tenha se limitado a ele. Afirmava que a leitura cuidadosa dos gramáticos do século XVI (referiu-se aqui também a João de Barros)¹²⁸ oferecia a possibilidade de traçar um quadro tanto quanto possível fiel, desse sistema fonético descrito. A citação a Oliveira, nesse contexto, dá-se do seguinte modo, no qual Silva Neto adverte que

Inicialmente devemos observar que era diferente o ritmo da língua, a entonação, pois Fernão d'Oliveira acentua que 'nós falamos com grande repouso, como homens assentados', descrição que não se ajusta à realidade contemporânea, pois hoje os portugueses, sobretudo os de Lisboa e Coimbra não falam, como seus antepassados, repousadamente, mas, pelo contrário, à pressa (SILVA NETO, HLP 1957, p. 482).

Já, alguns parágrafos adiante, para melhor argumentar sobre essa mudança no sistema fonético português, Silva Neto, por meio de uma outra referência ao foneticista brasileiro Filipe Franco de Sá (estudioso do final do século XIX, que, segundo o autor, já havia observado a referida mudança no falar português), faz, ao que nos parece, a primeira menção a **Jerônimo Contador de Argote** na *História da Língua Portuguesa*, que, neste contexto de citação, servirá de testemunho para a comprovação cabal da mudança, mais precisamente à queda das vogais pretônicas da pronúncia normal portuguesa atual. Observemos, portanto, suas próprias palavras nesse sentido:

¹²⁷ Sobre Franco de Sá, “antigo político da Monarquia, nascido em 1841 e falecido em 1906”, Silva Neto afirmava que era autor de “notável trabalho”. “Franco de Sá – observa ele – conhecia perfeitamente a escola filológica portuguesa (Adolfo Coelho, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos), a filologia românica do tempo e os antigos gramáticos portugueses. Os seus estudos foram publicados, postumamente, por Fran Paxeco, no Maranhão, em 1915, “*A Língua Portuguesa (Dificuldades e Dúvidas)*” (SILVA NETO, 1986, p. 608).

¹²⁸ Uma investigação mais específica sobre o tratamento dado por João de Barros à variação linguística não se justifica em nosso trabalho por dois motivos: primeiro, porque Silva Neto não reconhece este aspecto na *Gramática* de João de Barros; o segundo, que decorre do primeiro, dá-se porque entendemos com Leite (2007a, p. 252) que “o balanço da *variação* e do *uso* linguístico [embora só o primeiro desses aspectos nos interesse] na *Gramática* [de João de Barros] não é significativo”.

A êsses testemunhos já de si tão probantes, o distinto foneticista brasileiro Filipe Franco de Sá acrescentou o de Jerônimo Contador de Argote (1725), natural do distrito de Lisboa, autor de uma gramática por onde durante tantos anos estudou a nossa língua. Diz êle que no Algarve “ao *e* fechado pronunciação como *i*, assim como *pedaço* dizem *pidaço*, e ao *i* pronunciação como *e* fechado; assim *dizer* pronuciação *dezer*”. Como se vê – comenta Franco de Sá – o *e* medial átono que os lisbonenses atualmente fazem mudo, era, no primeiro quartel do século XVIII, pronunciado (ao menos pelos que falavam bem) como *e* fechado, *pedaço*, e não *pidaço* como em certos lugares do Algarve, ou *p’daço* como pronúncia portuguesa de hoje (SILVA NETO, HLP 1957, p. 483).

O próximo passo é ainda mais contundente quanto ao aproveitamento por Silva Neto das ideias apresentadas na obra desse importante gramático do século XVIII, Contador de Argote. Conforme afirmamos linhas acima, Silva Neto mesmo quando tinha pressa em deixar sua *História...* pronta, e não dispunha de tempo para fazê-lo, com maiores e detalhados comentários; ainda assim fazia sucintas e perspicazes observações, sempre de maneira criteriosa. É o que pode ser dito em relação ao capítulo sobre *O Século XVIII*, em que o romanista transcreveu integralmente a matéria na qual Contador de Argote, na quarta parte das *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina* (1725) dedicou à *variação* linguística do português.

No contexto da citação, diz Silva Neto (1957, p. 561) que “logo no primeiro quartel do século XVIII (1725) temos um razoável panorama da língua portuguesa, nas *Regras* de D. Jerônimo Contador de Argote” e que seria conveniente reproduzir, “pelo seu elevado interêsse documental, o capítulo relativo aos dialetos da língua portuguesa”. A citação começa exatamente no ponto em que Contador de Argote define o que é dialeto¹²⁹:

MESTRE. Que quer dizer Dialecto?
D. Quer dizer modo de fallar.
M. Que cousa he Dialecto?
D. He modo diverso de fallar a mesma língua (ARGOTE, 1725, *apud* SILVA NETO, 1957, HLP p. 561).

¹²⁹ A obra se estrutura em diálogos entre um Mestre e um Discípulo.

E segue ininterruptamente (p. 562-4), até o ponto em que o gramático conclui a matéria com o último par adjacente *pergunta-resposta* do diálogo, embora Argote reconheça que o assunto não se finde por aí; mas, por tratar-se de uma obra de cunho didático, o exposto já seria, segundo entendemos, mais do que o suficiente para o autor.

M. Tendes mais que dizer dos Dialetos da língua Portuguesa?

D. Mais há que dizer, mas isto basta (op. cit, p. 564).

Vemos, no texto desse gramático, referido na sua integralidade por Silva Neto, que as considerações são bastante avançadas para a época, e antecipam em alguns séculos as definições e conceituações sobre a *variação linguística*, estudadas hoje tanto pela Dialectologia quanto pela Sociolinguística modernas. Também vemos, por exemplo, definidos por ele, isto é, por Argote, os três principais tipos de variações que considerou; ou, de acordo com sua própria definição, “esta diversidade pois de fallar, que observa a gente da mesma língua [...] Dialectos locais, e Dialectos de tempo, e Dialectos de profissão” (op. cit., p. 561).

Silva Neto, como dissemos, embora não tenha feito maiores comentários a esta extensa e importante citação das *Regras*, a qual, segundo julgamos, poderia ter sido melhor aproveitada, em seus vários aspectos, não fosse a precária situação enfrentada por ele durante a elaboração final do trabalho (saúde debilitada, prazo vencido de entrega das provas¹³⁰, etc.), finaliza o trecho em menção a este gramático, chamando a atenção para o fato de que Argote considerava Lisboa como lugar de referência para a língua padrão, ainda que para ele mesmo (isto é, para Argote) seu ponto de referência constante – como bem pondera Silva Neto – fosse a variedade de Estremadura:

¹³⁰ É o próprio Silva Neto que reconhece em *Nota final* “a paciência quase inesgotável” que teve o editor diante das suas “demoras com as provas e constantes interpolações” (SILVA NETO, 1957, p. 580).

Pelo que aí se lê parece que Contador de Argote considerava Lisboa como padrão. Com efeito, repare-se que o seu ponto de referência constante é a linguagem de Estremadura. Quando se refere aos traços dialetais (beirões, interamnense, etc.) fá-lo sempre em relação ao estremenho: veja-se que com relação a êste não aponta exemplos. É que considerava a linguagem normal portuguesa. Mais ainda: não considerava o falar da província do Alentejo na mesma situação dos demais, justamente porque difere pouco do da Estremadura. É ainda curioso e oportuno observar que Contador de Argote percebia que o português arcaico tinha muitas semelhanças com os dialetos atuais (1725) do Minho, Beira e Trás-os-Montes – o que vem a confirmar a crença de que êle considerava a linguagem estremenha como a base do português moderno e padrão (SILVA NETO, HLP 1957, p. 564).

Como já se afirmou, ainda que em alguns pontos da *História...* seu autor não tenha conseguido manter a equidade necessária entre as partes desenvolvidas, ele soube recorrer com maestria a trechos que, por si só, são de extrema importância para a história da língua e, em especial, de nosso ponto de vista, para a historiografia linguística, tratando do tema da variação. Este é o caso do segmento integralmente retirado de Argote, sobre a variedade dos dialetos portugueses, conforme se viu; seja porque reproduz o importantíssimo testemunho do gramático setecentista sobre o estado da língua naquele tempo e espaços, seja porque, indiretamente, dá notícia do tratamento variacionista nas gramáticas portuguesas; neste caso, é extremamente relevante tanto sua referência à *Gramática...* de Fernão de Oliveira quanto às *Regras...* de Contador de Argote.

3.2.7.1. A *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira e a variação linguística

De autoria de “um dos gramáticos mais originais de toda a Renascença” (COSERIU, 2000, p. 31), o polígrafo Fernão de Oliveira (1507-1581), “que inaugur[ou] a produção gramatical em português e sobre o português” (SANTOS e ASSUNÇÃO, 2009, p. 216), a *Grammatica da lingoagem portugueza* é um instrumento em que a diversidade linguística do português já se encontra registrada. A “*primeira anotação que Fernão d’Oliveira fez da Língua Portuguesa*” – como o próprio gramático também a denominou –,

está, essencialmente, voltada à análise do que hoje designamos de fonética articulatória, em que Oliveira descreveu as “vozes” do português de sua época e deu indicações para a sua representação gráfica – as chamadas “lêteras”.

Nesse sentido, Fernão de Oliveira foi prioritariamente descritivista, no sentido que lhe dá a chamada Linguística Moderna, como demonstrou Eugenio Coseriu (1921-2002) no seu estudo já clássico sobre o gramático português, *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*, realizado em conferência no Rio de Janeiro e republicado em Torres e Assunção (2000, p. 29-60), assim como têm ressaltado outros pesquisadores que vieram a estudá-lo após a publicação dos investigadores portugueses referidos¹³¹, ressaltando-lhe um aspecto ou outro. Muitos o consideram o primeiro foneticista, *avant la lettre*, do português, com intuições fonológicas, como destacou Eugenio Coseriu, no estudo citado (MATTOS e SILVA, 2002). Ocupa com isso dez capítulos (VIII a XVIII) dos cinquenta da sua obra. Ainda dedica nove capítulos à sílaba (XIX a XVII). Nos capítulos XXVIII e XXIX trata do acento de palavra. Do capítulo XXX ao XXXIX explora as “dicções” ou “vocabúlo ou palavra, tudo quer dizer a mesma coisa” (cf. cap. XXX).

O seu estudo aí se centra no que hoje chamamos de morfologia derivacional e lexicologia. Apresenta a sua classificação de natureza derivacional, à qual se segue, dos capítulos XXXVI ao XXXIX um estudo das “dicções”, que hoje se consideraria como de

¹³¹ Nos últimos quinze anos tem havido um renovado interesse por parte dos estudos linguísticos e historiográficos contemporâneos sobre a *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira. Inúmeras publicações têm procurado reavaliar suas ideias, assim como congressos têm sido realizados em sua homenagem. Dentre as várias obras, destacam-se: Monteiro (1998); Torres e Assunção (2000); Barros (2001); Mattos e Silva (2002); Leite (2007), Assunção e Santos (2009), além de muitos outros. Quanto aos congressos, citam-se: *Simpósio comemorativo: Fernão de Oliveira: 500 anos*, realizado em 24, 25, e 26 de setembro de 2007, (cf. <<http://www.unicamp.br/iel/fernaodeoliveira/>>) que promoveu a reunião de especialistas de diversas áreas dos estudos da linguagem e, posteriormente, deu origem ao livro *Fernão de Oliveira: um gramático na história*, organizado por Abaurre, Avelar e Pfeiffer (2009). Nesse mesmo contexto de homenagens, resalta-se ainda a: *Fernando Oliveira: um humanista genial – V centenário do seu nascimento*, obra coordenada por MORAIS (2010), em que cerca de três dezenas de especialistas de diferentes áreas de conhecimento produziram, a convite do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (cidade em que nasceu o gramático), um conjunto de ensaios com o intuito de proporcionar uma visão atualizada e global da vida e obra deste genial Humanista, polígrafo notável.

natureza histórica e dialetal, em que distingue usos regionais, estráticos ou sociais, etários e cultos, na terminologia atual. Do capítulo XL a XLIX (*Da analogia*) apresenta suas reflexões sobre a morfologia flexional do português e, no final, anuncia outro livro sobre a “construção ou composição”, ou seja, a sintaxe, obra que se fez, não chegou ao presente, pelo menos, até agora (MATTOS E SILVA, 2002; LEITE, 2007).

A partir da abordagem das “dições”, isto é, das palavras, de acordo com cinco critérios (cf. Oliveira 1536, p. 39-61; cf. Coseriu, 2000, p. 45-47) ¹³², em que se destaca, nomeadamente, aquilo que o gramático chamou de “dições usadas” que contrapõe às “novas” e às “velhas”, ou, como o gramático define: “estas que nos servem a cada porta (como dizem), estas, digo, que todos falam e entendem, as quaes são proprias do nosso tempo e terra”, ao passo que “quem não usa dellas é desentoado, fora do tom e musica dos nossos homens d’agora” (Oliveira, 1536, p. 52). Em uma das passagens mais célebres dessa obra, no que concerne ao caráter heterogêneo da língua, Fernão de Oliveira, reconhece haver “dições” “geraes a todos, como *Deos, pão, vinho, ceo e terra*”, e “dições” “particulares: e esta particularidade ou se faz antre officios e tratos, como os cavaleiros que têm huns vocabolos e os lavradores outros, e os cortesãos outros, e os religiosos outros, e os mecanicos outros; ou também se faz em terras esta particularidade, porque os da Beira têm huas falas e os d’Alentejo outras. E os homens da Estremadura são diferentes dos d’Antre Douro e Minho, porque assi como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos” (OLIVEIRA, 1536, p. 52).

Segundo Santos e Assunção (2009, p. 218), “poderíamos considerar, então, encontrar-se representada, no primeiro discurso metalinguístico sobre o português, uma incipiente noção pré-teorética não só de variação linguística diacrónica (‘os tempos [...]

¹³² *Apud* Assunção e Santos (2009, p. 217).

criam diversas condições e conceitos’), como também de variação linguística sincrónica, mais especificamente de carácter diatópico (‘os da Beira têm huas falas e os d’Alentejo outras’ e ‘os homens da Estremadura são diferentes dos d’Antre Douro e Minho, porque [...] também as terras criam diversas condições e conceitos’ (Oliveira, 2000 [1536]: 131[52]))”, parecendo, ainda segundo os mesmos autores (op. cit.), “que o gramático intui a ideia da existência de diferentes variedades linguísticas, determinadas por factores de carácter regional”, isto é, diatópicas.

Como vocábulos característicos da variação dialetal da Beira, Oliveira (1536) registrou, por exemplo, *som* “sou” e *nego* “senão”. Assim o gramático as apresentava¹³³:

[...] hũs pronũçiã em **om** como som e outros em **ou**, como fou, e outros em **aõ**, como saõ; e tãbẽ outros, ã eu mais fauoreço, em **o** peqño, como fo. [...] com tudo fendo eu moço peqño fui criado em fão Domingos Deuora onde fazião zõbaria de mỹ os da terra porq̃ o eu affi pronũciaua segũdo q̃ o aprendera na Beira (OLIVEIRA, 1536, p. 71-71).

[...] /**nego**/ feruia em lugar de cõjũção e valia ãtros velhos tãto como fenão, e aindagora affi val na Beira (OLIVEIRA, 1536, p. 74).

Como particularidade da linguagem de Entre-Douro-e-Minho, ele cita certas nasais: “[...] e outro tanto podemos afirmar dos q̃ fazẽ o plural em **ães** como **pães**, **cães** dos q̃es antigamẽte era o feu fingular **pã**, **cã**, cujo testemunho aindagora da Antredouraminho” (OLIVEIRA, 1536, p. 68).

Como formas arcaicas gerais da linguagam popular, Fernão de Oliveira cita na página 81 acaraõ “junto” e *samicas* “por ventura”.¹³⁴

3.2.7.2. O conceito de falar na *Grammatica da lingoagem portuguesa*

O conceito de falar(es), como sinônimo do que hoje entendemos por variação, surge nessa gramática em algumas passagens, das quais analisaremos o primeiro excerto:

¹³³ Para fins de citação, quando tivemos acesso direto às obras, e quando as ferramentas tipográficas assim o permitiram, procuramos referi-las e transcrevê-las tal como aparecem nos originais.

¹³⁴ Segundo alguns autores, a palavra *samicas* fez fortuna entre os imitadores do falar do povo, conforme observou Vasconcellos (1901).

“[...] os religiosos pregão d’sprezos do mūdo e os caualeiros blasonão suas façanhas: e esses sabẽ falar os que ãtẽdẽ as cousas: porque das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas” (OLIVEIRA, 1536, p. 4).

Antes de iniciarmos a análise, cumpre fazer uma breve observação. Embora o tópico desse trecho seja a atenção que o gramático tenha dado ao que modernamente entendemos por certos temas, comumente presentes no discurso dos diferentes grupos profissionais, independentemente do segmento social a que pertence o indivíduo¹³⁵, não podemos deixar de notar na sua observação a antiga discussão sobre o caráter arbitrário do signo linguístico, isto é, sobre as discussões em torno da motivação entre expressão e conteúdo na língua que remontam à Antiguidade Clássica, com a famosa polêmica que dividiu os filósofos gregos em convencionalistas e naturalistas, cujo início remonta ao diálogo do Crátilo, de Platão (427-342 a.C.), retomada por Aristóteles (384-322 a.C.) em suas reflexões sobre o fenômeno da linguagem, mas que também foi motivo de disputa entre os estoicos, sob a rubrica da analogia e da anomalia, embora haja atualmente uma tendência entre os estudiosos modernos, principalmente os de abordagem funcionalista, em afirmar que não há “correspondência estrita entre *naturalistas* x *convencionalistas*, por um lado, e *analogistas* x *anomalistas*, por outro” (FURTADO DA CUNHA, COSTA e CEZARIO, 2015, p. 22, n. 1).¹³⁶

¹³⁵ Carvalho (1973, p. 333-343) citado em nota por Assunção e Santos (2009, p. 219, n. 6) “observa que as *linguagens técnicas*, que constituem parte integrante das *linguagens especiais*, não são variedades apenas do dialecto social mais elevado, como queria Walter Porzig, mas constituem, também, variedades relativamente à linguagem comum de qualquer dialecto social ou local”.

¹³⁶ Coseriu (1980), anos antes, fez uma abordagem histórica sobre a referida discussão, oportunidade na qual discutiu as origens do conceito de signo linguístico (de caráter motivado ou imotivado) tão caro a F. de Saussure. De acordo com o linguista romeno (Coseriu 1980), “a linguística moderna, em sua colocação essencial, não é absolutamente nova, antes retorna às suas tradições mais antigas. Trata-se de um retorno não declarado explicitamente e até mesmo por vezes ignorado pelos próprios linguistas” e que “[a] distinção entre ‘significante’ (isto é, a parte material do signo linguístico) e ‘significado’ (ou seja, o conteúdo mental do próprio signo linguístico) é atribuída, a maior parte das vezes, a Ferdinand de Saussure, que todavia definia o ‘significante’ como ‘imagem acústica’ de natureza psíquica e não física. Mas tal distinção é muito antiga: ela aparece, com outras palavras, no *De interpretatione* de Aristóteles, que distingue o que está na voz τὰ ἐν τῇ φωνῇ daquilo que está na alma τὰ ἐν τῇ ψυχῇ. Nem ao menos se fala daquilo que está fora do homem; o que

Após essa breve observação, voltemos à análise do trecho estudado. Igualmente, de modo particular, o trecho em questão: “porque das cousas naçẽ as palauras e não das palauras as cousas” (OLIVEIRA, 1536, p. 4), mostra a instauração de uma preocupação já renunciada pelo autor e que voltará a fazer parte dos estudos românicos, séculos depois, como os estudos das “Palavras e Coisas” (*Wörter und Sachen*), cuja revista, que levava o mesmo nome, foi fundada e dirigida pelo alemão Hugo Schuchardt (1842-1927) em parceria com Rudolf Meringer (1859-1931). Ou conforme observaram mais precisamente Santos e Assunção (2009, p. 218), em que chamaram a atenção para o pioneirismo português em relação à mesma área:

o alemão Hugo Schuchardt a interessar-se pela história das formas de palavras particulares e pela história das coisas que aquelas representariam, fund[ou], assim, com o início da publicação de *Wörter und Sachen*, em 1909, a escola de ‘Palavras e Coisas’, de que, segundo Paiva Boléo, Francisco Adolpho Coelho seria precursor, com a publicação, em 1902, de ‘Alfaia Agrícola Portuguesa – Exposição da Tapada da Ajuda em 1898’¹³⁷ (Boléo, 1947: 683).

De qualquer modo, o que chama atenção aqui é o fato de o gramático parecer “antecipar a concepção de que, igualmente de forma variável, a língua seria susceptível de reflectir o carácter, a vida e a cultura dos indivíduos” (SANTOS e ASSUNÇÃO, 2009, p. 218).

Rica observação, também, será a próxima, em que Oliveira, ao referir-se aos diferentes *falares*, demonstra aguçada percepção em seu tempo, do que chamaríamos hoje

está na voz é símbolo do que está na alma. Tal distinção se torna explícita na gramática dos estoicos, que distinguem entre οημαῖνον e οημαινόμενον e, fora destes, (isso é fora do *signo*), πράγμα, “coisa”. Só se explica que esta distinção seja atribuída a Saussure porque se interrompeu a língua teórica no decorrer dos séculos” (COSERIU, 1980, p. 4). Para uma discussão a respeito das controversas teses históricas de Coseriu em relação à Saussure, principalmente no que refere às alegadas influências a que este tenha sofrido de outros autores, ver KOERNER (2012).

¹³⁷ Em relação a este estudo de Adolpho Coelho e sua antecipação em Portugal sobre os estudos das *Palavras e Coisas*, Serafim da Silva Neto também o observava em seu *Manual de Filologia Portuguesa* (1952). Em *Fontes do Latim Vulgar*: o Appendix Probi de 1946, o filólogo brasileiro reconheceu também que “em filologia portuguesa, o primeiro a dar amostra sistemática desse método fo[ra] Adolfo Coelho (*Palavras e Coisas*, artigo na Rev. Lus. XVII, 1914, pgs. 1-16)” (SILVA NETO, 1946, p. 113), embora, como se vê, nesta passagem o filólogo aponte para uma data mais posterior: 1914.

às diversas variações não só diatópicas como também diastráticas, mais precisamente, àquelas devidas aos falantes, e neste caso, exemplificada pelo autor com relação à profissão. Diz Oliveira (1536, p. 43): “[...] porque os homens falam do que fazem: e por tanto os aldeãos não sabẽ as falas da corte: e os çapateiros não são entendidos na arte do marear [...]”¹³⁸ (sublinhamos). Com isso, conforme entendem Santos e Assunção (2009, p. 219), “estava, empiricamente, aberto o caminho para o estudo, diatópico ou diastrático, dos lectos, no seu contexto social”, uma vez que, segundo esses autores, “a asserção de Oliveira de que ‘os homens falam do que fazem; e portanto os aldeãos não sabem as falas da corte’ implicaria a actualização diferenciada de variáveis linguísticas em correlação com variáveis socioculturais”.

No excerto a seguir, o gramático faz lúcidas observações da norma empregada por autores de reconhecida autoridade linguística de seu tempo, dos quais ele, de forma polida, discordava. A passagem se refere especificamente ao emprego do advérbio *até*, que Oliveira afirma equivaler ao advérbio latino “*usque*” e que era pronunciado, segundo ele, por alguns como “*té*”, como era o caso dos autores que serão referidos pelo gramático: “Garcia de Resende”, “João de Barros” e “mestre Baltasar”, sem o “a” inicial. Sobre isso diz Oliveira:

E porque aqui é tempo, como de caminho quero dizer deste averbio *até*, o qual antre nós responde ao que os latinos dizem *usque*, este averbio, digo, alghuns o pronunciam conforme ao costume da nossa lingua que é amiga d’abri-la boca; e

¹³⁸ No contexto da citação, lemos o seguinte: “[...] também nas artes já usadas quando de novo usam algum costume: os alfaiates em vestidos e os sapateiros em calçado e os armeiros em armas de novas feições e assi os outros, porque os homens falam do que fazem; e portanto os aldeãos não sabem as falas da corte e os sapateiros não são entendidos na arte do marear, nem os lavradores d’Antre-Douraminho entendem as novas vozes que est’ano vieram de Tunez com suas gorras”. Em relação a essa última palavra – “gorras”, segundo comentário de Torres e Assunção (2000, p. 51, nota 37), na edição crítica da referida obra, trata-se de “referência curiosa à aravia dos compatriotas que, no galeão *Botafogo* sob o comando do Infante D. Luís, participaram, em 1535, na conquista da cidade de Túnis por Carlos V, seu primo, a Khair Ed-din, o Barbarroxa (cfr. A. Ballesteros y Beretta, *Historia de España*, IV, Barcelona, 1926, pp. 1-100; Damião de Góis, na Carta nuncupatória do seu *De Bello Cambaico* (1549), ao dito Infante, em Amadeu Torres, *Noese e crise na epistolografia latina goisiana*, I, 1982, pp. 204-205, 277, nt. 19, e 366-669)”.

dão-lhe aquella letra *a* que digo no começo. Mas outros lhe tiram esse *a* e não dizem *até*, mas dizem *té*, não mais, começando em *t*, antre os quaes eu contarei três não de pouco respeito na nossa lingua, antes se ha de fazer muita conta do costume de seu falar. E são estes: Garcia de Resende, em cujas obras o eu li no *Cancioneiro* português que elle ajuntou e ajudou; e João de Barros, ao qual eu vi afirmar que isto lhe parecia bem; e a mestre Baltasar, com o qual falando lhe ouvi assi pronunciar este averbio que digo sem *a* no começo. E contudo a mi me parece o contraio; e ao contraio o uso, dando-lhe *a* no começo assi como damos a muitas dições, segundo o que fica dito (OLIVEIRA, 1536, p. 47) (sublinhamos).

A passagem é importante porque também mostra a atenta observação do gramático com relação à variação existente entre duas normas linguísticas em uso em seu tempo, ainda que uma fosse de uso mais alargado, e a outra, de uso mais restrito (*até/té*¹³⁹): uma espécie de tensão entre uma norma literária ou erudita, que já não correspondia ao uso comum, e uma norma comum, a que o gramático, segundo nos informa, tem por preferência, como é particularmente mostrado no trecho final: “E contudo a mi me parece o contraio; e ao contraio o uso, dando-lhe *a* no começo assi como damos a muitas dições, segundo o que fica dito” (OLIVEIRA, 1536, p. 47).

Igualmente, não escapou à sua rica observação os aspectos de nível etário da variação, ainda que este fosse um dado extralinguístico, conforme observaram Santos e Assunção (2009, p. 219), nos seguintes termos: “uma das variáveis não-linguísticas que é levada em linha de conta [de Oliveira] é, precisamente, a *idade*”. Assim diz Oliveira: “[...] porque assi como os tēpos assi tâbẽ as terras crião diuersas cõdições e cõçeitos: e o velho como tẽ o entender mais firme cõ o que mais sabe tâbẽ suas falas são de peso e as do manço mays leues” (OLIVEIRA, 1536, p. 52) (sublinhamos). Com efeito, ainda na observação dos mesmos Santos e Assunção, no âmbito do Capítulo XXXVI da sua gramática, Oliveira, evocando Marco Varrão, afirma que “não é muito de maravilhar [...]”

¹³⁹ Mais adiante, veremos que João de Barros (1540), também, avaliou a variação *té/até*. Todavia, perspectiva e com argumentos diferentes do de Oliveira.

que as vozes envelheçam e as velhas alghũa hora pareçam mal” (Oliveira, 2000 [1536]: 128 [49] apud Santos e Assunção, 2009, p. 219).

Quer fosse registrando a variação sincrônica: diastrática e diatópica quer fosse registrando a variação diacrônica, o fato é que Fernão de Oliveira esteve atento, em seu tempo, às diversas fontes, e soube aproveitá-las de tal modo que temos, hoje, o registro desse precioso material linguístico sociodialetal. Suas “técnicas” de pesquisa foram as mais diversas, como o próprio gramático deixou registrado no Capítulo XXXVI [36] de sua obra. Ora fazendo pesquisa bibliográfica, como podemos observar no seguinte excerto:

As dições velhas fão as que forão vfadas, mas agora fão esq̃eçadas, como *Egas*, *Sancho*, *Dinis*, nomes proprios, e *ruão*, q̃ quis dizer *çidadão*, fegũdo que eu iulguey ã hum liuro antigo, oq̃l foi trafladado em tẽpo do mui efforçado rei dom Johão da Boa Memorea, o premeiro defte nome em Portugal. Por feu mãdado foy o liuro que digo efcripto e eſta no moefteiro de Pera Longa e chamafe *Eſtorea Geral*, no qual achei eſta com outras anteguidades de falar (OLIVEIRA, 1536, p. 49).

Ora tomando notas a partir de entrevistas orais, como deixou registrado a seguir:

[...] E não fomente de tãto tẽpo, mas tãbẽ antes de nos hũ pouco, noſſos pais tinham alghũas palauras q̃ ia não fão agora ouuidas, como *cõpẽgar*, que queria dizer *comer o pão cõ a outra viãda*, e *nemichalda*, o qual tanto valia como agora *nemigalha*, fegundo ſe declarou poucos dias ha hũa velha q̃ por ifto foi pregũtada, dizẽdo ella eſta palaura. E era a velha a eſte tẽpo q̃ndo ifto diffe, de çento e dezafeis annos de ſua idade (OLIVEIRA, 1536, p. 49).

O que demonstra que, em certa medida, o gramático antecipou as modernas técnicas de recolhimento de material linguístico, tal como as da dialetologia no século XIX, inaugurada pelo linguista italiano Izaia Ascoli (1829-1907), que, basicamente, recolhia os testemunhos dialetológicos a partir de livros e dicionários, em síntese, de

material escrito; e das técnicas de entrevistas características da geografia linguística dos séculos XIX e XX e da Sociolinguística contemporânea.¹⁴⁰

3.2.7.3. A variação linguística nas *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* de Jerônimo Contador de Argote, de 1725 [1721]

A obra que aborda de forma mais contundente o tema da variação no âmbito das gramáticas portuguesas é, sem dúvida, *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* de Jerônimo Contador de Argote (1676-1749). Publicada pela primeira vez em 1721, sob o pseudônimo de Caetano Maldonado da Gama, mas que na segunda edição de 1725, já aparecia sob a chancela de seu verdadeiro autor, conforme podemos conferir nas próprias palavras deste no Prólogo à obra: “Erros alguns poderá ter; quem lhos encontrar, os pôde emendar, e fará hum beneficio à Arte, deixando-a correcta, e ao Author deyxando-o advertido. Efte, que na primeira impreffaõ diffarçou o nome, agora o declara [...]”. Sabemos, igualmente, pelo que também disse o gramático no mesmo Prólogo, que a obra na segunda edição fora bastante acrescida: “nefta fegunda impreffaõ vay accrecentada com algumas obfervaçoens, e doutrinas, que na outra, fe omittiraõ” (ARGOTE, 1725, p. VI).

A parte acrescentada é justamente a quarta, que trata “DOS DIALETOS DA LINGUA PORTUGUEZA” a partir da página 291, da segunda edição de 1725.¹⁴¹

¹⁴⁰ Cabe aqui uma importante observação a respeito das diferenças entre a *Geografia Linguística* e a *Dialetologia*. Ainda que sejam modalidades distintas do mesmo estudo dialetal, uma vez que “têm ambas o mesmo objeto – estudo das falas populares – e diferem só pelo modo de apresentá-lo, cartograficamente ou em glossários”, como informa Miazzi (1976, p. 61); para muitos autores romanistas, tais como Von Wartburg, há nos Atlas certa pobreza vocabular em confronto com a riqueza da língua, “dado que lhes escapam os termos de ordem afetiva”. Para exemplificar, diz ela, o autor suíço cita a carta 79 do ALF, em que “há 30 termos para designar ‘avaro’, enquanto nos glossários ele pôde coletar uns 200; ou os conceitos de ‘pobre’ e ‘rico’ (cartas 981 e 1156) para os quais há respectivamente 5 e 2 vocábulos, em contraposição aos 90 e 80 localizados nos glossários”. Entretanto, a autora supra referida antes advoga pela conciliação entre as duas modalidades, isso porque, segundo defende, uma deve ser complementada pela outra, “pois, se a primeira tem a vantagem de oferecer imediata visão do conjunto dialetal, a última pode revelar a língua mais a fundo, com seus meios de expressões, nuances etc.”.

¹⁴¹ Embora Argote tenha dedicado, especialmente, um capítulo inteiro ao estudo dos dialetos portugueses somente na segunda edição da obra, a de 1725, não se pode desconsiderar o fato de que ele já dava sinais de que tratava da *heterogeneidade linguística portuguesa*, quando na primeira edição, de 1721,

É na escrita desse interessante capítulo que aparecerá publicado pela primeira vez um quadro geral, ainda que imperfeito (“bien qu’imparfait”) – conforme mais tarde dirá Leite de Vasconcellos, (1970 [1901]), assentado em outros pressupostos teóricos –, dos dialetos da língua portuguesa. Na avaliação do fundador da dialetologia científica portuguesa (*op. cit.*):

Argote, afastando-se, de certa forma, de um modo geral de pensar dos puristas e gramáticos teimosos (cf. § 21), e por ver as coisas como elas são na realidade, aplica à língua do seu país as distinções da gramática grega (cf. § 24) (LEITE DE VASCONCELLOS, 1970, [1901], p. 55).¹⁴²

Leite de Vasconcellos (*op. cit.*) observou que Argote, diferentemente de alguns de seus predecessores, buscou na fonte grega a elaboração de sua teoria dialetológica; contudo, o próprio filólogo não deu maiores detalhes em relação a isso.

Segundo Contador de Argote (1725), um dialeto é “*o modo diverfo de fallar a mefma língua*” (ARGOTE, 1725, p. 291). Entretanto, conforme ele mesmo explica, comparando Lisboa e a região da Beira, não se limita somente ao vocabulário, mas está relacionado também à pronúncia:

D. O modo, com que fe falla a lingua Portugueza nas terras v.g. da Beyra, he diverfo do com que fe falla a mefma lingua Portugueza em Lisboa porque em huma parte fe ufa de humas palavras, e pronuncia, e em outra parte fe ufa de outras palavras, e outra pronuncia, não em todas as palavras, mas em algumas. Efta diverfidade pois de fallar, que obferva a gente da mesma lingua, he que fe chama Dialecto (ARGOTE, 1725, p. 291-2).

Depois, embora não ignorasse a multiplicidade das nuances dialetais, o gramático reconheceu, pelo menos, três principais delas e as classifica como a) *dialetos locais*; b) *dialetos de tempo*; c) *dialetos de profissões*:

Argote/Maldonado da Gama apresenta as lições sobre os *idiotismos* portugueses, ou seja, os aspectos linguísticos próprios ao português, em comparação com as demais línguas, nomeadamente, a latina.

¹⁴² Tradução de: “Argote, en s’éloignant, dans une certaine mesure, de la manière générale de penser des puristes et des grammairiens entêtés (cf. §21), et en voyant les choses comme elles sont en réalité, appliquait à langue de son pays les distinctions de la grammaire grecque (cf. ci-dessus, le §24)” (LEITE DE VASCONCELLOS, 1970, [1901], p. 55).

M. E quantas caftas há de Dialectos?
M. Muytas, mas as principaes fãõ trez.
M. Quaes fãõ? D. Dialectos locaes, e Dialectos de tempo, e Dialectos de profiffaõ (ARGOTE, *op. cit.*, p. 292).

Em quadro comparativo, podemos avaliar as principais variações linguísticas portuguesas, segundo a concepção dos dois importantes gramáticos portugueses: Fernão de Oliveira (1536) e Contador de Argote (1725):

(Q. 5) <i>Variações Linguísticas Portuguesas</i>	
Oliveira (1536)	Argote (1725)
<i>língua comum</i>	<i>dialeto locais</i>
<i>língua padrão</i>	<i>dialeto de tempo</i> <i>(antiquíssimo/antigo/moderno)</i>
<i>línguas especiais</i>	<i>dialeto de profissões (prosaico/ poéticos)</i>
<i>Falares regionais</i>	

[Quadro - 5 Comparativo entre Oliveira e Argote para as principais variações linguísticas portuguesas]

Fonte: autoria própria

Como dialetos locais, Argote considerou os falares de Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes, Beira, Estremadura e Algarve, deixando de lado o Alentejo, porque, segundo ele, a linguagem desta província difere pouco da de Estremadura; e indica algumas características fonéticas e lexicais de cada um desses dialetos. De acordo com Leite de Vasconcellos (1970 [1901]), Argote seria ainda hoje [isto é, no início do século XX] uma referência para os codialetos do norte – de Trás-os-Montes; para dialetos no exterior, para a linguagem popular em geral, gírias de Lisboa e dialetos Ciganos, a que só faz menção. Cumpre notar que esse último, o dialeto cigano, será melhor estudado por Adolpho Coelho, que dedicou ao assunto um estudo monográfico em 1892, intitulado *Os ciganos de Portugal – com um estudo sobre calão*, e em cujas páginas fez referências a Contador de Argote, com as seguintes palavras:

No século xviii D. Jeronymo de Argote nas Regras de lingua portugueza (p. 300, 2.^a ed. 1725) disse: ‘Também em Lisboa entre os homens, a que chamão de ganhar, ha um genero de Dialecto a que chamao Gíria, de que os taes usão algumas vezes entre si. E assim também os Siganos tem outra especie de Gíria, por que se entendem huns com os outros’ (COELHO, 1892 p. 59).

Modernamente, Preti (2004), que tem se dedicado a este tipo de estudo no Brasil, afirma que a gíria (calão nos termos de Argote, 1725 e Coelho, 1892) é um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a *gíria de grupo* e a *gíria comum*. A *gíria de grupo* faz parte da personalidade dos falantes que fazem questão de demonstrar que pertencem a um determinado grupo social, sua linguagem torna-se secreta, somente compreensível aos iniciados no grupo. A *gíria comum* é a vulgarização dos vocábulos, é o momento em que, grupos restritos entram em contato com a sociedade, a linguagem se divulga e passa a fazer parte do vocabulário popular (PRETI, 2004). Silva Neto (1950) denominou-as de “linguagens especiais”. Para o filólogo carioca, “no que diz respeito aos vocábulos, é preciso ainda mencionar as várias *linguagens especiais*: a dos ladrões, a dos soldados, a dos estudantes...” (SILVA NETO, 1950, p. 172).

Lembremo-nos, também, de que Silva Neto transcreveu integralmente, na sua **História da Língua Portuguesa** (1957), conforme já aludido, a quarta parte das *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina* (1725) de Contador de Argote. No contexto da transcrição, Silva Neto diz (1986 [1957], p. 561) que “logo no primeiro quartel do século XVIII (1725) temos um razoável panorama da língua portuguesa, nas *Regras* de D. Jerônimo Contador de Argote” e que seria conveniente reproduzir, “pelo seu elevado interesse documental, o capítulo relativo aos dialetos da língua portuguesa”.

Embora nosso filólogo não tenha feito maiores comentários a esta célebre passagem transcrita das *Regras*, finaliza o trecho com a importante observação de que Argote considerava Lisboa como lugar de referência para a língua padrão, ainda que para ele

mesmo (isto é, para Argote) seu ponto de referência constante – como ponderou Silva Neto – fosse a variedade de Estremadura:

Pelo que aí se lê parece que Contador de Argote considerava Lisboa como padrão. Com efeito, repare-se que o seu ponto de referência constante é a linguagem de Estremadura. Quando se refere aos traços dialetais (beirões, interamnense, etc.) fá-lo sempre em relação ao estremenho: veja-se que com relação a êste não aponta exemplos. É que considerava a linguagem normal portuguesa. Mais ainda: não considerava o falar da província do Alentejo na mesma situação dos demais, justamente porque difere pouco do da Estremadura. É ainda curioso e oportuno observar que Contador de Argote percebia que o português arcaico tinha muitas semelhanças com os dialetos atuais (1725) do Minho, Beira e Trás-os-Montes – o que vem a confirmar a crença de que êle considerava a linguagem estremenha como a base do português moderno e padrão (SILVA NETO, 1986 [1957], p. 564).

Para se referir à variação diacrônica, Argote chamou *dialetos de tempo* as diferentes fases cronológicas do Português, que ele distingue em: “antiquíssimo”, “antigo” e “moderno”.

O primeiro, segundo Argote, usado “atè o tempo deEl Rey Dom. Diniz o Sexto de Portugal”, ou seja, aproximadamente, de 1139 a 1185. O segundo, antigo, usado “quafi até a perda de ElRey D. Sebaftiaõ”, aproximadamente de 1185 a 1578. Quanto ao último, isto é, ao moderno, Argote afirma ter sido usado desde a perda de D. Sebastião até a sua época contemporânea: aproximadamente de 1578 a 1725. (ARGOTE, 1725, p. 296).

E, sob a designação de *dialetos de proffissão* abarcando: “a differença de fallar a lingua, de que usão os que exercitão diversa proffissão de fallar” (ARGOTE, 1725, p. 297). Aqui é preciso ter o devido cuidado para não confundirmos tais variedades com o que atualmente chamamos *jargão*. Argote, na realidade, está se referindo às diferenças existentes entre os gêneros prosaico e poético.

Para que não tenhamos dúvidas sobre esse assunto, cumpre observarmos suas seguintes palavras:

M. E que coufa he Dialecto de profiffaõ?
D. He a differença de fallar a mefma lingua, de q ufaõ os que exercitaõ diverfa profiffaõ de fallar.
M. Dizey exemplo.
D. Quem falla, ou efcreve hum fucceffo em verfo, conta-o com muyta differença, do que quẽ o conta em profa, e a efa differença chamo Dialecto de profiffaõ fem entrar na difputa fe esta divifaõ he propria, ou impropria.
M. E quantos Dialectos de profiffaõ há na lingua Portugueza?
D. Dous no fentido, em que aqui tomo a palavra Dialecto.
M. Quaes faõ?
D. O da profa, a que chamamos Profaico, e o do verfo, a que chamamos Poetico (ARGOTE, 1725, p. 297).

A importância desse instrumento linguístico para a história gramaticográfica portuguesa seria notada ainda naquele século XVIII, período no qual ela havia sido publicada. Para sermos mais exatos, quarenta e dois anos depois da publicação de sua segunda edição, *As Regras da Língua Portuguesa* servirá de parâmetro normativo, por exemplo, para duas observações feitas pelo ortografista Fr. Luis do Monte Carmelo (? – 1785?) em seu *Compendio de Orthographia Portugueza* de 1767. As duas referências diretas que Monte Carmelo fez a Contador de Argote (as únicas em toda obra) foi para tratar da mudança e variação linguísticas portuguesa. Na primeira dizia o seguinte: “[...] o fuaviffimo *Cámoës* nam póde fazer auctoridade em todos os *Vocabulos* , e *Accentos* ; porque efcreveu em *Verfo* e antes do *Dialecto* moderno , que principiou , há duzentos annos , como notou o *R.P.M. Dom Jeronymo Contador de Argote*”, a quem Carmelo completava a referência com a seguinte nota: “(I.) *Reg. Da Lingua Portug. Part. 4. cap. 1. pag. 296.*” (CARMELO, 1767, p. [XXIII¹⁴³], Prologo Apologetico).

3.2.7.4. A diversidade entre o PB e PE em Argote 1725

A diversidade de usos entre o português brasileiro e o português europeu, por exemplo, ainda que não sistematicamente estudada, também já havia sido reconhecida por Argote nesta obra. Depoimento de tal preocupação são as referências desse autor a dialetos

¹⁴³ Páginas que, no original, não são enumeradas pelo impressor.

ultramarinos dentre os quais citava o do Brasil: “*Ha os Dialectos ultramarinos, e conquistas de Portugal, como India, Brafil, &c,*”. Argote caracterizava o seu léxico como possuidor de “*muytos termos das linguas barbaras, e muytos vocabulos do Portuguez antigo*” (ARGOTE, 1725, p. 300).

A obra, em especial, deixa-nos ver que este Século das Luzes (XVIII) será o de uma época em que os gramáticos e ortógrafos (quanto a estes, especilmente Monte Carmelo 1767) estavam atentos e tinham consciência da mudança e diversidade de usos linguísticos.

Para finalizar este item sobre as gramáticas portuguesas citadas na ***História da Língua Portuguesa***, responderemos, de forma sintetizada, algumas das questões formuladas na introdução deste estudo e que, de algum modo, já foram indiretamente respondidas ao longo do seu desenvolvimento. Conforme se viu, podemos afirmar que, efetivamente, *Silva Neto aproveitou o conhecimento produzido pelos antigos gramáticos portugueses para formular conceitos a respeito da variação linguística do português*, (em relação à HLP) precisamente a *Fernão de Oliveira* e a *Jerônimo Contador de Argote*, os quais Silva Neto cita tanto para exemplificar as questões de variação e mudança linguísticas no domínio da língua portuguesa, como que para ilustrar toda a teorização desenvolvida na Introdução da ***História...***, por meio de importantes conceitos, com o predomínio do fenômeno social sobre o linguístico. Sobre o aproveitamento das referências a Fernão de Oliveira, julgamos terem sido elas mais bem desenvolvidas do que quando citou Contador de Argote, embora igualmente saibamos – como procuramos explicar – das condições precárias em que se deu a produção referente a este último gramático, um dentre tantos assuntos desenvolvidos com maior prejuízo na ***História...***

3.2.7.5. Silva Neto e a múltipla estruturação de seu horizonte de retrospecto

Independentemente da origem, isto é, de como se deu para Silva Neto o conhecimento acerca dos gramáticos portugueses em tela, seja por intermédio de Coseriu, no caso de Oliveira, seja por intermédio da obra de Monte Carmelo ou de Felipe Franco de Sá, no caso de ambos (Argote e Oliveira), o fato é que no seu *horizonte de retrospecto* figuram esses dois gramáticos que deram ênfase aos aspectos da variação linguística. E ainda que Silva Neto tivesse tido contato inicial com a obra desses gramáticos por intermédio dos autores referidos, não há dúvidas de que, em um segundo momento, ele obteve acesso direto às referidas obras gramaticais. Prova disso são os trechos citados por ele (tanto os de Oliveira, quanto os de Argote), que não aparecem nos textos dos outros autores mencionados.

O trecho integral de Argote sobre a variação dialetal portuguesa, transcrito por Silva Neto em *História da Língua Portuguesa* (1957), não consta da obra de Monte Carmelo nem da obra de Franco de Sá.

Quanto à obra de Fernão de Oliveira, há o testemunho de Figueiredo (1957) de que foi por intermédio de Silva Neto que Olmar Guterres da Silveira¹⁴⁴, autor de uma edição de 1954 da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, conseguiu uma cópia, em versão microfilmada, dessa Gramática de 1536.

Mandei buscar microfilme da gramática de OLIVEIRA. Quando recebi, e mandei reproduzi-lo, soube que o Prof. OLMAR GUTERRES DA SILVEIRA, utilizando-se do microfilme que possui o Prof. SERAFIM DA SILVA NETO, ia dar brevemente uma edição da gramática de FERNÃO DE OLIVEIRA (FIGUEIREDO, 1957, Prefácio, p. 11).

¹⁴⁴ Olmar Guterres da Silveira “por quarenta e quatro anos atuou no Colégio Pedro II, como Auxiliar de Ensino, Professor de ensino secundário e regente interino da Cátedra de Latim. Sempre aprovado, por duas vezes prestou concurso para provimento da Cátedra de Língua Portuguesa do referido Colégio, apresentando, em 1954, a brilhante tese *A ‘Grammatica’ de Fernão d’Oliveira*, cujo texto reedita o de 1536” (RIBEIRO, Manoel P., 1996, p. 8). Segunda a mesma fonte, ele foi ainda ex-catedrático e professor emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Em todo caso, como sabemos, há uma multiplicidade de princípios na estruturação dos *horizontes de retrospectão*: seja por meio do tratamento indistinto como conhecimentos comuns (conceito de “ar do tempo”); seja por intermédio da indexação dos conhecimentos com datas, autores, escolas, etc., conforme explanamos no primeiro capítulo desta tese. No caso da relação de Silva Neto com a produção gramatical portuguesa, assim como em tantas outras, não será diferente. Franco de Sá (1915) serviu-lhe de referência em muitos comentários que fez sobre os conteúdos das gramáticas de Oliveira e Argote, principalmente, os relacionados à fonética, até porque a obra de Franco de Sá, *A Língua Portuguesa – dificuldades e dúvidas*, estava orientada para neste sentido.

Efetivamente, como temos procurado considerar neste estudo, em *História da Língua Portuguesa*, o autor teve como baliza o parâmetro social. Ainda que seu interesse principal fosse explicar a história linguística do português, essa não poderia se dar sem a sua relação necessária com o homem, com a sociedade. Esse aspecto é de tal maneira flagrante ao longo de toda a obra, que deixaremos registrado sobre ele um último exemplo. A certa altura, quando fazia uma série de levantamentos etimológicos a respeito de palavras do século XV e XVI, que tiveram sua origem na *vida social* do jogo ou de ambientes de caça, tais como os verbos *treinar* e *achar*; os substantivos *achamento* e *truque*; e a expressão *meter o bedelho*, Silva Neto afirma aquilo que deixaremos registrado como se fosse seu depoimento derradeiro: “Os exemplos que precedentemente alinhamos evidenciam que a língua é um *fenômeno eminentemente social*. A vida em sociedade esclarece, a jorros, os meios de expressão de que dispõem os homens para o seu interminável intercâmbio” (SILVA NETO, 1957, p. 450, grifamos).

Findada, por ora, nossa reflexão acerca das ideias gramaticais de Fernão de Oliveira e Jerônimo Contador de Argote, presentes na *História da Língua Portuguesa*, de Silva

Neto, obra que, como vimos, primou pela explicação do fenômeno social da língua e da linguagem, e por isso balizava-se em outras que também procuravam explicar a questão linguística pelo mesmo fenômeno, passemos ao exame das gramáticas ditas do período científico brasileiro, que apresentaram problemas sobre a variação.

3.3. A *variação* nas gramáticas brasileiras do período científico¹⁴⁵

As gramáticas da língua portuguesa escritas no Brasil que incorporaram, de forma mais explícita, as ideias linguísticas modernas sobre a variação, foram aquelas que pertenceram ao chamado período científico da gramaticografia brasileira, na acepção de Nascentes ([2003[1939]], Elia (1963) e Cavaliere (2000, 2014); período correspondente à segunda metade do século XIX, a partir dos anos oitenta desse referido século. Quer fosse pela teoria, quer fosse pelos métodos empregados, tais gramáticas correspondiam à filologia moderna, baseadas em “seguro método” e em “plano científico bem estabelecido” (cf. VASCONCELOS, 1929, p. 886), orientação que, evidentemente,

¹⁴⁵ Para que se desfaça desde já um provável **paradoxo**, cabe aqui uma observação sobre o problema da relação entre **gramática** e **variação**. Embora as informações sobre as variedades linguísticas estejam presentes em algumas gramáticas (enquanto textos, livros), isso não significa dizer que as gramáticas, (enquanto tratados normativos sobre a língua, “regras do bem dizer”, do “bom uso”) tratem dos descuidos/desvios gramaticais como variedades ou variantes aceitáveis, em pé de igualdade com a variante considerada culta. Dizer o contrário disso seria um equívoco. Talvez, com esta passagem de Sotero dos Reis, em *Postillas de grammatica geral*, possamos ilustrar o que se diz: “A invariável terminação em, *r*, dos infinitos dos verbos [...] é outra notável aspereza do pátrio idioma, que o instinto leva as vezes o povo baixo a evitar, em Portugal, acrescentando um, *i*, depois do, *r*, e no Brazil, suprimindo o, *r*, como se vê nestes exemplos de pronuncia vulgar nos dois paizes. «Não posso *perderi*» «não posso *perdê*», os citamos não para imitação, o que seria absurdo, mas unicamente para comprovar o nosso asserto” (SOTERO DOS REIS, 1868, p. 159-60, grifamos). Leite (2005 e 2006) demonstra que, ao longo da história, certos *usos*, mesmo os considerados não cultos, vão sendo incorporados às gramáticas de maneira lenta, gradual e de forma marginal. Normalmente, isso ocorre por meio de glosas e notas, como no caso das gramáticas de Júlio Ribeiro (1881) e de Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), para nos restringirmos a dois exemplos, dentre alguns estudados pela autora: “O objeto de estudo está inscrito no título da gramática [no caso de Celso Cunha e Lindley Cintra], é o português contemporâneo, escrito, na sua forma culta [...]. Embora o foco seja a língua escrita, há alguns comentários marginais sobre usos da língua falada (linguagem coloquial, familiar, vulgar), quando é relevante tratar de valores afetivos e formas idiomáticas e outros” (LEITE, 2006a, p. 32). Para exemplos da gramática de Júlio Ribeiro, ver Leite (2005, p. 103-112). Agradeço à Profa. Dra. Cristina Altman pelas observações concernentes a este ponto e pela sua generosa contribuição para solucionar este possível equívoco na tese. Naturalmente, o desenvolvimento da questão, ilustrado por meio de exemplos e outros argumentos, assim como os possíveis erros e opacidade da exposição são de minha responsabilidade.

manifestava uma ruptura com as “especulações filosóficas” (VASCONCELOS, 1929, p. 887) das gramáticas de épocas anteriores.

Não será por outra razão que nosso autor irá citá-las com relativa frequência, já que sua formação inicial praticamente se dera baseada no método histórico-comparativo da Filologia Românica. As principais são as de **Julio Ribeiro** (1845-1890) (obras: 1881, 1885), **João Ribeiro** (1860-1934) (obra: 1889) e a de **Silva Jr e Andrade** (obras: 1894, 1887), autores mais conhecidos por **Pacheco** (1842-1899) e **Lameira** (?-1897+). Pelo levantamento bibliográfico feito, apenas **Freire da Silva** (1836-1917) (obra: 1894) não é, explicitamente, citado por Serafim da Silva Neto, o que não significa dizer, entretanto, que nosso autor não conhecesse sua obra. Os outros são utilizados, inclusive, como parte da discussão acerca da distribuição linguístico-geográfica brasileira, a que o filólogo chamou de “*Divisão linguística do Brasil*”.¹⁴⁶

3.3.1. A variação na *Grammatica Portugueza* (1881), de Júlio Ribeiro

Silva Neto buscou na gramática de **Júlio Ribeiro** elementos que sustentassem sua tese de que, em alguns aspectos, e em certas regiões, o PB apresentava caráter conservador, principalmente, em regiões do interior e em áreas do Brasil Central, porque mais afastadas das regiões litorâneas. Para sermos bastantes objetivos, bastará dizer que Silva Neto defendia “o caipira *tch* como de origem portuguesa”, para tanto, dever-se-ia “considerá-lo [como] a persistência de um traço da pronúncia do norte de Portugal” (SILVA NETO, 1960 LCC, p. 72). O caipira “*tch*” seria, portanto, “a permanência, no Brasil, de um regionalismo português, explicável, certamente, por uma preponderância de colonos oriundos daquelas zonas portuguesas onde existe o som *tchê*” (idem).

¹⁴⁶ As ideias manifestadas nesse texto retrocedem, pelo menos, há dez anos antes, mais precisamente em 17-1-1950, data em que o publicou no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, com o título *Divisão Dialectal do Brasil* (SILVA NETO, *A Manhã*, 17-01-1950, p. 4). Esse texto será mais tarde referido por Nascentes (1950) em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Silva Neto, então, procura na Gramática de **Júlio Ribeiro** informações sobre o falar caipira de São Paulo. Nela, Ribeiro (1881) assegura que esse falar, de caráter conservador, foneticamente se assemelhava a certas variantes minhotas e transmontanas, principalmente na realização das africadas “*tch*” e “*djê*”, que, atualmente, representamos, respectivamente, pelos dois alofones: [tʃ] e [dʒ].¹⁴⁷ Silva Neto (1960) afirmava que “na sua *Gramática Portuguesa*, publicada em 1881, dá-nos Júlio Ribeiro a seguinte informação:

...Os caipiras de São Paulo pronunciam *djente*, *djogo*. Os mesmos e também os minhotos e transmontanos dizem *tchapeo*, *tchave*.

“A existência de ambas estas formas no falar do interior do Brasil prova que estavam elas em uso entre os colonos portugueses do século XVI. A antiguidade e a vernacularidade de *the* atestam-se pela sua permanência na linguagem do Minho e de Trás-os-Montes: como é sabido, o povo rude é conservador tenaz dos elementos arcaicos das línguas” (pág. 11). (SILVA NETO, LCC 1960, p. 69).

Os argumentos e os dados citados são importantes porque Silva Neto cruza-os com seus próprios dados, colhidos na sua experiência de observador e de pesquisador das variantes sociais e geográficas do português brasileiro. O filólogo testifica que “em Mato Grosso tal pronúncia [a do [tʃ]] é também citadina e de pessoas cultas; verifica-se em Cuiabá, Corumbá, Poconé, S. Luís de Cáceres, Coxipó, Rosário d’Oeste, Diamantino, etc.” Diz, ainda: “pude comprovar a existência da pronúncia de *tchê* e *djê* em Santo Antônio, Livramento e Melgaço. Em Cuiabá, cidade capital, a pronúncia regride: vai-se restringindo aos velhos” (SILVA NETO, LCC 1960, p. 70-1). Informa também que “em Cuiabá costuma-se mesmo ridicularizar a pronúncia caipira dizendo as seguintes frases: *tchuva tchoveu*, *Cotxipó* (Coxipó) *entcheu*, *petche* (peixe) morreu [...]” (idem).

O interessante dessas informações é que pesquisas recentes, notadamente ligadas ao Projeto FILOBAND (MEGALE, 2000) e ao Projeto de História do Português Paulista

¹⁴⁷ É importante destacar que, como se sabe, nem todos os sons de uma língua são considerados *fonemas*. Sons como [tʃ] (“tchê”) e [dʒ] (“djê”), representados entre colchetes, são apenas fones da língua portuguesa, ou, mais especificamente, são alofones, sons que não têm valores distintivos; cujos sons, foneticamente semelhantes (SFS), ocorrem em contextos exclusivos (CRISTÓFARO-SILVA, 2007, p. 134, 146).

(PHPP – Projeto Caipira), sob a coordenação de Santiago-Almeida (2012, 2014), sobre a chamada área do português caipira, que abrange grandes áreas compreendidas desde o norte e nordeste do Estado de São Paulo até regiões inteiras do Centro-Oeste brasileiro, incluído os Estados de Goiás, Mato Grosso e de Minas Gerais, recobrem a mesma área pesquisada por Silva Neto e apontam para os mesmos dados apresentados por ele há mais de 50 anos.¹⁴⁸

Além de Livramento e Cuiabá já se tem notícias que há outras localidades, como os distritos de Nossa Senhora da Guia e Varginha, os municípios de Várzea Grande e seus distritos, Barão do Melgaço e Santo Antônio do Leverger e comunidades de pescadores, agricultores e ceramistas como Guarita e São Gonçalo, onde a variante linguística é a mesma, apresentando traços de língua antiga. Um fato fonológico é a corriqueira ocorrência dos alofones africados [tS] e [dZ] em vocábulos como “pei[tS]e” (peixe), “ho[dZ]e” (hoje) e outros tanto que apresentam tais fonemas (SANTIAGO-ALMEIDA, 2000, p. 126).

3.3.2. A variação na *Gramática Histórica* (1919) de Eduardo Carlos Pereira

Ainda para registrar o conservadorismo do Português Brasileiro, precisamente o do interior paulista, com essas mesmas marcas dos alofones africados, Silva Neto também traz o testemunho do gramático mineiro, radicado em São Paulo, o Reverendo Presbiteriano **Eduardo Carlos Pereira** (1855-1923), autor de algumas das gramáticas mais editadas na história da gramaticografia brasileira.¹⁴⁹ No *Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro* (SILVA NETO, [1956], 1958, p. 401), durante o parecer que apresentou sobre a comunicação de I. S. Révah¹⁵⁰, Silva Neto afirmou que “já Eduardo Carlos Pereira

¹⁴⁸ Ver, sobretudo, Megale (2000); Santiago-Almeida (2000); Santiago-Almeida e Lima-Hernandes (orgs) (2012).

¹⁴⁹ A *Gramática Expositiva* – curso superior (1907), a *Gramática Expositiva* – curso elementar (1908) e a *Gramática Histórica* (1916) tiveram grande aceitação: a primeira, 96 edições; a segunda, 153 e a terceira 10 edições. A primeira só teve sua produção interrompida no início dos anos 60 do século XX, quando foi preterida em relação a outras que melhor atendiam às particularidades da NGB, que, trazia a novidade de uma nomenclatura gramatical mais concisa do que a da gramática de Pereira.

¹⁵⁰ Ver SILVA NETO, Serafim da. *Parecer à comunicação L'évolution de la pronuntiation au Portugal et au Brésil du XVIe. siècle à nos jours*, de I. S. Révah. In: ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO. Realizado em Salvador, Universidade da Bahia, de 5 a 12 de setembro de 1956. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Biblioteca Nacional e Universidade da Bahia, 1958, p. 399-402.

(1916), entre outros, assentara que a pronúncia padrão brasileira está próxima da pronúncia do século XVI do que a portuguesa”.

De modo mais detalhado, cabe dizer que Silva Neto (em LCC, 1960) acrescenta outra passagem de Carlos Pereira, a fim de relacioná-lo com os outros dados apresentados mais acima, sobre os alofones africados: “Alguns anos mais tarde [depois de Júlio Ribeiro] escrevia outro gramático radicado em São Paulo, o Prof. Eduardo Carlos Pereira:

Este novo fonema românico (x = ch) soava na Idade Média *tch*, valor que ainda conserva no Minho em Portugal, e em certas regiões do interior de São Paulo, no Brasil, onde se pronuncia *catchorro*, *catcha*, *tchapéo*” (*Gramática Histórica*, 2ª ed. melhorada, 1919, página 76). (SILVA NETO, LCC 1960, p. 69-70).

Mas, voltemos a **Júlio Ribeiro**. Outra referência ocorre a ele quanto Silva Neto busca a melhor forma de caracterizar a divisão dialetal brasileira. Para isso, recorre também às obras de **Maximino Maciel** (1866-1923) e as de **João Ribeiro**. Silva Neto, por exemplo, discordava das propostas dos dois primeiros gramáticos, porque, segundo o autor, respectivamente eles encaravam “o problema do ponto de vista exclusivamente geográfico”. Afirmava que “em 1891 esboçava Julio Ribeiro uma tentativa de divisão dialetal do Brasil”, que era a seguinte:

- 1) Norte (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco);
- 2) Leste (Sergipe, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo);
- 3) Centro (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso);
- 4) Sul (Paraná, Sta. Catarina e Rio Grande do Sul)

(SILVA NETO, LCC 1960, p. 260).

De fato, essa classificação já se encontra, inclusive, na 1ª edição da gramática de Júlio Ribeiro, cuja primeira edição, como sabemos, é de 1881. Essa classificação, no entanto, completava o autor, estava “muito longe de satisfazer”. Sobre o segundo, Maximino Maciel, dizia que “por igual motivo é inaceitável a divisão de Maximino Maciel:

- 1) brasilo-guianense ou setentrional;
- 2) os idio-dialetos – estaduais ou centrais;
- 3) o brasilo-castelhano ou meridional.

(SILVA NETO, LCC 1960, p. 260).

Por acreditar que “a classificação deve[sse] ter base histórica, i.é., deve[sse] corresponder às particularidades da colonização do nosso país” é que Silva Neto se aproximava do terceiro gramático, João Ribeiro (na verdade, citado aqui mais como historiador), e assim o justifica:

Já em 1900 expunha João Ribeiro a “teoria dos focos de irradiação da cultura e civilizamento” do Brasil: “Indiquei, se me é permitida a expressão que acredito clara, as cinco células fundamentais que por multiplicação formaram todo o tecido do Brasil antigo:

I – a de Pernambuco, que gera os núcleos secundários da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas e cujo influxo material sempre obedeceu (na Guerra dos Mascates 1710-1712, na revolução de 1817, na confederação do Equador).

II – a da Bahia, que absorve Ilhéus e Pôrto Seguro e gera Sergipe.

III – a de São Paulo, donde evolui todo o leste com os bandeirantes (Goiás, Minas e Mato Grosso).

IV – a do Rio de Janeiro, que pelo elemento oficial em luta com os Espanhóis fez nascer e já tarde as capitanias do extremo Sul.

V – a do Maranhão ou Pará, que gera as unidades administrativas do extremo Norte e sempre viveu separada do Brasil e até pelos portugueses, lhe foi lembrado no tempo da independência que poderia manter, como um novo Canadá, o lealismo à Coroa”.

É de mister levar ainda em conta que – mercê dos vários elementos empregados na colonização – se formaram vários tipos étnicos (SILVA NETO, LCC 1960, p. 260-1).

Embora não dê a referência completa, Silva Neto faz alusão aqui à *História do Brasil* – curso superior, que João Ribeiro publicou pela editora Francisco Alves em 1900. Esse livro, segundo os especialistas, é “um marco no que diz respeito às inovações pedagógicas”. Sendo reeditado até a década de 60, “o que pode refletir o sucesso de sua aceitação”. De acordo com o LEMAD, Laboratório de Ensino e Material Didático,¹⁵¹

o livro escolar de João Ribeiro é destacado por pesquisadores como Circe Bittencourt e Arlette Gasparello pela nova interpretação que o autor fez da história brasileira, dando maior espaço às questões sociais e não camuflando os

¹⁵¹ Órgão ligado ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – DH-FFLCH-USP. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/6666>. Acesso em: 25 jan de 2014.

conflitos, como era usual na historiografia da época. A partir de suas viagens à Europa, João Ribeiro entrou em contato com o historicismo alemão, trazendo novas referências, e diversificando uma História dominada pela influência francesa (LEMAD, s/d).

Ainda que, nesse caso específico, a referência a João Ribeiro tenha sido feita ao Ribeiro historiador e não ao Ribeiro gramático propriamente dito, o fato de esse autor ter dado nova orientação aos estudos historiográficos no Brasil, desvelando questões de ordem social, até então escamoteadas pelas abordagens tradicionais, e ter direcionado a historiografia brasileira para o *historicismo alemão*, considerado por muitos a grande revolução intelectual *do final do século XIX e início do XX* (MISES, 2014), já é em si um dado importante porque demonstra que Silva Neto estava preocupado com a base histórica e social da origem demográfica do domínio linguístico brasileiro. Entretanto, afirmava que “só quando tivé[sse]mos uma rigorosa distribuição das mais características isoglossas dos domínio linguístico brasileiro [é que] poder[ía]mos delimitar-lhe as variedades” (SILVA NETO, LCC 1960, p. 264).

Sobre a “dialetação da linguagem culta do Brasil”, Silva Neto incorpora a opinião de João Ribeiro: “Lembremos as palavras de João Ribeiro: ‘um fenômeno sempre possível na dialetação da linguagem culta do Brasil é a confusão de vocábulos africanos e indígenas, oriundos uns dos outros das raças submetidas pela conquista e pela escravidão (A Língua Nacional, pág.141)” (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 81).

Estudioso e admirador da obra de João Ribeiro, Serafim da Silva Neto publicou na *Revista Filológica* (Rio de Janeiro) em 1941 uma resenha sobre o livro *Notas de Raul Soares à Gramática de João Ribeiro*, de autoria do publicista Mário Casassanta. O teor da obra, segundo Silva Neto, dizia respeito às notas “que Raul Soares deixou às margens da Gramática de João Ribeiro” (SILVA NETO, 1941, p. 89).

Ao comentar o trabalho, o filólogo oferece uma abordagem conciliatória entre as lições de João Ribeiro e os comentários de seu exegeta. O trecho é longo, mas vale a pena transcrevê-lo não só pelo conteúdo, mas também pelo registro de admiração e respeito pela obra de João Ribeiro. De acordo como o filólogo carioca,

O Sr. Casassanta demonstra que Raul Soares não era um simples gramático, mas tinha raciocínio próprio e cultura linguística.

Pelo gosto da campanha, vou tomar parte na disputa dos três. Diz João Ribeiro à pg. 60: “Os nomes em **o**, latim **us**, embora femininos, como os nomes de árvores, ficaram no português, por analogia e força de determinação, masculinos: freixo (fraxinus), louro (lourus), pinho (pinus), figo (ficus).”

Raul parece discordar da afirmação, pois observa à margem:

“Muitos femininos foram adaptados à terminação feminina: **nurus**, nora, **socrus**, sogra”.

O Sr. Casassanta comenta: “Desta vez, cabe razão a João Ribeiro”.

A mim parece que tanto Raul Soares como o grande filólogo da Língua Nacional teem razão.

De fato, os nomes em – **us**, da 2ª declinação, masculinizaram-se. Todavia fagus, mantendo o gênero feminino, passou à 1ª: * faga > faia – e de **pirus**, **ficus** criaram-se novas formações, femininas: * piraria > pereira, * ficaria > figueira.

Quanto a **nurus** e **socrus**, ambos femininos da 4ª, incorporaram se à 1ª para intensificar a designação de gênero: **nura** e **socra** já ocorrem no Appendix Probi (vj. a minha ed., 1938, pg. 98) e outros documentos.

Nura e **socra** eram, pois as formas do latim corrente e a elas prendem-se as palavras românicas.

No tocante a **nura** (com **u** breve) há uma questão de timbre pois devia ser **nôra**, paralela a **sócras**.

Os etimólogos teem proposto, para explicá-la, influência de **nóvia** (noiva), **sóror** (irmã) e **sócras**.

Esta última parece-me bem mais bem aceitável, visto que são múltiplas e constantes as relações entre noras e sogras. Há quase oposição polar...

[...]

Em suma: a leitura do livrinho do dr. Mário Casassanta é instrutiva e agradável (SILVA NETO, 1941, p. 89).

Está fora de dúvida que a *Gramática* de João Ribeiro houvesse exercido grande impacto sobre os escritos de Silva Neto. Exemplo disso, além do da citação acima, é possível ser encontrado no trecho em que Ribeiro sustenta a importância do latim mediante os doutores da igreja. Tese que será continuada pelo filólogo carioca em *História da Língua Portuguesa* (1957), conforme já demonstramos no capítulo anterior. Vejamos o trecho, em questão, em que Ribeiro apresenta a referida tese em relação ao latim dos padres da igreja:

A importância do latim ainda mais aumentou com a vitória do christianismo e com o prestígio dos doutores da igreja, que, com escândalo dos grammaticos, faziam questão de ser entendidos pela plebe, e honraram a lingua vulgar em que falavam e escreviam. Aos grammaticos dizia S. Jeronymo: *Melius in barbarismo nostro nos intelligitis quam in nostra disertitudine deserti eritis* (Psalm. 36). (João RIBEIRO, 1923 [1889], Introdução, p. X-XI).

Há, entretanto, divergências quanto à atribuição da frase. Ribeiro a atribui a São Jerônimo, enquanto Silva Neto, a Santo Agostinho.¹⁵² De fato, o texto é de autoria de Sto. Agostinho, ainda que Silva Neto tenha dado outra referência, que não a do Psalm 36, conforme o fez João Ribeiro. Provavelmente, Ribeiro equivocou-se e confundiu os nomes de ambos os Padres. O trecho refere-se à *Enarrationes in psalmos XXXVI, sermo 3, 6*, de Santo Agostinho.¹⁵³

Ao oferecer uma “*relação cronológica dos filólogos brasileiros* – conforme diz – que *documentaram o som thê no falar caipira de São Paulo*” (SILVA NETO, LCC 1960, p. 67), apresenta Júlio Ribeiro (1881), Eduardo Carlos Pereira (1919) e Amadeu Amaral (1920), respectivamente.

Embora **Maximino Maciel** (1866-1923) seguisse de perto as teorias linguísticas de cunho biológico-naturalista do final do século XIX, na esteira de Hovelacque, Max Müller e Julio Ribeiro – só para nos restringirmos aos autores citados por ele na introdução –, sua *Grammatica Analytica* (1887) *baseada nas doutrinas modernas satisfazendo às condições do actual programa* apresenta importante quadro das variedades das línguas, reconhecendo, desse modo, o caráter social da língua.

¹⁵² Ver a página 113 dessa tese.

¹⁵³ Citamos pela edição *on-line* de suas obras completas *Sant'Agostino – Agustinus Hipponensis*, acessível pelo seguinte endereço eletrônico: http://www.augustinus.it/latino/esposizioni_salmi/index2.htm, cujo contexto do trecho citado Agostinho discute a ambiguidade do verbo *faenari*, que pode significar tanto emprestar como pedir emprestado a juros; encontra-se do seguinte modo:

Quomodo possimus fenerare Deo.

6. [v 26.] *Tota die miseretur, et feneratur. Feneratur* quidem latine dicitur, et qui dat mutuum, et qui accipit: planius hoc autem dicitur, si dicamus *fenerat*. Quid ad nos quid grammatici velint? *Melius in barbarismo nostro vos intelligitis, quam in nostra disertitudine vos deserti eritis. Ergo iustus iste tota die miseretur, et fenerat.*

Há nessa gramática item inteiramente inovador, dedicado a uma *Theoria sobre os dialectos*, em que Maciel (1887, p. 287) defende a ideia, segundo a qual “o estudo dos dialectos é de grande importancia perante a glottologia, porque, marcando a fatalidade das evoluções dynamicas de uma lingua, atesta a phase de decadencia phonetica de um idioma depois de ter percorrido todos os periodos do seu vitalismo”. Maciel (op. cit.) condiciona, isto é, subordina esses períodos às línguas na “qualidade” que elas têm “de organismos vivos das sciencias sociologicas” (MACIEL, 1887, p. 287). Maximino Maciel afirma ainda que “reconheceremos igualmente a existencia de numerosos dialectos, produzidos pelas tendencias das linguas, modificados mais ou menos pela cultura litteraria, o clima, as relações sociaes, ou em uma palavra, sob a acção das forças mesologicas” (MACIEL, 1887, p. 286).

Ainda que Silva Neto não tenha citado a *Grammatica* de **Augusto Freire da Silva** (1894), é importante assinalar os principais aspectos sobre a variação encontrados nesse *instrumento linguístico*, porque eles também retratam o espírito da época em que aquelas outras obras (citadas) do período foram produzidas. Augusto Freire da Silva (1894, p. 51) na *Grammatica Portuguesa* abordou o que denominou de “variações ou modificações da pronúncia” no “terceiro título”, em que tratou da ortoepia. O gramático paulista pioneiramente faz referências ao português aqui falado. Chama a atenção, inclusive, para o fato de haver variações não apenas de língua para língua, mas também dentro de uma mesma lingua. Assim diz o gramático:

A pronuncia, como tudo quanto existe, está sujeita á lei fatal da transformação. Ha de por isso variar continua e lentamente, por virtude da influencia que nella exercem o clima, os cataclysmos sociais e o grau de cultura litteraria. Tambem não lhe são indifferentes as questões de latitude, á vista das divergencias bem sensíveis, que, num dado idioma, se dão de paiz para paiz, de província para província, de cidade para cidade. O portuguez falado no Brazil apresenta innumeras differenças do que se maneja em Portugal; o do Rio de Janeiro, do do interior de S. Paulo, bem como este do do Ceará ou das Alagoas.

O mesmo se dá com muitas localidades dos estados, cujos modos de pronunciar diversificam dos das capitaes (SILVA, 1894, p. 51).

Pelo excerto acima, nota-se que Freire da Silva (op. cit.) avança noções importantes sobre a variação linguística. O gramático reflete conceitos calcados na concepção scheleicheriana de língua como a de sujeição do homem em relação ao meio e ao clima, mas também demonstra ter compreensão da teoria neogramática quando afirma que “a pronuncia [...] está sujeita á lei fatal da transformação”, embora não explicita a teoria das leis fonéticas dos referidos teóricos alemães. O trecho a seguir demonstra sua aguçada percepção da variação no nível sociocultural: “Vem a pello lembrar ainda que, numa mesma cidade, o erudito se exprime de modo muito outro da plebe que altera ou mutila os elementos phoneticos, corrompendo-os a final” (SILVA, 1894, p. 51).

Também não fugiu à atenção do gramático a *variação diacrônica*, conforme dizemos hoje.

O gramático entendeu, entretanto, haver três “dialectos portugueses”: o galego, indo-português e o africano. Para ele, o português do Brasil não constituía um dialeto à parte, embora, conforme reconhecia, já estivesse se distanciando do de Portugal. Nesse sentido, aponta as principais diferenças entre ambos, como as seguintes. Diz: “Os portuguez hodierno do Brazil não constitue dialecto; é o mesmo de Portugal, não obstante ir-se já differenciando, principalmente na pronuncia” (SILVA, 1894, p. 21).

Augusto Freire da Silva coloca-se em franca oposição à tese defendida por Adolpho Coelho. Como se sabe, para o filólogo português “Fóra de Portugal, são mais ou menos conhecidas as variedades dialectais insulares (archipelagos da Madeira e dos Açores), o dialecto brasileiro e os dialectos crioulos, a que já aludimos e que formam uma série á parte” (COELHO, 1896, p. 119). Assim como Freire da Silva, Silva Neto discordava do

introdutor do *Glottologia* em Portugal; pois, para ele o português brasileiro não formava um dialeto à parte.

3.3.3 A variação nas Gramáticas de Pacheco e Lameira (1887, 1894)

Por sua vez, **Pacheco e Lameira** (Silva Jr e Andrade 1894), citados na primeira edição de IELPB por Silva Neto, mas suprimidos nas edições seguintes, devido às reformulações que a referida obra viria a sofrer, eram do parecer segundo o qual “o portuguez falado no Brazil diverg[ia] do falado em Portugal, não só, e mui principalmente na pronuncia, mas tambem em algumas transferências de significação” (SILVA JR. e ANDRADE, 1894, p. 47). Observa-se, pois, que os gramáticos destacavam com isso, não apenas as diferenças fonéticas, mas, sobretudo, as diferenças semânticas e pragmáticas de certas palavras usadas entre as duas variantes de ambos os lados do Atlântico. Essas *transferências de significação*, segundo eles, estavam em palavras como: “*babado*, que no Brazil tambem sign. fólhos de vestido, *fazenda* – propriedade rural, *xacara* – casa de campo, *muqueca* – quisado de peixe, etc.”. (SILVA JR. e ANDRADE, op. cit., p. 47).

A despeito de ainda estarem ligados às explicações de ordem naturalistas, Silva Jr, e Andrade afirmavam que as diferenças fonéticas entre os dois países consistiam principalmente “em fazermos soar as vogaes, no acentuarmos syllabas subordinadas, e ainda não estarmos tão sob a lei da menor acção. Influencia climatérica”, em que “pronunciamos *papel*, *bórdo*, *imperador*, *corôa*, *pelotão*”, enquanto o “Portuguez *pâpel*, *bôrdo*, *imp’rador*, *c’roa*, *p’lutão*, etc.”. Afirmavam também que no Brasil era “multo commum a troca do *e* pelo *i*: – *mi deixi*, *minino*, que em Port. pron. sempre *menino*, etc.” (SILVA JR. e ANDRADE, 1894, p. 48).

Embora atenuassem as “diferenças syntaxicas importantes”, entre os dois países, que diziam serem “raras, e apenas na linguagem vulgar”, os gramáticos apresentavam os

seguintes exemplos: “*fui na casa, estava na janela*; o emprego do pronome sujeito pelo objeto - *vi elle*, e tambem *vi-lhe, isto é para mim ler*” (SILVA JR. e ANDRADE, op. cit., p. 48).

A justificativa para a variação dialetal de uma língua, ou, para os fatores que “augmentam o numero das discordancias no seio da lingua geral”, nos termos dos gramáticos, era dada por eles como causadas pelas “circumstancias que concorrem para o enfraquecimento dos Laços politicos e sociaes, ou para o enfraquecimento de um povo” (idem, ibidem). Dai – conforme entendiam – haverem “os provincialismos, particularidades locaes no modo de fallar uma mesma lingua dentro do mesmo paiz, mais ou menos accentuadas na pronuncia, no vocabulario e na fraseologia”.

A compreensão que os gramáticos apresentam sobre a variação social da língua impressiona pelo que tem de atual. Afirmavam que “na mesma cidade, o homem culto pronuncia de modo muito differente do analphabeto” (SILVA JR e ANDRADE, 1894, p. 49).

Nesse sentido, os autores apresentam formas populares próprias de várias regiões do Brasil, conforme segue: “[...] no Pará diz-se *Labisonhos* p. *lobis-homem*: geralmente em todo o Brasil a gente iletrada di. *Vosmêce* p. *vossa mercê*, pronunciam *quarar* por *corar*”. Utilizando a expressão *provincialismo*, deram testemunho do *modo* como os paulistas falavam: “nesta ultima província [referem-se a S. Paulo] as syllabas soam todas ellas largas, abertas; a falla é descansada e como que candenciada, a molhada *lh* não sôa na pronuncia – *teiado, miio, fïio* p. *telhado, milho, filho*, etc.” (SILVA JR e ANDRADE, 1894, p. 51).

O que salta aos olhos nessa gramática é a atenção dada por Pacheco e Lameira aos chamados “brazileirismos e modos de dizer proprios a cada província”, além de “alguns

modos de dizer do povo”, que os gramáticos oferecem em uma lista relativamente extensa, organizada por ordem alfabética, no formato de um minidicionário. Para ilustrar, reproduziremos abaixo algumas dessas palavras.

Exemplos de *Brazileirismos e modos de dizer próprios a cada província*:

Arrelia – birra.
Aipim – mandioca (Rio de Janeiro).
Amolar – enfadar alguém com importunidades, palavras de ôca dorna, etc
Batuque }
Jongo } dança de negros (voc. afr.)
(Extraídos de SILVA JR. e ANDRADE, 1894, p. 52 e ss).

Exemplos de *alguns modos de dizer do povo*:

Bater a bota, esticar a canella – morrer.
Crescer para cima de alguém – dirigir-se para alguém ameaçando-o.
Estar de venta inchada – zangado.
No Ceará é expressão muito vulgar – *para esse tanto*, ex; “Não julgava que se falasse *n’esse tanto*” (a este respeito). “Uma razão para esse tanto, etc.”.
(Extraídos de SILVA JR. e ANDRADE, 1894, p. 62)

Embora admitam que estes “modos de fallar” sejam “apenas ostensivos na conversação familiar, e alguns só na da plebe, e que nunca se encontram em nossos escriptores, a não ser [...] os que o uso sancionou e são necessarios”, os gramáticos avançam muito na reprodução das variedades brasileiras, sem apresentar grandes marcas de reprovação.

A referência à variação linguística no texto gramatical de Pacheco e Lameira, isto é, Silva Jr e Andrade já havia sido apresentada, alguns anos antes, em uma edição anterior da gramática, então intitulada *Noções de Grammatica da Lingua Portuguesa* (1887). Nela, os autores explicam a importância do que denominam “acento secundário”, afirmando que “o accento secundário é também resultado de variações prosodicas dialectais, e neste caso chama-se accento provinciano, ou sotaque provincial” (SILVA JR e ANDRADE, 1887, p. 23). Em nota, os gramáticos definem “sotaque [como] propriamente – um dito ou apodo [isto é, uma alcunha] vulgar”. E, por isso, apresentam um conceito mais condizente com as

posições da filologia românica da época, a qual declaradamente eles estavam filiados: “hoje, porém, é empregado extensivamente para significar o *accento* particular a uma província, a peculiar modulação, etc.” (op. cit., p. 23, n. 2). Silva Jr. e Andrade (1887) entendiam que tal fenômeno era relativo ao meio físico ou às condições do meio ambiente, e explicam-no do seguinte modo: “são intonações de voz particulares, devidas às influencias mesologicas muitas vezes de difficil apreciação, e que muito desvalorisam o *accento tonico*” (idem, ibidem). Os exemplos dialetais oferecidos pelos autores neste caso são: “(ó homem, Máceió, mólhér...)”, como se pode notar, tipicamente, nordestina. A lição será inteiramente repetida alguns anos mais tarde, *ipsis litteris*, às páginas 120 e 121 da ***Grammatica da Lingua Portugueza para uso dos Gymnasios, Lyceus e Escolas Normaes***, de 1894. Conforme demonstramos acima, é nessa edição da gramática que os autores demonstraram maior consciência do aspecto variacionista da língua em suas diversas feições,

Neste caso específico, a variação apresentada por eles é também a relativa à pronúncia. Os autores (op. cit., p 125) afirmam que ela, – a pronúncia – “variando de época para época, de província para província, de cidade para cidade, às vezes de aldêa para aldêa, e mesmo de escriptor para escriptor, ‘é escraboso problema tentar acordar a escripta com a pronuncia’.” (SILVA JR. e ANDRADE, 1894, p. 125).

Nesse sentido, adiantam-se, inclusive, a um problema normativo tipicamente brasileiro que dirá respeito à chamada pronúncia padrão brasileira, que, segundo alguns linguistas contemporâneos, estudiosos do assunto no século XX, tal como Cagliari (2010), afirmam não existir. (cf. a respeito CAGLIARI, 2010).¹⁵⁴ Em relação a esse problema da dificuldade de adoção de uma pronúncia padrão do português, os gramáticos defendiam

¹⁵⁴ Cagliari afirma que diferentemente do que ocorre, por exemplo, com o inglês britânico, em que há uma variedade padrão conhecida como “inglês da rainha”, no PB a situação é diferente: não há um português da rainha, nem do imperador, do presidente da República ou equivalente (CAGLIARI, 2010).

que “cada terra ou provincia, julgando ser ahi onde a lingua correctamente se falla, não se subordinará ás locuções que considera peiores que os seus dizeres, e até *estrangeiradas*” (SILVA JR. e ANDRADE, 1894, p. 125). E alertam no sentido de que “si a orthografia acompanhasse a pronuncia nas suas frequentes modificações, difficil seria entender-se um escriptor que nos houvesse precedido um ou dous séculos”. Porque, para eles, “si [a orthografia] fosse sinceramente etymologica sel-o-hia outrossim ridícula e pedantesca” (SILVA JR. e ANDRADE, op. cit., p. 126). Demonstram, com isso, adesão ao modelo ortográfico misto ao afirmarem: “deve-se pois preferir por sobre todas, a orthographia *mixta*, a que hoje estamos subordinados” (idem, ibidem), embora não cite explicitamente o gramático maranhense Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), segundo Cavaliere (2014, p.78), é “um dos nomes mais respeitados e influentes da gramaticografia brasileira do século XIX, [e] bem sintetiza essa posição”.¹⁵⁵

Quanto ao exemplo de **Silva Jr e Andrade** (1894) citado por Silva Neto (1950), notemos que ele ocorre no contexto da comprovação de uma forma fonética portuguesa do século XVIII, conservada no português do Brasil em regiões como São Paulo e Mato Grosso. Para a exemplificação dessa forma conservada em São Paulo, o filólogo cita Silva Jr e Andrade [Pacheco e Lameira], juntamente com Carlos Pereira e Amadeu Amaral:

Havia a diferença entre *x* e *ch*. Esta última era explosiva, soava *tchê*: foi pronúncia geral até o séc. XVIII.

Hoje, no Continente, só existe no Norte. Persiste, porém, no indo-português de Goa e no indo-português de Damão. *Vigora ainda em São Paulo, como*

¹⁵⁵ Sotero dos Reis (1871 [1866], p. 275) defendia que “os systemas exclusivos de orthographia somente segundo a pronúncia, ou de orthographia puramente etymologica, são irrealisaveis; o primeiro, porque a pronúncia varia, para bem dizer, em cada província, e em cada século; segundo, porque seria mister escrever as palavras como se achão na língua d’onde são derivadas, ao que se oppõe a fôrma e a pronúncia dos termos derivados. Assim, o único systema racional, e o único seguido pelos bons auctores, é o da orthographia mixta, que participa de um e de outro, e melhor se accomoda ás modificações, por que vai passando a língua de tempos em tempos” (*apud* CAVALIERE, 2014, p. 78). Cabe ressaltar também aqui a percepção de Sotero dos Reis quanto ao “problema da variação”, que, segundo ele, não poderia influenciar a escrita. Veja que o gramático maranhense, ainda que indiretamente – porque tratava de questões de ordem ortográficas – observa e afirma que existe variação em pelo menos dois aspectos: no espacial e no temporal, quando diz que “a pronuncia varia em cada provincia e, em cada século”.

registraram Pacheco e Lameira, Carlos Pereira e Amadeu Amaral (SILVA NETO, 1950, p. 191, grifamos).

Em nota, completa o registro: “Cf. Pacheco e Lameira, *Gram. Port.*, pág. 99”. Como dissemos antes, curiosamente, essa referência foi retirada da 2ª em diante de IELPB, porque o livro passou por reformulações, sendo inteiramente refundido em algumas partes, como, por exemplo, o acréscimo do capítulo “A lingua portuguesa comum no seu aspecto brasileiro (português do Brasil). Caráter conservador da pronúncia padrão brasileira” (IELPB, 1986, p. 145 e ss) bem como com a supressão de algumas pequenas partes, como esta em que havia a referência à Pacheco e Lameira, sobre o registro da pronúncia do som *tchê* em São Paulo.

Pelo que **Silva Jr. e Andrade** expõem em toda a gramática, em relação ao caráter variacional da língua, não se pode admitir que Silva Neto tivesse aproveitado, apenas, um simples exemplo desses dois autores, além do mais, extirpado das edições posteriores de IELPB. É certo que o trecho citado seja de grande importância para o que se quer comprovar: de que Silva Neto também foi tributário do conhecimento que os gramáticos luso-brasileiros produziram a respeito da variação das línguas, em especial da portuguesa.

3.3.4. A variação na *Grammatica portugueza elementar* (1876) de Teófilo Braga

Até mesmo em gramáticas do último quartel do século XIX, sob os auspícios da nova orientação metodológica do histórico-comparativismo, em Portugal, veremos a abordagem dos aspectos variacionistas da linguagem. Referimo-nos, mais precisamente à *Grammatica portugueza elementar, fundada sobre o methodo historico-comparativo*, de **Theophilo Braga**, publicada em 1876. Nesta obra, Braga entende não apenas as questões

de ordem variacionista como também outras questões, tais como as exceções, a etimologia e a ortografia, como pertencentes “à história da língua”¹⁵⁶:

Os casos excepcionaes, *as divergencias dialectais*, a determinação do sentido da palavra pela etymologia, e a sua orthographia baseada sobre a derivação ou composição, são factos cuja explicação pertence á história da lingua” (BRAGA, 1876, p. 2, grifo nosso).

Braga (1876) dirá, por exemplo, referindo-se à fala do povo, que “Assim na linguagem popular se diz: não vêr *boia*; nem *pataca*; nem *sombra* d’elle” (BRAGA, 1876, p. 121). Teófilo Braga também assinala que no português popular europeu, pelo menos no final do século XIX, “*Elle*, também se usa como pronome indefinido na linguagem popular; ex.: *Elle* chove; *Elle* a pressa não é muita” (BRAGA, 1876, p. 61). Ao abordar a conjugação do verbo *haver*, aponta como fora de uso uma forma antiga também encontrada em Gil Vicente, como exemplo de linguagem popular: “Fóra de uso. Na linguagem antiga encontra-se *Ave*, como na linguagem popular de Gil Vicente” (BRAGA, op. cit., p. 96). Ainda em relação ao uso popular diz: “78. Quanto aos substantivos verbaes são de uso popular, e pouco frequentes. Ha porém o perigo de os considerar verbaes” (BRAGA, op. cit., p. 40).

Em relação ao emprego dos sufixos, o filólogo português apresentando uma explicação semântica, dirá que é mais comum no uso popular: “[o sufixo *-inho* serve] para augmentar o sentido moral; ex.: um *ceguinho*, um *pobrezinho*, um *aleijadinho*, sobretudo no uso popular ‘Olhos de *perlinhas* finas (Gil Vicente)’” (BRAGA, 1876, p. 38). Do mesmo modo, explica o uso do sufixo *-issimo*, que é de origem latina “a forma do superlativo latino é em *issimus*” e que é “adoptada em portuguez na forma *issimo*, e também no uso popular em *iço*” (BRAGA, 1876, p. 48). Com outro exemplo retirado de

¹⁵⁶ Segundo Marçalo (2009, p. 63), “qual arauto de ideias inovadoras”, Teófilo Braga escreve: “para divisão fundamental da grammatica, as bases geraes por onde se analisa qualquer lingua – os Sons, as Formas e as Construções – rejeitamos essas velhas categorias irracionais de Etymologia, Syntaxe, Prosodia e Orthografia” (BRAGA, 1876, p. IX).

Gil Vicente, também demonstra que o “*superlativo composto*” (Que dos *mui muitos* ciúmes/ Nasce o *mui muito* amor) era prova do “vestígio do uso popular” (idem). Isto para ficarmos em alguns exemplos.

Para finalizarmos este capítulo, segue uma última reflexão, desenvolvida no próximo item, sobre alguns *atos da variação* encontrados em algumas gramáticas de orientação filosófica, que não foram referidas por Silva Neto, mas que, no entanto, deixam evidenciar, dentre outros fatores, as escolhas teórico-metodológicas do nosso autor. Essa reflexão nos levará aos aspectos abordados no quarto capítulo, sobre a importância da Romanística, no cenário de atuação de Serafim da Silva Neto, incluída aí as suas teorias e os seus métodos, a saber: a dialetologia e geografia linguística.

3.3.5. *Atos da variação nas gramáticas luso-brasileiras de orientação filosófica*

Até mesmo nas gramáticas luso-brasileiras ditas de orientação filosófica¹⁵⁷, anteriores ao do período científico¹⁵⁸, é forçoso admitir, veremos fatos de variação. Algumas, inclusive, como já visto neste trabalho, citadas por Silva Neto. Dentre essas: a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* ou Principios da Grammatica Geral applicados à nossa linguagem, de Jerônimo **Soares Barbosa**, a qual Silva Neto cita pela 2ª edição de 1830, principalmente à página 52; também o *Epítome da grammatica da lingua portugueza* (1806) de Antônio de **Morais Silva** (1755-1824); **Bento de Oliveira** (refundida e melhorada por A. A. Cortesão, em 1904, na 26ª edição), essa última edição é até mesmo tida por Silva Neto como uma das melhores gramáticas portuguesas.

¹⁵⁷ “Chama-se assim ao conjunto vasto de gramáticas que, já vindas de séculos antes, a corrente racionalista do Renascimento, sob a influência posterior do cartesianismo e dos ideólogos iluministas, fez surgir em toda a Europa de seiscentos e setecentos” (TORRES, 2004, p. 385). No Brasil, essa tendência se prolonga até os anos 80 do século XIX, conforme é possível verificar em obras com as de Carneiro Ribeiro (1881).

¹⁵⁸ Conforme dissemos acima, inaugurado entre nós por Júlio Ribeiro, com sua *Grammatica Portugueza* (1881).

Há, no entanto, autores não citados por Silva Neto, mas que também abordaram aspectos da variação na língua portuguesa, ainda que de forma marginal e de modo muito sumário. Casos como esses interessam porque, conforme esclarece Colombat (2007, p. 90), o *horizonte de retrospectção* “abrange o conjunto dos conhecimentos prévios reconhecidos, assumidos ou mesmo rejeitados por um autor x em um momento x da história”.¹⁵⁹

3.3.5.1. Variações nas gramáticas de Sotero dos Reis (1861, 1871) e Carneiro Ribeiro (1881)

É o caso, por exemplo, da atitude de Silva Neto em relação ao maranhense Francisco **Sotero dos Reis** (1800-1871), que, apesar de ser um autor já consagrado, no tempo em que escrevera suas duas gramáticas mais difundidas no Brasil (nas décadas de 60 e 70 do século XIX)¹⁶⁰, não foi mencionado pelo filólogo, nem mesmo nos seus estudos históricos sobre a língua portuguesa.

Entretanto, há trechos, poucos é verdade, como os que Sotero dos Reis, abordando a defectividade de alguns verbos, faz menção a um tipo de falante socialmente estigmatizado:

Na lingua portugueza, a mais rica em fórma verbaes das que fallão hoje os povos cultos, é rarissimo o verbo, *defectivo*, pois além do caso acima [a respeito do verbo *feder*] não nos ocorre outro; ao passo que no Latim, e até no Francez, é frequentíssimo este verbo. Ainda assim, o povo baixo suppre as pessoas que faltão ao verbo, *feder*, dizendo, *feço*; *feça*, *feças*, *feça*, *feçamos*, &c; o que não é usado pela gente culta (SOTERO DOS REIS, 1871, p. 136, grifamos).

Como também uma passagem em que Sotero dos Reis (1868, p. 155), em outra obra, trazia à memória, segundo sua avaliação, a “primitiva rudeza”, de épocas anteriores

¹⁵⁹ Do original: “Colombat (2007, p. 90) “La notion d’*horizon de rétrospection* [...] recouvre l’ensemble des connaissances préalables reconnues, assumées ou même refusées par un auteur x à un moment x de l’histoire”.

¹⁶⁰ Trata-se das seguintes obras: SOTERO DOS REIS, Francisco. *Postillas de grammatica geral*, applicada à lingua portugueza pela analyse dos classicos ou Guia para a construcção portugueza. Segunda Edição, Revista e Accrescentada pelo autor. São Luiz - Maranhão: Typ[ographia]. B. de Mattos, 1868 e SOTERO DOS REIS, Francisco. *Grammatica portugueza accomodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediata appllicação pratica*. 2ª ed. Maranhão; Typ[ographia] Antonio Pereira Ramos. d’Almeida &C., 1871 [1866].

da língua portuguesa, “que lhe deturpou a meninice balbuciante”. Essa suposta situação precária inaugural da língua, na avaliação do gramático maranhense, só viria a melhorar, posteriormente, com a ação dos poetas, que a “formou” e a “polio” [sic], com o passar dos anos:

A invariável terminação em, *r*, dos infinitos dos verbos, que nos é comum com o Hespanhol, e não se dá nas outras linguas derivadas do Latim, como o Italiano e o Francez, porque na última é modificada pela pronuncia nos verbos das tres primeiras conjugações, é outra notável aspereza do pátrio idioma, que o instinto leva as vezes o povo baixo a evitar, em Portugal, acrescentando um, *i*, depois do, *r*, e no Brazil, suprimindo o, *r*, como se vê nestes exemplos de pronuncia vulgar nos dois paizes. «Não posso *perderi*» «não posso *perdê*», os citamos não para imitação, o que seria absurdo, mas unicamente para comprovar o nosso asserto (SOTERO DOS REIS, 1868, p. 159-60, grifamos).

Há outro gramático de orientação filosófica a quem Silva Neto faz apenas uma menção e, mesmo assim, superficialmente. Trata-se do baiano Ernesto **Carneiro Ribeiro** (1839-1920), de uma geração posterior a de Sotero dos Reis. Essa menção de Silva Neto a este gramático servia tão-somente para ilustrar as polêmicas *puristas* do chamado período vernaculista da nossa história linguística, na qual Carneiro Ribeiro se envolveu.

Mesmo depois da independência (1822), a fidelidade à pureza manteve-se. Fidelidade que muitas vezes chegou ao exagero, numa atitude de *purismo* intransigente. Bastará recordar, no começo deste século, as discussões calorosas a propósito da legitimidade das formas vernáculas entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro [...] (SILVA NETO, HLP 1986 [1957], P. 605) ¹⁶¹

Carneiro Ribeiro, embora tenha transitado entre outras ideias linguísticas em voga no seu tempo, como as do “evolucionismo” schleicheriano, era ele autor de uma *Grammatica portugueza philosophica* (1881), publicada fora de tempo, mas que devia encontrar, ainda, leitores interessados no tipo de orientação, em que se aplicava os princípios do modelo filosófico da gramática geral:

¹⁶¹ Como é de conhecimento, no final do século XIX, alguns estudiosos, adeptos aos preceitos das obras de inspiração filosófica, opunham-se a outros, inspirados no modelo histórico-comparativo. Os dois modelos nortearam os estudos gramaticais no Brasil no século XIX e, inclusive, dividiram os mesmos espaços, gerando polêmicas famosas como as do embate entre Rui Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro, que, já na virada para o século XX, também se inseriram neste contexto. Para um estudo sobre o problema do *purismo* e, especialmente, sobre a polêmica que envolveu os dois autores, conferir Leite (2006b, p. 76 e ss).

a gramática geral é uma sciencia, porque é a investigação arrazoadada dos principios universais da linguagem, os quaes são comuns a todas as lingoas, e outra coisa não são que as leis necessárias e eternas do pensamento, leis constitutivas de todos os espíritos. [...] [A gramática] é philosophica, quando estuda as regras gramaticais, prendendo-as e ligando-as aos principios geraes, que as explicão e justificação (CARNEIRO RIBEIRO, 1881, Introdução, p. 12).

Podemos afirmar, então, que o que leva Silva Neto a rejeitar o *corpus* da gramática de orientação filosófica como apropriado para o fazer científico são fatores de ordem epistemológica. Evidências, neste sentido, podem ser encontradas no próprio fio do discurso do autor, como se verá sequencialmente, em alguns trechos. “A epistemologia *normativa*, também conhecida como *metodologia*, procura examinar como funciona um método, o que é um raciocínio gramatical bem conduzido” (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010, p. 31)¹⁶², por exemplo.

Se este nosso argumento estiver correto, e é provável que esteja, porque tem a ver com as escolhas teórico-metodológicas feitas por Silva Neto, é possível afirmar, então, que as gramáticas filosóficas, ao contrário das de orientação dito científicas (estas últimas, sim, consideradas pelo autor como “legítimas” representantes do método histórico-comparativo), não serviam nem como parâmetro de análise, nem como *corpus*, porque “continua[vam] a marcar passo, por causa das solas de chumbo dos gramáticos” (SILVA NETO, IEFP 1956, p. 199). Isto é, não apresentavam, como tinha de ser, sempre de acordo com a perspectiva de Silva Neto, os verdadeiros fatos da língua na sua inteireza, isso porque, devido às suas “solas de chumbo” (metáfora empregada pelo autor, para ilustrar o quanto esses gramáticos, supostamente, não saíam do lugar), não evoluíam, estavam ainda presos aos modelos teóricos e às doutrinas gramaticais antiquados.

¹⁶² Tradução de: “l’épistémologie *normative*, qu’on appelle aussi *méthodologie*: elle essaie d’examiner comment fonctionne une méthode, ce qu’est un raisonnement grammatical bien conduit.

Na avaliação do nosso autor, o que fazia “imensa falta” nessas gramáticas era “o método linguístico, o único que [seria] capaz de oferecer um critério e uma direção firme, realmente científica” (SILVA NETO, IEFP 1956, p. 199), aos estudos gramaticais.

Até os princípios do século XIX os estudos linguísticos se debatiam no mais desordenado empirismo: basta lembrar que os gramáticos latinos serviam ainda de modelo para as gramáticas românicas! (SILVA NETO, IEFP 1956, p. 199).

[...]

É precisamente o amadorismo, a falta de visão de conjunto, que faz os gramáticos perderem-se numa infinidade de questiúnculas, num labirinto de classificações e numa nomenclatura tão rebarbativa quanto inútil.

A gramática deve ser simplificada e não complicada: deve registrar o mínimo de noções, não arbitrariamente deduzidas na cabeça dos gramáticos e pretensos gramáticos, mas, ao contrário, rigorosamente justificadas pelos fatos da língua (SILVA NETO, IEFP 1956, p. 200).

E para comprovar suas convicções metodológicas, Silva Neto aditava, à citação que fazia a uma breve passagem da gramática comparativa do suíço Nicolas Louis Cyprien Ayer (1825-1884), um comentário em que deixava explícita sua orientação histórico-comparatista. Autor da renomada *Grammaire comparée de la langue française* (1876), que contou com 4 edições (Genebra 1876 (423 páginas), Paris 1882 Genebra / Basel / Lyon em 1885, 1890 (709 páginas, com uma breve biografia), Ayer, que, dentre outras atividades¹⁶³, também era geógrafo, escreveu várias obras que se inscreveram no âmbito do método comparatista e no da dialetologia – sendo “pioneiro no campo dos estudos franco-provençais” (FRÝBA, 2013)¹⁶⁴ –, por meio das quais se combateu tenazmente o modelo das gramáticas de orientações filosóficas ou gerais, consideradas, já então, atrasadas. Sobre Ayer dizia:

O velho gramático Ayer reconhecia esta verdade indiscutível: “La Grammaire française tient surtout compte de l’état actuel de la langue; mais l’usage présent dépend de l’usage ancien, et la plupart des faits grammaticaux ne s’expliquent

¹⁶³ Para maiores detalhes sobre a vasta produção intelectual desse autor, conferir Frýba (2013). A autora oferece uma bibliografia completa de seu trabalho científico nas diversas áreas da gramática, dialetologia, pedagogia, economia, geografia, estatística, política, etnografia.

¹⁶⁴ Cyprien Ayer é também autor de uma *Introduction à l’étude des dialectes du pays romand* / par C. Ayer,... / Neuchâtel: chez les Principaux Libraires, 1878. Este trabalho é reproduzido em Frýba e Swiggers (orgs.) (2013), com uma introdução de Frýba (2013, p. 133-139).

que par leur comparaison avec les formes de l'ancienne langue"¹⁶⁵ (1876, pág. 12).

Aliás, se possível fôsse, tôda lição de linguagem devia ser histórica. Em todo caso, ela deve estar sempre latente.

Como justificar a ortografia, senão à luz da fonética histórica? [...] Nas menores coisas o método histórico é decisivo (SILVA NETO, IEPF 1956, p. 200).

Está claro que, para Silva Neto, fazer ciência da linguagem representava a filiação a modelos científicos como o histórico-comparativo, surgidos no final do século XIX e início do XX. Os estudos que fugissem desse modelo, na sua opinião, era porque ressentiam-se da “falta de um critério seguro, um método científico que [fosse] o fio condutor dos fatos” (SILVA NETO, IEPF 1956, p. 199). A tudo isso somava-se a forte institucionalização da dialetologia, não só como campo, mas como método, já ocorrida por volta de 1870, na Europa, com a profissionalização do dialetólogo, com a criação de periódicos científicos, e com a posterior ascensão da geografia linguística à categoria de disciplina organizadora do campo dos estudos Românicos. Disso ocorre que as posteriores pesquisas sobre a *variação linguística*, não apenas sob os aspectos geográficos e dialetais, mas, inclusive, sob os fatores sociais, serão largamente favorecidas pela criação, ainda no final do século XIX, de um campo de investigação sobre os dialetos. “A dialetologia coloca os falares no centro das ciências da linguagem, como um domínio privilegiado para se observar as leis gerais do desenvolvimento linguístico” (BRANCA-ROSOFF, 2000, p. 45). Com essa última citação, encerramos o terceiro capítulo. Passaremos adiante ao capítulo quatro, ocasião em que investigaremos, justamente, a importância dos estudos românicos, que, associados ao método histórico-comparatista, e, aliados a outros, como os da dialetologia e da geografia linguística, serão largamente aplicados por Serafim da Silva Neto na construção de conceitos sobre a variação e mudança linguísticas.

¹⁶⁵ [Traduzimos: “A gramática francesa tem especialmente em conta o estado atual da língua, mas o uso presente depende do uso antigo, e a maior parte dos fatos gramaticais só pode ser explicada pela sua comparação com as formas antigas da língua”].

„Das Alte und Neue erscheint aber innerhalb
eines Dialektes nicht bloss nach dem Alter,
sondern auch nach Geschlecht, Bildung,
Temperament, kurz in der verschiedenartigsten
Weise vertheilt”

[As formas antigas e novas distribuem-se,
nos dialetos, não apenas segundo a idade dos falantes,
mas também segundo seu sexo, educação, temperamento,
distribuídos, enfim, segundo os mais diversos fatores]
(SCHUCHARDT, 1885, p. 15)

4.1. A Romanística como um programa sociocultural de investigação linguística

Apresentamos nesse capítulo o campo que serviu de referência fundamental para a consolidação da *teoria da variação* desenvolvida por Silva Neto: a *Filologia Românica* ou *Romanística*. Antes das indagações sociolinguísticas a respeito da variação das línguas, bem como da sua relação com a matriz social, a *Romanística*, campo de investigações das ciências da linguagem, levantava hipóteses, no final do século XIX, até meados do XX, a respeito da origem, variação e mudança das línguas românicas e seus respectivos dialetos. Ao compulsarmos algumas obras de autores romanistas do período, vemos emergir dali não somente o interesse pelo tema, mas, principalmente, surgir metodologias que intentaram dar respostas a essas questões da variedade e da mudança, assim como reflexões teóricas, que, sem dúvida, poderiam ter sido aplicadas às questões de linguística geral e à sociolinguística. Quer seja pelas propostas teóricas, encontradas em Schuchardt, quer seja pelos métodos de coleta e análise da língua falada propostos, primeiramente, pela Dialektologia de Ascoli, e, depois, aperfeiçoados pela Geografia linguística de Gilliéron e, posteriormente, Jaberg e Jud, pretendemos mostrar neste capítulo que a Romanística, modernamente, inaugurou um *programa de investigação*, nos termos de Swiggers (1981), que, neste caso, poderia ser identificado como um ***Programa Sociocultural***.

Autores como Hugo *SCHUCHARDT* (1842- 1927), Jules *GILLIÉRON* (1854-1926), Walther *WARTBURG* (1888-1971), Karl *JABERG* (1877-1958) e Jakob *JUD* (1882-1952), que atuaram no final do século XIX e início do XX no exterior, Serafim da SILVA NETO (1917-1960) e Teodoro MAURER JR. (1906-1979), que trabalharam no Brasil, em meados do XX, são exemplos de como o campo da Romanística foi frutífero, chegando a resultados de suma importância para os estudos linguísticos modernos.

Não obstante isso, seus nomes, em muitos casos, passam ao largo da história, difusos; ou nem mesmo aparecem em obras introdutórias ou manuais gerais sobre a sociolinguística, ocorrendo o mesmo em livros de história da linguística. O que demonstra a grande descontinuidade existente entre o campo de investigações que se denominou Romanística com aquele que deveria ter sido seu herdeiro direto: a Sociolinguística.

Partindo dessas reflexões iniciais, neste capítulo, apresentamos um estudo das obras e autores romanistas acima referidos com o duplo objetivo de, por um lado, demonstrar o quanto muitas das questões suscitadas, debatidas e investigadas no âmbito da Sociolinguística já estavam anteriormente contempladas no domínio das preocupações dos estudos românicos, e é por isso que Silva Neto, como defendemos, também enuncia de um ponto de vista privilegiado, o dos estudos românicos; e, por outro, tentaremos levantar possíveis causas que ligam esses estudos a uma gênese comum, ou mesmo, fatores que apontem os motivos que levaram parte dos estudos românicos ao esquecimento ou ao desconhecimento por parte dos sociolinguistas estrangeiros e brasileiros das décadas de 60, 70 e 80 do século XX.

4.2. Metodologia empregada no capítulo

Ao longo deste capítulo, faremos menção específica a alguns textos, com o intuito não apenas de descrevê-los e analisá-los, mas também com a intenção de apontar para a

relevância significativa de cada um deles dentro da história da Romanística, e de como Silva Neto se valeu de informações e de dados neles encontrados. Além, é claro, da própria teoria da variação e mudança esboçada nestes textos, que são os seguintes: 1. *Über die Klassifikation der romanischen Mundarten* (1870), de Hugo Schuchardt; 2. *L'Atlas linguistique de la France* (1902), de Jules Gilliéron; 3. *Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (1928-1940), de Karl Jaberg e Jakob Jud; 4. *La Fragmentacion Lingüística de la Romania* (1952), de Walther Wartburg; 5. *História do Latim Vulgar* (1957), de Silva Neto e 6. *Problema do Latim Vulgar* (1962), de Maurer Jr. Todavia, isso não nos impedirá de citarmos, marginalmente, dos autores referidos, outros textos, quando estes forem de fundamental importância para o desenvolvimento da nossa argumentação.

Também, ao longo do capítulo, alguns conceitos serão discutidos à luz da historiografia. Poder-se-ia dizer que este é caso do conceito de *latim vulgar*, que, não obstante estar diretamente relacionado ao campo da romanística, com suas questões específicas sobre a história da língua (a origem da língua portuguesa, por exemplo), com uma metodologia própria (a histórico-comparativa), e com seu interesse específico (a evolução e transformação do latim), pode nos fornecer pistas, por exemplo, para que entendamos a importância da dinâmica da língua falada popular na sua relação com a língua escrita e, deste modo, com os fenômenos da variação e mudança linguísticos. Este tipo de preocupação historiográfica pode ser traduzido nas seguintes palavras de Auroux (2008, p. 156): “[...] *pode-se dizer com uma certeza suficiente que uma disciplina sem história e sem reprodução não pode ser uma ciência*”. E ajusta-se a um dos **formatos** propostos por Swiggers (2013a, p. 48), quanto aos “*conceitos e princípios teóricos*” com relação à investigação historiográfica. Abordar, portanto, *o problema do latim vulgar* a partir da perspectiva da história das ideias e da historiografia linguísticas, mais

precisamente a partir da *estratégia de deslocamento de conceitos*, conforme Swiggers (2013a, p. 48), mostrará o quanto este conceito trabalhado ao longo da história das ciências da linguagem, principalmente, durante a hegemonia dos estudos histórico-comparativos do século XIX e meados do XX, ainda que tenham tido escopos diferentes, bem como metodologias e teorias distintas, podem, de algum modo, ajudar a esclarecer, i.e., lançar luzes às questões linguísticas atuais. Principalmente sobre a relação entre *língua falada* e *língua escrita*, e sobre a noção de *variante popular* versus *variante culta*.

O que queremos dizer é que os romanistas, ao contrário do que se possa imaginar, já muito antes, trabalharam com questões concernentes à relação e às influências entre língua falada e língua escrita¹⁶⁶, com o conceito de variação e mudança na linguagem, assim como, com a importância da língua falada popular no processo de evolução e mudança da língua¹⁶⁷, e apresentando importantes resultados em relação a isso. Passaremos, portanto, nos próximos itens a descrever e a analisar cada um dos textos referidos em sua ordem cronológica de aparecimento.

4.3. Do que trata *Über die Klassifikation der romanischen Mundarten* (1870), de Schuchardt

Hugo Ernest Mario Schuchardt (1842-1927) é uma referência fundamental no *horizonte de retrospectão* de Silva Neto, quer seja para resolver questões de ordem etimológica ou sobre o latim vulgar, quer seja para abordagens teóricas específicas sobre o problema da variação e mudança linguística. Neste sentido, as referências de Silva Neto a Schuchardt se dão a capá passo de sua obra, e, *Über die Klassifikation der romanischen*

¹⁶⁶ No âmbito dos estudos linguísticos brasileiros, a questão já estava considerada em Silva Neto (1957). Conferir item 4.6.1 deste capítulo.

¹⁶⁷ Ver as judiciosas ponderações de Maurer Jr (1951, 1962 e 1967), reproduzidas e comentadas aqui, no item 4.5 deste capítulo.

Mundarten (1870)¹⁶⁸ [*Sobre a classificação dos dialetos românicos*] como um dos textos mais citados por ele, em diferentes obras (ver SILVA NETO, 1950 [1986b], 1952 [1986a], 1956, 1957 [2004]).

Pode-se dizer que *Über die Klassifikation* é um texto no qual Schuchardt procura argumentar no sentido de que as mudanças nas línguas românicas (e, portanto, nas línguas como um todo) não se dão de modo geral e simultâneo. Ao contrário, a origem de toda e qualquer inovação deve ser procurada na atividade linguística individual, isto é, concreta, já realizada de *cada indivíduo falante* (*Individualsprache*), já que, em última análise, o ponto de partida de qualquer inovação (mudança) deveria ser um *falante real* que, por razões diversas, modifica em algum ponto a *língua* anterior a sua fala (SCHUCHARDT, 1922)¹⁶⁹.

Para Schuchardt, as línguas e/ou os dialetos românicos são variações do próprio latim vulgar nas diversas regiões, outrora conquistadas e dominadas pelos romanos. Silva Neto (1988 [1952], p. 147) aponta *Über die Klassifikation*, juntamente com outros textos, como um dos melhores a serem lidos “com relação às polêmicas sobre dialetos e limites dialetais”.

¹⁶⁸ A palavra *Mundarten* em alemão quer dizer literalmente “formas de abertura da boca” e, por extensão, dialetos. A diferença entre “Dialekt” e “Mundart” em alemão existe e é feita, no entanto, não de forma consistente. Assim, encontramos nos grandes dicionários alemães ambos os verbetes e suas respectivas definições: *Duden. Deutsches Universalwörterbuch*. 4., neu bearbeitete und erweiterte Auflage. Dudenverlag, Mannheim/Leipzig/Wien/Zürich, 2000, ISBN 3-411-05504-9. O mesmo vale para dicionários especializados de linguística em língua alemã: 1º. Stichwort Mundart in: Helmut Glück (Hrsg.), unter Mitarbeit von Friederike Schmöe: *Metzler Lexikon Sprache*. Dritte, neubearbeitete Auflage. Metzler, Berlin: Directmedia, 2004. (CD-ROM); 2º em Hadumod Bußmann: *Lexikon der Sprachwissenschaft*. 3., aktualisierte und erweiterte Auflage. Kröner, Stuttgart 2002. ISBN 3-520-45203-0, Stichwort Dialekt heißt es auch: „Die Bezeichnung D. [= Dialekt] (als Fremdwort) wird in der Regel synonym verwendet mit ‚Mundart‘“. Ou seja, "o termo D [= dialeto] (como uma palavra estrangeira), de regra, é usado como sinônimo de ‘Mundart’", forma germânica vernacular.

¹⁶⁹ „[...] wenn wir zu den Spracheinheiten, den Individualsprachen, herabsteigen. Jedes Individuum lernt und modifiziert seine Sprache im Verkehr mit einer Reihe von anderen Individuen“ (Schuchardt 1922, p. 132). [se descermos até às unidades linguísticas, às falas individuais. Cada indivíduo aprende e modifica a sua língua nas relações com uma série de outros indivíduos]. Aqui já será importante notar que, em vários lugares de sua obra, Silva Neto, explícita ou implicitamente, sustentará opinião semelhante a do mestre de Graz (Cf. especialmente SILVA NETO, Serafim da. *Manual de filologia portuguesa – história, problemas, métodos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988, p. 27. [1ª ed. 1952], Coleção linguagem, 6).

É mais do que oportuno observar a concepção de língua de Schuchardt, tal como aparece neste texto. Para Schuchardt, subfalares, falares, dialetos e línguas são conceitos relativos; de modo que, segundo ele, o que uns poderiam chamar de dialeto outros poderiam entender como língua: “É esta a essência da diferença na natureza da linguagem, que é gradualmente crescente. **Subfalares, falares, dialetos e línguas são conceitos relativos**” (Grifamos).¹⁷⁰ Anos antes ao texto ora analisado, esta já era a sua concepção, defendida em **O Vocalismo do Latim Vulgar** [*Der Vokalismus des Vulgärlateins*] (SCHUCHARDT 1866, p. 101). Essa mesma relatividade do conceito também será notada, alguns anos depois, por outro linguista, que diz: “uma língua é um dialecto com um exército e uma marinha”. Frase atribuída a Max Weinreich (citado por CHOMSKY, 1994, p. 35), pai de Uriel Weinreich, que, como o filho, também era estudioso do bilinguismo e falante fluente de Yiddish (KOERNER, 1994). Os estudos sobre bilinguismo, crioulos e de línguas em contato serão de grande importância para o estabelecimento dos estudos sobre variação e mudança, como objetos de estudo nas ciências da linguagem. Essas ideias e conceitos atrairão o foco da atenção de Silva Neto para o problema da língua do Brasil, conforme veremos no capítulo cinco desta tese.

A mesma posição teórica sobre o conceito de dialeto de Schuchardt será assumida por Silva Neto, com a diferença de que, para o filólogo brasileiro, conforme apresentamos alhures, a noção de *dialeto* é fugidia, “muitas vezes alheia aos fatos” (SILVA NETO, 1988 [1952], p. 145). Colocando-se abertamente contra a posição de linguistas – como Schleicher (que, inclusive, havia sido seu professor em Jena) –, de que o modelo darwinista de classificação das línguas em famílias (no caso do tronco românico em

¹⁷⁰Tradução de: “Es liegt dies im Wesen der Sprachdifferenz, die eine allmählich wachsende ist. *Udermundart, Mundart, Dialekt, Sprache sind relative Begriffe*” Esse mesmo trecho foi posteriormente reproduzido na abertura do Capítulo IV. Sprachverwandtschaft [Parentesco de Línguas] da coletânea *Hugo Schuchardt-Brevier*, Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft, em 1922, p. 142.

grupos, idiomas, dialetos e subdialetos ou falares) era errado, Schuchardt defende a ideia de que termos como *mãe, filhas* aplicados com relação às línguas seriam impróprios. Salta aos olhos, dizia ele, a diferença entre a reprodução humana e a continuidade evolutiva tal como manifestada do latim para as línguas românicas. Para Schuchardt, o raciocínio (lógico) ensinava que onde não existe separação entre mãe e filho não pode haver, conseqüentemente, irmãos. De modo que uma concepção como a da *Stammbaumtheorie*, obviamente para Schuchardt, não poderia ser aplicada com relação às línguas.

Antes, o que havia era uma gradação de colorações (*Färbungen*) - para ficarmos com uma imagem empregada pelo próprio autor: “*portanto, podemos admitir que, aproximadamente, emergem colorações dialéticas de forma simultânea, em diferentes áreas*” (SCHUCHARDT, 1922 [1900, p. 158).¹⁷¹ E aqui se nota sua manifesta oposição à teoria de Schleicher, a qual ele refuta nos seguintes termos: “*Escolhi deliberadamente o termo ‘colorações’, porque gostaria de substituir por outra a imagem de árvore genealógica, a qual eu rejeito*” (SCHUCHARDT 1922 [1900], p. 158).¹⁷²

Esta posição do romanista alemão vem ainda mais reforçada pelo seguinte trecho, em que ele relata sua experiência de ter percorrido as regiões de falas românicas e anotado, enquanto caminhava, as variações que ia encontrando ao longo de seu percurso, de uma região para outra, como, por exemplo, as encontradas principalmente nas regiões de divisões fronteiriças entre Itália, Suíça e França. Talvez seja por isso que o próprio Schuchardt, conforme afirma Silva Neto (1988 [1952], p. 145), “aconselha[sse] aos linguistas a acompanhar, num determinado território, um fenômeno ou grupo de fenômenos linguísticos”, dando testemunho do que ele mesmo havia feito.

¹⁷¹ Tradução de: „Wir können also ohne einen wesentlichen Irrtum zu veranlassen, das Entstehen dialektischer Färbungen in den einzelnen Gegenden als gleichzeitig ansetzen“.

¹⁷² Tradução de: „Ich habe mit Absicht den Ausdruck „Färbungen“ gewählt; ich möchte Ihnen das Bild des Stammbaums, das ich zurückweise, durch ein anderes ersetzen“

Schuchardt (1922) afirmava, por exemplo, ser muito difícil observar em que ponto o francês acabava e o italiano começava; de modo que não se podia limitar a extensão de um dialeto em relação a outro, mas apenas limitar a extensão de suas características fonéticas: “Mas para onde devemos empurrar o posto de fronteira [linguística] no solo?” (SCHUCHARDT, 1922 [1900], p. 147).¹⁷³

Por isso Silva Neto, em referência ao romanista alemão, assevera que “em 1870 Hugo Schuchardt acentuava que nós podíamos delimitar mais facilmente a extensão de certas características fonéticas do que este ou aquele dialeto” (SILVA NETO, 1988 [1952], p. 145).

E Schuchardt (1922) afirmava: “De fato, encontramos neste lado das aldeias montanhosas, vilarejos cuja influência da linguagem literária francesa é, consideravelmente, mais próxima do que o italiano” (p. 147).¹⁷⁴

Era nesse sentido que toda a sua atenção estava voltada para a variação do material linguístico em campo românico, em relação mesmo ao aspecto geográfico dos falares, dos dialetos e das línguas. Assim enunciava o autor:

Aqui a alteração geográfica de todos os dialetos românicos precisa ser notada. Quando percorremos uma área linguística inteira, encontramos em quase todos os lugares dialetos, falares, subfalares contíguos etc., e não de modo abrupto, porque não podemos distingui-los nitidamente uns em relação aos outros, mas antes devemos abordá-los como o fluxo de um sobre o outro. Isto tem validade mesmo para os principais grupos, como entre o espanhol e o gaulês, entre o gaulês e o italiano, as transições o provam; e, até mesmo, entre aquele primeiro e este último, que são separados pelo mar, ergue-se o sardo como uma ligação entre ambos.¹⁷⁵ (SCHUCHARDT, 1922, p. 142).¹⁷⁶

¹⁷³ Tradução de: “Aber wo sollen wir den Grenzpfahl in den Boden stoßen?” (SCHUCHARDT,

¹⁷⁴ Tradução de: “Und in der Tat finden wir noch auf dieser Seite der Gebirgshöhe Ortschaften deren Sprechweise der französischen Schriftsprache entschieden näher steht als der italienischen“.

¹⁷⁵ Tradução de: „Hier hätte die geographische Abänderung der sämtlichen romanischen Dialekte bemerkt werden müssen. Wenn wir nämlich das ganze Sprachgebiet durchwandern, so finden wir fast überall, dass benachbarte Dialekte, Mundarten, Untermundarten u. s. w. nicht schroff gegeneinander abgränzen, sondern sich aneinander annähern, in einander überfließen. Dies hat sogar für die Hauptgruppen Geltung; es lassen sich zwischen der spanischen und gallischen, zwischen dieser und der italienischen die Uebergänge nachweisen, ja selbst zwischen der ersten und letzten, die doch durch das Meer getrennt sind, steht das Sardische als Verbindungsglied“.

¹⁷⁶ Reproduzido anteriormente em *Der Vokalismus des Vulgärlateins III*. Leipzig: Teubner, 1868, p. 32.

Além disso, argumentava o mestre de Graz, quanto mais perto os dialetos estão localizados fisicamente uns dos outros, maiores são as alterações que eles têm em comum: „Nun werden Mundarten, je näher sie sich räumlich stehen, desto mehr Abänderungen gemein haben.“ (SCHUCHARDT 1922, p. 162). Para tanto, dentre os fenômenos apresentados e os exemplos arrolados para ilustrar o que dizia, o autor evidenciava o seguinte:

Assim que cruzamos a cordilheira dos Apeninos, sopra um ar do norte, que se assemelha a um som gelado e melancólico que se extingue em uma constituição muito delicada; então, em vez de ouvir: *grande, tutto, paese*, ouve-se: *grand, tutt, paes*, como em francês *grand, tout, pays*; em vez de *vicino, cielo, città*; ouve-se: *vsein, zel* ou *siel, zittà* ou *sittà*, como em francês *voisin, ciel, cité*, entre outros. Específico para o norte da França, nos faz lembrar a metafoia generalizada de *a* em *ä*; em vez de *baciare, pane*, ouve-se: *basär, pän*, como o francês *baiser, pain*; um velho conhecido, ele será como nós somos quando estamos vindo de Arezzo, região da Umbria (SCHUCHARDT, 1922, p. 145-146).¹⁷⁷

Veremos, também, neste texto de Schuchardt, a busca por explicações que apresentassem implicações que fossem etnográficas ou sociológicas para os fenômenos linguísticos da mudança (no caso, fonético). E nunca *tão somente* a consideração dos fatos linguísticos por si ou em si mesmos. Um dos exemplos, dentre vários que o autor oferece, é a respeito da queda medial (síncope) do – *n* – tanto em gascão como em português, que, segundo ele, se devia às antigas linhas de demarcação etnográfica. Eis o que afirmava Schuchardt:

Talvez as antigas linhas de demarcação etnográficas tenham sido obliteradas, mas não tão completamente... Por exemplo, quando em gascão e em português o *n* entre vogais desaparece, isso nos mostra claramente que, qualquer que seja sua origem, esta é derivada do basco, e apenas permanece estranho que o espanhol não tenha participado. Em um quinto caso, finalmente, não é sobre a mudança de residências dos nativos, mas dos próprios romanos em si, em parte

¹⁷⁷ Tradução de: “Kaum haben wir den Rücken des Apennins überschritten, so weht uns eine nordische Luft an, in welcher die Laute frostig-verdrießlich ausschauen und bei sehr zarter Konstitution dahin sterben; wir hören statt: *grande, tutto, paese*: *grand, tutt, paes*, wie franz. *grand, tout, pays*; statt *vicino, cielo, città*: *vsein, zel* oder *siel, zittà* oder *sittà*, wie franz. *voisin, ciel, cité*, und anderes. Bestimmter an Nordfrankreich erinnert uns der weitverbreitete Umlaut des *a* in *ä*; statt *baciare, pane* : *basär, pän*, wie franz. *baiser, pain* ; eine alte Bekanntschaft wird er uns übrigens sein wenn wir über Arezzo aus Umbrien gekommen sind“.

pela imigração ou colonização oficial (SCHUCHARDT 1922 [1900], p. 163-164).¹⁷⁸

Mas essa afirmação – a respeito das antigas demarcações etnográficas – não parava por aí, posto que Schuchardt chegasse ao ponto de afirmar terem sido coincidentes as divisões eclesiásticas com os limites dialetais modernos. Há novamente aqui o aproveitamento teórico e conceitual das ideais linguísticas de Hugo Schuchardt por Silva Neto, que, no *Manual de Filologia Portuguesa* (1952), procurando justificar as bases etnográficas das antigas áreas de falas românicas, dirá o seguinte:

com admirável intuição, lembrava [Schuchardt] que talvez se não tivessem destruído, nos tempos romanos, as antigas demarcações etnográficas, assim como provava, como dados históricos, a coincidência de certas divisões eclesiásticas com limites dialetais modernos” (SILVA NETO, 1988 [1952], p. 145).

É nesse mesmo texto de Schuchardt que encontraremos os famosos e producentes conceitos de *força centrípeta* e *centrífuga* aplicados com relação à língua, conceitos também aproveitados por Silva Neto, para caracterizar o aspecto ao mesmo tempo conservador e dinâmico da língua. Ou seja, aquilo que faz da língua algo que tende à mudança pelos usos individuais dos sujeitos falantes, mas que, ao mesmo tempo, é impedido pelas instituições normativas sociais, tais como a escola, a igreja, bem como as relações comerciais e políticas. Diz Schuchardt:

Chegamos ao ponto em que é necessário explicar a diversidade da língua baseada na sua própria unidade. Ela - a língua - é o produto de dois fatores, a força centrífuga e a força centrípeta. Aquela, a originária e sempre a mesma, procura constantemente diferenciar a língua a fim de modificá-la na atividade linguística concreta de cada indivíduo falante; a outra, a centrípeta, é concretizada na vida comercial, política, religiosa e literária, ou, como podemos

¹⁷⁸ Tradução de: “Vielleicht sind die alten ethnographischen Demarkationslinien doch nicht so gänzlich verwischt worden. . . . Wenn z. B. im Gaskognischen und im Portugiesischen n zwischen Vokalen schwindet, so zeigt uns das Baskische deutlich aus welcher Quelle die herzuleiten ist, und merkwürdig bleibt nur daß das Spanische nicht daran teilgenommen hat. In einem fünften Falle endlich handelt es sich nicht um die veränderten Wohnsitze der Urvölker, sondern der Romanen selbst, um teilweise Einwanderungen oder förmliche Kolonisationen“.

dizer, pela educação através da sociedade, do governo, da igreja e da escola (SCHUCHARDT, 1922, p. 149-150).¹⁷⁹

Diante do exposto até aqui, pode-se afirmar, com certa segurança, que *Über die Klassifikation der romanischen Mundarten* é um texto, dentro da Romanística, que serve de fundamental referência aos conceitos variacionistas de Serafim da Silva Neto; e de que com esse mesmo *Über die Klassifikation...*, Schuchardt procurava demonstrar dentro do campo românico, com a apresentação de fatos exemplos, que as teorias darwinianas (melhor seriam schleicherianas?) em relação às línguas não correspondiam à veracidade dos fatos. Conforme o próprio autor declarava – e com razão – na abertura desse trabalho, “**Omne simile claudicat**”: Toda comparação claudica, isto é, *parecer não é ser*, ou, melhor dizendo, *toda comparação é imperfeita*. E a comparação do parentesco linguístico a partir da imagem da árvore genealógica, na perspectiva românica de Schuchardt, parecia mesmo induzir ao erro:

Toda classificação verdadeira, diz Darwin, é uma classificação genealógica. Disponemos agora de uma classificação das línguas românicas em grupos, idiomas, dialetos, subdialetos. Isso é o que verdadeiramente corresponde à realidade? Essa não seria apenas uma classificação exterior? Se exigirmos daqueles que defendem esta ideia uma justificativa detalhada para características comunitárias e não comunitárias, eles terão de admitir-nos imensamente, em muitos aspectos, a sua insegurança e incerteza, ou deverão declarar a existência de pontos em conflito uns com os outros. Como consequência, isso pode parecer o caso de não haver conhecimento suficiente para explicar certos fenômenos, aparentemente de menor importância, todavia nele vemos o resultado inevitável de um fato de primeira importância com que o sistema não é de todo unido. Refiro-me ao fato da variação geográfica, o fato de que em todo o território romano, através das diferenças dialetais, há graus em relação à sua distribuição espacial. Vamos imaginar um lugar no sul e centro da

¹⁷⁹ Tradução de: “Wir sind auf dem Punkte angekommen wo es notwendig ist die auf einer Spracheinheit beruhende Sprachmannigfaltigkeit zu erklären. Dieselbe ist das Produkt zweier Faktoren, der Zentrifugalkraft und der Zentripetalkraft. Jene, die ursprüngliche und immer gleiche, sucht die Sprache unablässig zu differenzieren, in lauter Individualsprachen zu spalten, die andere betätigt sich im Verkehr, im alltäglichen, kommerziellen, politischen, kirchlichen, literarischen oder, wie wir auch sagen können, in der Erziehung durch Gesellschaft, Staat, Kirche, Schule“. Nota-se, também, neste ponto que as ideias linguísticas de Schuchardt foram aproveitadas por Serafim da Silva Neto: a noção de unidade na diversidade da língua, que, inclusive, serve de decalque para título dessa tese, é exemplo disso. Diz Silva Neto em IELPB (1986 [1950], p. 236): “O que é certo, porém, é que os falares brasileiros se coadunam com o princípio da *unidade na diversidade e da diversidade na unidade*”.

Itália, que fazemos a partir daí, a caminho da França, com o firme propósito acompanhar de perto onde o italiano e o francês começam e terminam (SCHUCHARDT 1922, p. 144-145).¹⁸⁰

Se a comparação do parentesco linguístico a partir da imagem da árvore genealógica parecia para Schuchardt induzir ao erro, a defesa do fato da variação geográfica, isto é, *do fato de que em todo o território romano, através das diferenças dialetais, havia graus em relação à sua distribuição espacial*, parecia, para o romanista alemão, ser a mais verdadeira; ao passo que era reforçada em cada ponto de seu texto, e tendo por fundamento as próprias línguas românicas faladas.

4.3.1. Teoria das Ondas [*Wellentheorie*]: as querelas

Über die Klassifikation der romanischen Mundarten foi apresentado originalmente por Schuchardt como conferência¹⁸¹, em 1870, na Universidade de Leipzig, conforme é possível observar na página de rosto do referido texto, e publicado trinta anos após, em Graz, em forma de opúsculo, no ano de 1900: “*Probe-vorlesung Gehalten zu Leipzig am 30 april 1870, von Dr. Hugo Schuchardt*”. À época, o texto trazia uma grande novidade para as ciências da linguagem ao defender “a tese da propagação dos fenômenos

¹⁸⁰ Tradução de: “Jede echte Klassifikation, sagt Darwin, ist eine genealogische. Wir besitzen nun eine Klassifikation des Romanischen in Gruppen, Sprachen, Mundarten, Untermundarten. Ist dieselbe eine echte? Ist sie nicht vielmehr bloß eine äußerliche? Verlangen wir von denjenigen die sie aufstellen, eine genaue Begründung auf gemeinschaftliche und nicht gemeinschaftliche Kennzeichen, so werden sie uns in ungemein vielen Punkten ihre Unsicherheit und Ungewißheit eingestehen, oder sich untereinander in erklärtem Widerspruch befinden. Sie mögen dies als eine Folge sei es mangelhafter Erkenntnis sei es gewisser Erscheinungen von untergeordneter Bedeutung erklären, wir aber sehen darin die unvermeidliche Folge einer Tatsache von erster Bedeutung, mit der das System überhaupt nicht zu vereinigen ist. Ich meine die Tatsache der geographischen Abänderung, die Tatsache daß über das ganze romanische Gebiet hin die dialektischen Differenzen sich im Verhältnis ihrer räumlichen Verteilung abstufen. Denken wir uns in irgendeinen Ort des südlichen oder mittleren Italiens; wir machen uns von da aus auf den Weg nach Frankreich, mit dem festen Vorsatz genau zu beobachten wo das Italienische aufhört und das Französische anfängt”.

¹⁸¹ Embora Silva Neto se refira ao evento como uma lição (aula) inaugural (SILVA NETO 1988 [1952], p. 145, nota 10), é preciso observar que tal conferência foi a lição de doutoramento do autor, assistida por uma comissão de grandes nomes da ciência da linguagem do final do século XIX, tanto filólogos da geração anterior (G. Curtius A. Ebert, Fr. Zarncke), como os neogramáticos, todos ligados à Universidade de Leipzig, tais como: A. Leskien, H. Paul e K. Brugmann, conforme afirmou o próprio Schuchardt. Ademais, *Probevorlesung* é um termo geralmente associado a uma habilitação. O objetivo é determinar se o candidato demonstra capacidade no campo da discussão científica, técnica e/ou experiência educacional no ensino acadêmico. Nesse sentido, é possível entender tal conferência como uma avaliação a qual Schuchardt foi submetido para seu ingresso, como docente, na Universidade de Leipzig.

linguísticos à maneira de ondas que se expandem e se entrecruzam” (ELIA, 1997, p. 12)¹⁸², num período em que a concepção predominante era a da “árvore genealógica” (*Stammbaumtheorie*), de August Schleicher. Como se vê, em dois lugares e momentos diferentes (obras e datas¹⁸³), Schuchardt afirma o seguinte:

Pensemos a língua, em sua unidade, como uma pequena quantidade de água em uma superfície lisa; esta é posta em movimento porque em diversas partes se formam centros de ondas, cujos sistemas se entrecruzam, dependendo da maior ou menor intensidade da força motriz (SCHUCHARDT, 1868, p. 33; 1922 [1900], p. 143, grifamos).¹⁸⁴

Ainda que tenha sido publicado apenas em 1900, muito das ideias contidas nesse texto já havia sido exposta no terceiro volume de seu monumental *Vokalismus*, em 1868. Todavia, como ambos os textos não foram suficientemente divulgados nesse período, ainda hoje, outro nome é lembrado quando o assunto é saber quem terá sido, digamos, o precursor da chamada *teoria das ondas* (*Wellentheorie*), como tal concepção ficou conhecida. Esse nome é de Johannes Schmidt, autor de *Die Verwandtschaftsverhältnisse der Indogermanischen Sprachen* [As relações de parentesco das línguas indogermânicas¹⁸⁵]. A respeito dessa querela¹⁸⁶, o próprio Schuchardt em texto da segunda edição de seu *Brevier*, em 1928, afirmava o seguinte:

¹⁸² ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. 3ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997. [1ª ed. 1979].

¹⁸³ In. *Der Vokalismus des Vulgärlateins III*. Leipzig: Teubner, 1868, p. 33; e *Über die Klassifikation der romanischen Mundarten* - Probe-vorlesung Gehalten zu Leipzig am 30 april 1870. Graz: [s.n.], 1900 [1922], p. 143. Para referências a este último texto, embora tenhamos compulsado ambas as publicações, faremos uso da 1ª edição de Hugo Schuchardt-Brevier, *Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft* [Hugo Schuchardt Breviário, um vade-mécum de Ciências da Linguagem], em 1922, pp. 144-166. Esta obra, organizada (compilada e introduzida) por Leo Spitzer, rendia homenagem a H. Schuchardt, pela ocasião de seu aniversário de 80 anos. Acrescente-se, ainda, que o cotejamento entre ambos os textos apontou que a única diferença entre eles é o fato de a edição de 1900 reproduzir integralmente a fala de Schuchardt àquela conferência de 1870. Desse modo, os editores mantiveram as expressões típicas de uma apresentação oral do gênero, tais como o vocativo “M. H.!”; isto é, “Meine Herren!” [Meus senhores!], o que, no texto da 1ª edição de Hugo Schuchardt-Brevier..., de 1922, por se tratar de um gênero escrito, obviamente foi suprimido.

¹⁸⁴ Traduzimos de: “Denken wir uns die Sprache in ihrer Einheit als ein Gewässer mit glattem Spiegel; in Bewegung gesetzt wird dasselbe dadurch, daß an verschiedenen Stellen desselben sich **Wellencentra** bilden, deren Systeme, je nach der Intensivität der treibenden Kraft von größerem oder geringerem Umfange, sich durchkreuzen“ (SCHUCHARDT, 1868, p. 33; 1922 [1900], p. 143, grifamos)

¹⁸⁵ O título foi traduzido por ELIA, Silvio. *Preparação à Linguística Românica*. 3ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1997, p. 12.

Em 1868 (Vok. des Vulgärlat. III, 32...), só tinha esboçado (embora claramente) a minha teoria sobre as modificações geográficas, que em 1870 foi objecto da minha lição de doutoramento em Leipzig (*Über die Klassifikation der romanischen Mundarten*) a que assistiram G. Curtius, A. Ebert, Fr. Zarncke, A. Leskien, H. Paul, E. Sievers, K. Brugmann, H. Suchier. Isto significa que ela não se realizou num pequeno círculo; só foi impressa em 1900. Em Maio de 1872 realizou-se em Leipzig o 28º Congresso de Filólogos; Joh. Schmidt proferiu uma conferência: Die Verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen, que foi impressa ainda no mesmo ano. Comuniquei-lhe verbalmente “que eu havia chegado a resultados análogos sobre as relações de parentesco entre as línguas românicas”. Ao dirigir-se-me por carta, em 1874, recordou-me este facto, perguntando-me o lugar da publicação da minha lição; sobre este assunto não lhe pude dar uma resposta satisfatória (SCHUCHARDT, 1928, p. 431).¹⁸⁷

4.2.1.3. Variação e teoria linguística: a moderna teoria das ondas de Bailey

No contexto dessa polémica, é mais do que oportuno lembrarmo-nos da adoção por Charles-James N Bailey (1973), agora no âmbito dos estudos sociolinguísticos contemporâneos, do modelo teórico das ondas. Embora, neste texto, ele faça menções tanto a Schmidt quanto a Schuchardt, em relação a este último, Schuchardt, Bailey teve contato apenas com um de seus textos. Aquele que defende, ao contrário do que propunha os Neogramáticos, o princípio da irregularidade da mudança linguística.

Trata-se, portanto, de “Sobre as leis fonéticas: contra os neogramáticos” [al. *Über die Lautgesetze. Gegen die Junggrammatiker*] (1885), a partir de uma edição de 1971, em brochura, aparentemente de circulação restrita, feita pelo Laboratório de Fonologia da

¹⁸⁶ Para uma abordagem recente do tema no âmbito da Linguística Histórica, e para um relato consubstanciado acerca do problema, ver Campbel (1999, p. 187-200), capítulo 7 – *Models of Linguistic Change*. Principalmente em relação à referida disputa acerca da primazia da proposição da Teoria das Ondas entre Schuchardt-Schmidt. Já afirmamos um pouco acima que Schuchardt havia sido aluno de Schleicher, Campbel (1999), entretanto, assevera que não somente ele, como também outros, inclusive Schmidt. Vejamos: “Schuchardt and Schmidt were both students of Schleicher, as were several of the Neogrammarians” [Schuchardt e Schmidt foram ambos alunos de Schleicher, assim como vários dos neogramáticos]” (CAMPBEL, 1999, p. 189).

¹⁸⁷ *Apud* Iordan (1973, p. 87) nota 81, na tradução de Júlia Dias Ferreira.

Universidade da Califórnia, Berkeley, com tradução de Burkhard Mohr.¹⁸⁸ Logo, um ano antes da edição que viria a ficar conhecida a partir dos anos 70, de circulação mais abrangente, feita por Theo Vennemann e Terence H. Wilbur, em 1972. Talvez, esse texto seja aquele que passará para a história da linguística do século XX, como o de maior divulgação das ideias linguísticas de Schuchardt (cf. PAIXÃO DE SOUSA, 2010a, p. 25-26). Embora não tivesse a possibilidade de apresentar toda a gama e variedade das ideias do velho mestre. Em termos de exemplos e detalhes e sobre a variação, *Über die Klassifikation...*, por exemplo, é muito mais rico. Essas informações são relevantes, neste contexto, porque, aparentemente, demonstram que Bailey não teve acesso às outras obras de Schuchardt, mesmo a *Über die Klassifikation...* aqui examinado. E pelo que tudo indica, realmente, não teve. Bailey não cita outros textos. Entretanto, expunha uma visão firme das ideias, digamos, “sociolinguísticas”, ou, para evitarmos o anacronismo, das ideias sobre a *heterogeneidade linguística* do romanista alemão, conforme se nota a seguir:

Já era óbvio para Schuchardt, em 1885, que “o velho e o novo aparecem distribuídos dentro de um dialeto, no entanto, não só de acordo com a idade, mas também de acordo com o sexo, educação, temperamento, em suma, nos mais diversos aspectos” (4-15). De fato, esta é a base para dizer que “todas as fases de uma língua é uma fase de transição, cada um tão normal como qualquer outra ...” (M-18) (BAILEY, 1973, p. 22).

Bailey (1973), também, conhecia a rejeição por Schuchardt da noção de dialeto em sua relação com a noção de língua, no sentido de *comunidade de fala homogênea*:

Rejeitando a noção de dialeto, Schuchardt (M -13) reclamou contra a noção de uma “comunidade de fala completamente homogênea” e contra a prática de “conceber a linguagem do indivíduo e, especificamente, à sua média momentânea, para encontrar a homogeneidade real ...” (BAILEY, 1973, p. 128, n. 13).¹⁸⁹

¹⁸⁸ O texto aparece nas referências de Bailey do seguinte modo: “Schuchardt, Hugo. 1971. On phonetic laws against the neogrammarians, trans. by Burkhard Mohr. (P.O.L.A.2/12.) pp. M1-M33. Berkeley, Calif.: University of California, Phonology Laboratory.”

¹⁸⁹ Tradução de: “In rejecting the notion of dialect, Schuchardt (M-13) complained against the notion of “a completely homogeneous speech community” and against the practice of “design[ing] the language of the individual and specifically to its momentary average, in order to find real homogeneity...”.

Em relação à controvérsia entre Schmidt e Schuchardt, a respeito de quem tinha se antecipado na idealização de um modelo de *Teoria das Ondas*, Bailey tomou partido por Schmidt. O que era natural. Porque, nisso, ele seguia o que a própria história da disciplina havia relegado para a futura geração de pesquisadores, ou seja, a ideia de que Schmidt havia sido o primeiro propositor de uma teoria a respeito das ondas, conforme é possível depreender desta sua resumida e categórica afirmação: “a primeira proposta de uma Teoria das ondas foi de Schmidt (1872)” (BAILEY, 1973, p. 99).¹⁹⁰ Embora também não negasse a contribuição de Schuchardt na construção do modelo. É a conclusão a que se chega do que ele afirma: “a partir de agora, os linguistas certamente irão avaliar Schmidt e Schuchardt, a respeito da última questão [do modelo das ondas], quando tratarem de teoria” (BAILEY, 1973, p. 99).¹⁹¹

Bailey propõe que esse novo modelo da *Teoria das ondas*, por legitimidade, ocupe o espaço institucional, deixado, outrora, pela Dialetoлогия:

No lugar da dialetologia, agora na periferia da linguística teórica, o autor coloca a *lectologia* no centro da linguística e insiste que ela deveria executar o trabalho do qual a dialetologia foi originalmente encarregada há muitos anos, ou seja, de nos dizer como funciona a linguagem (BAILEY, 1973, p. 98).¹⁹²

4.2.1.4. O modelo de Bailey (1973)

Conforme esclarece Marcos (1993), partindo sempre da existência da variação e de seu parcial condicionamento social, Bailey (1973) pensa em uma gradação de contextos, conforme sejam estes mais ou menos favoráveis à aparição de fenômenos linguísticos inovadores. Diz ele: “a mudança partiria de um estrato social e se expandiria em forma de

¹⁹⁰ Tradução de: “The first proposal of a wave theory was by Schmidt (1872)”.

¹⁹¹ Tradução de: “From now on, linguists will surely rank Schmidt and Schuchardt above the latter when it comes to theory”.

¹⁹² Tradução de: “In place of dialectology, now on the periphery of theoretical linguistics, the writer would put lectology in the center of linguistics and insist that it perform the job that dialectology was originally charged with many years ago, viz. to tell us how language works”.

onda, nome que recebe o modelo” (MARCOS, 1993, p. 36).¹⁹³ Autor de *Nociones de sociolinguística*, Marcos ressalta ainda que, a partir de contextos favoráveis, variantes inovadoras vão se espalhando e ocupando outros contextos, até então desfavoráveis, para conseguir, dessa forma, sua generalização nos usos linguísticos em toda a comunidade de fala. A título de checagem, será bastante elucidativo procedermos à comparação das figuras de representação a que ambos os autores procedem da referida teoria:

Fig. 1 e Fig. 2. Representação gráfica das teorias das ondas

Fig. 1 (Schuchardt, 1868, 1922)

Fig. 2 (Bailey, 1973)

À esquerda, (fig. 1) temos a representação gráfica da teoria das ondas composta por Schuchardt (1868, p. 33; 1922, p. 143); enquanto, à direita (fig. 2), temos a representação da teoria das ondas (*wave theory*) desenvolvida pelo linguista norte-americano Bailey (1973). As similaridades entre ambas são flagrantes, e dispensa maiores comentários.

Entretanto, observa-se que o modelo de Schuchardt está mais voltado para a representação fonética das variações do falar (os dialetos, os subdialetos etc.), com todas as sutilezas que lhe são peculiares (A, a, α, α; b, B, β...), o que, aliás, é defendido por ele, ao longo de *Über die Klassifikation....*, como um dos fatores preponderantes da mudança linguística.

¹⁹³ Tradução de: “El cambio partiría de um estrato social y se expandiría em forma de onda, nombre que recibe el modelo”. [...] “desde los contextos favorables las variantes innovadoras van extendiéndose y ocupando otros hasta entonces desfavorables, para conseguir de esa forma su generalización en los usos lingüísticos de toda la comunidad de habla”.

Por um lado, devido a essas ideias e argumentos já estarem, em grande medida, representadas também em *Über die Lautgesetze*¹⁹⁴, que, conforme se sabe, era um texto de conhecimento de Bailey, não é de se admirar das semelhanças entre o seu modelo e de Schuchardt, principalmente em relação aos argumentos sobre *o caráter individual da mudança*. Pode-se dizer que, do ponto de vista de Schuchardt, variação e a mudança fonética, enquanto fenômenos interligados, se processam a partir do surgimento de uma alteração na fala de um indivíduo, que, uma vez percebida pelos outros falantes, será repetida por estes, acarretando a mudança linguística, depois de todo “um processo complexo de associações conceituais ou formais” estabelecidos no “funcionamento da língua” (PAIXÃO DE SOUSA, 2010a, p. 9). Bailey (1973, p. 11), por sua vez, denominará de *isolectos* (isolects), a esses fenômenos idiossincrásicos, individuais, do processo inicial da mudança linguística: “Isolectos são variedades de uma língua que diferem apenas de uma forma mínima, digamos, pela presença ou ponderação de um único recurso em uma regra, ou por uma diferença mínima na ordenação da regra”.¹⁹⁵

Por outro lado, o modelo de Bailey, há de se notar, está mais preocupado em representar os contextos sociais em que as mudanças (para ele inovações, para Schuchardt imitações ([al. *Moden*]¹⁹⁶) são mais favoráveis. Enquanto o tempo avança, uma onda de mudança prossegue ao longo das dimensões linguística e extralinguística. Os inovadores originais, ou seus descendentes, utilizam a nova variante em contextos mais gerais, enquanto falantes distantes do centro de inovação começam a utilizá-lo, mas apenas em

¹⁹⁴ Para uma edição traduzida e comentada deste último texto em português, conferir Paixão de Sousa (2010a) *Schuchardt contra os neogramáticos*. Inédito em língua portuguesa e, sob uma perspectiva historiográfica, a obra traz uma importante apresentação de Hugo Schuchardt, um estudo introdutório e notas explicativas. Embora esteja, especialmente, voltada para os comentários sobre a polêmica de Schuchardt com os Neogramáticos, a respeito das *Leis fonéticas*, a autora não deixa de apresentar outros importantes detalhes.

¹⁹⁵ Tradução de "Isolects are varieties of a language that differ only in a minimal way, say by the presence or weighting (see §3.1) of a single feature in a rule, or by a minimal difference in rule ordering".

¹⁹⁶ Paixão de Sousa (2010a, p. 19) apresenta uma discussão elucidativa a respeito dessa expressão usada por Schuchardt, principalmente, pelo que ela traz de novidade, na época, para o debate do problema, qual seja: o do “valor social das imitações e tendências”.

ambientes originalmente restritos. Ou, segundo as próprias palavras de Bailey: “*O que é quantitativamente menor é mais lento e tardio; enquanto que, o que é quantitativamente maior, é mais rápido e adiantado*” ¹⁹⁷ (BAILEY, 1973, p. 82).¹⁹⁸ A figura 2, que reproduz a teoria de Bailey, representa a propagação da onda já na condição do último estágio temporal da mudança, denominado por ele de **Tempo relativo IV**.

Tanto as diferenças como as semelhanças, em relação aos dois modelos, demonstram as contingências pelas quais obras e autores naturalmente passam, estando, deste modo, condicionados pela própria força epistemológica de seus respectivos contextos científicos, que tratam de assuntos, problemas e teorias relativos a comunidade científica de seus tempos e espaços. No caso de Schuchardt, o modelo indiretamente reflete as discussões a respeito da ação cega das *Leis Fonéticas*, que ele fortemente combatia. No caso de Bailey, é possível entrever o aproveitamento que ele faz de toda a discussão madura, já no âmbito dos estudos sociolinguísticos quantitativos contemporâneos, a respeito dos contextos sociais da variação, da qual ele demonstra ser grande beneficiário, além, é claro, beneficiário também do próprio modelo de Schmidt. Sobre este último ponto, é o que se nota, quando ele diz que “Schmidt 1872 deixou claro que os sistemas linguísticos mostram os efeitos das ondas que se sobrepõem, pelo menos no nível lexical (BAILEY, 1973, p. 99).¹⁹⁹

As diferenças apontadas entre ambos os modelos, o de Schuchardt, que, não fez história, e o de Bailey, que se beneficiou tanto das discussões contemporâneas, quanto das ideias relegadas pelo modelo de Schuchardt, mas também pelas de Schmidt, não invalidam

¹⁹⁷ Tradução de: “What is quantitatively less is slower and later; what is more is earlier and faster”.

¹⁹⁸ BAILEY, Charles-James Nice. *Variation and Linguistic Theory*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistics, 1973.

¹⁹⁹ Tradução de: “Schmidt 1872 made it clear that language systems show the effects of overlapping waves, at least on the lexical level” (BAILEY, 1973, p. 99).

a proximidade que se faz aqui quanto aos modelos propostos pelos dois autores. Pelo contrário, elas só reforçam três pontos fundamentais de nossa tese, conforme a seguir.

Em primeiro lugar, as questões pretensamente tidas como próprias e desenvolvidas pela sociolinguística, na verdade não o são. Elas têm uma gênese anterior. Basta, como se nota, uma investigação e análise historiográfica mais detalhada para concluirmos isso.

Em segundo lugar, embora estando às voltas com os problemas de suas respectivas “gerações” científicas, a observação histórica acerca dos dois estudiosos demonstra haver aqui, no mínimo, um modelo bastante análogo da representação da variação e mudança linguística levada a termo por cada um dos autores. Isso se quisermos afastar toda e qualquer argumentação fundada na ideia de “precursor”, “fundador” e “influência”, no âmbito dos estudos historiográficos. Ou seja, certos problemas e objetos persistem nas agendas de investigação das disciplinas e se prolongam na longa duração do tempo.

E **em terceiro**, pode-se afirmar que o modelo de **variação e mudança**, este que vem de Schuchardt, que, em parte, serviu de base para Silva Neto, encontra-se também refletido no modelo que dá origem à tradição sociolinguística norte-americana. Por fim, com este argumento, aqui já se aponta a primeira provável relação causal entre esses últimos estudiosos, os da tradição norte-americana, como esses outros, os da tradição filológica brasileira, que, em boa parte, animaram programas de investigação sobre a variação e a mudança no Brasil, entre as décadas de 40 e 60, e da qual, como sabemos, Silva Neto esteve filiado. Naturalmente, nosso autor é anterior e está afastado, sob todos os aspectos, dos programas dos anos 70 e 80 da sociolinguística brasileira. Esta sim, como sabemos, apresenta uma história de ligação direta com programas, teorias, e modelos de abordagens oriundos da Sociolinguística variacionista ou laboviana.

4.4. *L'Atlas linguistique de la France*, de Jules Gilliéron

H. Schuchardt, conforme entendemos, é o autor que introduz as questões variacionistas na agenda de investigação dos estudos linguísticos no final do século XIX e início do XX, porque delineia de forma magistral e intuitiva certos pressupostos teóricos. Entretanto, o autor que consolidará os pressupostos teóricos da variação no domínio da romanística, porque de fato os aplicará em pesquisas de campo, será o estudioso suíço Jules Gilliéron, designado por Silva Neto como “o genial criador da Geografia Linguística” (SILVA NETO, MFP 1952, p. xii). Ex-aluno de Gaston Paris (1839-1903), J. Gilliéron foi professor de dialetologia na França e autor do *Atlas Linguistique de la France*, o célebre ALF. Sabe-se que um *Atlas linguístico* é composto por várias cartas linguísticas. Uma *carta linguística*, por sua vez, é uma *carta temática* que mostra a distribuição geográfica dos falantes de uma língua, isto é, mostra as *isoglossas*, um contínuo linguístico da mesma língua.

No *Atlas Linguistique de La France* – Notice Servant à l'intelligence des Cartes, de 1902; portanto, a primeira publicação a respeito do ALF, Gilliéron informava que “O *Atlas Linguístico da França* é uma coleção de materiais para utilização no estudo dos falares românicos da França e de suas colônias linguísticas vizinhas” (GILLIERON, 1902, p. 3, grifos dele).²⁰⁰ Tal trabalho fora desenvolvido com o auxílio de E. Edmont como inquiridor, que, embora não fosse especialista em estudos linguísticos (era caixeiro-viajante) era um homem bastante apaixonado pelos assuntos dialetológicos, e, ainda por cima, dotado de um excelente ouvido.

Miazza (1976) considera o fato de Edmont não ter sido linguista como algo favorável à incumbência, uma vez que poderia deixar-se levar por determinadas correntes

²⁰⁰ Tradução de: “*L'Atlas linguistique de la France* est un recueil de matériaux devant servir à l'étude des patois de la France romane et de ses colonies linguistiques limitrophes”.

ou querer forçar a aplicação de certas leis fonéticas. O que poderia ter distorcido os dados. O *ALF* era baseado em um questionário de 1 920 perguntas, aplicado em 69 localidades do território galorromânico. Precisou de dez anos para ser concluído. De 1902 a 1912. Segundo informava Gilliéron (1902), o *Atlas Linguístico da França* era o resultado de mais de quatro anos de viagem em ziguezague, o leitor poderia seguir as rotas através da consulta da tabela por ordem cronológica, e que continha formas absolutamente recolhidas pelo Sr. Edmont sozinho, no local, durante este tempo.

Sua tarefa [a de Edmont] consistia em identificar o equivalente dialeto de todas as formas de um questionário sobre uma série de pontos, de distâncias aproximadamente iguais entre si, de todos os departamentos romanos da França e de todas as outras divisões administrativas correspondentes de países limítrofes [vizinhos] do nosso mapa. O número de pontos foi fixado antecipadamente e foi proporcional à importância da variação que a fala nos parecia dever ser apresentada (GILLIERON, 1902, p. 4) (Grifo meu).²⁰¹

Portanto, no ano de 2012 completaram-se 100 anos do término da publicação do *Atlas Linguistique de la France* (*ALF*). Antes, todavia, Gilliéron já havia concebido e publicado em Paris, em 1881, o *Petit Atlas Phonétique Du Valais Romain* (Sud du Rhône), no qual procedia ao levantamento de um dialeto franco-provençal, o valense, isto é, do vale do Ródano. Enfim, como campo de investigação e metodologia empregados pela Romanística, a “geografia linguística”, segundo Coseriu (1982),

designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo que chegou a ter extraordinário desenvolvimento em nosso século [XX], sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (COSERIU 1982, p. 79).²⁰²

²⁰¹ Tradução de: “Sa tâche [a de Edmont] consistait à relever les équivalents patois de toutes les formes d'un questionnaire dans un certain nombre de points, à distances à peu près égales les uns des autres, de tous les départements romans de la France et de toutes les autres divisions administratives correspondantes des pays limitrophes de notre carte. Ce nombre de points était fixé d'avance et proportionné à l'importance de *la variation que le parler nous paraissait devoir présenter*”.

²⁰² COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/ São Paulo: Edusp, 1982.

Silva Neto reputava a contribuição de Gilliéron para a superação da discussão metodológica acerca da divisão linguística em sincronia e diacronia, por ele considerada estéril e superficial, como sendo um acontecimento dos mais importantes para os estudos linguísticos:

Aliás, aqui é força lembrar [...]o notável Mestre suíço, o grande criador da Geografia Linguística que, com seu *Atlas Linguistique de France* (1902-1912) patenteou claramente a interdependência da sincronia e da diacronia. Excerto seguinte mostra isso:

Os Atlas, mostrando-nos formas modernas e formas muito conservadoras, usadas nos falares periféricos, apresentam-nos uma visão linguística ao mesmo tempo *sincrônica* e *diacrônica*: *pã-crônica* em suma. Uma carta [linguística] é a esse respeito, como vários relógios a bater, ao mesmo tempo, várias horas diferentes (SILVA NETO, LCC 1960, p. 28).

A relevância dessas considerações é a da mais atual, visto que, com o ressurgimento dos recentes estudos em *gramaticalização*, os autores, nossos contemporâneos, afirmam que os métodos e os dados apontam para essa mesma clareza: a de que, antes de tudo, há idealmente uma *perspectiva pancrônica* nos estudos da língua.²⁰³

A metodologia do *Atlas Linguístico da França* empregada por Gilliéron foi, posteriormente, refinada e modificada pelos também suíços Karl Jaberg (1877-1958) e Jakob Jud (1882-1952), para o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e Suíça meridional*. (AIS).²⁰⁴

5.4.1. Karl Jaberg e Jakob Jud e a renovação da Geografia Linguística

Esses autores também são de grande importância na configuração do horizonte de retrospecto de Silva Neto porque, segundo uma avaliação do próprio Silva Neto, dentro da Romanística, um deles, Jakob Jud, “foi uma síntese entre Schuchardt (de quem herdou a

²⁰³ Para uma discussão sobre a importância da perspectiva pancrônica nos estudos contemporâneos sobre *Gramaticalização*, ver Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão (org.) (2007).

²⁰⁴ cf. JABERG, Karl; JUD, Jakob. *Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*, 8 vols. (Zofingen, 1928-1940). Cf também SILVA NETO, EFP, 1956, p. 110; MFP, 1988 [1952] p. 150-1.

visão teórica), Gilliéron (cujo método geográfico desenvolveu) e Meyer Lübke (cujo rigor e vastidão românica lhe serviram de modelo): síntese necessária de um século de análise poderosa” (SILVA NETO, EFP 1956, p. 129).

Em 1919 deu a lume outro estudo pioneiro, *Zur Geschichte der bündnerromanischen Kirchensprache*, no qual compara o vocabulário popular religioso dos falares da diocese de Coira com o dos falares da diocese de Milão (SILVA NETO, EFP 1956, p. 114).

Esse estudo é significativo porque traz para os domínios dialetológicos a perspectiva social na investigação dos falares, e não apenas os parâmetros históricos e geográficos. Verdadeira inovação metodológica. Além dessa modificação metodológica que, em si, já era bastante substancial – os autores incluem dados antropológicos, segundo o princípio dos métodos *Wörter und Sachen* [palavras e coisas] e da *Onomasiologia* – “Jakob e Jud, no decurso das suas investigações dos dialetos italianos, encontraram diferenças consideráveis entre falantes de diferentes classes sociais na área urbana de Florença” (GUMPERZ, 1971, p. 79)²⁰⁵. Embora tenham feito isso acidentalmente, conforme salienta Allen (1986).²⁰⁶

Devido ao recorte metodológico que optamos por fazer neste trabalho, que considera como relevante todos os traços que põe em evidência a construção conceitual de Silva Neto, nas orientações sociais, geográficas e históricas da variação e mudança

²⁰⁵ Tradução de: “Jakob and Jud, in the course of their investigations of Italian dialects, found considerable differences between speakers of different social classes in urban Florence”.

²⁰⁶ Cf. Allen (1986) na íntegra do raciocínio: “Quando, quase cinquenta anos atrás, Hans Kurath incluiu uma dimensão social de três pontos na seleção de informantes de campo para o Atlas Linguístico da Nova Inglaterra, ele forneceu um precedente que cada vez mais tem trazido à luz a significativa variação social em Inglês Americano” (ALLEN, 1986, p. 247). [When, nearly fifty years ago, Hans Kurath included a three-point social dimension in the selection of field informants for the Linguistic Atlas of New England, he provided a precedent that increasingly has brought to light significant social variation in American English]. O autor completa a afirmação com a seguinte nota: “Embora Jakob Jud e Karl Jaberg tenham acidentalmente incluídos alguns informantes de diferentes classes sociais em seu *Sprach und Sachatlas Italiens und de Südschweiss* (1928-1940). Kurath foi o primeiro dialetologista a construir uma faixa social em uma população sistematicamente inquirida para um projeto dialetológico (ALLEN, 1986, p. 258, n. 2) [Although Jakob Jud and Karl Jaberg had accidentally included a few informants from different social class in their *Sprach und Sachatlas Italiens und de Südschweiss* (1928-1940). Kurath was the first dialectologist to build social range into a systematically surveyed population of a dialect project.]

linguísticas, reservaremos, agora, espaço para tratar desses dois importantes autores, que, não só estiveram presentes no horizonte de retrospectão de Silva Neto, como também fizeram parte do mesmo “*air du temps*” ou *clima intelectual* em que viveu e atuou o nosso autor. Silva Neto, inclusive, correspondeu-se, por meio de cartas, com ambos. Com Karl Jaberg (cf. SILVA NETO, LCC 1960, p. 162-3), a respeito de questões etimológicas, e com Jakob Jud, para cumprimentá-lo pelo seu “septuagésimo aniversário” e, também, para falar, “com admiração”, da obra “larga e profunda”, que esse autor suíço havia legado aos estudos linguísticos em geral, e à Romanística em específico. Silva Neto também escreveu uma espécie de “necrológio-resenha” por ocasião da morte de Jud (cf. SILVA NETO, EFP 1956, p. 101-130).

Adverte-se, portanto, que, uma pesquisa mais verticalizada em relação à importância desses dois nomes no seu horizonte de retrospectão, ainda se faz necessária. Um estudo, por exemplo, das cartas trocadas por Serafim da Silva Neto com eles, e, é claro, com outros autores, seus pares, e até mesmo com possíveis alunos e familiares, poderia trazer luzes mais fortes, que, talvez, colaborassem para o esclarecimento de certos problemas, que impediram realizações, ou de fatores que determinaram certas escolhas.

Essa atividade de “edição de textos”, aliás, é uma das tarefas previstas para a *epi-historiografia* linguística (cf. Swiggers, 2010, 2013a, 2013b)²⁰⁷. Embora não se tenha notícia de que haja, até o momento, algum tipo de espólio ou arquivo, privado ou público, de Serafim da Silva Neto, disponível aos pesquisadores (nós, pelo menos, não temos conhecimento), sabe-se que Serafim da Silva Neto, ainda, possui, no Rio de Janeiro, herdeiros vivos, incluídos esposa e filhas. Uma investigação neste sentido seria bem-vinda.

²⁰⁷ A “*epi-historiografia*”, segundo Swiggers (2010, p. 5), é um ramo “lateral” da historiografia, que tem por finalidade editar “materiais produzidos” (papiros, manuscritos, livros, artigos, textos eletrônicos, etc.), incluímos, cartas, que auxiliem na investigação historiográfica. De acordo com Brekle (1985 *apud* Swiggers, 2013b, p. 1, mimeo) “o historiador da linguística deverá contemplar todos os testemunhos, *todas* as fontes claramente relacionadas à reflexão sobre a língua e que sobrevenham em seu horizonte de pesquisa”.

Enfim, os dois romanistas trabalharam no campo da *Geografia Linguística* e, segundo reconhece Silva Neto, “Jud, tal como o seu ilustre compatriota Karl Jaberg, alargou as perspectivas da investigação linguística, corroborando e aprofundando os dados geográficos com os elementos colhidos em todas as outras fontes de informação: folclore, objetologia, textos impressos, comparatismo inter-românico” (cf. SILVA NETO, EFP 1956, p. 110-111). Conforme indicou Silva Neto, a metodologia do *Atlas* elaborado por Jaberg e Jud era extremamente rica em observações de dados, a que chamaríamos modernamente, “sociolinguísticos” e de aspectos da interação linguística, que os autores exemplificaram na coleta:

[...] adjetivos, frases isoladas, fragmentos de conversa, tábuas de conjugação. O *Atlas* é acompanhado de um magnífico volume introdutório (escrito juntamente com Karl Jaberg), no qual os organizadores da portentosa obra explicam os critérios nela usados, relacionam informantes (com toda sorte de dados: idade, profissão, estado de isolamento, etc. (SILVA NETO, EFP 1956, p. 118, sublinhamos).

Foi essa metodologia que serviu de modelo para os diversos cursos e conferências que Silva Neto ministrou pelo Brasil afora, com o intuito de confeccionar o futuro *Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil*, que não saiu do projeto, mas que serviria de modelo e de inspiração para futuros *Atlas* regionais, confeccionados por diferentes gerações de dialetólogos brasileiros (cf. FERREIRA; CARDOSO, 1994). Os trabalhos de Silva Neto relativos a essas atividades (cursos, conferências e aulas) foram, posteriormente, apresentados em um livro intitulado *Guia para Estudos Dialetológicos*, que contou com duas edições (1955, 1957). Ainda que tivesse consciência das prováveis dificuldades que seriam encontradas em campo, na coleta dos dados linguísticos, Silva Neto tinha a renovada metodologia empregada por Jaberg e Jud nos estudos de geolinguística, como de orientação segura:

É preciso lembrar, contudo, que as pesquisas de campo são a negação de todo e qualquer esquematismo. Cada região tem os seus problemas próprios, que

muitas vezes não podem ser resolvidos senão no terreno. [Todavia] o que expusemos é o método que tem dado frutos magníficos em países como a França, a Suíça, a Alemanha [...] (SILVA NETO, GED 1957, p. 28)

5.5. *La Fragmentación Lingüística de la Romania*, de Walther Wartburg

Outro trabalho que não pode ser ignorado, quando o assunto é variação linguística dentro do campo românico, é o do também suíço, Walther Wartburg. *La Fragmentación Lingüística de la Romania*, de 1952. Principal trabalho sobre a formação de domínios linguísticos na România (ILARI, 1992), esta obra de Wartburg confirma que a separação de uma România Oriental estava consumada no fim do período românico. Para o autor, a divisa entre as duas regiões corre entre as cidades italianas de La Spezia, no mar Tirreno, e Rimini, no Adriático; ao sul ficam a Itália peninsular e a Romênia; ao norte, ficam a Itália continental (correspondente a Gália Cisalpina e à Ligúria), a Récia, a Gália e a Ibéria.

Segundo avalia Ilari (op. cit.), a divisa de que fala Wartburg é o que poderíamos entender modernamente, hoje, como um feixe de isoglossas, referentes a fenômenos fonéticos e morfológicos. Como será possível notar, na década de 50, mais precisamente em 1952, mesma data da tradução para o espanhol da obra de Wartburg, Silva Neto incorporará, como parte de seus conceitos linguísticos variacionistas, se assim podemos dizer, o termo *conjunto de isoglossas*, ao fazer referência ao linguista italiano Graziadio Isaia Ascoli como um autor que já em 1876 aproximava-se “da moderna conceituação, que encara o dialeto como *um conjunto de isoglossas*” (SILVA NETO 1988 [1952], p. 145). E é nesses termos que cita o linguista italiano, pai da dialetologia moderna.²⁰⁸

²⁰⁸ Cabe aqui uma importante observação a respeito das diferenças entre a *Geografia Linguística* e a *Dialetologia*. Ainda que sejam modalidades distintas do mesmo estudo dialetal, uma vez que “têm ambas o mesmo objeto – estudo das falas populares – e diferem só pelo modo de apresentá-lo, cartograficamente ou em glossários”, como informa Miazza (1976, p. 61); para muitos autores romanistas, tais como Von Wartburg, há nos Atlas certa pobreza vocabular em confronto com a riqueza da língua, “dado que lhes escapam os termos de ordem afetiva”. Para exemplificar, diz ela, o autor suíço cita a carta 79 do ALF, em que “há 30 termos para designar ‘avaro’, enquanto nos glossários ele pôde coletar uns 200; ou os conceitos de ‘pobre’ e ‘rico’ (cartas 981 e 1156) para os quais há respectivamente 5 e 2 vocábulos, em contraposição

Mas, voltando a Wartburg, o autor suíço tece as seguintes conclusões em seu referido trabalho *La Fragmentacion Lingüística de la Romania*, sempre ressaltando o importante fator social da variedade linguística; e será, portanto, com ela que fecharemos este item. Vejamos:

Desta maneira, a formação dos espaços linguísticos românicos aparece como o resultado de um largo e complexo processo. Em certo sentido, já estava preparada pela variedade dos substratos raciais (Ibéria, bloco galo-alpino, itálicos, substratos mediterrâneo, etruscos, etc.); depois se adicionaram às diferenças sociais entre os transmissores da língua latina, os quais em algumas províncias procediam preferencialmente dos estratos sociais mais baixos, e em outras, das classes sociais douradas (WARTBURG, 1952, p. 187).²⁰⁹

4.7. Serafim da Silva Neto e a *História do Latim Vulgar*

Conforme já apontamos em outro estudo (MORAES, 2012, p. 3806), Silva Neto (2004 [1957], p. 30) observava a intuição dos escritores romanos sobre a variação linguística. A respeito desta questão da variação do latim, assinalávamos o que dizia o filólogo: “21- Os escritores romanos tinham a intuição da existência desses vários matizes da língua [...] Caracterizavam-nos com a palavra *sermo* que significa linguagem, soma de estilos e equivale à *parole* de Saussure”. Mais adiante ilustrava sua afirmação com o seguinte exemplo: “Cícero, escrevendo a Paetus, põe a questão nos devidos termos: ‘Quid tibi ego uideor in epistolis? nonne plebeio sermone agere tecum?... Causas agimus subtilius, ornatus; epistolas vero cotidianis verbis texere solemus²¹⁰’. (Ep. Ad fam. 9, 21, 1).”. E, segundo demonstramos (MORAES, 2012, p. 3807), não se resumia a isso, porque o próximo trecho é ainda mais significativo quanto ao *caráter variacionista* das formulações

aos 90 e 80 localizados nos glossários”. Entretanto, a autora antes advoga pela conciliação entre as duas modalidades, uma vez que, segundo defende, uma deve ser complementada pela outra, “pois, se a primeira tem a vantagem de oferecer imediata visão do conjunto dialetal, a última pode revelar a língua mais a fundo, com seus meios de expressões, nuances etc.”.

²⁰⁹ Tradução de: “De esta manera la formación de los espacios lingüísticos românicos aparece como el resultado de un largo y complejo proceso. En cierto sentido estaba ya preparada por la variedad de los sustratos raciales (Iberia, bloque galo-alpino, itálicos, sustratos mediterrâneo, etruscos, etc.); después se añadieron las diferencias sociales entre los transmissores de la lengua latina, los cuales en algunas provincias procedían preferentemente de las capas sociales bajas, y en otras de las clases doctas”.

²¹⁰ Tradução: “Que tal me achas nas cartas? Parece que uso contigo a *língua vulgar*, pois não é?... Nos discursos *aprimoro* mais; nas cartas, porém, teço as frases com *expressões cotidianas*”.

teóricas desse autor, que vê em Schuchardt o grande teórico a respeito dessas questões. “Embora sem precisão matemática, penso que podemos admitir quatro matizes da língua corrente: familiar (latim das classes médias, dos *honestiores* – influenciado pelos *urbanitas*); vulgar (latim das baixas camadas da população, dos escravos); gírias (militar, dos gladiadores, dos marinheiros, etc.) *provincial*” (SILVA NETO, op. cit., p. 27). Na sequência, arrematava o autor: “afinal cada um desses estratos do latim é a soma dos *estilos* dos membros da respectiva classe social”. E se referindo à linguagem dos aristocratas romanos, afirmava ser possível acreditar que, em *determinadas circunstâncias*, eles empregassem o *sermo familiaris*, aquilo que entendemos, hoje, como variação quanto ao *uso* da linguagem pelo mesmo falante, em função das variações de situação e que denominamos *registro* ou *níveis de fala*. Nesse ponto, Silva Neto novamente recorre a Schuchardt citando-o: “Cabe aqui como uma luva, aquela sutil observação de Schuchardt: ‘O mesmo homem serve-se de uma língua quando conversa com o escravo sobre as compras para a ceia, usa outra se convida, num bilhete, um amigo, ainda emprega outra se escreve ode em glorificação de um príncipe ou da amada. (Vok., I, 33)’ ” (SILVA NETO, op. cit, p. 27).

Ainda como grande beneficiário das ideias variacionistas de Schuchardt, Silva Neto o citará de forma indireta; praticamente, apenas traduzindo o romanista alemão nas seguintes palavras: “A dentro [*sic*] da mesma comunidade linguística entrechocam-se em contacto e inter-ação as mais variadas maneiras de falar (a rigor cada pessoa tem a sua), dependentes do sexo, idade, temperamento e grau de instrução” (SILVA NETO, 1960, p. 42, sublinhamos). Como afirmamos, ele não é explícito na sua referência a Schuchardt, talvez, por ter assimilado praticamente boa parte desses conceitos, com os quais operava. Sem dúvida, Schuchardt é um autor fundamental na configuração de seu *horizonte de*

retrospecção, para nos valer de um conceito segundo Aurox (2008). Ou, se preferirmos, Schuchardt será o *modelo* para Silva Neto, sua *abrangência referencial*, para sermos fieis aos dois termos sugeridos por Swiggers (2013a). Basta uma análise mais detalhada do texto original em alemão em confronto com este, para que comprovemos tal afirmação: “Das Alte und Neue erscheint aber innerhalb eines Dialektes nicht bloss nach dem Alter, sondern auch nach Geschlecht, Bildung, Temperament, kurz in der verschiedenartigsten Weise vertheilt” (SCHUCHARDT, 1885, p. 13).

Na tradução de Paixão de Sousa (2010a, p. 43) lê-se o seguinte: “As formas antigas e novas distribuem-se, nos dialetos, não apenas segundo a idade dos falantes, mas também segundo seu sexo, educação, temperamento, distribuídos, enfim, segundo os mais diversos fatores”.

4.6.1 Língua falada e Língua escrita: suas relações segundo Serafim da Silva Neto

Outro fator importante e que confere validade à hipótese inicial desta tese: a de que a obra de Serafim da Silva Neto apresenta subsídios para a *configuração de uma teoria sobre a variação e a mudança*, reside no fato de que o autor também ponderou sobre as diferenças entre a modalidade falada e escrita da língua e argumentou sobre isso. Esse tipo de variação é o que modernamente os sociolinguistas têm classificado por *variação diamésica*.

Nesse sentido, independentemente de seu trabalho científico ter sido desenvolvido em um sistema de interpretação bastante distinto do atual, não seria exagero afirmar que a concepção de Silva Neto (1988 [1957]) sobre as características e as relações entre língua falada e língua escrita é em tudo atual e bastante semelhante à das pesquisas contemporâneas sobre o mesmo tema. Em uma passagem da *História da Língua*

Portuguesa, na qual abordava a transição da língua latina para a língua portuguesa, o autor comentou o seguinte:

A língua escrita constituiu-se, precisamente, com caracteres opostos aos da língua falada. Esta era preponderantemente afetiva, naquela dominava o elemento lógico-gramatical; nesta era visível o amor à expressão concreta, naquela se procurava exprimir o abstrato; nesta os pensamentos eram traduzidos intensivamente, naquela se procurava obter a expressão discreta. A língua falada, que se faz acompanhar por gestos, por entonação de voz e pela variada expressão facial²¹¹ é rica em exclamações, pleonasmos e repetições²¹² de toda ordem. A língua escrita, que não dispõe daqueles elementos, mas que se dirige a ausentes cujas reações não observa, é mais comedida. A falada é constituída de frases mais ou menos soltas, a que o falante com o *contexto*, dá sequência: por isso nela prepondera a coordenação. Na língua escrita, ao contrário, a expressão é mais complexa: há que entrosar as frases mais nitidamente, o que leva à maior frequência da subordinação [...] O problema vital da língua escrita, é, precisamente, o das suas relações com a língua falada. À proporção que se afrouxam essas relações – que vivificam a língua escrita – esta vai-se tornando artificial, teórica (SILVA NETO, 1988 [1957], p 109-110).

No entanto, mais do que apontar a impressionante “semelhança” dessas afirmações com as das atuais teorias linguísticas, importa observar a existência de uma relação dialética, i. e., de jogo de forças, apontado tanto nas observações do filólogo quanto na dos linguistas contemporâneos, entre o cunho altamente conservador da língua escrita e o caráter assaz dinâmico da língua falada, bem como das implicações que essas relações acarretam para uma teorização da variação e mudança da língua. Segue abaixo quadro-

²¹¹O que, modernamente, em Sociolinguística interacional, os linguistas denominam *contextos paralinguístico* e *extralinguístico*. Ver a respeito URBANO (1974), *A margem de “À margem da dupla articulação” de Martinet elementos para um estudo de paralinguística*, em que o autor apresenta elementos para um estudo da paralinguística, e URBANO (2011, p. 52-53), *A frase na boca do povo*, em que o mesmo autor arrola, descreve e compreende usos linguísticos, representados por frases orais, espontâneas, populares e fenômenos implicados na sua formulação. Para tanto, dentre outras tarefas, procura conceituar as noções de contextos: (1) contexto situacional; (2) contexto cognoscitivo; (3) contexto linguístico ou cotexto; (4) contexto paralinguístico e (5) contexto extralinguístico; procurando, assim, retomar e refundir noções apresentadas antes em seu referido artigo de 1974.

²¹²Para uma explicação contemporânea do problema, ver MARCUSCHI (1997, p. 95-129), *A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual*, em que o linguista, professor da UFPE, entende a repetição na língua falada não apenas como uma simples característica, mas antes como uma estratégia de formulação textual, de grande maleabilidade funcional, que assume um conjunto variado de cinco funções, por ele assim descritas: *i*) contribui para organização discursiva; *ii*) contribui para a monitoração da coerência textual; *iii*) favorece a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; *iv*) dá continuidade à organização tópica e *v*) auxilia nas atividades interativas. Disso tudo resulta, segundo Marcuschi (op. cit.), uma textualidade menos densa e maior grau de envolvimento interpessoal, o que, portanto, torna a repetição essencial numa gramática da textualização na língua falada (cf. MARCUSCHI, 1997, p. 95).

resumo que elaboramos a partir das afirmações do autor a respeito das diferenças entre as duas modalidades da língua por ele observadas:

C a r a c t e r í s t i c a s	Língua falada	Língua escrita
	• preponderância afetiva	• domínio do elemento lógico-gramatical
	• expressão concreta	• expressão do abstrato
	• pensamentos traduzidos intensivamente	• expressão discreta
	• acompanhada por gestos, por entonação de voz e pela variada expressão facial	• por dirigir-se a ausentes, cujas reações não observa, é comedida
	• rica em exclamações, pleonasmos e repetições de toda ordem	• a expressão mais complexa
	• frases mais ou menos soltas, a que o falante com o <i>contexto</i> , dá sequência	• há que entrosar as frases mais nitidamente,
	• prepondera a <i>coordenação</i>	• maior frequência de uso da <i>subordinação</i>
	• vivifica a <i>língua escrita</i> quanto mais se aproxima dela	• torna-se artificial, teórica quanto mais se distancia da <i>língua falada</i>

[Quadro 6 - *Diferenças entre língua falada e língua escrita*, a partir das observações feitas por Serafim da Silva Neto (SILVA NETO, 1988 [1957], p 109-110).]

Fonte: autoria própria

4.6.3. Os casos Schuchardt e Silva Neto: rupturas na estrutura dos *horizontes de retrospecção*

De acordo com Auroux (2008), não se pode abordar a questão da história das ciências sem estudar a estrutura dos horizontes de retrospecção e o modo como os domínios de objetos são afetados pela temporalidade. Os trabalhos com os *horizontes de retrospecção* em diferentes tradições linguísticas explicitam, segundo o autor, conformações específicas da temporalidade, incluindo-se aí **maneiras de se recortar o passado**, de distinguir nesse horizonte o que faz parte da ciência contemporânea e o que é tido como “história da ciência”, de retomar objetos deixados de lado, de transformá-los ou substituí-los, no jogo entre memória e esquecimento. Vejamos essa aplicação no caso abaixo.

Lembremos de que essa tese de doutoramento tem como um de seus objetivos, por meio do exame das citações, analisar, especialmente, a contribuição de Hugo Ernst Mario Schuchardt, romanista alemão, para a formação dos conceitos relativos a fatos de

variação linguística na obra de Serafim da Silva Neto. De maneira oposta, é possível, também, verificar o quanto certos autores são ignorados pela história de uma disciplina, não sendo na maioria das vezes citados e; em parte, vistos de maneira apenas “unidimensional”. Ninguém é só isto ou aquilo, e assim por diante. Normalmente, quando se tem história, essa é feita a partir de pontos de vistas, muitos específicos, bastantes recortados. É o que acontece com os autores aqui examinados: ignorados pela história “oficial” da Linguística, cada um por uma razão específica, no que diz respeito às suas ideias relativas à relação língua e sociedade as terão apagadas, ou enviesadas por outras que fizeram história.

4.6.2.2 A obliteração das ideias de Hugo Schuchardt no programa sociolinguista

Procuraremos entender agora, na medida do possível, o horizonte de retrospecto de autores como Weinreich, Labov e Herzog (1968 [1964]); uma vez que é de conhecimento geral ser deles o texto que entrou para a história da disciplina como “fundador” do programa variacionista, ou, para sermos mais exatos, dos pressupostos da *Teoria da Variação e da Mudança*. Desse modo, procuraremos entender como eles fizeram recorte do passado, referente aos estudos da linguagem. A abordagem dos autores reclama uma revisitação. Haja vista, por exemplo, o fato de o referido texto de 1968 [1964] *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*], de Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) não fazer nenhuma alusão a Schuchardt (notadamente o trabalho de 1885 intitulado *Sobre as Leis Fonéticas: contra os Neogramáticos*) nem como “história da ciência”, muito menos como “conhecimento com valor de verdade”. Simplesmente ignoram-no. Não é sem razão que Paixão de Souza (2010) questiona tal atitude amnésica dos sociolinguistas, com as seguintes palavras:

Uma pergunta incômoda emerge da leitura dessa discussão: ainda que possamos compreender como Schuchardt possa ter sido solenemente ignorado pela sua geração obcecada pelas mudanças regulares, que os fundadores da socio-linguística variacionista do século XX tenham agido da mesma forma é um pouco mais difícil de entender (PAIXÃO DE SOUZA, 2010, p. 18).

Se no texto de WLH (1968)²¹³ há, dentre outras abordagens, a forte crítica a Hermann Paul (1880)²¹⁴, a respeito do “isolamento do idioleto”²¹⁵, segundo o qual “a língua do falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança” (WLH, 2006 [1968], p. 39), por outro lado, não há nele nenhuma referência a Schuchardt que, anos antes, já havia combatido a questão das leis fonéticas e, portanto, se posicionado fortemente contra as posições dos neogramáticos, dentre eles, Hermann Paul.

O máximo que há é a referência a Meillet, considerado sob o estatuto da precedência e da primazia na abordagem dos fatores sociais no estudo linguístico da mudança: “*uma das primeiras e mais eloquentes reivindicações sobre o papel dos fatores sociais na mudança de linguagem foi feita por Meillet*” (1968, p. 176).²¹⁶ Os autores ignoram, por exemplo, o importante debate entre H. Schuchardt e Meillet a respeito do parentesco das línguas.²¹⁷ O que, de fato, lançaria mais luzes sobre o problema epistemológico da variação e da mudança e colocaria Schuchardt em cena, pelo menos, como um dos participantes dessa importante discussão. Isso, todavia, não ocorre.

²¹³ Valemo-nos da edição de 2006, traduzida para o português por Marcos Bagno e com revisão técnica de Carlos Alberto Faraco, pela editora Parábola, embora não nos facultemos do cotejo com o original de 1968 [1964], acessível pelo domínio: <http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/hist05.html>.

²¹⁴ PAUL, Hermann. *Princípios fundamentais da história da língua*. Trad. Maria Luíza Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., 1983 [1880].

²¹⁵ Paul não usa esse termo, que só foi introduzido na linguística pelo estruturalista norte-americano Bloch (Cf. Mattos e Silva, 2008).

²¹⁶ Tradução de: “*one of the earliest and most eloquent claims for the role of social factors in language change was made by Meillet*”.

²¹⁷ Para maiores detalhes, ver Baggioni (1988, 1991), ou, nessa tese mais adiante, no último capítulo, em que melhor contextualizamos a questão.

Tanto no referido debate com Meillet, em que o romanista alemão da Universidade de Graz demonstra várias de suas teses a respeito do caráter social influenciando sobre a língua, quanto no seu firme posicionamento contra os pressupostos neogramáticos sobre a (ir) regularidade da mudança linguística, observa-se a defesa por Schuchardt dos fatores sociais sobre a língua, que aparecem também em outros escritos, conforme examinaremos no último capítulo deste trabalho. Por ora, queremos apenas chamar a atenção para o excerto que se segue, que resume sua posição sobre a variação linguística, conquanto obviamente não use este termo:

Além disso, as formas antigas e novas distribuem-se, nos dialetos, não apenas segundo a idade dos falantes, mas também segundo seu sexo, educação, temperamento, enfim segundo os mais diversos fatores (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 43).

Em outro ponto da mesma obra, para demonstrar o quanto entendia a preponderância do caráter social nos estudos sobre a língua, Schuchardt (op. cit., p. 67) assinalava: “Nosso tempo concede à linguística o estatuto de uma ciência histórica. Não enxerga mais a língua como um organismo natural, mas sim como um produto da sociedade”. Prenunciando, desse modo, já naquele tempo a relação entre língua e sociedade. Mais adiante, a crítica de Schuchardt aos neogramáticos é fundamentada nos seguintes termos, a partir da qual autor afirmava o seguinte:

O que acontece é que os neogramáticos oferecem de público não apenas um preceito: mas sim, um preceito travestido de um fato que característico do todo da vida das línguas. Por exemplo: que diferença faz se o termo romance *andare* vem de *adnare* ou *addare* ou *ambulare* ou de uma raiz verbal celta; se em tal dialeto, *l* torna-se *r*, e naquele outro, *r* torna-se *l*, etc.? O que significam as mil correspondências etimológicas e morfológicas, as mil leis fonéticas – se permanecerem todas isoladas, se não forem absorvidas por relações superiores? Servem em parte, e só como elementos auxiliares, para esclarecer a história das migrações e das relações entre as culturas. Mas para isso, precisariam antes estar estabelecidas no campo particular da própria ciência (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 70).

Exemplos como esses demonstram que Schuchardt prenuncia a necessidade de institucionalização de uma nova forma de se estudar a língua. O estado isolado dos fatos da língua, segundo ele, – fossem fonéticos, morfológicos ou sintáticos – não poderia ser visto separadamente das “relações superiores” a ele ligados, tais como: a “história das migrações e das relações entre as culturas”, ou seja, do aspecto cultural e social da língua. Embora reconhecesse que, até aquele momento, tais formas de se fazer linguística não tivessem ainda sido “estabelecidas no campo particular da própria ciência”.

Essa esquecida obra de Schuchardt, em certa medida, se antecipa ao programa variacionista, quando, ao procurar expor, a partir de exemplos, as incongruências das leis fonéticas, fala do fenômeno que ficará conhecido nos posteriores estudos sociolinguísticos variacionistas como *variante livre*. Óbvio que o mestre de Graz não usou tal conceito (considerar isso seria anacronismo, decorrente do não acatamento aos princípios koernernianos, por exemplo), todavia, tal ideia é mais do que manifesta em seu ensinamento. Vejamos a este respeito seus exemplos e comentários:

Na palavra ‘pão’, por exemplo, o som antigo permanece – como seria de esperar; há também, é verdade, casos menos claros que este, que talvez *possam ser explicados como efeitos de mistura dialetal*. De modo que, não posso compreender como essa convivência das pronúncias antigas com as novas poderia ser tomada como exceções à regularidade das leis (ainda mais se notarmos que não se tratam de empréstimos vocabulares). É preciso que se explique por que em certa palavra a nova pronúncia venceu a antiga, e noutra palavra, não – pois mesmo em casos de mistura dialetal na pronúncia, o que se aplica a uma palavra deveria se aplicar a todas (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 60).

Tal questão já demonstra o quanto ainda é preciso entender o *horizonte de retrospecto* desses autores sucessores a Schuchardt e procurar apreender, na medida do possível, o porquê da ausência de Schuchardt nas suas obras, isto é, qual a causa das descontinuidades de suas obras em relação às referências a Schuchardt. Autor que tinha

como trabalho, justamente, o mesmo objeto de discussão e que ofereceu respostas satisfatórias aos mesmos problemas colocados.

4.6.2.2. Estruturalismo linguístico e Schuchardt: causas da obliteração

Em parte, ponderamos, os ensinamentos de Schuchardt foram obliterados devido ao surgimento e ao estabelecimento, no **século XX** da corrente que ficaria conhecida na história da linguística como *estruturalismo linguístico*, principalmente, após a **Primeira Guerra Mundial**, quando as ideias do *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure, publicado postumamente em 1916, por Sechénye, Bally e Riedlinger, passaram a ser amplamente divulgadas, dentro e fora da Europa. E, principalmente depois, com a realização do **Primeiro Congresso Internacional de Linguistas (1928)**, em Haia (Holanda), quando as propostas fonológicas do **Círculo Linguístico de Praga**, centrado nas figuras de R. Jakobson (1896-1982), N. Troubetzkoy (1890-1938) e S. Karcevski (1884-1955, começavam a reverberar as principais ideias contidas do *Cours* (cf. ALTMAN, 2011). Essa corrente, o Estruturalismo (ou Estruturalismos), reivindicou para si a responsabilidade de introduzir uma agenda de tarefas investigativas a serem cumpridas, e de propor possíveis resoluções para os problemas colocados. Tendo como parâmetro as ideias apresentadas no *Cours de Linguistique Générale*, mudava-se, naquele momento, o estatuto das discussões linguísticas, dando prioridade aos chamados estudos sincrônicos em detrimento aos ditos diacrônicos.

4.6.2.2.1 As principais críticas de Schuchardt ao *Cours*

Aliás, o próprio Schuchardt, em 1917, resenhou negativamente o *Cours*, justamente no que se referia à dicotomia linguística sincronia e diacronia, por não ver oposição fundamental entre elas. Sobre a questão assim se posicionava Schuchardt: “Se a restrição é

realmente justificada, eu não discuto, e considero isso como sem importância” (1917, p. 4).

218

Silva Neto (1960) relatava, numa pequena tradução, essa postura do mestre Graz em relação ao *Cours*: “Não há incongruência entre a sincronia e a diacronia, pois só o movimento é real, mas só o repouso é visível [...] O primeiro assemelha-se um filme e o segundo parece-se a um instantâneo fotográfico” (SCHUCHARDT, 1928:330 *apud* SILVA NETO, 1960, p. 27).

Entretanto, Schuchardt teve o cuidado de assinalar dois pontos fundamentais com relação à leitura do *Cours*: “algumas das ocorrências que pareciam claramente ser de Saussure” e que “poderiam ser ilustradas”, mas que igualmente residia “o perigo das opiniões dos alunos terem se misturado com as do mestre”. Schuchardt afirma também que antes da publicação do *Cours* haviam surgido duas obras que deviam suas existências à teoria de Saussure, tratavam-se de *Traité de stylistique française*, de Ch. Bally, publicado em 1909 e *Programme et méthodes de la linguistique théorique*, de 1908 de Sechehaye.²¹⁹

As principais críticas de H. Schuchardt ao *Cours de Linguistique Générale* consistiam na sua reprovação ao formalismo, às formas rigorosas e abstratas que caracterizariam as posições defendidas por Saussure. Para Schuchardt, era por seu “sistematismo” que o *CLG* pecava, ao qual ele contestava por ter relegado a segundo plano o interesse pelos fatos concretos da língua. Por isso, Schuchardt criticava o caráter demasiado abstrato das ideias de Saussure sobre linguística geral:

²¹⁸ Tradução de: “Ob die Einschränkung wirklich begründet ist, erörtere ich nicht; ich betrachte diesen Punkt als nebensächlich”.

²¹⁹ Tradução de: “Er selbst hatte nicht die Zeit oder die Lust gefunden seine allgemeinen sprachwissenschaftlichen Anschauungen aufs Papier zu bringen; zum Glück taten es einige seiner Zuhörer. Aus ihren Niederschriften haben die beiden die sich in besonderem Sinne seine Schüler nennen dürfen, das vorliegende Buch, nicht ohne Mühe und Bedenken, zusammengestellt. Wie weit ausladende Aeste aus mächtigen, aufrechtem Stamme sind ihre Werke aus Saussures Lehre entsprungen: Bally *Traité de stylistique française* 1909 und Sechehayes *Programme et méthodes de la linguistique théorique* 1908. Manches was bei Saussure unklar erscheint, mag hier verdeutlicht werden; doch liegt die Gefahr allzunah die Meinungen der Schüler mit denen des Meisters zu vermengen“ (SCHUCHARDT, 1917, p. 1).

[...] há sistemas que já estão inscritos nas coisas apenas pedindo para serem descobertos e sistemas que nós criamos para aplicá-los às coisas. A primeira categoria pertence, no que se refere a Saussure, o ‘sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias’, contido no *Mémoire* de 1878; diz respeito à segunda categoria o sistema de linguística geral que nos é proposto neste momento, a título póstumo. Sistemas deste tipo têm um valor apenas provisório e condicional; A. Harnack tinha razão em observar se endereçando a um jovem etnógrafo no álbum de família: Os sistemas são como ninhos; eles perdem todo valor quando as verdades que eles protegem alçam voo (SCHUCHARDT, 1917, p. 02)²²⁰

Schuchardt começa por “sublinhar a reprovação geral que [...] contra os sistemas que procedem por divisão e violentam as coisas”. Diz que Saussure não começou pelo verdadeiro começo, isto é, pela única representação concreta acessível, aquela da língua individual; para ele, a língua acessível, a língua global é qualquer coisa de abstrato, tal como a alma coletiva diante da alma individual. As distinções estabelecidas no *Cours* são denunciadas como artificiais e, finalmente, inoperantes: “Se a restrição é realmente justificada, eu não discuto, e considero isso como sem importância”²²¹ (SCHUCHARDT, 1917, p. 4), no que se referia à dicotomia linguística sincronia e diacronia, por não ver oposição fundamental entre elas. Sobre a questão assim se posicionava Schuchardt:

Repouso e Movimento [isto é, sincronia e diacronia] (estes em seus sentidos mais amplos), como sempre, em relação às línguas, não apresentam qualquer contradição; **antes só o movimento é real, embora apenas o repouso seja perceptível**. Este corresponde ao registro fotográfico instantâneo, enquanto aquele corresponde a uma sucessão de imagens, tal como exibidas em uma sala de cinema (SCHUCHARDT, 1917, p. 4, sublinhamos); posteriormente reproduzidas em *Schuchardt-Brevier* (SCHUCHARDT, 1922, p. 266).

²²⁰ Tradução de: „[...]gibt es Systeme die schon fertig in den Dingen liegen und von uns nur entdeckt werden, und Systeme die wir bilden um sie in die Dinge hineinzulegen. Zu jenen gehört, insofern es sich um Saussure handelt, das „ursprüngliche System der Vokale in den indoeuropäischen Sprachen” im *Mémoire* von 1878, zu diesen das System der allgemeinen Sprachwissenschaft das uns erst jetzt, nach seinem Tode, vorgelegt wird. Systeme dieser Art haben nur zeitweilige und bedingte Geltung; A. Harnack hat mit Recht einem jungen Ethnographen ins Stammbuch geschrieben: „Systeme sind Nester; sie haben keinen Wert mehr wenn die Wahrheiten die in ihnen lagen, flügge geworden sind““ (SCHUCHARDT, 1917, p. 2).

²²¹ „Ob die Einschränkung wirklich begründet ist, erörtere ich nicht; ich betrachte diesen Punkt als nebensächlich“ . (SCHUCHARDT, 1917, p. 4),

O que no fundo queria dizer é que: “a língua constitui uma única unidade, um continuum” (SCHUCHARDT, 1917, p. 7).²²²

Em outro lugar, Schuchardt (1922) procurou argumentar no sentido de que as mudanças nas línguas românicas (e, portanto, nas línguas como um todo) não se davam de modo geral e simultâneo. Ao contrário, na sua opinião, a origem de toda e qualquer inovação devia ser procurada na atividade linguística individual, isto é, concreta, já realizada em *cada indivíduo falante* (*Individualsprache*), já que, em última análise, o ponto de partida de qualquer inovação (mudança) deveria ser um *falante real* que, por razões diversas, modifica em algum ponto a *língua* anterior a sua fala (SCHUCHARDT, 1922, p. 132).²²³ Assim sendo, as línguas e/ou os dialetos românicos, por exemplo, no entender de Schuchardt, são variações do próprio latim vulgar nas diversas regiões, outrora conquistadas e dominadas pelos romanos.

Mesmo tendo assumido posição tão categórica contra as ideias apresentadas no *Cours*, conforme delineamos acima, o diálogo (debate) que os sociolinguistas (notadamente Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov 2008 [1972]) manterão não será com ele – Schuchardt –, e sim com os estruturalistas, embora o iniciem com Hermann Paul. Labov (2008 [1972], p. 217), por sua vez, chama a atenção para o fato de que “a orientação básica para a análise estrutural da língua tal como a maioria dos linguistas a empreendem hoje em dia parte do ponto de vista expresso por Ferdinand de Saussure no início do século XX”.

Ele observa que os linguistas frequentemente iniciam as discussões teóricas referindo-se ao conceito saussuriano de *langue*, que deve ser distinguido do de *parole* ou

²²² Tradução de: „Die Sprache bildet eine Einheit, ein Kontinuum“ (SCHUCHARDT, 1917, p. 7).

²²³ Tradução de: „[...] wenn wir zu den Spracheinheiten, den Individualsprachen, herabsteigen. Jedes Individuum lernt und modifiziert seine Sprache im Verkehr mit einer Reihe von anderen Individuen“ (Schuchardt 1922, p. 132). [se descermos até às unidades linguísticas, às falas individuais. Cada indivíduo aprende e modifica a sua língua nas relações com uma série de outros indivíduos].

“fala”, por um lado, e de *langage* ou “linguagem” por outro. Embora esses linguistas (como os da Escola “social” de Genebra) concebessem a linguística como parte de “uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social”, na prática, observa Labov, esses “linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da *langue*” (LABOV, 2008 [1972], p. 217). Além disso, sempre de acordo com Labov, esses linguistas insistem em que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social.

Este desenvolvimento, conforme explica o sociolinguista, depende de um curioso paradoxo, que ele denomina de *paradoxo saussuriano*, que, em linhas gerais, é este: se todo indivíduo possui um conhecimento da estrutura da língua, se a *langue* é “um sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro”, uma pessoa deveria ser capaz de obter os dados pelo testemunho de qualquer outra, inclusive de si mesma. Entretanto, por outro lado, dados sobre a *parole*, ou fala, só podem ser obtidos pelo exame do comportamento de indivíduos que estão usando a língua:

Assim, temos o *paradoxo saussuriano*: o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social. A ciência da *parole* nunca se desenvolveu, mas a abordagem da ciência da *langue* tem tido muito sucesso desde a última metade do século XX (LABOV, 2008 [1972], p. 218).

Assentada em seus devidos termos, essa colocação de Labov será a mesma feita por Schuchardt, anos antes, conforme expusemos linhas acima. O que queremos dizer é que o *clima de opinião* da época, ou o *air du temps*, segundo a expressão de Sériot (1999)²²⁴, não

²²⁴ Patrick Sériot (1999) emprega a expressão no estudo que faz sobre as origens intelectuais do estruturalismo na Europa central e oriental, especialmente na Rússia do século XX, no período entre guerras.

favorecerá a retomada aos debates romanistas – quer dizer da filologia – de outrora; muito menos ter seus olhos voltados para as teorias românicas da variação e mudança, e além de tudo, escritas em alemão, tal como era o caso de Schuchardt. Será mais simples ser fundador de um “inédito” e pretensão paradigma.

4.6.2.2.2. Serafim da Silva Neto e o estruturalismo no Brasil

Serafim da Silva Neto é para nós o autor em cuja obra a relação língua e sociedade, se convergem. É nele que há, conforme temos analisado, a referência constante ao romanista Hugo Schuchardt (e por extensão a suas obras). Schuchardt faz parte de seu *horizonte de retrospectção*. Silva Neto (suas ideias) tem sido, então, para nós, o ponto de partida e o ponto de chegada da pesquisa. Para desenvolvermos nossa reflexão a respeito das ideias linguísticas de Silva Neto em relação ao tema proposto, retomaremos alguns aspectos que abordamos em trabalho anterior (MORAES, 2008). Essa postura pode ser entendida, também, como uma continuação, ou desdobramento aquele trabalho.

Em Moraes (2008), observamos que, em *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, Silva Neto (1986b [1950], p. 14) dizia se deter ao estudo da história externa da língua portuguesa no Brasil. Quanto ao estudo da história interna, ele afirmava que seriam necessários muitos trabalhos regionais, aos quais denominava “*investigações de microscopia* (outra expressão de Schuchardt), que apontassem diferenças e semelhanças para apresentar um panorama geral. O autor reafirmava, assim, que a história da língua

Seu objetivo é, por meio da epistemologia histórica, investigar o aparecimento do conceito “estrutura” no *Círculo Linguístico de Praga* e, principalmente, entre seus representantes russos, tais como o geógrafo Pëtr Nikolaevic Savickij (1895-1965), um dos fundadores do movimento eurasiano, colaborador do *Círculo*, pioneiro da geografia estrutural e os linguistas Nikolaj Sergeevic Trubeckoj (1890-1938) e Roman Osipovich Jakobson (1896-1982). Ver SÉRIOT, 1999. “Admettons alors, de façon approximative, qu’il existe un “air du temps”, qui regroupe sous un même air de famille des courants de pensée contemporains en transcendant les limites des disciplines, ce que Goethe nommait le *Zeitgeist*, et Koerner, à la suite de Whitehead et Becker, le « climat d’opinions » (SÉRIOT, 1999, p. 23). [Admitamos, então, aproximadamente, que exista um “air du temps”, que reúne sob um mesmo ar de família correntes de pensamento contemporâneos que transcendem os limites das disciplinas, o que Goethe chamou de *Zeitgeist*, e Koerner, seguindo Whitehead e Becker, de “clima de opinião”].

portuguesa no Brasil deveria ser investigada na etnografia e na evolução histórico-social do povo brasileiro. Silva Neto considerava, desse ponto de vista, o português do Brasil como um tecido de “diversos matizes”, e não como um todo, um bloco uniforme, homogêneo. Considerando os fenômenos linguísticos, assim como são, na sua diversidade, o autor expõe em análise aspectos sociolinguísticos ao Português do Brasil (PB), como os apresentados pelas variações diastráticas, diatópicas e de situações de uso. Óbvio que o autor não se vale dessa metalinguagem, mas já se mostra bastante inovador nesse aspecto, basta observarmos seu discurso:

Que as línguas faladas do Brasil diferem das portuguesas é fato indiscutível e natural, *porque a língua corrente varia de acordo, não só com os lugares, como também com as pessoas, as épocas, e até as circunstâncias* (op. cit, 1986b [1950], p. 9, grifamos).

Vimos que o que poderia explicar a ausência de referência a Schuchardt no século XX seria o predomínio dos estruturalismos linguísticos, centrados em questões de ordem ditas sincrônicas em detrimento linguístico. Quanto a Silva Neto; bem como o silêncio que vai perdurar em relação às ideias dos dois autores; assim como a descontinuidade ocorrida na estrutura do *horizonte de retrospectção* em relação aos dois, é o contexto científico, ou, para utilizarmos um conceito próprio da *Historiografia Linguística*, a configuração do *clima de opinião*, ou “*ar do tempo*” da época, que propiciará, tanto na Europa e Estados Unidos quanto no Brasil, o estabelecimento do estruturalismo linguístico: no exterior, a partir dos anos 30; no Brasil, no início dos anos 60. Justamente, o ano da morte de Serafim da Silva Neto. Em relação a esse estado de coisas, Altman (2004) avalia que

Os anos 60 surpreenderam, dessa maneira, a Filologia brasileira – aí inclusa a Dialetologia – em plena crise. Embora os principais centros acadêmicos continuassem nas mãos dos filólogos, os estudos linguísticos não avançaram muito na direção que lhes imprimira Silva Neto. As tentativas de criar condições para que se consolidasse no país a “mentalidade dialetológica” por ele idealizada – preparação de inquiridores, laboratórios de fonética, cursos de

nível superior, organização e execução de projetos de âmbito nacional – não encontraram mais seu chamado centro catalisador e esbarraram nos obstáculos imensos da extensão territorial do país e da crônica falta de recursos. A variante brasileira do português estava longe de ser descrita e seu estudo continuou se fazendo isoladamente, e cada vez menos, em projetos individuais. Além disso, começava a tomar formas mais nítidas um outro programa de pesquisa que se apresentava como fortemente concorrente: o *estruturalismo*, que adentrava o cenário brasileiro via institucionalização da Linguística, nos Currículos Mínimos Federais das Faculdades de Letras (ALTMAN, 2004, p. 77).

Se, pois, em algum momento, houve a possibilidade de as ideias sobre língua e sociedade serem repercutidas no Brasil a partir de Silva Neto, essa se esgotou com a sua morte. Será, então, preciso esperar até o final dos anos 70 e início dos 80, como já apontamos (em item) para que as ideias sobre variação e mudança linguísticas cheguem ao Brasil, e por via norte-americana, institucionalizada pela Sociolinguística variacionista, que, naquele momento, estava com sua “cotação” na “bolsa de valores das disciplinas linguísticas” em plena alta.

Com Schuchardt não será diferente. No contexto da linguística brasileira, podemos dizer que esse estudioso alemão poucas vezes foi mencionado, e, mesmo antes de sua morte, conhecido de pouquíssimos autores. Aparentemente, o gramático e polígrafo João Ribeiro foi um dos poucos que conheceram sua obra, ainda no século XIX.²²⁵

4.7. Theodoro Henrique Maurer Jr.: *O Problema do Latim Vulgar e a Gramática do Latim Vulgar*

O Problema do Latim Vulgar (1962), de Theodoro Henrique **Maurer Jr** (1906-1979)²²⁶, é o desenvolvimento amplo e justificado dos postulados por ele seguido em seus

²²⁵ Ver no último capítulo deste trabalho os linguistas brasileiros e estrangeiros que, nas últimas décadas, têm trabalhado com as ideias de Hugo Schuchardt. Aparentemente, o gramático e polígrafo João Ribeiro foi um dos poucos que conheceram sua obra, ainda no século XIX.

²²⁶ Em 1947, Theodoro Henrique Maurer Jr. foi contratado para reger a cadeira de Filologia Românica na Universidade de São Paulo, época em que retornou da Universidade de Yale, onde, como bolsista da *Rockefeller Foundation*, realizou estudos de Linguísticas Indo-Europeia, Sânscrito e Hitita. Nesta renomada universidade norte-americana em que passaram grandes nomes da linguística dos séculos XIX e XX, tais

estudos, neste campo, e constituía, juntamente com a *Gramática do Latim Vulgar* (1959), a tese de concurso com a qual concorreu de modo vitorioso à Cadeira de Filologia Românica da, então, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo (ALTMAN, 1998). Serafim da **Silva Neto** juntamente com outros renomados nomes da Filologia Românica, Latina e Portuguesa fizeram parte da Comissão Examinadora que julgou o referido trabalho. Dentre eles, Francisco da **Silveira Bueno** (1898-1989); Mário Pereira de **Souza Lima** (1893-?); **Ernesto de Faria Júnior** (1906-1962) e **Américo Brasiliense Antunes de Moura** (1881-1953)²²⁷ (MAURER Jr, 1959, p. 7).

Para Maurer Jr. (1962), os postulados a respeito do latim vulgar eram os seguintes:

a) A fonte mais segura para o conhecimento do latim vulgar é o conjunto das línguas românicas. *Aplicando a estas o método comparativo é que se chega a entrever o caráter geral desse latim e assim a estabelecer ordem no material, segundo o autor, muitas vezes confuso e contraditório que algumas das outras fontes legaram, e interpretá-lo com certa segurança. É essa fonte, sobretudo, que revela o caráter popular do que se chama tradicionalmente “latim vulgar”, além da data relativamente antiga da fixação das características gerais desse latim, que, segundo o autor, constituem seus outros dois postulados, quais sejam:* b) O latim vulgar fixou as suas características gerais básicas, pelo menos desde o fim da época republicana ou desde o começo do período imperial; c) O latim vulgar é popular. Com tal postulado, Maurer Jr. defendia a tese de que as características gerais desse latim tinham sido fixadas nos meios plebeus de Roma e de suas cercanias, constituindo a princípio pelo menos, uma forma popular da língua falada em Roma. Se com o tempo chegou a penetrar classes sociais mais altas, a sua estrutura e o seu

como W. D. Whitney, Edgar Sturtevant, Edward Sapir, Leonard Blommfield e Benjamin Lee-Whorf, Maurer havia sido aluno de Bloomfield e Sturtevant, conforme atestam Blikstein (1994) e Altman (1998).

²²⁷ Para alguns desses dados biobibliográficos, principalmente os de Américo de Moura e Souza Lima, consulte-se HILTON (1948, p. 169 e 247).

vocabulário denunciavam claramente a sua origem humilde e obscura. E seria esse terceiro postulado que iria constituir a parte principal da obra.

Em resumo, dizia o autor (1962, p. 07): “nas páginas que se seguem defendemos, como já ficou dito, a primazia do método comparativo, a antiguidade da fixação do latim vulgar, o seu *caráter popular* e a sua unidade essencial no período de fixação”.

Algumas das questões mais importantes para que haja compreensão do que seja o latim vulgar são expostas no capítulo VI da obra: sua homogeneidade e variabilidade. Assim diz o autor: “sua homogeneidade [a do latim vulgar] nos permite falar de uma língua ou de um dialeto, enquanto a variedade nos fornece os elementos dialetais existentes ao lado da unidade fundamental” (p. 178).

Poder-se-ia dizer que, com este estudo do latim vulgar, Maurer Jr. aponta-nos um caráter evolutivo do latim e sua dialetação durante o Império, provocada pelos mais diversos fatores. Vejamos o que a este respeito dizia o autor:

No estudo do latim vulgar é preciso distinguir um período de relativa homogeneidade, em que ele se cinge a uma pequena região da Itália, com o seu centro em período final da República e dos primeiros tempos do Império (e não do período final deste, como tantas vezes se pensa) que data a unidade fundamental do latim vulgar (MAURER JR, 1962, p. 180).

Já, ao falar da propagação desse latim ao longo da românia, Maurer considerava que:

Embora frequentemente, através da escola, e das camadas sociais superiores, houvesse contribuições mais cultas à língua popular das províncias, cremos que *o cerne do latim que prevaleceu em todas as regiões romanizadas como, alias, na própria metrópole, foi o da plebe romana. Por ela se latinizou a România e desta latinização popular surgiram as línguas românicas* (MAURER, 1962, p. 103) (Grifamos).

Maurer reconhecia que não se podia “*voltar à velha concepção unitária desse latim, desconhecendo a variabilidade linguística própria de toda língua viva*”, entendia que o

“latim vulgar nunca constitui um todo uniforme, sem variantes dialetais” (MAURER JR., 1959, p. 6-7, grifos do autor), embora não fosse esse o objetivo de seu trabalho.

Valle (2004), embora não entrando no mérito da questão, sinaliza as divergências de caráter doutrinário entre Silva Neto e Maurer Jr. Enquanto Silva Neto definia-se “claramente pela *Umganssprache* – entendimento do latim vulgar como língua viva, corrente, que se pode recolher dos textos, posto que fragmentário” (VALLE, 2004, Apresentação, p. VIII), Maurer o entendia como de origem totalmente popular, isto é, como “*sendo essencialmente o latim falado pela plebe romana, embora naturalmente com o tempo muitos de seus característicos se infiltrassem no seio da classe média e até as mais altas [...]*” (MAURER JR., 1959, p. 5-6). Ao longo da obra de Maurer Jr., inclusive no seu conjunto, incluindo *O Problema* e a *Gramática da Latim Vulgar* (1962, 1959), é possível notar a essência de suas divergências com as teses de Silva Neto, em passagens como esta:

Também se tem pensado que a omissão de -s seria devida às correntes dialetais (itálicas?) da Península, enquanto a sua reposição resultaria da vitória do falar urbano (de Roma) sobre os dialetos. [...] Não cremos, porém, que se deva supor que no latim vulgar o mesmo -s se reintroduziu por influência do latim urbano, como parece admitir Serafim da Silva Neto [...]. Certamente a conservação do -s era bastante comum no latim rústico e nos dialetos da Península (MAURER JR., 1959, p. 45, nota 117).

Tal diferenciação era fundamentada em uma insistência de caráter social. Maurer Jr., apoiado em W. von Wartburg, apontava o problema como uma possível diferenciação social do latim. Na verdade, só considerando essas diferenciações é que se podia entender o tratamento do -s final como uma das consequências mais marcantes do latim vulgar, principalmente, dependendo de sua posição na frase, o -s tinha sido totalmente restaurado entre pessoas educadas, enquanto que, entre o povo, de modo inverso, vê-se em todos os lugares o -s cair.

4.9.2. Confrontando algumas ideias: Silva Neto *versus* Maurer Jr.

Se para Silva Neto (1957) o latim vulgar era um modo muito inapropriado de se referir à *linguagem comum falada* pelos romanos, e que era necessário, precisá-lo, concretizando o conceito de *latim corrente*, para Maurer Jr. (1962), inversamente, este latim vulgar era popular. Nas palavras do autor: “as formas vulgares pertenciam a linguagem da plebe dos bairros pobres e humildes, elas eram desconhecidas ou cuidadosamente evitadas por todos que escreviam” (MAURER, 1962, p. 105). (MORAES, 2011). 6

Embora evitemos, tanto em *História das Ideias Linguísticas* quanto em *Historiografia [da] Linguística* usar as expressões *pioneiro*, *pioneirismo*, é preciso reconhecer, à luz da história, as inovações de estudiosos da linguagem da estirpe de um Theodoro Henrique Maurer Júnior, pois já nessa época o autor chama a atenção para a característica dinâmica da língua popular falada. Sobre o pioneirismo de Maurer e seu assistente, o professor Isaac Nicolau Salum, ainda que sob outras bases teóricas, que não historiográficas, comenta Blikstein (1994):

O pioneirismo de Maurer e Salum aparece também na própria concepção do objeto de seu ensino: a sua visão dinâmica e *culturalista* da linguagem, levou-os a conceituar o latim vulgar — contrariamente a toda a tradição européia [a que Silva Neto de certo modo seguia] — como o latim *plebeu e rústico*, falado pelas classes que latinizaram o Império Romano (soldados, colonos, mercadores etc.), um latim dinâmico, e não um latim estático, falado por *classes médias*. Tal concepção mudava e ampliava muito a perspectiva de análise, exigindo uma abordagem socio-linguística, o que era um avanço para os anos 50: um desdobramento dessa percepção mais arejada foi a necessidade do estudo de uma língua Românica meio *esquecida* pelos europeus, a saber, o romeno (BLIKSTEIN, 1994, p. 260-1).

Sobre este aspecto, também é preciso frisar, Silva Neto, embora também não negasse o caráter dinâmico dessa variação, foi muito mais conservador do que Maurer. E ainda que a cada passo reconhecesse e citasse Schuchardt como o grande teórico do caráter

social da linguagem, o autor carioca não sustentava a mesma posição defendida por Maurer, para quem, o conceito de latim vulgar coincidia com a forma falada pelo povo; já para Silva Neto era uma espécie de língua corrente, falada pela classe média.

Anos após, já em outro contexto institucional-acadêmico²²⁸, Maurer Jr no primeiro seminário sobre linguística (ocorrido no ano de 1967 na cidade de Marília), agora sob orientação da geração de pesquisadores estruturalistas, chamava a atenção para o fato de os novos adeptos da prática linguística estruturalista (que se introduzia no Brasil) desprezar o que se tinha conquistado pela geração anterior de linguistas romanistas. Segundo Maurer Jr., onde havia mudança deveria haver história; do contrário, afirmava ele, nosso conhecimento do fato permanecia incompleto. Em sua concepção, havia uma **Geografia Histórica** ao lado da **Geografia Descritiva**. Conforme observou, “querer fazer ciência da linguagem sem o estudo dêsse aspecto [histórico] seria renunciar a metade da ciência” (MAURER JR., 1967, p. 36).

Sem abrir mão das conquistas teóricas e conceituais da Romanística, perspectiva a partir da qual enunciava, Maurer Jr incorpora, também, conceitos que já estavam em largo uso desde Saussure (tais como o de *langue*, entendida como língua depositada em cada uma das mentes dos falantes). Ao mesmo tempo, e de modo perspicaz, o autor apresentava os vários pontos sob os quais a língua está sujeita à variação, apresentando, assim, as diversas situações sociolinguísticas que estão envolvidas no momento em que alguém fala. O autor já dizia isso naquele momento histórico, em que o estruturalismo linguístico era introduzido no Brasil e os linguistas ainda não tinham olhos para aferir o caráter social e variável do fenômeno linguístico que:

²²⁸ O professor Theodoro Henrique Maurer Jr., embora fosse professor catedrático e ainda detentor de grande prestígio entre os principais centros de pesquisa do Brasil, já estava, a esta altura, aposentado e sentindo a mudança de orientação nas ciências da linguagem no final dos anos 60 (ALTMAN, 1998).

[...] De fato, a própria língua não é algo rígido, inteiramente idêntico em milhares de pessoas que a falam. A língua é o substrato, modelo ou esquema que cada um de nós tem e que usa no momento em que fala. Mas esta língua depositada, por assim dizer, em nossa mente, é alguma coisa que vai sendo constantemente retocada; porque cada um de nós, em certo sentido, tem uma “língua” própria. Com efeito, a linguagem apresenta uma quádrupla variabilidade:

- a) A língua **varia de indivíduo para indivíduo**, porque apesar da média geral, a minha língua portuguesa não é totalmente, semelhante à dos meus amigos mais íntimos, dos meus colegas com quem mais convivo.
- b) Há **uma variação social** ou variabilidade vertical dos “dialetos sociais”, como poderíamos chamá-los,
- c) Há uma variabilidade espacial ou horizontal, de que decorrem os dialetos e falares regionais múltiplos.
- d) Por fim, há a variabilidade temporal, a que se deve o fato de que de dia a dia a minha língua vai sendo retocada e ligeiramente modificada. Quer dizer que a língua existe como que em ebulição, e é essa ebulição que observamos, sempre, ao tentar registrar os fatos da língua falada no momento em que é usada. Obviamente, não deve a descrição da linguagem ignorar essa flutuação (MAURER JR., 1967; p. 23-24). (Grifos do autor).

Todos esses fatos são aqui ressaltados para demonstrar o quanto a temática da variação linguística era recorrente e comum à Romanística brasileira. E isso, conforme entendemos, serviu de base para o nosso autor, porque fazia parte do clima, ou, do *air du temps* – para empregar a já referida expressão de Sériot (1999) – das discussões teóricas românicas, seja em relação ao conceito de *latim vulgar*, seja em relação à *variação*, *mudança* e à história das línguas românicas, dentre elas, a portuguesa, porque “o *ar do tempo* e o lugar formam uma *doxa* que se impõem aos hábitos de pensamento” (SÉRIOT, 1999, 158).²²⁹

Vê-se, então, que Silva Neto e Maurer Jr. entraram em disputa quanto ao *problema do latim vulgar*, conforme se evidenciou em Moraes (2011), demonstrando haver nessa discussão mais um impasse de questões *estritamente* sociais (classe baixa, plebe romana ou classe média, urbanitas, por exemplo), do que, *meramente*, linguísticas.

²²⁹ Tradução de: “*l’air du temps et du lieu forme une doxe qui s’impose aux habitudes de pensée*”.

Esquemáticamente, teríamos, então, as seguintes diferenças conceituais entre Silva Neto (1957) e Maurer Jr. (1959), quanto ao latim vulgar:

Latim vulgar – diferentes noções entre:

Silva Neto (1957)	Maurer Júnior (1959)
<ul style="list-style-type: none"> • não existiu algo como “latim vulgar”, o que havia era o conjunto do latim corrente, 	<ul style="list-style-type: none"> • tem sua origem nos meios plebeus de Roma e cercanias;
<ul style="list-style-type: none"> • era a soma das diversas falas romanas, um falar médio; 	<ul style="list-style-type: none"> • era essencialmente falado pela plebe romana,
<ul style="list-style-type: none"> • era apenas falada, a língua da <i>conversação, corrente</i>, em suma, chamavam <i>sermo cotidianus, usualis</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> • não era simplesmente latim falado, pois que neste haveria sensível variedade segundo a classe social que o empregava;
<ul style="list-style-type: none"> • preocupar-se em demasia com o substrato das línguas românicas é defeito desse modo de ver as coisas. 	<ul style="list-style-type: none"> • a fonte mais segura para o seu conhecimento é o conjunto das línguas românicas.

[Quadro 7 - Diferenças conceituais entre Silva Neto e Maurer Jr. sobre o Latim vulgar]

Fonte: autoria própria

4.10. O aspecto social e cultural nos estudos românicos brasileiros: A Unidade da România Ocidental, de 1951

Mesmo antes dessas observações contundentes a respeito do caráter variacionista da língua, advertidas acima na fala de Maurer, já será possível notá-las, enunciadas de outro modo, em *A Unidade da România Ocidental*, de 1951. Neste trabalho, toda a argumentação do romanista brasileiro está fundamentada no aspecto social e cultural da evolução e unidade linguística da România Ocidental. Segundo Maurer (1951, p. 9), “existe impressionante semelhança, não só no vocabulário, mas também na morfologia e na sintaxe das línguas românicas”. O que para ele é o resultado não apenas da origem comum no latim vulgar do império romano, mas o resultado de uma unidade contínua de contacto ininterrupto entre todas as línguas da família, de modo que “muitas das inovações posteriores à destruição do império pela invasão dos bárbaros se disseminaram por toda a

România ocidental, enriquecendo seu léxico e alterando a cultura e, às vezes, a própria morfologia das línguas que constituem” (MAURER JR., 1951, p. 9).

Para Maurer, e isso demonstra mais uma vez sua visão de que as línguas apresentam um importante caráter social, “a unidade da România ocidental é uma ilustração magnífica da importância dos fatores sociais na formação das línguas” (MAURER JR., 1951, p. 10, sublinhamos). O autor insiste, não sem razão, na tese de que “a unidade notável da România ocidental, [era] devido não apenas a uma herança comum do latim vulgar, mas à unidade social e cultural de toda a região, cujo instrumento de comunicação continuava a ser o latim, sob a ‘liderança’ da Igreja e, mais tarde, pela poderosa herança política, cultural e literária da França, sobretudo” (MAURER JR., 1951, p. 6). Toda a argumentação do romanista da Universidade de São Paulo é bastante contundente quanto ao aspecto social atribuído à unidade da România ocidental, a qual observa Maurer, de maneira perspicaz, nos seguintes termos: “As íntimas relações sociais entre grupos vizinhos se refletem logo no contágio entre os dialetos, fazendo com que da mútua ação exercida por eles surjam numerosas formas linguísticas comuns. Esta influência contagiadora dá-se principalmente por via popular, pela convivência direta e ininterrupta dos grupos confinantes” (MAURER JR., 1951, p. 9-10, sublinhamos).

Alguns anos mais tarde, Maurer (1953) voltará à carga, a respeito do mesmo assunto – sobre a relação língua e sociedade –, com o artigo pouco conhecido, porque divulgado em revista de circulação restrita, intitulado *A Linguística e a Gramática*.²³⁰ No referido texto, Maurer Jr. defende a tese de que, em se tratando, pois, de um fenômeno social, “a linguagem não pode deixar de estar sujeita à lei básica de todo o comportamento

²³⁰ MAURER JR., Theodoro Henrique. *A Linguística e a Gramática*. In: **Filosofia, Ciências e Letras**. Ano XVIII. Nº 14, Março, 1953, p. 5-25. São Paulo. [Órgão do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo].

social do indivíduo humano” (MAURER JR., 1953, p. 9). É o que desvela o seguinte excerto:

Na realidade uma língua nunca apresenta uma forma única e invariável para todo o grupo a que serve de meio de comunicação. Ela varia com as classes componentes da sociedade. Como há uma gradação social que vai desde a aristocracia da cultura ou do mando até a classe mais humilde dos plebeus, assim também se modifica a língua à medida que se passa de uma camada social para outra, indo desde as formas elegantes e mais estudadas das classes superiores até as expressões mais toscas e rudes, mais espontâneas, dos meios populares. É sobretudo fácil distinguir em qualquer língua - ainda na dos grupos mais primitivos - um tipo *aristocrático* e outro *popular*. Entre êstes extremos há sempre formas de transição, notando-se em cada classe um esforço para aproximar-se da linguagem das classes superiores [Silva Neto utiliza este mesmo argumento]. Assim, por exemplo, o falar da classe média não se distingue facilmente do das classes aristocráticas (MAURER JR., 1953, p. 8).

A noção de Maurer abrange, inclusive, o conceito de “variantes”. Vejamos:

Demais, os mesmos indivíduos - ligados a subgrupos sociais diversos nas múltiplas fases da sua atividade - falam duas ou mais variantes da mesma língua. Enquanto a língua aristocrática se fixa em um sistema tanto rígido nas relações formais do grupo, ela apresenta um tipo mais flexível e mais livre no uso familiar. Por isto, o falar do tribuno em uma assembléia encerra termos e construções numerosas que nunca se encontrariam em suas conversações espontâneas no ambiente doméstico. Quantas pessoas entre nós, que dizem a todo o momento “me dê o lápis”, “não vi êle hoje” e frases semelhantes, jamais tolerariam as mesmas construções em ambientes sociais mais requintados (MAURER JR., 1953, p. 9).

Maurer também aborda as hoje chamadas variações diafásicas, ou, as variações que se dão em função do contexto comunicativo, conforme a nomenclatura sociolinguística moderna:

Sensível é a diferença entre a língua escrita e a falada empregada pela mesma pessoa. Naquela se usa grande quantidade de termos e de formas que não se admitiriam nesta. O emprêgo da linguagem literária na conversação denuncia sempre um pedantismo que impressiona mal. De fato, há uma analogia notável entre êsse ajustamento da linguagem ao meio social e, em cada grupo, às circunstâncias do momento, e o modo por que outros hábitos pessoais de significação social se adaptam ao ambiente onde são usados (MAURER JR., 1953, p. 9).

Levantar tais passagens à luz da história, e demonstrar o quanto esses autores contribuíram, cada um em seu tempo, cada um a seu modo para o desenvolvimento da linguística, não apenas aponta para o fato de que muitos das gerações posteriores os

ignoraram, ignoram e possivelmente, ainda, continuarão ignorando-os, mas também nos mostra o quanto devemos ter a precaução de não acreditarmos que estamos a todo o momento “inventando a roda” no campo dos estudos linguísticos.

Tendo essa preocupação em mente, o professor Maurer Jr. já alertava seus orientandos, de então, para não incorrerem no erro de acreditar que estavam produzindo conhecimento, diríamos num “vácuo epistemológico”, isto é, sem prescindir de outras tradições científicas e de pesquisadores anteriores, que tivessem contribuído para a história das ciências da linguagem. O depoimento da analista do discurso brasileira, Eni P. Orlandi (2001)²³¹, uma de suas orientandas no final da década de 60, é bastante esclarecedor nesse sentido:

Para finalizar, não posso deixar de mencionar aqui meu mestre, responsável pela criação da Linguística na Universidade de São Paulo, o indo-europeísta Dr. Theodor Henrique Maurer. Quando era sua aluna no primeiro curso de especialização (depois transformado em pós-graduação) em Linguística Geral, ministrado por ele na USP, em 1967, e já iniciava meu trajeto acadêmico como instrutora de Filologia Românica nessa Universidade, ouvi dele uma crítica à minha enorme admiração por L. Hjelmslev, meu autor preferido de então: “Nunca esqueça: conhecer é saber uma coisa no meio de outras”. Era assim que ele me lembrava uma forma de fazer conhecimento, fazendo história. Não “fora” dela (ORLANDI, 2001, p. 19).

4.11. A singularidade dos estudos românicos

Diante de tudo o que foi descrito e analisado ao longo deste capítulo, talvez seja oportuno lembrar da singularidade dos estudos românicos, isto é, daquilo que estes estudos tinham de diferente frente à germanística, por exemplo. Além, é claro, do que foi desenvolvido e legado como questões ainda presentes nas ciências da linguagem, notadamente, os aqui apontados problemas da variação e da mudança linguísticas. Muito

²³¹ Conforme anteriormente mencionado em nota 123 do capítulo 2 desse trabalho, Eni P. Orlandi foi uma das organizadoras de uma modalidade da *História das Ideias Linguísticas* (HIL), desenvolvida no Brasil. Acrescenta-se que a autora o fez juntamente com S. Auroux, nos anos 90 e 2000 do século XX, a partir de um convênio denominado *Acordo Capes/Cofecub*, em que os pesquisadores reunidos associaram, em sua maioria, os pressupostos teóricos da HIL com os dispositivos da AD de linha francesa. Para maiores informações sobre o referido convênio, bem como, sobre o próprio resultado do projeto, ver Orlandi (org.) (2001, p. 11 e ss)

do que se alcançou foi devido, justamente, ao fato de a Romanística poder contar com um sem-número de dados que a favoreceram. Tal fato – o da singularidade da romanística – não passou despercebido por dois grandes estudiosos. O primeiro, Terence H. Wilbur (1924-2000), professor emérito de línguas germânicas da Universidade da Califórnia, estudioso das ideias linguísticas de H. Schuchardt, principalmente no que diz respeito à controversa neogramática, como ficou conhecida a disputa deste com os neogramáticos a respeito das famosas leis fonéticas²³²; o outro foi Silva Neto.

Wilbur (1972) afirmava que estudiosos das nações falantes de Línguas Românicas sempre tiveram diante de si a grande diversidade do mundo Românico que se desenvolvera a partir do discurso relativamente uniforme do Latim do Império. Para este autor, os romanistas não foram forçados, como os germanistas, a basear a história social na reconstrução linguística. Aliás, a situação era bastante inversa:

Visto serem providos abundantemente com grandes quantidades e dados políticos e sociais o legalismo rápido e árduo dos neogramáticos teria naturalmente para eles um gosto de extrema artificialidade. Schuchardt, um Romanista em solo alemão, tinha profunda consciência do fato de que a formulação rígida, doutrinária e prática, poderia apenas ter olhar superficial e obscurecer a real dinâmica da mudança linguística (WILBUR, 1972, p. 110-111).²³³

Silva Neto (1960), por sua vez, afirmava que a Filologia Românica havia nascido sob o signo da Filologia Indoeuropeia. Ele chamava atenção para o fato de que os

²³² Sobre o assunto, tomado também a partir de uma perspectiva historiográfica, cf. WILBUR, Terence H. “Hugo Schuchardt and the Neogrammarians”. In: VENNEMANN, Theo; WILBUR, TH. (eds.) *Schuchardt, the Neogrammarians, and the transformational theory of phonological change* - Four Essays by.... Frankfurt/M: Athenäum, 1972, pp. 73-113. (Linguistische Forschungen, Bd. 26); bem como The Lautgesetz Controversy, a Documentation 1885-86, (1977), esta em parceria com Theo Vennemann. PAIXÃO DE SOUSA (2010) retoma as considerações de tais autores no estudo introdutório que fez da tradução portuguesa de *Ueber die Lautsetze. Gegen die Junggrammatiker* [Schuchardt contra os neogramáticos]. AUROUX (1979b) também abordou a questão em “La querelle des lois phonétiques” *Linguisticae investigationes* 3, 1-27, 1979b.

²³³ Tradução de: “Since they were copiously provided with vast amounts of social and political data, the hard and fast legalism of the neogrammarians would naturally taste to them of extreme artificiality. Schuchardt, a Romanist on German soil, was acutely aware of the fact that rigid formulation, doctrinal and practical, could only overlook and obscure the real dynamics of linguistic change”.

romanistas não precisavam imitar os indoeuropeístas, antes, em certo sentido, tinham até necessidade de trabalhar de outra maneira. Realmente, diz ele, aos indoeuropeístas, que não dispunham de textos, era-lhes imperioso reconstituir a língua-base, enquanto os romanistas tinham à disposição vastíssimo material de textos latinos de toda a sorte. Para Silva Neto (1960) o desvio dos indoeuropeístas, de seguir cegamente as *leis fonéticas*, foi em má hora copiado pela Filologia Românica do séc. XIX, pois, aqueles encontravam a sua justificativa no fato de que eles “tinham de lidar com línguas mortas, cujo antepassado, o indo-europeu, “perdido na noite dos tempos”, só podia ser conhecido através de reconstrução teórica. Os romanistas, porém, estavam em condições bem diferentes e podiam, graças a elas, “tornarem-se os guias e modelo da investigação linguística. É que eles trabalhavam com línguas vivas cujo antepassado, o latim, lhes era fartamente conhecido, através de milhares de páginas de literatura de tãda espécie” (SILVA NETO, LCC 1960, p. 39, 41, 49). Conforme as citações acima, podemos assegurar que o que ambos os autores afirmam a respeito da singularidade do campo da romanística é muito próximo, ainda que, aparentemente, Wilbur não tenha tido acesso aos argumentos do romanista brasileiro que o antecipa em, no mínimo, uma década. Elas só reforçam nossa tese inicial de que, *a despeito de a Romanística ter levantado hipóteses a respeito da origem, variação e mudança das línguas românicas, assim como ter tido não só interesse pelo tema como também feito surgir metodologias que intentaram dar respostas às questões da variedade, tais como a Dialetoologia e a Geografia Linguística*, os nomes de seus autores passaram ao largo da história; difusos, ou nem mesmo apareceram em obras introdutórias ou manuais gerais sobre a sociolinguística, ocorrendo o mesmo em livros de história da linguística. Tudo isso, como procuramos evidenciar ao longo do trabalho,

demonstra a grande ruptura existente entre o campo de investigações que se denominou Romanística com aquele que deveria ser seu herdeiro direto: a Sociolinguística.

4.9.1. Linguística para Romanistas?

O argumento de que o campo de investigações da Romanística está afastado do da Sociolinguística (e, portanto, da Linguística) pode ser traduzido na existência da seguinte obra de Eduardo Blasco Ferrer: *Linguistik für Romanisten* (1996) [Linguística para romanistas], que, a começar pelo título, já demonstra o distanciamento de ambos os campos; como se fosse possível uma linguística só para romanistas, o que, em si, seria uma incongruência para a unidade das ciências da linguagem; e outra, para não romanistas, isto é, para linguistas em geral. Este guia, destinado principalmente para os estudantes das línguas românicas, que queiram se familiarizar com conceitos básicos, apresenta a terminologia e a matéria não em ordem alfabética, mas a partir das teorias relacionadas. O livro oferece uma visão geral do desenvolvimento histórico da disciplina nos últimos 150 anos e, portanto, a origem e o significado da terminologia atual. É neste contexto que BLASCO FERRER (1996) descreve, com ricos exemplos e farto material, as disciplinas de pesquisa da linguística atual, etnolinguística, análise da conversação, etc. É possível notar, pela breve descrição da obra, o esforço de seu autor, que nem sempre é seguido por outros, isto é, em não perder de vista o legado da Romanística para com as ciências linguísticas atuais.

Prova desse legado são todas as cinco obras por nós aqui descritas e analisadas. Elas são representantes, de algum modo e sob certos aspectos, das preocupações a respeito da variação, dialeção e mudança linguísticas, ao longo da História das Ciências da Linguagem. Os fenômenos sociais que implicavam a observação da variação; estes, sem dúvida, já se encontravam, por exemplo, no *horizonte de retrospectão* dos estudiosos do

século XIX e meados do XX: os romanistas. E ainda que atualmente (pelo menos desde o final da década de 60 do século XX) nos deparamos com uma prática científica bastante sistematizada e delimitada a um campo específico, com uma identidade muito própria e uma agenda muito particular de investigação (normalmente reunidas sob a denominação e orientação comum de sociolinguística), isso não anula o fato (historiográfica e epistemologicamente comprovados) de que tais inquietações já tivessem sido objetos das preocupações investigativas de outros estudiosos e há mais tempo do que se possa imaginar. E mesmo que não encontremos essas referências reunidas nos textos dos autores contemporâneos, seja por qual motivo for, basta uma investigação mais apurada sob princípios historiográficos, por exemplo, para divisarmos que muitos dos conceitos hoje correntemente empregados, não surgiram do dia para noite, antes foram “gestacionados” e depurados na soma das diversas inteligências humanas ao longo da história.

Quanto a H. Schuchardt, como acreditamos ter ficado demonstrado, sua obra, e suas ideias foram de fundamental inspiração para a renovação das ciências da linguagem, em um momento em que as concepções neogramáticas dominavam o cenário. Todavia, em *La canonisation d'un franc-tireur: le cas de Hugo Schuchardt* [A canonização de um dissidente: o caso de Hugo Schuchardt] Swiggers (2000)²³⁴ demonstra como fora construída a figura singular que havia sido Schuchardt em sua época, principalmente, no que diz respeito a sua independência intelectual no relacionamento com os seus mestres, nomeadamente, August Schleicher.

Este estudo, de certa forma, aponta-nos as razões que levaram o romanista alemão ao isolamento e ao “esquecimento”, por durante bom tempo na linguística ocidental, até ser devidamente reabilitado pelos estudos historiográficos, tardiamente no final do século XX.

²³⁴SWIGGERS, Pierre. « *La canonisation d'un franc-tireur: le cas de Hugo Schuchardt* ». In. : *Kanonbildung in der Romanistik and in den Nachbardisziplinen*, ed. por Wolfgang Dahmen *et al.*, 269-304. Tübingen, Narr, 2000.

Além desse, outro fator pode ter contribuído para tal: sua vastíssima obra, igualmente de vastíssimo tema, dispersa em diversos periódicos acadêmicos, de difícil acesso²³⁵. Há que reconhecer também a contribuição negativa do caráter genioso de nosso autor, que, segundo alguns especialistas, era de difícil trato com seus pares. Além disso, o argumento, que transcrevemos acima, apresentado por Wilbur (1972), também aponta para outros dois significativos fatores desse, digamos, apagamento de H. Schuchardt: primeiro, por ser um romanista em solo alemão; segundo, “porque próximo aos grandes simplificadores neogramáticos ele parecia naturalmente um obscurantista hesitante”, conforme muito bem anotou Wilbur, ainda que esta não fosse a realidade.

Por outro lado, a nosso ver, os trabalhos de Gilliéron, embora bastantes citados e comentados, não atingiram estatuto de “cidadania” dentro dos estudos linguísticos, em geral. Ficaram, por sua vez, circunscritos à prática da Geografia dialetal, normalmente associada aos dialetos rurais de uma determinada localidade. O mesmo poderíamos dizer em relação ao trabalho de Walther Wartburg, que acabou por ficar restrito ao campo de estudos galos-românicos, embora, com expressivos resultados alcançados. Já Silva Neto, segundo temos defendido em outros trabalhos (cf. MORAES, 2012), veio a falecer de forma prematura, justamente no período em que o estruturalismo linguístico se estabelecia entre nós, ignorando toda a conquista e desenvolvimentos alcançados pela romanística até então; seja porque seu objeto fosse outro, seja porque suas pressuposições teóricas também o fossem e, portanto, não se ajustavam bem com o que defendia a linguística, naquele

²³⁵ “Problema” que, atualmente, está *em parte* solucionado devido à reunião, levado a cabo pela Universidade de Graz, de toda a obra do romanista alemão no site <http://schuchardt.uni-graz.at/werk/>; disposta, inclusive, em ordem cronológica. Dizemos *em parte* porque o outro grande empecilho para o acesso a sua obra continua sendo a barreira linguística, pois, praticamente, 99% do que escreveu Schuchardt está em alemão e ainda não foi traduzido. Naturalmente, o alemão era a sua língua materna, e por razões históricas, o idioma que abrigou boa parte dos estudos linguísticos do século XIX, já que, como se sabe, para fazer, reconhecidamente, “ciência linguística” os sujeitos, normalmente, deslocavam-se até os grandes centros de estudos linguísticos europeus à época, tais como Leipzig, Alemanha. A este percurso não escapou os grandes nomes da linguística oitocentista, como Whitney e Saussure, só para citarmos dois dos principais.

momento histórico, que por sinal, procurava tanto independência teórica, quanto definição própria de seu objeto de estudo, conforme argumentou Maurer Jr. no Seminário de Marília de 1966, que é assaz exemplar neste aspecto.

Tais afirmações são importantes à luz da teoria e método historiográfico porque é possível estabelecer neste ponto específico do nosso problema a da abordagem sociolinguística para a explicação dos fatos de língua, o critério de causalidade, nos termos de Aurox (2006, p. 105-6), segundo o qual “ser historiador da ciência é poder construir cronologias e ligações causais [...], é ser capaz de construir representações e explicações. [...] O trabalho do historiador é explicar porque X é construído como é, e ver se há (ou não) uma linha causal entre Y e B”. Diante disso e, assumindo o risco de sermos um pouco repetitivo, é notório observar, pois, a partir do que foi exposto, o quanto a preocupação, isto é, os questionamentos a respeito da variação, dialeção e mudança, a que chamamos hoje sociolinguística, já fazia parte das descrições e discussões no campo da romanística. Todavia, o fato de não serem nem sequer mencionadas pelos trabalhos de Sociolinguistas atuais é um problema a ser enfrentando pelo historiógrafo da linguística, que tem por obrigação epistemológica e historiográfica (re)colocá-los devidamente no *horizonte de retrospecto* dos estudiosos das ciências da linguagem interessados, por exemplo, nessas questões.

Diante do que foi abordado até aqui, e a partir do levantamento que realizamos nos trabalhos de Schuchardt, Silva Neto e Labov, no próximo capítulo, último da tese, passaremos a descrever e a analisar a proximidade conceitual encontrada na obra de cada um deles, à luz da História das Ideias Linguísticas.

*“O mesmo homem se vale de uma língua latina,
se conversa com os escravos sobre as compras
para um banquete; de outra se, em um bilhete, convida um amigo;
ainda de outra se escreve ode à glória de um príncipe ou da amada”*
(SCHUCHARDT, 1866, p. 33).

*“Que a linguagem corrente varia de acordo com a classe social
e o grau de instrução é verdade mezinha”*
(SILVA NETO, 1986 [1950], p. 25).

*“As variáveis linguísticas [dos falantes] foram correlacionadas
com os indicadores individuais de status social, profissão,
educação e renda e fica evidente que nenhum indicador
sozinho está tão estritamente correlacionado com o
comportamento linguístico quanto o índice combinado”*
(LABOV, 2008 [1972], p. 144).

5.1. Considerações iniciais

Este capítulo, o último desta tese, tem por finalidade demonstrar a proximidade de alguns conceitos teóricos presentes nas obras de Hugo SCHUCHARDT (1842-1927), Serafim da SILVA NETO (1917-1960) e William LABOV (1927).

Embora temporal e espacialmente separados, e filiados a correntes teóricas e metodológicas distintas, o trabalho desses autores contribui para a construção do conhecimento, ainda que de forma não linear e assistemática, alcançando resultados significativos para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências da linguagem, em diferentes campos de atuação.

Mas por que Schuchardt, Silva Neto e Labov? O percurso seguido nessa tese explica a escolha: o fato de Silva Neto ter constituído uma teoria da *variação linguística*, cujas bases se encontram fundamentadas nas diversas áreas científicas da ciência da linguagem em que atuou – dentre elas a Romanística, conforme demonstramos no capítulo

anterior –, mostra que há semelhanças e aproximações conceituais que o identificam com nomes como Schuchardt e Labov, no que diz respeito aos problemas linguísticos em sua relação com os aspectos sociais.

Sabemos que Schuchardt veio antes, serviu-lhe mesmo de referência, e conforme também ficou demonstrado no capítulo anterior, é o autor que no final do século XIX apresentou de modo bastante representativo a ruptura epistemológica com a linguística de seu tempo, durante a chamada *crise do positivismo*. Labov, por sua vez, em termos cronológicos, vem depois de Silva Neto, e, mesmo que muitos o ignorem, é o continuador do quadro de investigadores que coloca em primeiro plano os aspectos sociais da língua, o que modernamente é reconhecido como Sociolinguística. Ele não é seu iniciador. É claro que Labov vai além, ele inova, sobretudo, nos aspectos metodológicos relacionados ao campo de investigação. Entretanto, *teoricamente*, o problema da variação e de suas eventuais mudanças já havia sido anteriormente contemplado, por muitos, dentre os quais Schuchardt e seus seguidores (incluindo aí Silva Neto). Conforme demonstrou Paixão de Sousa (2010a, p. 8), em ensaio introdutório da tradução que fez de *Ueber die Lautgesetze. Gegen die Junggrammatiker*, é a inclusão do espontâneo que explica a afirmação de Schuchardt de que “*toda mudança fonética, em algum ponto, é irregular*”.

Na visão de Schuchardt, a mudança fonética começa sempre como um evento “*esporádico*” (“*sporadische*”, também traduzido por “*sporadic*” por Venneman – termo que se contrapõe no texto a *regular*), se espalha pelo tecido da língua por meio de associações e generalizações, e **se torna uma regra** (PAIXÃO DE SOUSA, 2010a, p. 8, grifos da autora).

Ou mesmo:

Em resumo, na visão de Schuchardt, a mudança fonética se processa a partir do surgimento de uma alteração na fala de um indivíduo, que foi percebida por outros falantes, repetidas por eles – “*imitada*”, consciente ou inconscientemente; e que, por um processo complexo de associações conceituais ou formais, estabeleceu-se no funcionamento da língua (PAIXÃO DE SOUSA, 2010a, p. 9, grifos da autora).

A aproximação conceitual que se pretende fazer diz respeito, principalmente, aos seguintes pontos observados nas obras dos autores estudados: **a)** *caracterização dos crioulos como uma configuração linguística que acelera vários processos sistemáticos de mudança linguística*, observados tanto em Silva Neto quanto em Labov, mas que também pode ser encontrado, indiretamente, em Schuchardt; **b)** *a influência social e linguística (irradiação) dos falantes de classes sociais mais elevadas sobre os demais*, observadas tanto em Schuchardt e Silva Neto, quanto em Labov; **c)** *a explicação não apenas linguística, mas, sobretudo, social, para as questões de variação e mudança na linguística*, percebidas pelos três estudiosos; **d)** *a variação situacional da língua*, igualmente apontada pelos três linguistas, e por último, **e)** *a estratificação social e uso da língua*.

5.2. Metodologia

O raciocínio aqui empregado foi o indutivo, já que, após o levantamento de um número X de conceitos sobre a questão da variação nas obras dos autores ora estudados, verificou-se a proximidade conceitual entre eles, a partir dos eixos apontados.

As obras consultadas foram: *Der Vokalismus des Vulgärlateins I* (1866); *Zeitschrift für romanische Philologie*, 5, (1881); *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 6, (1883); *Ueber die Lautsetze. Gegen die Junggrammatiker* (1885) Schuchardt contra os Neogramáticos, (2010); *Kreolische Studie IX, Über das Malaio-Portugiesische von Batavia und Tugu*, (1890) e *Hugo Schuchardt -Brevier, Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft*, (1922) de Hugo Schuchardt.

Fontes do latim vulgar – o appendix probi (1938); *História do Latim Vulgar* (1957); *Língua, Cultura e Civilização* (1960) e *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* (1986 [1950]) de Serafim da Silva Neto.

Padrões Sociolinguísticos (2008 [1972]); *Principles of Linguistic Change* – internal factors (1994) e *Principles of Linguistic Change* – social factors (2001), de Willian Labov.

O historiador francês Paul Veyne afirmou, em um célebre estudo, que “o tempo não é essencial à História”²³⁶; em outra obra coletiva defendeu que “o talento de um historiador é em parte o de inventar conceitos”,²³⁷ visto que a História “não é recriação, mas explicação”.

Talvez seja exagero dizer que o tempo não tenha importância em História, mas Veyne tem razão quanto aos conceitos. Por isso, neste capítulo, deixemos um pouco de lado a rigidez cronológica e tomemos a liberdade de combinar, sob alguns temas, o estudo de conceitos manejados por esses autores em tempos e sociedades científicas diferentes, a fim de suscitar comparações, dar relevo a pontos comuns e a aspectos específicos da teoria à disposição e manuseadas por cada um deles.

Entretanto, o capítulo segue a linha teórica e metodológica da História das Ideias Linguísticas (AUROUX 2006); (COLOMBAT, FOURNIER, PUECH, 2010), já apresentada neste trabalho, por isso procurar-se-á explicar as causas entre os fenômenos e os conceitos relacionados, uma vez que, segundo esses autores, ser historiador da ciência é poder construir cronologias e ligações causais, é ser capaz de construir representações e

²³⁶ Para VEYNE (1998, p. 60), “pode parecer paradoxal negar o tempo em história, mas não é menos verdadeiro que o conceito de tempo não seja indispensável ao historiador que só precisa de um processo inteligível (diríamos: o da trama). Ora, esses processos são de número indefinido, pois é o pensamento que os separa, o que contradiz a sucessão cronológica em uma só direção”.

²³⁷ Diz Veyne que “uma ciência como a linguística atual não é para grande parte senão uma reflexão sobre os fatos linguísticos: falar de conectores (*shifters*) [por exemplo], o que é senão uma conceituação e, sobretudo, um filosofema? Não é uma explicação ou uma lei. As conceituações históricas também não são fruto de uma pesquisa experimental, de uma descoberta, mas de um exame atento e penetrante, de uma apercepção intelectual que se pode comparar ao esforço da visão. O sentimento do esforço encontra-se presente em dois momentos do trabalho histórico: a crítica e a explicação. Da mesma forma que o talento de um físico consiste em descobrir a equação de um fenômeno (pelo menos é o que imagino), o talento do historiador é em parte o de inventar conceitos” (VEYNE, 1979, p. 69). O referido livro intitula-se *Como se escreve a História*, a obra coletiva recebe o nome de *História: novos problemas*, organizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, inclui o ensaio inspirador de Veyne, cujo título é *História conceitual*.

explicações sobre o objeto historiado. Concluiremos o capítulo com algumas propostas para explicar as possíveis relações referenciais entre os autores.

5.3. A noção de “*conceito*” empregada

Empregamos o termo “*conceito*” no sentido atribuído por Benoit Hardy-Vallée (2013), para quem o *conceito* diferentemente da *ideia*, que pertence à linguagem comum, é um termo técnico ou de uso didático, cuja acepção filosófica data de Descartes (1606). Para Hardy-Vallée “um conceito representa uma categoria de objetos, de eventos ou de situações e pode ser expresso por uma ou mais de uma palavra” (HARDY-VALLÉE, 2013, p. 16).

Conforme ainda acentua o autor, para alguns, essa representação é mental; para outros, é linguística e pública. Independentemente da perspectiva adotada, o fato é que “o conceito é a unidade primeira do pensamento e do conhecimento: só pensamos e conhecemos na medida em que manipulamos conceitos”. Em suma, um conceito é um conhecimento mais geral aplicado a um objeto ou a uma situação particular (HARDY-VALLÉE, *op. cit.*, p. 21-22). É nesse sentido que usamos a expressão *conceito*.

Tendo isso na devida conta, passemos às aproximações conceituais entre os autores.

5.4. As aproximações conceituais

Como amostra dos resultados aqui alcançados, observa-se, por exemplo, o que disseram Schuchardt, Labov e Silva Neto, a respeito do item **a**.

a) Caracterização dos crioulos como uma configuração linguística que acelera vários processos sistemáticos de mudança linguística

Não se pode ignorar a vasta bibliografia de Hugo Schuchardt sobre os crioulos²³⁸, que, indiretamente, o reconduziu aos problemas intrincados da gênese e da diversidade das

²³⁸ Esclarece D. Pereira (2006, p. 106), “entre 1882 e 1914, o linguista alemão Hugo Schuchardt que dizia já se dedicar ao estudo dessas ‘maravilhosas formações linguísticas’ havia mais de dez anos, provavelmente

línguas românicas e, ao mesmo tempo, inaugurou um vasto campo de estudo linguístico.²³⁹ Embora não afirme diretamente, é possível deduzir de seus comentários e de suas concepções sobre esses tipos especiais de línguas de contato, que são os crioulos, várias ideias a respeito do carácter social, dentre as quais, sua *caracterização como uma configuração linguística que acelera vários processos sistemáticos de mudança linguística*, que também iremos encontrar, mais explicitamente, nas afirmações de Silva Neto e Labov. Nota-se que essa característica será repetida e reafirmada pelos estudos contemporâneos, porque reflete algo comprovado pelas pesquisas diretas de campo:

Em Cabo Verde, foram as crianças que, adoptando como língua materna como variedades básicas da língua segunda falada pelos adultos, no seu processo de aquisição, **aceleraram mudanças**, contribuindo para a criação de uma nova língua – um crioulo (D. PEREIRA, 2006, p. 28-29).

Schuchardt estudou esse e outros crioulos de base portuguesa e comprovadamente em que viu os mesmos traços. Com esses estudos sobre *línguas em contato, línguas mistas ou mesclas de línguas, o individual na linguagem e questões de linguística geral*, Schuchardt trouxe uma interpretação inovadora para os estudos linguísticos de sua época, que alguns dirão *avant la lettre*, no sentido de dar mais importância para o plano social, como remodelador do plano linguístico. Neste aspecto, é fundamental, da série de estudos

devido ao interesse suscitado pelos artigos de Adolfo Coelho, publica uma vasta e importante obra, quer do ponto de vista descritivo quer do ponto de vista teórico, que é um repositório de registos, documentos e comentários linguísticos sobre vários crioulos do mundo, com especial incidência sobre os crioulos de base portuguesa: de São Tomé, Ano Bom, Senegâmbia, Príncipe e Cabo Verde (em África), Cochim, Diu, Mangalore, Mahé e Cananor (na Índia), Batávia e Tugu (na Indonésia) (incluindo referências aos crioulos de Macau, de Curaçau e de Ceilão)”. Para uma referência completa em ordem cronológica do aparecimento dos ensaios, ver: <http://schuchardt.uni-graz.at/werk/>. Há também duas coletâneas publicadas em inglês, Markey (1979) e Gilbert (1980), reunindo alguns dos principais artigos de Schuchardt sobre os crioulos de base inglesa, embora o primeiro deles também inclua pelo menos um trabalho sobre os crioulos de base portuguesa. Trata-se de “On Creole Portuguese”, In: T. L., MARKEY (trans., org.) *The Ethnography of Variation: Selected Writings on Pidgins and Creoles*, 1979, p. 59-72. Ainda não há nada similar traduzido para o português.

²³⁹ Conforme afirma D. Pereira (2006): “Hugo Schuchardt e Adolfo Coelho foram assim os grandes impulsionadores do estudo científico dos crioulos. Ambos aspiravam à descrição do maior número de crioulos com vista à sua comparação, à compreensão do fenómeno e ao estabelecimento de leis gerais” (D. PEREIRA, 2006, p. 106).

que desenvolveu sobre os crioulos, encontrarmos as ideias gerais sobre a linguagem, seu funcionamento, uso, contatos, mistura, assim como variação e mudança. Exemplo disso é seu estudo sobre o crioulo *malaio-português*:

Mas não há sobre o malaio (no sentido estrito) a influência da língua dos governantes europeus posteriores de Java, da mesma forma como sucedeu aos primeiros? Em suma, não se desenvolveu um malaio holandês? A resposta é muito curta: não! O que o crioulo Português perdeu em espaço sob a nova regra, o malaio ganhou; o papel dos holandeses nesse sentido não foi diferente do que foi [o dos portugueses] em comparação com o que ocorreu dois séculos antes” (SCHUCHARDT, *Kreolische Studie IX*, 1890, p. 147).²⁴⁰

Procurando entender as bases étnicas do crioulo, Schuchardt decide, por exemplo, explorar os níveis diatópicos do Malaio. Ele aponta várias formas de Malaio de acordo com as várias regiões pesquisadas. No caso do *Malaio-português*, o Malaio de Java influenciou a formação da língua crioula. Esses *níveis diatópicos* confundem-se com os *níveis diastráticos*, diríamos hoje, da mesma língua ou variante. Desse modo, Schuchardt mostra que, de cinco diferentes tipos de Malaio (Java), o crioulo era o nível mais baixo usado pelos europeus, com intenções comerciais na região (SCHUCHARDT, *Kreolische Studien IX*, 1890, p. 152). Essas observações proporcionavam um campo de estudos fecundo sobre as línguas românicas, em particular, mas também sobre os problemas de linguística geral, conforme podemos avaliar sobre o que ele afirma na resenha que fez sobre Baissac (1880) e Adolpho Coelho (1881): “Há cerca de uma década, eu já havia me dedicado ao estudo desses produtos exóticos [refere-se às línguas crioulas] que,

²⁴⁰ Tradução de: “Hat aber nicht etwa das Malaiische (i. e. S.) auf die Sprache der späteren europäischen Gewalthaber von Java in ähnlicher Weise einzuwirken vermocht wie auf die der früheren? hat sich, kurz gesagt, nicht ein Malaioholländisch entwickelt? Darauf ist ebenso kurz zu erwidern: ‘Nein’. Was das kreolische Portugiesisch unter der neuen Herrschaft an Raum verlor, das gewann das Malaiische; die Rolle des Holländischen diesem gegenüber ist kaum eine andere als sie vor zwei Jahrhunderten jenem gegenüber war” (SCHUCHARDT, *Kreolische Studie IX*, 1890, p. 147).

paradoxalmente, parecia lançar luz sobre a gênese [*die Entstehung*] das línguas românicas” (SCHUCHARDT, *Zeitschrift für rom Phil.*, 1881, 5, p. 581, sublinhamos).²⁴¹

Dois anos mais tarde, Schuchardt volta a reafirmar sua posição sobre os crioulos, o que, sem dúvidas, traz importantes implicações teóricas para a compreensão do desenvolvimento das línguas românicas (mas não apenas). Ele diz romper [*Bruch*] com as explicações paradigmáticas que, até então, eram tidas como exclusivas pela linguística oitocentista:

Entre todos os problemas levantados pela linguística, o mais importante é o da *mescla de línguas* [*Sprachmischung*] e, antes de tudo, ele deve ser considerado naquele aspecto em que as circunstâncias, não só pelo próprio processo como também pelo seu conhecimento, se apresentam bastante relevantes. Essa consideração conduziu-me aos estudos crioulos, ou melhor, reconduziu-me, porque, quando SCHOLLE, em 1869, rejeitou, é certo que com toda justiça, a expressão “filhos do latim”, ao referir-se às *línguas românicas*, eu passei, então, a procurar as verdadeiras “filhas do latim” e julguei tê-las encontrado no crioulo, cujas *linhas de desenvolvimento* [*Entwicklungslinie*] faziam-me acreditar em uma *ruptura* [*Bruch*] que apresentava uma oposição rica de ensinamento, em relação às línguas românicas (SCHUCHARDT, *Literaturblatt für germ. u. rom. Phil.*, 1883, 6, p. 236)”. Reproduzido posteriormente em *Hugo Schuchardt Brevier, III Sprachmischung* (1922, p. 129-130).²⁴²

Essa perspectiva de Schuchardt se sustentava porque, desde quando passou a estudar os fenômenos de contato entre línguas, e isso ocorria desde seu trabalho sobre o *vocalismo do latim vulgar* [*Der Vokalismus des Vulgärlateins*, 1866-1868], ele começou a lidar com problema dos substratos linguísticos, neste caso, do latim em contato com as

²⁴¹ Tradução de: “Schon vor einem Jahrzehnt hatte ich mich dem Studium dieser exotischen Produkte gewidmet, welche mir, durch den Gegensatz, die Entstehung der romanischen Sprachen zu erhellen schienen” (SCHUCHARDT, *Zeitschrift für rom Phil.*, 1881, 5, p. 581, sublinhamos).

²⁴² Tradução de: “Unter allen Problemen, mit denen sich heute die Sprachwissenschaft beschäftigt, ist wohl keines von größerer Bedeutung, als das der Sprachmischung und dasselbe muß zunächst da, wo die Bedingungen sowohl für den Prozeß selbst als für seine Erkenntnis sich als die günstigsten darbieten, in Angriff genommen werden. Diese Erwägung hat mich zu den kreolischen Studien geführt oder vielmehr zurückgeführt; denn nachdem SCHOLLE (1869) die Anwendung des Ausdrucks „Töchter Sprachen“ auf das Romanische mit Recht zurückgewiesen hatte, suchte ich nach wirklichen Töchter Sprachen und glaubte sie im Kreolischen zu finden, dessen Entwicklungslinie mir einen Bruch zeigte und so einen lehrreichen Gegensatz zu der des Romanischen bildete”. (SCHUCHARDT, *Literaturblatt für germ. u. rom. Phil.*, 1883, 6, p. 236).

línguas pré-românicas, ou seja, da influência e da interferência da língua de povos dominados com relação à língua dos dominadores, que teriam dado origem às línguas românicas. Diante desses fenômenos, Schuchardt começou a se indagar sobre os processos que levariam à variação e à mudança.

Com o estudo dos crioulos, cujo grau de variação e de mudança parecia ocorrer em processo acelerado, Schuchardt percebeu que eles se diferenciavam de modo significativo das línguas românicas por haver no seu processo de alteração um nível elevado de variação, devido às condições culturais, sociais e psicológicas que envolviam os indivíduos falantes.

Enfim, os estudos dos crioulos levam-no ao centro do funcionamento da linguagem, considerando-se a questão da gênese, do contato, da variação e da mudança linguística, em suma, dos aspectos fundamentais do *desenvolvimento da linguagem* [*Sprachentwicklung*], que trazia em seu bojo todo o peso dos aspectos *psíquicos* e *socioculturais* relativos a eles.

A relevância social dada por Schuchardt aos aspectos linguísticos encontra-se fortemente arraigada na sua concepção das *línguas mistas*, porque o que ele entendia por *mescla de línguas* [*Sprachmischung*] “era só o reconhecimento de interpenetração das práticas linguísticas” (BAGGIONI, 1991, p. 84). É o que, precisamente, pode ser concluído das suas seguintes palavras:

O problema da *mescla de línguas*, que está intimamente relacionado com o bilinguismo, é bastante intrincado e definido apenas em uma base psicológica evidente. *Dois línguas não se misturam como dois líquidos diferentes, mas como diferentes atividades do mesmo sujeito*. Não se deveria ir tão longe para identificar completamente a língua com os sujeitos falante (SCHUCHARDT, Brevier, 1922, p. 129, grifamos).²⁴³

²⁴³ Tradução de: “Das Problem der *Sprachmischung*, welches mit dem der Bilinguität aufs innigste zusammenhängt, ist ein ziemlich verwickeltes und nur auf psychologischer Grundlage ins klare zu setzen. *Zwei Sprachen mischen sich nicht wie zwei ungleichartige Flüssigkeiten, sondern als verschiedene Tätigkeiten eines und desselben Subjektes*. Man darf aber nicht so weit gehen, die Sprache mit ihrem Subjekte gänzlich zu identifizieren” (SCHUCHARDT, Brevier, 1922, p. 129, grifamos).

Aspecto, aliás, notavelmente comentado por Silva Neto (1986 [1950], p. 114), que o redimensiona ao domínio da *aculturação*:

Rigorosamente falando, uma língua não age sobre a outra, visto que as línguas não têm existência fora dos homens que a falam: a interferência lingüística é um dos aspectos da *aculturação*, isto é, dos fatos que decorrem do contato dos homens que possuem cultura (e portanto línguas) diferentes. Assim, como já vira o luminoso espírito de Schuchardt, duas línguas influenciam, não à maneira de dois líquidos que se misturam, *mas como duas ações do mesmo indivíduo*.

No capítulo anterior, ficou demonstrado que Hugo Mario Ernst Schuchardt foi, no campo da Romanística, um dos autores que Silva Neto mais citou, respeitou e de quem sofreu influência. Em relação aos estudos crioulos, não será diferente. Precisamente pelo fato de Schuchardt trazer conclusões gerais sobre esses estudos e de Silva Neto reaproveitá-los em relação ao PB:

Os dialetos crioulos ainda não foram plenamente apreciados pelo seu significado lingüístico geral. São habitualmente olhados como produtos de uma mistura muito peculiar ou extrema, mas o que os distingue são, antes, ousado dizê-lo, as suas características lingüísticas universais. [...] formam-se a partir de material diferente de acordo com o mesmo plano e no mesmo estilo... (SCHUCHARDT, 1914, [27] 73 e 77).²⁴⁴

Não estamos nos referindo aos resultados empíricos, em si, porque Silva Neto rejeitava a tese de que o PB decorria de crioulização do PE, mas sim em relação aos métodos e às conclusões teóricas gerais alcançadas pelo mestre de Graz. Porque, mesmo reconhecendo certas relações características semelhantes entre os crioulos de Cabo Verde, São Tomé, Ilha do Príncipe, Guiné, Ceilão, Dio e em Goa e alguns de “nossos falares rurais” e “de pessoas incultas”²⁴⁵, Silva Neto, não confundia o PB com os falares crioulos.

O filólogo via formas similares a processos dessemelhantes, pois, conforme argumenta, “*no Brasil não tinha razão de ser*”, aquilo que aparentemente semelhante

²⁴⁴ *apud* D. PEREIRA, 2006, p. 108.

²⁴⁵ Conferir, sobretudo, SILVA NETO (1986 [1950]), às páginas 113, 118 e 119, 135 a 143.

ocorria na África, isto é, não ocorria aqui a formação de dois grupos de origens étnicas diferentes, que seriam as bases para a geração de um crioulo, porque “esses diferentes substratos, isolados uns dos outros, proporcionaram aspectos diferentes no português. No Brasil, [diferentemente] os *substratos* chocaram-se e fundiram-se, diluíram-se uns aos outros” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 143). Enfim, por mais paradoxal que possa parecer, eram somente as considerações teóricas e metodológicas de Schuchardt, separadas de seus resultados, que lhe interessavam.

O próprio Silva Neto (MFP, 1988 [1952], p. 239) reconhecia que “as pesquisas e os métodos de Schuchardt, dados a lume principalmente entre 1882, 1897, 1899, 1900, 1901, 1903, 1904 e 1907”, exatamente alguns dos anos em que Schuchardt mais se dedicou aos estudos crioulos (incluía também aqui o método *Wörter und Sachen*), “encontraram apoio e confirmação nas pesquisas de Gilliéron, e dos seus discípulos, resultantes do *Atlas Lingüístico da França*” (idem). Isto é, Schuchardt antecipa sob a perspectiva teórica o que as pesquisas de campo da **Geografia Linguística** viriam comprovar depois, já que “as cartas do A.L.F. proporcionavam, ao vivo, os panoramas do estudo vocabular tal como o entendia Schuchardt: ofereciam, não só as mais variadas formas de uma palavra, como também a massa de palavras relativas a um conceito” (idem). Silva Neto seguiu as pegadas de ambos.

Na avaliação de Dulce Pereira (2006) – que, aliás, esclarece suficientemente o que temos indagado a respeito do interesse social nas investigações linguísticas na virada do século XIX para o XX – a importância dos estudos crioulos para os estudos linguísticos gerais está no fato de que:

Era necessário explicar por que é que os crioulos se formavam de um modo diferente do das outras línguas, apresentavam um grau de variação interna tão elevado e, ao mesmo tempo, tinham tantas características em comum. Isso obrigou a focar a língua de um modo diferente: não como um “organismo” autónomo, com vida própria, mas antes na sua correlação com as condições

psicológicas e sociais de formação e de uso. Para isso, era fundamental alterar radicalmente as metodologias: ligar os documentos escritos às produções orais, as produções orais aos seus falantes e estes às condições históricas, sociolinguísticas, e psicolinguísticas da aquisição, do desenvolvimento e da produção das línguas, em contexto multilíngue e de contacto de línguas (D. PEREIRA, 2006, p. 107-108).

Influenciado pelas ideias de tais teorias e métodos, Silva Neto apresentou como tarefa fundamental aos estudos da língua portuguesa, a adoção e a relação entre eles, o que resultaria, acreditava, em respostas mais eficazes:

Neste sentido podemos adotar dois métodos:

- 1- tomada uma coisa, indagam-se-lhe os nomes em toda uma região geográfica, as origens, a história, *as variações*, os limites, *as causas de variabilidade*, os choques, etc.
- 2- tomada uma palavra, investigam-se todas as suas formas e acepções numa zona do país previamente escolhida. (SILVA NETO, *MFP* 1988 [1952], p. 238, grifamos).

O que resultaria, é claro, em um estudo *social da heterogeneidade linguística*, senão como fim, pelo menos, como uma parte de todo o processo, já que seu interesse também era histórico, incluindo, nesse caso, as razões que teriam levado à *mudança da língua*.

Relativamente a Silva Neto e a Labov, é impossível deixar de notar semelhantes opiniões sobre a questão dos crioulos que, segundo eles, *aceleram vários processos sistemáticos de mudança linguística*. Em relação ao emprego do conceito, Labov (2008 [1972], p. 307, nota 02), por exemplo, disse que “*vários dos processos sistemáticos de mudança linguística que gostaríamos de retrazar na evolução linguística ‘normal’ podem ser observados em forma acelerada nos crioulos*”. Por seu turno, Silva Neto (1986 [1950], p. 107 e 126) reconhecia que “*não se pode esquecer que a ação dos aloglotos consiste, de modo geral, em precipitar a deriva da língua, isto é, as tendências já contidas no sistema*”. Dentre outras causas para a proximidade conceitual entre os autores, que serão expostas

mais adiante, aqui já será possível estabelecer entre eles uma, provável, *gênese comum*: Uriel Weinreich.

Precisamente, trata-se do conceito que Weinreich empregou em *Languages in contacts* em 1953, *trigger effect*, que Silva Neto conhecia muito bem e citava nos seguintes termos: “uma situação social de miséria e de sujeição e acaso a influência latente (passiva ou ativa) de língua preteridas ocasionaram aquilo a que Weinreich no seu importante livro *Languages in Contacts* chama pitorescamente de ‘efeito de gatilho’ (trigger effect)”, cuja referência era completada em nota, trazendo o aludido trecho no original: “... *the language contact and the resulting interference could be considered to have, at best, a trigger effect, releasing or accelerating developments which mature independently*” (apud SILVA NETO, 1986 [1950], p. 115-116, nota 35). Silva Neto que, declaradamente, não tinha interesse em tratar “de problemas de contato e interferência linguísticas, aplicados à dialetologia brasileira” (idem, p. 115), conforme disse, utiliza o conceito para explicar o papel dos chamados *aloglotas*, na velocidade que causavam à mudança linguística do PB.

Labov, como se sabe, foi aluno de Weinreich, que exerceu forte influência sobre sua formação, inclusive como orientador de suas teses de mestrado e doutorado. O próprio Labov dá testemunho do alcance dessa proveitosa relação, e de como se beneficiou das ideias e intuições do mestre. A citação é longa, mas vale a pena não só pelo valor historiográfico que encerra (depoimento em 1ª pessoa), como principalmente pela minúcia e pelo teor dos dados que apresenta, nos quais podemos divisar o ambiente intelectual e acadêmico em que se formou o mais importante sociolinguista norte-americano dos estudos variacionistas contemporâneos, ainda em atividade, na sua declarada gratidão para com o antigo professor:

É impossível para mim avaliar a contribuição de Uriel Weinreich aos estudos relatados aqui. Aprendi com ele em cursos sobre sintaxe, semântica, dialetologia e história da linguística; ele orientou meu trabalho sobre Martha's

Vineyard, que foi minha dissertação de mestrado, e o estudo sobre Nova York, que foi minha tese de doutorado. No entanto, naquilo tudo ele não impôs sua própria visão ou sugestão direta acerca de que caminho tomar. Mas com cautela, moderação e exemplos, ajudou a dirigir meus próprios projetos para os canais mais propícios. Weinreich tinha um extraordinário senso de direção em linguística; raramente dava um passo em falso em seus próprios projetos de pesquisa, e todos nós tiramos proveito de suas intuições. Recentemente tive a oportunidade de ler alguns dos esboços e projetos inéditos de Weinreich para o estudo do multilinguismo e da variação social na comunidade de fala. Descobri que seu pensamento tinha se antecipado ao meu em vários anos e, sem dúvida, desempenhado um papel muito maior nos resultados oferecidos aqui do que se pode transparecer nas referências explícitas (LABOV, 2008 [1972], p. 15).

Comparando o que escreveu Silva Neto com o que disse Labov nos dados mencionados acima, podemos afirmar que ambos foram beneficiários das ideias de Weinreich. Entretanto, ainda seria preciso estabelecer com maior rigor o alcance dessa influência, o que procuraremos fazer mais adiante.

Passemos, por ora, às outras possíveis relações. Essas menos explícitas. Antes, todavia, é preciso esclarecer o que Silva Neto entendia por *aloglotas*, porque essa noção é fundamental para entendermos a concepção que ele tinha do português socialmente estratificado. Até porque ela está intimamente relacionada, no caso do PB, à noção que o filólogo tinha de *falar*: a essa forma socializada da tendência de diferenciação individual.

Entende-se aqui *aloglotas* como falantes que, conforme entendia Silva Neto, haviam falado no Brasil um *crioulo* ou *semicrioulo* português no período inicial da colonização.

No Brasil os colonizadores encontram-se em presença de populações indígenas, e logo depois vêm-se forçados, pelas exigências dos trabalhos, a importar escravos de África. [...] É natural, portanto, que no decorrer deste primeiro século de colonização, se tenha formado entre índios, negros e mestiços, uma linguagem [...] denominada *crioulo*, ou *semicrioulo* pela linguística moderna (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 113).

Sim, apenas *no período inicial da colonização*, porque, conforme já apontamos, Silva Neto rejeitava a ideia de que o PB era resultado de um crioulo ou semicrioulo. De

acordo com sua concepção, se houve em algum momento um crioulo ou semicrioulo no início da colonização, devido a problemas que encetavam do contato entre os europeus, índios e negros, eles foram pouco a pouco diminuindo, por causa da escolarização e da imitação linguística das classes superiores. Em várias passagens de *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* (1959), o filólogo apresenta uma série desses argumentos. Vejamos.

Primeiro porque “aos poucos [...] os índios, incompatíveis com a civilização, foram deixando de circular nas vilas e povoados. Ou definhavam ou fugiam para o sertão” (idem, p. 51), compreendendo-se que, com isso, a influência indígena no PB fosse bastante diminuta, reconhecida essencialmente no léxico. Segundo porque, “nos *crioulos* há vários graus de aprendizagem, pois, segundo as circunstâncias, o primitivo falar xacoco se mantém ou é aos poucos renovado pelo sangue novo da língua européia”, pelo fato de que “de geração em geração, à custa sobretudo da escola, se vai aperfeiçoando e enriquecendo a primitiva fala de emergência” (idem, p. 97). Terceiro porque “nos grandes centros, graças à escola e à influência da alta sociedade, esta linguagem” – Silva Neto refere-se ao crioulo – “foi sendo pouco a pouco eliminada em proveito duma linguagem mais culta e aperfeiçoada. Nas regiões rurais, entretanto, ela sobrevive ainda, sobretudo nos lugares mais isolados” (idem, p. 113). Daí a razão, segundo Silva Neto, de encontrarmos as marcas desses crioulos ou semicrioulo nos falares rurais isolados e em algumas variantes populares do PB, mas não na língua como um todo.

Portanto, não é que Silva Neto rejeitasse a afirmação de que houvesse formas crioulas no nosso meio. Pelo contrário, como se viu, ele mesmo notou que essa linguagem crioula ainda sobrevivia nas regiões rurais. Além disso, afirmava também que “a rigorosa observação dos nossos falares rurais modernos, aliada ao estudo comparado, das

adaptações do português feitas na África e na Ásia, levar-nos-ia à aceitação de um estado linguístico paralelo no Brasil-Colônia” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 48). Ou seja, de que, nessas regiões, ainda haveria formas crioulas ou semicrioulas. Os estudos linguísticos e antropológicos contemporâneos ratificam suas afirmações.²⁴⁶

Pode-se mesmo dizer que Silva Neto apresentou ideias bastante avançadas, para a época, em relação à metodologia dos estudos dos falares *crioulos* ou *semicrioulos* no nosso meio. Segundo entendia o autor, “no caso [linguístico] brasileiro é importante a distinção entre os falares *urbanos* e os falares *rurais*”, porque “o grau desse falar crioualizado varia[ria] de lugar para lugar: dependendo da percentagem de brancos e do *status* cultural”. Onde menor fosse o número de brancos, isto é, “onde a população consisti[sse], quase exclusivamente, de índios, negros, ou mestiços”, maior seria o grau de linguajar crioulizante (SILVA NETO 1986 [1950], p. 80-1).

De acordo com suas observações, “o tipo de linguagem depende, nas zonas rurais, da composição demográfica e da maior ou menor possibilidade de acesso à escola, quer dizer, à língua escrita” (SILVA NETO, op. cit., p. 118), ou de que “o antigo crioulo – ou o tipo de linguagem que hoje o representa – ficou circunscrito aos campos do interior, no uso dos tabaréus, matutos ou caipiras, continuadores da antiga plebe rural” (SILVA NETO, op. cit., p. 133). Entretanto, para haver uma afirmação categórica e confirmada a respeito

²⁴⁶ Hoje, entre nós, são bastante produtivas as pesquisas sobre línguas crioulas de base portuguesa, crioulação, português afro-brasileiro e português africano. Ver os estudos de Vogt e Fry (1996) *Cafundó, a África no Brasil: linguagem e sociedade*; e, sobretudo, os estudos do PROHPOR, grupo de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que se organizou inicialmente em torno de Rosa Virgínia Mattos-Silva, e atualmente, agrupam-se em torno de Alan Baxter, Dante Lucchesi e Ilza Ribeiro, realizando estudos, por exemplo, sobre Helvécia, comunidade localizada ao sul da Bahia. A Crioulística e estudos similares desenvolvem-se a passos largos no Brasil, visto que há rico e volumoso material a ser trabalhado. O campo organizou-se de tal modo a ponto de haver fundado, em outubro de 2001, na Universidade de Brasília, uma *Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares* (ABECS), na qual congregam estudiosos de todo o mundo, e criado anteriormente (1990), pela iniciativa do professor Hildo Honório do Couto, uma revista, a PAPIA, Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, que, em seus dois últimos números (PAPIA 24 (1) e PAPIA 24 (2) - *A Festschrift for John A. Holm*), (LUIZ, ed. 2014), presta homenagem a um dos maiores especialistas do campo. A Universidade de São Paulo (USP) é representada por dois professores pesquisadores e seus respectivos orientandos, a professora Márcia Santos D. de Oliveira e o professor Gabriel Antunes de Araujo, que, inclusive, é seu atual editor.

dessas considerações, era “indispensável para isso buscar apoio na história regional e ver, por exemplo, se a localidade estudada é na origem uma aldeia índia ou se ela representa um antigo *quilombo* de negros” (SILVA NETO, op. cit., p. 118).

Veja que o autor, anos antes, apresentava as diretrizes daquilo que vem sendo realizado hoje pelos recentes estudos sobre crioulos ou português afro-brasileiro (cf. Vogt e Fry (1996); Lucchesi (2001 e 2006); Lucchesi, Baxter e Ribeiro (orgs.), (2009); e Baxter *et al.*, (2014), por exemplo).

O que Silva Neto rejeitava era a ideia de que todas as características do “*português normal do Brasil*” – para usarmos uma expressão sua –, tais como a colocação pronominal, a variação na pronúncia de alguns fonemas em determinados contextos fonológicos, o léxico, enfim, os traços fundamentais do PB, eram resultados de sua crioulição em relação ao PE.

Ademais, o que fica de toda essa controvérsia é que Silva Neto via com muitas reservas os argumentos de que o PB assemelhava-se aos dialetos crioulos africanos. Primeiro porque, segundo entendia, o PB, tal como outras línguas, “toma, naturalmente, feições várias e, consoante as regiões, vários sotaques” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 21); e segundo porque “por vários fatores [...] a língua falada corrente oferece diferenças segundo as classes sociais [...], uma vez que a língua corrente é, como se sabe, variável segundo as pessoas, as circunstâncias, os tempos e os lugares” (idem), ou seja, de que o PB era possuidor de características – diríamos hoje *sociolinguísticas* – variáveis que não poderiam ser ignoradas. Por isso, no entendimento de Silva Neto, não justificaria entendê-lo como originário de um crioulo. A variação linguística, para Silva Neto, dava-se no eixo vertical e horizontal. Ou como os estudos contemporâneos têm caracterizado: variações diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática. E era assim que o PB deveria ser visto. E

acima de todas essas variantes ainda haveria a *língua escrita*, que, como modalidade unificadora, tenderia à *invariação*.

Se assim é [a variedade] na língua *falada*, importa acentuar que na língua *escrita* os fatos são muito diferentes. Esta, graças ao seu caráter conservador e tradicional, e à dependência do ensino gramatical, está acima de todas as variedades sociais e regionais, dominando e absorvendo tudo (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 21).

Silva Neto oferece exemplos de formas fonéticas e dos paradigmas de vários verbos desse português popular, que, em geral, apresentam como característica, as reduções da morfologia de flexão, como representante das “classes urbanas mais modestas” e dos “nossos falares rurais”²⁴⁷, observando que “na sintaxe, do mesmo modo, ocorrem fatos comuns a nossos falares rurais e ao linguajar das classes urbanas mais modestas. Entre os mais típicos figura o uso de *ter*, impessoal, onde a língua culta usa *haver*” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 142). Essas ocorrências, entretanto, não poderiam ser confundidas com os crioulos, porque “esse fenômeno, que é geral nos crioulos” seria, por assim dizer, descontinuado no PB. Portanto, por mais que houvesse variações de um extremo a outro, dentro de um gradiente social considerado, não haveria razões para se falar em crioulos porque esses fatos (fonéticos, sintáticos) apenas “representa[vam] o desenvolvimento, na boca de pessoas incultas, de uma série de fatores convergentes”, e não se davam em todas as variedades do português, considerado em toda gama social abrangida.

Paixão de Souza (2010b) sugeriu uma hipótese para o tratamento dado por autores como Silva Neto e Chaves de Mello à redução do paradigma verbal. Fenômeno linguístico a que ela denominou por “erosão”. A autora entende que, em algumas obras fundadoras do pensamento sobre a formação linguística do Brasil, o tratamento dado a essa chamada “erosão” da morfologia de flexão esteja permeado por dois discursos fundamentais, que se entrecruzam e se retroalimentam: “de um lado, o discurso da identidade nacional brasileira,

²⁴⁷ Cf. SILVA NETO (1986 [1950]), principalmente às páginas 135 a 142.

marcado pelo peso das relações simbólicas entre o Brasil ‘*culto*’ e o Brasil ‘*popular*’; de outro, o discurso naturalista sobre a língua, marcado pelo peso da visão oitocentista do percurso orgânico de nascimento, apogeu e decadência das línguas” (PAIXÃO DE SOUSA, 2010b, p. 84). Embora Silva Neto, no plano das ideias, no aspecto teórico, houvesse rebatido com veemência as teses naturalistas de Schleicher (ver LCC, 1960), porque aderiu às ideias historicistas, culturalistas e até sociológicas de Schuchardt, no plano da ação, ou do discurso, seus textos apresentam marcas em que a noção de decadência, perda, enfim da “erosão” da morfologia verbal são bastante salientes.

Seria paradoxal dizer que *a ação dos aloglotos consistia, de modo geral, em precipitar a deriva da língua, isto é, as tendências já contidas no sistema*, porque se, por um lado, com isso Silva Neto rechaçava a tese dos *substratos* africanos e indígenas, por outro lado, era um modo de dizer que as peculiaridades do PB estavam atreladas à sua história social.

Schuchardt, por sua vez, pode não ter declarado a proposição, segundo a qual *a ação dos aloglotos consistia, de modo geral, em precipitar a deriva da língua, isto é, as tendências já contidas no sistema*, de modo tão categórico e explícito assim como o fizeram Silva Neto e Labov, mas suas observações sobre as línguas crioulas não deixam dúvidas de que ele via nessas *mesclas de línguas* [*Sprachmischung*], conforme afirmou, *linhas de desenvolvimento* [*Entwicklungslinie*] que o faziam acreditar em uma *ruptura* [*Bruch*] que apresentava uma oposição rica de ensinamento, em relação às línguas românicas.

Não seria justamente por que os crioulos “aceleravam” processos similares de mudanças que nas línguas românicas somente podiam ser observados a partir de uma perspectiva diacrônica?

Labov mesmo afirmou que “desde a época de Schuchardt (1909), os crioulistas consideram necessário aprender o máximo possível sobre as condições sociais sob as quais tais línguas se formaram e se reformaram” (LABOV, 2008 [1972] p. 307, nota 2), porque, segundo ele, “qualquer discussão da história do estudo da mudança linguística em seu quadro social tem de levar em conta o único campo em que nunca houve qualquer dúvida sobre a importância social: o estudo dos pidgins e crioulos” (idem).

Enfim, não importa de qual lado Silva Neto havia recebido a maior “influência”, se de Schuchardt, se de Sapir, com o conceito de *deriva*, ou, se de Weinreich, com a expressão *efeito de gatilho*, o que de fato importa é que suas concepções são bastante análogas as de Labov e as de Schuchardt. Consideração que não pode ser ignorada na investigação historiográfica que se faz do quadro geral de suas ideias “sociolinguísticas”.

Vejamos a seguir, a aproximação conceitual entre os autores em tela quanto ao próximo eixo temático.

b) Influência social e linguística (irradiação) dos falantes de classes sociais mais elevadas sobre os demais

Nesse eixo temático a ser analisado, veremos que também tanto Schuchardt quanto Silva Neto e Labov apresentam opiniões que se identificam. Schuchardt, por exemplo, afirmava:

Na realidade, como mostram as evidências históricas em vários casos, cada mudança se espalha a partir de um determinado ponto, numa trajetória radial. [...] Também Delbrück (1884, p. 149) propõe que ‘*mudanças de pronúncia começam com o indivíduo, e se espalham então para um número cada vez maior de falantes, por meio da imitação*’ e Merlo demonstrou, muito astutamente, a possibilidade da iniciativa individual na mudança (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 42).

Aplicando a *teoria das ondas*, expressa na ideia de “trajetória radial” da mudança linguística, associada à explicação por meio de fatores sociais, Schuchardt mostra que a

mudança está ligada ao princípio (social) da imitação, da moda, e, portanto, é consciente, embora admitisse começar, individualmente, no falante:

Muito embora eu não deseje simplesmente comparar as leis fonéticas às leis do bem-vestir, como fez F. Müller (p. 213), parece-me que essas leis são em grande medida uma questão de moda – i. e., uma questão de imitação consciente ou semiconsciente (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 43).

Na verdade, seguindo sua linha de raciocínio, é possível deduzir dessa última característica da mudança linguística apontada por ele, a da (semi) consciência do sujeito em relação ao processo, como uma posição fundamental na defesa do caráter social da variação e da mudança linguística. Esse, aliás, é um dos argumentos que coloca Schuchardt em oposição aos Neogramáticos, porque ele, justamente, alça os aspectos sociais ao primeiro plano em todo o processo de variação e mudança, uma vez que a imitação, a moda, mais do que processos psíquicos, são costumes tipicamente sociais.

Quanto à maneira como uma mudança fonética se transmite de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo, as opiniões parecem divergir bastante. Eu confesso que a esse respeito não advogo, de maneira alguma, a atuação exclusiva da atividade inconsciente (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 43).

Mais contundente ainda é o excerto em que Schuchardt afirma ser das classes sociais mais abastadas, da aristocracia e da escola o papel de representar o lugar onde a *imitação linguística* se faz mais presente, ou seja, o lugar onde a norma culta se apresenta de modo mais impositivo; ou como o desejo de indivíduos não escolarizados em seguir o modo cortês de falar, quando esses indivíduos se encontram diante pessoas de classes mais elevadas, procurando, desse modo, imitá-las. Vejamos:

Consideremos de partida a influência da escola, mesmo nos lugares onde esta tem um escopo ainda limitado. Pensemos na tendência generalizada dos indivíduos não escolarizados em falar de modo cortês quando se encontram entre cavalheiros. A troca de *j* pelo *g* acaso não está se espalhando em Berlim para o centro da Alemanha em ritmo de marcha militar? Num estudo detalhado de *M. Trautmann* (1880), p. 214) vemos que o *p* uvular está sendo cada vez

mais amplamente adotado, substituindo ao longo dos anos o *r* alveolar, na Alemanha e na França. [...] Por fim, se – como nos mostra a história – as peculiaridades de pronúncia das figuras especialmente influentes (príncipes, cortesãos, atores) são copiadas em seu círculo próximo, e se os professores impõem suas pronúncias a seus alunos, não se pode negar que o impulso da mudança fonética pode ser a escolha pessoal (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 44-5).

Por sua vez, Silva Neto, nos quatro excertos que seguem, faz uma leitura bastante aproximada da de Schuchardt, no que diz respeito à *influência social e linguística (irradiação) dos falantes de classes sociais mais elevadas sobre os demais*, uma vez que deixa claro em suas afirmações a noção de influência de um grupo social em relação ao outro, bem como o da ação normativa da escola no ensino da variante padrão sobre as demais variedades de menor prestígio. Conforme segue: “E nem se pode esquecer que a escola exercia ação repressiva e unificadora, além de que, como já referi, cada classe social procura imitar a linguagem da classe superior” (SILVA NETO 1946, p. 31/ 2004 [1957], p. 27.)

Assim como afirma, orienta-se pela *teoria da classe ociosa* do norte-americano Thorstein Bunde Veblen (1857-1929), em que este apresenta o estudo do arranjo da sociedade por meio da estratificação social dos indivíduos. De acordo com tal abordagem, que, do ponto de vista linguístico, pressupõe uma teoria social, ou mais precisamente, uma teoria sociolinguística, a **estratificação social** é a categorização de uma sociedade em estratos socioeconômico, com base na sua ocupação e renda, riqueza e *status social*, ou derivada do poder político e social. Diz Silva Neto:

Veblen (*Theory of the leisure class*, Boston, 1902) provou à sociedade que cada grupo ou camada social procura assimilar as particularidades da camada adjacente superior e evitar as da camada adjacente inferior (SILVA NETO, 1946, p. 29/ 2004 [1957], p. 22).

O mesmo valor que se dá ao caráter social da variação e da mudança linguística ocorre no seguinte trecho em que o filólogo atrela uma característica à outra, associando a estrutura social à estrutura linguística, afirmando que:

[...] Um dos característicos de classe social é, precisamente, a linguagem. Ela até classifica socialmente os indivíduos. As sociedades semelham pirâmides em que os grupos sociais estão dispostos uns acima dos outros. Cada grupo ou camada procura assimilar as particularidades da camada adjacente superior e evitar as de camada inferior (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 92).

E para exemplificar tal modelo de influência *sociolinguística* em nosso meio, Silva Neto apresentou, em uma abordagem sócio-histórica da língua portuguesa, as relações que existiam, segundo seu ponto de vista, entre língua e sociedade durante o período colonial, em que assevera que “a ascensão social do mestiço acarretava polimento e planificação na linguagem, uma vez que essa é um importantíssimo sinal-marca de classe social” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 95).

Além de que, segundo argumentava o autor, todos – incluindo negros e índios – procuravam, tanto quanto possível, escolarizarem-se no sentido de adquirir outra gramática (nos termos de hoje), além da que já dominavam, devido à falta de prestígio dessas suas variedades frente à variante padrão:

Por causa, precisamente, desta falta de prestígio é que a linguagem adulterada dos negros e índios não se impôs senão transitoriamente: todos os que puderam adquirir uma cultura escolar e que, por este motivo, possuíam o prestígio da literatura e da tradição, reagiram contra ela (SILVA NETO, 1960, p. 21).

Silva Neto insiste mesmo no argumento de que essa linguagem, a que ele denomina crioulo ou semicrioulo, e que alguns estudiosos, nossos contemporâneos, têm diversamente denominado de Português Vernacular Brasileiro (LUCCHESI, 2001, 2006); Português Popular Brasileiro (NARO e SCHERRE, 1993), ou mesmo, Português Afro-brasileiro (LUCCHESI, BAXTER e RIBEIRO (orgs.), 2009) e (BAXTER *et al.*, 2014), “sobretudo no últimos cinquenta anos [o autor enuncia em meados do século XX], tem sofrido

influências planificadoras que se irradiam das cidades e se manifestam através dos jornais, do rádio e do ensino escolar” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 113).²⁴⁸

Essa característica, a do vínculo da escolarização do indivíduo com o seu “polimento na linguagem”, enquanto marca de classe social, ou, dado sociolinguístico importante, é ressaltada até mesmo nos estudos contemporâneos sobre a *variação linguística do português*, cuja *opinião recorrente* entre seus estudiosos é a ideia segundo a qual “o tipo de transmissão linguística, regular ou irregular, tem reconhecidamente um peso importante na construção das gramáticas dos falantes”, (ver MOTA, MIGUEL e MENDES, 2012, p. 164-5), ou de que

A aquisição precária do português pelos escravos trazidos da África e pelos índios integrados na sociedade brasileira e a nativização desse modelo defectivo de português como língua segunda nas gerações seguintes de seus descendentes endógamos e mestiços *desencadearam um processo de transmissão linguística irregular* que teve importantes consequências para a formação da atual realidade linguística brasileira, nomeadamente para as suas variedades populares (LUCCHESI, 2009, p. 71, grifamos),

Antes de prosseguirmos a análise, cabe aqui um pequeno comentário metalinguístico a respeito das expressões empregadas pelo autor. É comum entre os autores contemporâneos a crítica a Silva Neto por ele ter empregado em seus textos adjetivos carregados de marcas ideológicas, referindo-se à linguagem das camadas sociais mais populares, como *linguagem de gente tosca*, *de gente rude*, *português estropiado*, etc. Pelo que o excerto acima reproduz, muitos desses autores acabam por repetir, talvez involuntariamente ou até por falta de outras melhores, certas expressões outrora condenadas no filólogo. Exemplos disso são os termos utilizados por Lucchesi: “aquisição

²⁴⁸ A própria noção de *transmissão linguística irregular* apresentada por Lucchesi em (2003, 2006, 2009) pode ser encontrada, com variações, em Silva Neto (1986 [1950], p. 189) com a denominação de “*fratura na transmissão linguística*”. De acordo com Silva Neto, “A língua é uma sucessão de fases, de continuidades: cada fase é resultante das anteriores. Ora, viajando para o Brasil, o português foi desarraigado. Provocou-se, desse modo, um desengranzamento de sincronias, do que resultou a *ossificação* do idioma. Houve, em suma, uma *fratura na transmissão linguística*. Essa fratura foi muito menor no litoral e muito maior no interior...”.

precária” e “modelo defectivo de português”. Aquilo que tanto se condenou em Silva Neto acaba sendo, de algum modo, reproduzido por autores que, já manifestaram, em algum momento, posições contrárias a ele.

Mas, voltando ao cerne das questões anteriormente discutidas, dizíamos que essa característica, a do vínculo da escolarização do indivíduo com o seu “polimento na linguagem”, enquanto marca de classe social, ou, dado sociolinguístico importante, é ressaltada até mesmo pelos estudiosos contemporâneos sobre a *variação linguística do português*. Assim como, o reconhecimento desses estudiosos de que “é a partir do momento em que os falantes passam a frequentar o ensino que se dá a maior expansão da aplicação da regra [de concordância de número plural]” (ver FIGUEIREDO, 2012, p. 61). Para as primeiras autoras, que trabalham com dados das três variedades do português atual, PE, PB, PA²⁴⁹, recolhidos em diversos *corpora*,

É sobejamente sabido que o contacto linguístico tem fortes repercussões, mas nem só as variedades formadas a partir de múltiplos contributos linguísticos apresentam gramáticas diferenciadas em determinados domínios – todas as variedades nacionais do português patenteiam padrões variantes em diversos domínios da gramática, configurando a existência de diferentes gramáticas em coocorrência e em concorrência numa mesma sincronia: “Learners have two or more grammars when their triggering experience leads to incompatible analyses” (Lightfoot 1999: 92). (MOTA, MIGUEL e MENDES, 2012, p. 165).

Portanto, de acordo com Mota, Miguel e Mendes (op. cit.), independentemente da complexidade das situações linguísticas de partida, “*as diferenças são esbatidas ou anuladas por efeito da escolarização*” (MOTA, MIGUEL e MENDES, 2012, p. 166, sublinhamos). As autoras demonstram, assim, com base em Brandão e Vieira (2012), que “quer no PST quer no PB urbanos, a percentagem de não marcação de concordância verbal é baixa, sendo a escolarização o factor mais relevante em ambas as variedades” (idem),

²⁴⁹ Respectivamente: *Português Europeu, Português Brasileiro e Português Africano*. PST (Português Standard)

para que haja, desse modo, saliência em tal característica. Tal apreciação vai ao encontro da opinião de Silva Neto, para quem “quanto mais cultos são os indivíduos mais se acercam de uma língua geral, padrão, quer estejam no Brasil, em Timor, em Goa, em Angola ou em Portugal” (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 23).

Figueiredo (2012, p. 45), por sua vez, analisando a *variável extralinguística escolaridade*, cuja influência na marcação plural do sintagma nominal do português reestruturado vem, segundo afirma, se tornando cada vez mais relevante em Almocharife, São Tomé, informa que, “na década de 70, a ilha possuía já uma eficiente cobertura escolar [sic] a nível do território”. E com a mesma argumentação aplicada por Silva Neto ao PB, acerca da “planificação” da escolaridade sobre as demais variedades, o autor também ressalta que, “este aspecto terá contribuído para que, de certa forma, o português reestruturado falado pelos núcleos urbanos e pelas comunidades rurais isoladas se nivelasse, eliminando-se bipolarizações entre fala de ambas, sobretudo [sic] a nível das gerações mais novas e mais escolarizadas da ilha” (FIGUEIREDO, 2012, p. 45).

Isso quer dizer, tanto em relação aos dados e argumentos fornecidos por Mota, Miguel e Mendes (2012), quanto aos apresentados por Figueiredo (2012), comparados com o que dizia Silva Neto (1986 [1950], 1960), que os falantes dessas variedades preocupam-se com um domínio linguístico próximo daquele que se tem denominado *Português Standard* (PST), e que, portanto, tais aspectos vêm confirmar o que afirma Figueiredo (2012, p. 61), de “como é forte a influência da variável escolaridade, levando os falantes a direcionarem o seu padrão linguístico no sentido da aplicação das regras de concordância de número plural”, que, como se sabe, é uma das características mais marcantes da diferença entre *Português Standard* e *Português Popular*, seja qual for a variedade nacional de que estivermos falando.

Embora com alguma variação, essas mesmas posições conceituais, como se viu, encontradas em Silva Neto e reforçadas pelos estudiosos contemporâneos da variação no português, podem também ser notadas no estudo do inglês em Labov, anos depois, (em relação a Silva Neto) para quem “*a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante*” (LABOV, 2008 [1972], p. 140, grifo nosso), porque, segundo Labov,

como forma de comportamento social, a língua naturalmente é de interesse para o sociólogo. Mas a língua pode ter uma utilidade especial para o sociólogo como um indicador sensível de muitos outros processos sociais. A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo (idem) (LABOV, 2008 [1972], p. 140).

Outra característica semelhante entre Silva Neto e Labov refere-se ao fato de ambos entenderem a posição social do indivíduo, assim como o contato e a interação dele com outros de classes sociais que não a sua, como de fator preponderante às causas da mudança de comportamento linguístico, o que, inclusive, pode ser a gênese de inovações e, portanto, de mudanças linguísticas; pois, de acordo com Labov,

O processo de mudança linguística pode ser considerado em três estágios. Na sua origem, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua propagação, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com forma mais antiga ao longo de uma regularidade pela eliminação de variantes concorrentes (LABOV, 2008 [1972], p. 152).

Já, segundo Silva Neto:

Assim, a classe social mais elevada tem função conservadora. Quando ela enfraquece, ou não existe, é menor a resistência às inovações e, portanto, maior a evolução. Desses conceitos ressalta claramente que o erro nada mais é do que uma inovação – logo repelida pela consciência da comunidade – ou um modo de dizer próprio ou característico de classe social abaixo daquela que se considera padrão (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 225).

Ou, quando explica, utilizando o conceito atual de *adoção* acerca do processo de variação e mudança, que é possível haver interpenetrações de uma variante em outra, isto é, da culta na popular ou vice-versa:

Não é absurda nem impossível a adoção de um vulgarismo pela língua geral, pois que a língua literária e língua popular andam sempre em interpenetrações; se a língua culta impõe ao falar descuidado muitas particularidades, é certo que também assimila muito vulgarismos (SILVA NETO, FLV 1946 [1938], p. 244).

A mesma ideia aparece em outro estudo de Labov sobre a variação linguística, desta vem em Nova Iorque, quando ele afirma que “pode-se dizer que os empregados das lojas de alto *status* não só copiam o prestígio de seu empregador – [como] também se sentem deliberadamente participantes deles” (LABOV, 2008 [1972], p. 68, nota 5). Silva Neto, por sua vez, diante da realidade social e linguística brasileira, sobretudo, no contexto do período colonial, afirma igualmente que

Dentre as várias comunidades linguísticas é natural que se considere padrão aquela que fica no topo social. Por consequência lógica os membros de cada estrato aceitam como ideal lingüístico o uso do estrato superior, que procuram seguir, imitando a fala de seus componentes, ou esforçando-se por assenhorar-se de suas normas. Procuram adaptar-se ao código de boa linguagem a fim de merecer boa reputação social (SILVA NETO, IELPB 1986 [1950], p. 225).

Em ambos os autores, nota-se a assertiva declarada de que a variante linguística da classe social superior, tida pelo imaginário social como a detentora de uma certa norma linguística padrão, é o parâmetro de imitação linguística das de outras classes sociais, seja porque aquela oferece maior “prestígio”, conforme Labov, em relação a esta, seja porque, oferece, “boa reputação social”, nos dizeres de Silva Neto. Mas que também o inverso é verdadeiro; ou seja, pode haver influência das variedades populares na variedade culta.

Acima de tudo, cumpre destacar que há uma afinidade *essencial* entre os conceitos de Silva Neto e os de Labov, qual seja: a de *buscar explicação sobre a variação e a mudança pela funcionalidade do sistema linguístico, entretanto, sem desprezar a visão sociológica para a explicação dos fatos, digamos, externos a ele*. Tanto a corrente linguística seguida por Silva Neto, de orientação Filológica Românica, cuja origem mais

próxima remonta a Hugo Schuchardt, quanto à sociolinguística laboviana estão convencidas de que é o fator humano, social, que estão no centro das discussões linguísticas.

Uma vez que, conforme entendia claramente Silva Neto, em relação às práticas negligentes da linguística oitocentista, ignoravam este importante motivo: “fator descurado – e, ao que nos parece importantíssimo[,] é o fato social”, porque “a língua, instrumento social [que é], foi-se adaptando à nova sociedade, pois como sabemos, ela caminha lado a lado com a história social” (SILVA NETO, LCC 1960, p. 258).

Diante, pois, desse cenário de consideração *sociolinguística* acerca do português, passemos, a seguir, à checagem do *eixo temático c*, em que os três autores objetos da comparação, apresentam:

c. A explicação não apenas linguística, mas, sobretudo, social para as questões da variação e mudança linguística.

De acordo com Schuchardt, “as formas antigas e novas distribuem-se, nos dialetos, não apenas segundo a idade dos falantes, mas também segundo seu sexo, educação, temperamento, enfim, segundo os mais diversos fatores” (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 43). O romanista alemão já afirmava, então, nesse contexto científico, não só a demonstração de uma *retórica de ruptura* (ALTMAN, 2004) como também uma atitude teórico-metodológica, enfim, epistemologicamente, *de fato* diferente da apresentada pela linguística desenvolvida no seu tempo, sob os parâmetros tanto do positivismo científico *neogramático*, quanto da, um pouco anterior, vertente de modelo **naturalista**, baseada na **teoria** biológica de August **Schleicher** (1821-1868) com sua *Sprachbaumtheorie*. Pois, nesse sentido, é clara a posição sociológica de Schuchardt frente à língua, quando ele afirma que “nosso tempo [referindo-se ao dele] concede à linguística o estatuto de uma

ciência histórica. Não enxerga mais a língua como um organismo natural, mas sim como um produto da sociedade” (SCHUCHARDT, 2010 [1885], p. 67). Muito pelo contrário. Schuchardt no capítulo X, *Sprachwissenschaft im Verhältnis zur Ethnographie, Anthropologie und Kulturgeschichte* [A Linguística em relação à Etnografia, Antropologia e a História Cultural]²⁵⁰, de seu *Brevier* diz que

Os grupos sociais não devem ser identificados de modo algum com os grupos de parentesco, eles têm, entre si, alguma relação frequente e íntima, mas não fixa e necessária. *Ela, a língua, não deve ser considerada como o resultado da mistura sanguínea*; eu já havia me manifestado há muito tempo contra este erro ofuscante (SCHUCHARDT, 1922, p. 274, grifamos).²⁵¹

Este posicionamento teórico do autor é de tal modo estabelecido, que implica até mesmo sua visão sobre os possíveis fatores da *mudança linguística*, que no seu parecer não podem ser dissociados do fator humano. Dizer isso atualmente parece ser óbvio, mas não no contexto científico em que Schuchardt atuava:

Uma visão clara sobre a *mudança linguística* só é possível quando nós não nos esquecemos de que ela é basicamente uma *mudança de falantes*, mas não no sentido antropológico, e sim no sentido etnológico. Que a raça, em si, exerce uma influência direta sobre a linguagem, isso não foi provado (SCHUCHARDT, 1922, p. 277).²⁵²

Não será mera coincidência encontrar os mesmos argumentos em Silva Neto, que diz: “a verdade é que a língua, longe de ser um organismo, é um produto social, é uma atividade do espírito humano” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 18), seguindo, desse modo, os mesmos passos do romanista alemão, antecipando, inclusive, o argumento metodológico

²⁵⁰ *Schuchardt-Brevier* - Ein Vademekum Der Allgemeinen Sprachwissenschaft (1922), da página 270 à 282.

²⁵¹ Tradução de: “Die sozialen Gruppen dürfen keinesfalls mit den Verwandtschaftsgruppen identifiziert werden, sie stehen zu ihnen in häufiger und inniger, aber nicht in fester und notwendiger Beziehung. *Man darf die Sprache nicht als eine Folge der Blutmischung ansehen*; ich habe mich schon längst gegen diesen blendenden Irrtum ausgesprochen” (SCHUCHARDT, 1922, p. 274, grifamos).

²⁵² Tradução de: “Eine klare Einsicht in die *Veränderung der Sprache* ist nur möglich, wenn wir nicht vergessen, daß sie im Grunde eine *Veränderung der Sprechenden* ist, aber nicht etwa in anthropologischem, sondern in ethnologischem Sinne. Daß die Rasse an sich einen unmittelbaren Einfluß auf die Sprache ausübe, ist unerwiesen” (SCHUCHARDT, 1922, p. 277).

sociolinguístico da relação entre estrutura social e estrutura linguística, ao afirmar que “o estudo linguístico de uma grande cidade pressupõe, como base indispensável, o estabelecimento de sua estrutura social e o levantamento das suas áreas” (SILVA NETO, 1960, p. 267), nestes termos, apoia-se também em Meillet para sustentar o argumento de que a estrutura linguística corresponde à estrutura social, conforme diz: “12 – Acentua Meillet que a estrutura linguística corresponde à estrutura social. Ora, a nossa sociedade semelha uma pirâmide em que os grupos sociais estão dispostos uns acima dos outros” (SILVA NETO, 2004 [1957], p. 22). Além de apresentar outras referências a essas relações estruturais entre língua e sociedade, conforme seguem as citações abaixo:

As línguas – já o dissemos noutro lugar – são o resultado de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente realizando aqui e além. O acúmulo e a integral realização delas depende quer das carências do próprio sistema linguístico, quer de condições sociológicas, pois como é sabido, a estrutura da sociedade é que determina a rapidez ou a lentidão das mudanças (SILVA NETO, 2004 [1957], p. 52).

Enfim, para Silva Neto chegava a ser óbvia a afirmação de que a linguagem variava de acordo com a classe social e com o grau de escolaridade do indivíduo, conforme ilustra o seguinte trecho: “Que a linguagem corrente varia de acordo com a classe social e o grau de instrução é verdade mezinha” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 25).

Desnecessário dizer que para Labov a estrutura social se reflete na linguagem e só o estudo da linguagem no contexto social revela aspectos fundamentais sobre ela. Pelo que vemos, não é apenas no domínio da perspectiva sociolinguística que tal afirmação faz sentido, pois no domínio Românico ou Filológico, representado aqui por Schuchardt e Silva Neto, também encontraremos fatores que explicam a diversidade e a mudança linguística, numa só palavra: que explicam a *heterogeneidade* por essa perspectiva da *natureza social da linguagem*, pois conforme observa Silva Neto, “no tocante à língua

corrente então nem se fala: é claro que o emprego varia com a classe social” (SILVA NETO, 1946, p. 32/ 2004 [1957], p. 25).

E para que não tenhamos dúvidas acerca das relações conceituais entre *Schuchardt-Silva Neto*, ou melhor, *Schuchardt* → *Silva Neto*, e quanto ao entrelaçamento da questão *língua e sociedade*, presentes nos trabalhos desses dois autores, basta verificarmos o que dizia Silva Neto sobre o mestre de Graz a respeito do problema em questão. Avaliava Silva Neto:

Ainda nos parece de flagrante atualidade esta sugestão de Schuchardt: “Nada contribuiria mais para o progresso dos estudos lingüísticos do que empreender a análise do corte vertical e do corte horizontal da língua. Trata-se, de um lado, de abranger e expor, no conjunto de seus fenômenos, um dialeto bem determinado, e, tanto quanto possível, o falar de uma só localidade; de outro, de acompanhar um fenômeno isolado, nas suas condições variadas, através de todos os dialetos, de estabelecer-lhe a base fisiológica e o domínio geográfico...” (*Brevier*, p. 328). (SILVA NETO, MFP 1988 [1952], p. 18).

O próprio Schuchardt, conforme também observou Silva Neto, falando de étimos difíceis, dizia que a dificuldade em desvendá-los consistia em que eles pertenciam a diversas classes. Silva Neto é mais explícito ainda quando defende que

Assim, longe de considerar-se a língua isoladamente, in abstracto, obteve-se considerável progresso ao encará-la, em conexão com outras ciências do homem, como um instrumento de intercomunicação social e humana. Essa integração parece-me de importância capital pois os fatos lingüísticos explicam-se, precisamente, pela vida social e psíquica do homem (SILVA NETO, 1960, p. 265).

Novamente o estudo do perfil, digamos *sociolinguístico*, do falante é ressaltado por Silva Neto como um fator de suma importância para os estudos lingüísticos, mesmo em um plano em que se coadunam aspectos históricos e sociais. O autor ilustra isso ao afirmar que seria preciso “a) determinar a natureza e origem da população estudada, a maior ou menor percentagem de raças e seu status social, desde o início até nossos dias” (SILVA NETO, 1960, p. 227). Fator que, conforme sabemos, é preponderante nos estudos variacionistas atuais, conforme preconiza Labov: “vamos examinar agora uma segunda dimensão da

variação linguística: a diferenciação dos falantes por seu status social” (LABOV, 2008 [1972], p. 139), e que se deve, por meio do estudo da língua, relacioná-lo sempre com o perfil social de seus falantes, conforme diz: “nosso foco será explícito e diretamente sociolinguístico, e a conclusão vai considerar de modo mais geral os meios pelos quais o estudo da língua e o estudo da sociedade podem interagir” (LABOV, 2008 [1972], p. 139).

Evocando as ideias sistematizadas pelo programático *Empirical Foundations for Theory of Language Change* (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968 [1964]), texto que, sabemos, abriu “um profícuo caminho para análise da dimensão sócio-histórica do fenômeno linguístico e para a consideração da variação linguística no seu processo histórico de constituição” (LUCCHESI, 2006, p. 85), Labov, contraditando a tese de que a língua encerra um conjunto de regras estruturadas e homogêneas afirma que:

Os procedimentos da linguística descritiva se baseiam na concepção da língua como um conjunto estruturado de normas sociais. No passado, era natural considerar essas normas como invariantes, compartilhadas por todos os membros da comunidade de fala. No entanto, estudos mais detalhados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos em variação sistemática que reflete tanto a mudança temporal quanto os processos sociais extralinguísticos (LABOV, 2008 [1972], p. 140).

O trabalho em *Martha's Vineyard*, uma ilha na costa de Massachusetts, em que Labov investigou aquilo que viria a chamar de *a motivação social de uma mudança sonora*, demonstrando que as pessoas mais ligadas à comunidade local eram as mesmas que mantinham a pronúncia tradicional (LABOV, 2008 [1972], p. 13-62), evidenciou, dentre outras ocorrências, que o /r/ pós-vocálico apresentava “variável linguística definida pelos limites geográficos da ilha” e que em algumas áreas a retroflexão estava diminuindo e, em outras, aumentando; ocorrências como essas, segundo Labov, devido às suas “implicações sociais”, chamavam a atenção e não poderiam “ser negligenciadas” (LABOV, 2008 [1972], p. 27). Assim como, a averiguação feita por Labov sobre a

mudança que se dava “na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/” na comunidade da Ilha, cuja “distribuição de suas variantes nas diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos”, correlacionada ao “complexo, padrão linguístico com diferenças concomitantes na estrutura social” levou-o à constatação de que havia um “mecanismo geral da mudança linguística” (LABOV, 2008, [1972], p. 19). Esses fatos e suas conclusões aparecerão, desde então, sempre como paradigmáticos nos estudos sobre variação e mudança:

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas agindo como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008 [1972], p. 21, sublinhamos).

Silva Neto apresentou dados da pronúncia do PB (não sem relacioná-los com o PE), em que também argumenta – embora não se expresse exatamente assim – no sentido de que tais *pressões sociais da comunidade* sejam preponderantes para *que ela ocorra*. Vejamos:

A mudança de *-e* final para *-i* acarretou uma série de palatizações mais ou menos pronunciadas à proporção que se baixa ou se sobe na escala social: *fonti*>*fontši*, *morti*>*mortši*, *poti*>*potši*, *podì*>*podši*, *verdadi*>*verdadši*; *Chili*>*Chilhi*, etc. (SILVA NETO, 1986 [1950], p.162, sublinhamos).

A mesma argumentação a respeito da *pressão social* ocorre neste outro trecho:

O arquifonema palatal em que se transformou o *s* pré-dorsal final de sílaba acarretou o aparecimento de uma fímbria vocálica, mais acentuada à proporção que se baixa ou sobe na escala social: *rapaiš* ou *rapaiz*, *deiš* ou *deiz*, *noiš* ou *noiz*, *luiš* ou *luiz*, etc. (SILVA NETO, 1986 [1950], p.162, sublinhamos).

Também são as *ondas linguísticas* (*Wellentheorie*), conforme se viu, conceito antecipado por Schuchardt e Schmidt, e reelaborado por Bailey²⁵³, que, segundo Labov,

²⁵³ Ver capítulo anterior.

também explicam o fenômeno social da mudança linguística a partir de uma determinada hierarquia social, uma vez que:

1. Uma mudança linguística começa como padrão característico de local de um determinado grupo social, situado no interior da hierarquia social. 2 A mudança pode ser acelerada por seu uso como uma afirmação simbólica de direitos e privilégios locais, defendendo o grupo original de encontro às reivindicações por novos grupos que entram na comunidade (LABOV, 1994, p. 300).²⁵⁴

E do mesmo modo que Silva Neto, à sua maneira, dá testemunho da mudança em curso de /l/ para /w/, no Português do Brasil, em palavras como *Brasil* e *carnaval*, (SILVA NETO, 1986 [1950])²⁵⁵, Labov também apontou para o que chama de *os efeitos sociais da mudança linguística*, no qual apresenta testemunho pessoal a respeito desses efeitos, demonstrando que “*all of us have suffered from the effects of language change in one way or another*” [todos nós sofremos com o efeito da mudança]:

1. Os efeitos sociais da mudança linguística

Pode ser útil lembrar a todos os leitores deste trabalho que, de uma maneira ou de outra, todos nós sofremos com os efeitos da mudança linguística. [...] Minha geração chamava de caixa de gelo uma caixa de gelo, uma vez que fosse usada para armazenar um bloco de gelo antes de ser elétrica, mas a geração dos meus filhos insistiu em chamá-lo de refrigerador e restringiu o uso de caixa de gelo para o compartimento que faz cubos de gelo. Pessoas da minha idade também serão ridicularizadas, talvez, mais maliciosamente, por chamar algo de “massa” ou “bacana”, termos que agora estão marcados como irremediavelmente antiquado, caso não sejam usados ironicamente (LABOV, 2001, p. 04).²⁵⁶

Concluída a análise comparativa desse eixo temático, passemos, agora, ao próximo.

²⁵⁴ Tradução de: “1. A linguistic change begins as local pattern characteristic of a particular social group, located at the interior of the social hierarchy. 2 The change may be accelerated by its use as a symbolic claim to local rights and privileges, defending the original group against claims by new groups entering the community”.

²⁵⁵ Precisamente, Silva Neto afirma que “contra estas tendências (e mais a de vocalizar o *l* velar: *Brasiu*, *carnaval*, etc.) levanta-se com muita força o ensino escolar” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 163).

²⁵⁶ Tradução de: **The social effects of language change**/ It may be useful to remind every reader of this work that all of us have suffered from the effects of language change in one way or another. [...] My generation called an ice box an *ice box*, since it used to hold a block of ice before it was electrified, but my children’s generation insisted on calling it a *refrigerator*, and confined the use of “ice box” to the freezing compartment that makes ice cubes. My age group will also be ridiculed, perhaps, more slyly, for calling something “swell” or “nifty”, terms that are now marked as hopelessly old-fashioned unless they are used ironically (LABOV, 2001, p. 4).

d) *Variação situacional de uso da língua*

O eixo temático que diz respeito à *variação situacional de uso da língua* nos faz perceber que tanto Hugo Schuchardt, quanto Silva Neto e Labov insistem nessa característica tão peculiar à língua falada, porque há, sociologicamente, uma tendência na conversação que é a de os mesmos indivíduos empregarem variedades diferentes de língua em *situações diferentes* de interlocução (BURKE, 1995). Na concepção de Schuchardt,

A diversidade da língua, nesse sentido, foi mais do que a diversidade de classes instruídas [ou não], devido à diversidade de oportunidades. O mesmo homem se vale de uma língua latina, se conversa com os escravos sobre as compras para um banquete; de outra se, em um bilhete, convida um amigo; ainda de outra se escreve ode à glória de um príncipe ou da amada. O que se diz da sintaxe, aplica-se ao léxico (SCHUCHARDT, 1866, p. 33).²⁵⁷

O excerto acima e o seguinte parecem traduzir uma ideia sociolinguística bastante moderna, porque demonstra que Schuchardt possuía consciência aguçada sobre “quem fala qual língua para quem e quando”, para usarmos uma definição atual de Fishman (1965)²⁵⁸; e, além disso, avançava a compreensão contemporânea, que em Linguística Histórica é muito bem sintetizada por Campbell (1999, p. 195), de que “mudanças muitas vezes começam com variação, com meios alternativos de dizer a mesma coisa com entrada na língua”²⁵⁹, ou seja, de que a *variação pode levar à mudança linguística*,

Cada um fala de modo diverso se faz um discurso em público ou se conversa a respeito de assuntos cotidianos. Ele usa dois dialetos? Tais diferenças, semelhantes em todas as línguas, são também encontradas desde o início em Roma, não eram, portanto, de natureza dialetal; mas, provavelmente, serviu de base para a divergência do latim, mais tarde, em dois dialetos (SCHUCHARDT, 1866, p. 49).²⁶⁰

²⁵⁷ Tradução de: “Die Verschiedenheit der Sprache nach dieser Richtung hin war mehr, als durch die Verschiedenheit der Bildungsklassen, durch die Verschiedenheit der Gelegenheiten bedingt. Derselbe Mann bediente sich eines anderen Lateins, wenn er sich mit seinem Sklaven über die Einkäufe zu einem Gastmahle berieth, eines anderen, wenn er durch ein Billet einen Freund auf seine Villa einlud, eines anderen, wenn er eine Ode zur Verherrlichung eines Fürsten oder einer Geliebten dichtete. Ziemlich dasselbe, wie für das Syntaktische, gilt für das Lexikalische”.

²⁵⁸ Citado por Burke (1995, p. 17).

²⁵⁹ Tradução de: “changes often begin with variation, with alternative ways of saying the same thing entering the language”.

²⁶⁰ Traduziu-se de: “Ein Jeder spricht anders, wenn er einen öffentlichen Vortrag hält, als wenn er über Alltägliches conversirt; bedient er sich darum zweier Dialekte? Solche Differenzen, die wie in jeder Sprache,

Silva Neto, por seu turno, observava que “o *estilo* (uso individual da língua) variava [refere-se ao latim] não só segundo a classe social, mas também segundo as circunstâncias” (SILVA NETO, 1946, p. 31/ 2004 [1957], p. 24). O autor completava em nota a seguinte informação: “podemos distinguir *estilo corrente* (espontâneo, despreocupado) e *estilo literário* (artistificação consciente)”, ou, referindo-se ao português diz que “a língua portuguesa é falada em Portugal e no Brasil. Tanto de um lado como de outro há diferença de lugar para lugar e de classe social para classe social. Pelo que entendemos, e temos argumentado, é o que se tem chamado atualmente pela Sociolinguística contemporânea como *variação diafásica* e é registrado pelo filólogo brasileiro como *estilo*. Basta comparar, nesse sentido, o quadro de Silva Neto com o de Preti, por exemplo, que expomos mais adiante.

A noção de *estilo* como um dos aspectos envolvendo a questão da *variação linguística diafásica* não é nova. Na história recente da disciplina, ela remete pelo menos à pré-institucionalização da Sociolinguística como campo de investigação da linguística norte-americana. John Joseph (JOSEPH, 2004) afirma que, desde a morte de Sapir (de 1939 em diante), em um momento em que o *mainstream* da investigação linguística havia sido ocupado pela análise estruturalista do sistema linguístico particular das línguas, com especial atenção à análise fonêmica de seus sistemas sonoros, foi organizado em 1958 um Simpósio sobre “Linguagem e Estilo”, realizado em Cambridge, Massachusetts. Nele, reuniu-se uma série de investigadores da linguística, da psicologia e dos estudos literários para explorar uma gama de temas relacionados com o “Estilo”, um conceito considerado de amplo escopo e de larga definição para os fins da reunião. Vários dos artigos publicados no volume de 1960, editados por Thomas Albert Sebeok (1920-2001), se tornariam

so auch in der Rom's von Anfang an sich vorfanden, waren also nicht dialektischer Natur; wohl aber beruhte auf ihnen das spätere Auseinandergehen des Lateins in zwei Dialekte”.

clássicos, mas provavelmente o mais influente, observa Joseph, foi um de coautoria do psicólogo Roger Brown (1925-1997) e um linguista com interesses voltados à análise de textos literários, Albert Gilman (1923-1989).

O artigo deles, "Os pronomes de poder e solidariedade" [The Pronouns of Power and Solidarity], apresentou a distinção entre pronomes familiares e diferencial de lugares (Espanha *tu/Usted*, Francês *tu/vous*, Alemão *du/Sie*, etc.) como um sistema para estabelecer e manter relações interpessoais diretamente incorporadas na gramática (JOSEPH, 2004, p. 59).²⁶¹

O trabalho é uma crítica implícita à visão estruturalista do sistema linguístico como autônomo e distante das políticas sociais da *parole*. É uma reminiscência da depois esquecida concepção da linguagem de Vološinov, como arena da luta de classes, com exceção ao fato de que Brown & Gilman consideram apenas as relações interpessoais e não o quadro político mais amplo (JOSEPH, 2004). Eles mostram como as formas do tipo-*tu* são usadas para manter pessoas socialmente inferiores em seus lugares, mas também para manifestar terna intimidade de uma criança ou um amante, a solidariedade política de alguém com seus pares, ou uma ligação pessoal com Deus, conforme observou Joseph (2004). Pode, em outras palavras, ter a função de quebrar as fronteiras sociais entre indivíduos, tanto quanto mantê-las, o significado de cada expressão de ser dependente do contexto político circundante.

Labov (2008 [1972]), em *O estudo da língua em seu contexto social*, examinando questões da *variação na fala e na comunidade de fala*, analisa o trecho de uma entrevista realizada com o “porta-voz de um grupo de pré-adolescentes negros no centro-sul do Harlem, na cidade de Nova York. Ele reconhece aí a necessidade de se trabalhar com a noção de “variantes estilísticas”, já que o referido informante trazia em sua fala usos

²⁶¹ Tradução de: “Their paper, ‘The Pronouns of Power and Solidarity’, presented the distinction between familiar and deferential pronouns of address (Spanish *tu/Usted*, French *tu/vous*, German *du/Sie*, etc.) as a system for establishing and maintaining interpersonal relations that is directly embedded into grammar”.

alternados entre o chamado “Inglês Vernacular Negro” [*Black English Vernacular* – BEV] e o “Inglês-Padrão” [*Standard English* – SE]. Por *variação estilística* Labov entende “alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 312). Neste sentido, além de propor uma definição de estilo, Labov faz uma reflexão sobre a existência de mais de um deles na prática usual da língua: “Que é um estilo senão um subcódigo distinto, e quando é que temos dois deles?” (LABOV, 2008 [1972], p. 222).

Para responder a essa questão, Labov considerou, dentre os principais “axiomas metodológicos” de sua pesquisa, o pressuposto de que há em toda fala “*alternância de estilo*”, uma vez que “não existe falante de estilo único”. Isso porque, de acordo com Labov, “alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e tópico” (LABOV, 2008 [1972], p. 243).

Além de que essa alternância se dá em um *continuum* estilístico, indo, muitas vezes, da exibição de “padrões fonológicos e gramaticais irregulares, com um grande volume de ‘hipercorreção’”, à “fala mais sistemática, onde as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística podem ser vistas mais claramente” (LABOV, 2008 [1972], p. 243-4).

Já Silva Neto, talvez em um dos trechos mais emblemáticos sobre a *variação situacional de uso da língua* encontrada sua obra, afirma que “[...] a língua corrente é, como se sabe, variável segundo as pessoas, *as circunstâncias*, os tempos e os lugares” (SILVA NETO, 1986 [1950], p. 21, grifamos). Considerando a abordagem sociolinguística laboviana, resumida no seguinte excerto:

Nosso primeiro problema é determinar os aspectos do contexto social da língua que se vinculam mais estreitamente com a mudança linguística. *Poderíamos começar com um retrato completo do contexto social imediato do evento de fala [...] Consideraríamos todas as relações vigentes entre falantes interlocutores, audiências e habitantes dos domínios sociais do evento de fala (escola, igreja, trabalho, família...)* (LABOV, 2008 [1972], p. 326-7).

Podemos afirmar que Silva Neto, de um lado, apresenta considerações extremamente importantes entre a estrutura social e linguística, e de outro, entre suas relações. Mesmo que esse não tenha sido para ele um campo de atuação, ou uma prática pela qual passaria a ser reconhecido, é preciso que se traga à tona suas principais ideias a esse respeito. Passemos, então, à última aproximação conceitual entre os autores estudados, que diz respeito à:

e) *estratificação social e uso da língua.*

De acordo com a avaliação de Černý (1998, p. 412)²⁶², a razão principal da aparição da sociolinguística e o motivo fundamental de todas as investigações respectivas consistem na verdade de que na língua se reflete, de certa maneira, a chamada “estratificação social”, ou seja, a filiação dos falantes a distintas classes, estratos e grupos sociais.

William Labov, segundo Černý (op. cit.), se ocupou das estruturas da sociedade americana, ao distinguir *lower class*, *working class*, *lower middle class*, *upper middle class* e *upper class* (em português aproximadamente: classe baixa, classe trabalhadora, classe média baixa, classe média alta e classe alta), sem negar que entre essas classes há também diferenças linguísticas. Mas demonstra claramente que essas diferenças não correspondem exatamente à estratificação social (os limites linguísticos não correspondem às chamadas socioglossas), deduzindo delas uma fina análise geral das mudanças linguísticas (ČERNÝ, 1998). Vemos, por isso, de acordo com Labov, que: “*O grau de instrução é a única escala*

²⁶² Cf. ČERNÝ, Jiří. *Historia de la Lingüística*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1998.

objetiva que poderia diferenciar os grupos na mesma ordem de prestígio [...]” (LABOV, 2008 [1972], p. 69).

Nos estudos que realizou sobre a estratificação sociolinguística em Nova York, Labov chegou à conclusão de que:

É difícil examinar a distribuição social da língua em Nova York sem se deparar com o padrão de estratificação social que permeia a vida da cidade [...]: a estratificação social é produto da diferenciação social e da avaliação social. O uso deste termo não implica qualquer tipo específico de classe ou casta, mas simplesmente que os mecanismos da sociedade produziram diferenças sistemáticas entre certas instituições ou pessoas, e que essas formas diferenciadas foram hierarquizadas em *status* ou prestígio por acordo geral (LABOV, 2008 [1972], p. 64-5).

Silva Neto, em relação ao PB enxergava o mesmo problema, conforme se conclui de seu argumento:

É das mais complexas a estrutura social de uma grande cidade. [...] Encarada sob o aspecto demográfico, o ponto saliente de uma metrópole é o seu rápido e constante crescimento, devido principalmente à imigração vinda de todas as partes do Estado ou no caso da Capital, País (SILVA NETO, 1960, p. 267).

O filólogo carioca enxergava uma certa tendência homogeneizadora entre os dialetos sociais utilizados pela classe média urbana, que estava relacionada à própria estrutura econômica e demográfica, características, das grandes cidades, conforme argumentou:

A área urbana é o centro da classe média, aquela que ocupa as profissões liberais, os melhores cargos públicos, a direção das indústrias e das casas comerciais. Linguisticamente falando esse grupo tende para o português normal, isto é, a língua empregada pelos brasileiros cultos e ensinada nas escolas primárias e secundárias (SILVA NETO, 1960, p. 267).

Conforme se observa da análise que empreendeu e das conclusões a que chegou, Silva Neto esboçou um excelente quadro sociolinguístico, até muito condizente com as atuais abordagens realizadas por estudos nacionais ou estrangeiros:

A *área suburbana*, embora também habitada pela classe média, caracteriza-se, em geral, por um poder econômico bem mais fraco. É também o centro do

proletariado e da classe sub-média: não surpreende que, sob o aspecto linguístico, esse grupo mostre tendência para o *plebeísmo*, ou seja, um tipo de linguagem menos cuidado, em que menos se pode sentir a poderosa ação da escola. É aí o reinado das gírias (SILVA NETO, 1960, p. 267-8).

No entendimento de Černý (1998), ao lado dessas classes, desde cedo, em qualquer sociedade existem também várias camadas e grupos sociais. Podem ser numerosos, e muitas vezes se caracterizam também por certa variante da língua nacional que difere de todas às demais variantes. Como é de conhecimento, há três critérios fundamentais que servem para classificá-las: é o ponto de vista geográfico, social e funcional ou contextual. Como a análise deixou entrever, nosso autor abordou cada uma delas, tendo, com isso, antecipado a agenda das pesquisas de campo que a geografia linguística e a sociolinguística brasileiras viriam, futuramente, a estabelecer. Muito provavelmente, os autores comparados não são hápax no seu contexto de atuação científico-acadêmico, mas para o caso examinado, convém afirmar que Silva Neto apresentou enormes contribuições.

Foi justamente o que este capítulo procurou demonstrar, na aproximação que fez de alguns conceitos teóricos que estão presentes nas obras dos autores acima referidos. Verifica-se com isso que há uma sequência, uma continuidade que, modernamente, iniciada na Romanística, e representada aqui por Schuchardt, será utilizada por Silva Neto, e, atualmente, ainda que equivocadamente conferida com exclusividade a Labov, antes, encontra neste a forma mais bem acabada de sua formulação metodológica, não necessariamente teórica.

Conforme se vê, pelo que já demonstramos ao longo do trabalho, e agora com maior força, Labov, assim como Silva Neto, se inscreve numa importante mudança de paradigma, ele não é seu iniciador.

Em resumo teríamos o seguinte quadro:

Quadro síntese conceitual-comparativo entre H. Schuchardt, S. Silva Neto e W. Labov (Q. 8)

Eixo temático-conceitual	Schuchardt	Silva Neto	W. Labov
<i>a) caracterização dos crioulos como uma configuração linguística que acelera vários processos sistemáticos de mudança linguística</i>	X	X	X
<i>b) a influência social e linguística (irradiação) dos falantes de classes sociais mais elevadas sobre os demais</i>	X	X	X
<i>c) a explicação não apenas linguística, mas, sobretudo, social para as questões da variação e mudança linguística</i>	X	X	X
<i>d) a variação situacional de uso da língua</i>	X	X	X
<i>e) a estratificação social e uso da língua.</i>		X	X

[Quadro 8 - Síntese conceitual-comparativo entre H. Schuchardt, S. Silva Neto e W. Labov]

Fonte: autoria própria

Cumprir afirmar que, obviamente, esse quadro poderá sofrer, no futuro, alterações, uma vez que a obra de H. Schuchardt ainda é pouco conhecida e explorada entre nós, necessitando de outras traduções, além daquelas com as quais trabalhamos, a de Paixão de Sousa (2010a), mais as traduções de passagens curtas, médias e longas que realizamos de algumas de suas obras.²⁶³

Contudo, os resultados até agora alcançados deram-nos excelente amostra das ideias linguísticas de **Hugo Schuchardt** em comparação com as de **Silva Neto** e a de **Labov**, indicando-nos que as *concepções linguísticas* dos dois primeiros são atuais e próximas aos dos parâmetros sociolinguísticos modernos, a despeito de não os cobrirem totalmente (e nem deveriam), já que cada autor apresenta objetivos imediatos diferentes da

²⁶³ Tais como, H. Schuchardt, *Der Vokalismus des Vulgärlateins*, vol. I, 1866; *Über die Klassifikation der romanischen Mundarten* [Probe-vorlesung gehalten zu Leipzig am 30 april 1870], 1900; *Slawo-deutsches und Slawo-italienisches*, 1884; '[Rez. von:] Ferdinand de Saussure, Cours de linguistique générale, publié par Ch. Bally et Alb. Sechehaye, avec la collaboration de Alb. Riedlinger'. In: *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 38: 1-9, 1917; *Hugo Schuchardt-Brevier*, Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft. Ed. por Leo Spitzer, 1922, [2ª ed. rev., 1928].

de seus *predecessores*²⁶⁴ e dialogam com atores sociais em contextos científicos específicos à suas épocas.

Extraídos alguns exemplos das obras dos autores estudados, a partir dos eixos analisados (cf. Tabelas *a*, *b*, *c*, *d* e *e*), observou-se a proximidade conceitual entre eles. Conclui-se, então, que embora temporal e espacialmente separados e filiados a correntes teóricas e metodológicas distintas, os trabalhos desses autores contribuem para a construção do conhecimento, ainda que de forma não linear e assistemática; alcançando, assim, resultados significativos para o desenvolvimento das pesquisas nas ciências da linguagem, em diferentes campos de atuação.

Quais são as possíveis explicações dessas proximidades? Nos dois próximos itens, apresentaremos algumas (pelo menos duas) respostas presumíveis. Deverão existir outras.

5.4.1. A crise do positivismo como elemento comum

Mas por que Labov, assim como Silva Neto (teremos Schuchardt como ponto de convergência) apresentam características tão semelhantes em algumas de suas concepções teóricas? Primeiramente porque ambos se inscrevem numa importante mudança de paradigma, não sendo eles seus iniciadores. Pode-se dizer que a observação da espessura temporal dos estudos linguísticos, nos últimos séculos, leva-nos a afirmar com Sériot (2015) que “nas ciências da linguagem, o início do século XX é marcado, em graus diferentes, em todos os países da Europa [incluímos por extensão o Brasil], por uma

²⁶⁴ Para uma discussão do emprego do termo em *História das Ideias Linguística*, ver Chiss e Puech (1995), que falam sobre a diferença entre *predecessor* (ordem empírica de sucessão) e *precursor* (referido à unidade, campo disciplinar homogêneo). Segundo os autores: “A figura do predecessor, na ordem empírica da sucessão, confunde-se com aquela do ‘precursor’/ fundador, por dar lugar a uma apreensão unificada, homogênea do campo da disciplina, considerada na variedade de seus domínios, de seus ramos e de seus interesses”. [La figure du prédécesseur, dans l'ordre empirique de la succession, se confond donc avec celle du « précurseur » / fondateur, pour donner lieu à une appréhension *unifiée, homogène* du champ de la discipline saisie dans la variété de ses domaines, de ses branches et de ses intérêts] (CHISS e PUECH, 1995, p. 112).

reviravolta de envergadura: a *crise do positivismo*, cujo episódio mais conhecido é a ‘querela das leis fonéticas’” (SÉRIOT, 2015, p. 93), conquanto não seja o único.

No capítulo precedente, apresentamos algumas das várias respostas dos romanistas para tal crise; aqui acrescentamos outras, também com o propósito de sinalizar este como sendo um elemento comum aos autores comparados: **o fator da crise do positivismo**. Hugo Schuchardt, na Áustria, com a noção de *mistura linguística*, ou *mescla de línguas* (*Sprachmischung*) para quem “entre todas as questões com as quais a linguística de hoje tem lidado, não há de maior importância do que a da mistura de línguas [...]” (SCHUCHARDT, 1884, p. 03) ²⁶⁵, como já havia afirmado alhures, associou a ela a noção de *Wellentheorie*, em oposição à da “árvore genealógica” (*Stammbaumtheorie*), de August Schleicher.

Na Itália, aparece o embrionário método geográfico de Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907), a partir de seus *Saggi Ladini* de 1873, que será seguido por Matteo Bartolli (1873-1946) e Giulio Bertoni, denominados *neolinguistas*. Mais do que outros, este método é uma decorrência da *geografia linguística* herdada de Ascoli (BASSETO, 2013). Com ele, os neolinguistas responderão com a ideia de irradiação de um centro rumo à periferia, tentando romper com o quadro restritivo dessa problemática imposta pelo positivismo.

Na França, os estudos dos dados dos *Atlas*, feitos por Jules Gilliéron (1854-1926), seus discípulos e colegas, mostraram muitos problemas antes ignorados ou apenas mencionados pela escola dos Neogramáticos. Nesse contexto, não se pode esquecer

²⁶⁵Tradução de: “allen Fragen mit welchen die heutige Sprachwissenschaft zu thun hat, keine von grösserer Wichtigkeit ist als die der Sprachmischung [...]”. In: SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Dem Herrn Franz von Miklosich zum 20. November 1883; Slawo-deutsches und Slawo-italienisches*. Graz: Leuschner & Lubensky, 1884.

também do importante trabalho de Karl Vossler (1872-1949), *Positivismus und Idealismus in der Sprachwissenschaft*, de 1904.

Inspirado na filosofia de Benedetto Croce (1866-1952)²⁶⁶, a quem a obra é dedicada, e aplicando o método idealista, Vossler afirma haver uma *divisão positivista da linguística*, a qual ele combate: “*Die positivistische Einteilung der Sprachwissenschaft*” (VOSSLER, 1904, p. 6). No capítulo primeiro da obra, *Methodologischer und metaphysischer Positivismus*,²⁶⁷ Vossler alerta seu leitor para o que ele entende por *positivismo e idealismo*, a saber:

Sob a denominação de *positivismo e idealismo* não quero que entendam dois sistemas filosóficos diferentes ou grupos de sistemas diferentes, mas, a princípio, apenas dois aspectos fundamentais da nossa faculdade cognitiva. Quero dizer instruções, inclinações, tendências, não funções cognitivas. Nossa divisão entre positivismo e idealismo não tem a ver com a dicotomia cognitiva entre sensibilidade e compreensão, intuição e abstração, empirismo e metafísica de qualquer natureza que seja (VOSSLER, 1904, p. 1).²⁶⁸

Ou seja, todas elas eram as tendências em relação às abordagens linguísticas que estavam em questão, e que, no caso, até aquele momento, tais abordagens convergiam para um tratamento positivista da linguagem. O próprio Silva Neto, em *Língua Cultura e Civilização* (1960), em enfoque historiográfico dado à referida *crise positivista*, apontou a obra de Vossler como “revolucionária” daquele contexto; e como tendo sido também influenciada por Hugo Schuchardt. Dispensável dizer que Silva Neto, igualmente, se identificava com ambos. Em Moraes (2008) abordamos o tema.

Karl Vossler, em quem convergiam as influências de Schuchardt e de Croce, destruía os últimos fundamentos filosóficos dos néo-gramáticos. Em seu livro histórico, *Positivismus und Idealismus in der Sprachwissenschaft* o Mestre

²⁶⁶ Para maiores detalhes sobre a filosofia de Croce e sua relação com a filosofia de Hegel e o idealismo na linguística, ver Moraes (2008, p. 37-39).

²⁶⁷ *Positivismo metodológico e metafísico*.

²⁶⁸ Tradução de: “Unter Positivismus und Idealismus will ich nicht zwei verschiedene philosophische Systeme oder Gruppen von Systemen, sondern zunächst nur zwei Grundrichtungen unseres Erkenntnisvermögens verstanden wissen. Ich sage: Richtungen, Neigungen, Tendenzen, nicht etwa Funktionen des Erkenntnisvermögens. Unsere Scheidung in Positivismus und Idealismus hat mit der Zweiteilung des Erkenntnisvermögens in Sinnlichkeit und Verstand, Anschauung und Abstraktion, Empirie und Metaphysik nicht das Geringste zu tun” (VOSSLER, 1904, p. 1).

alemão diz que a Filologia Românica, preocupada exclusivamente com os fatos, parecia uma ceifeira, agachada, incapaz, portanto, de apreciar, com vista perdida nos largos horizontes, a beleza da seara (SILVA NETO, 1960, p. 46 apud MORAES, 2008, p. 38-9).

Ou ainda, como na seguinte avaliação, em que dizia que

Karl Vossler foi um revolucionário na Ciência da Linguagem. Nos fins do século XIX, com a preocupação de reconstruir o indo-europeu e com o dogma das leis fonéticas inflexíveis, a Ciência da Linguagem ameaçava estagnar-se. Foi quando, em 1904 e 1905, apareceu o jovem Karl Vossler, com dois livrinhos de combate: *Positivismus und Idealismus in der Sprachwissenschaft* (Positivismo e Idealismo na Linguagem) (SILVA NETO, 1960, apud MORAES, 2008, p. 37).

No caso de Labov, boa parte de sua obra é uma resposta ao programa gerativista, que tem dado, desde a década de 50 do século XX, um tratamento *matematizado* para as ciências da linguagem – para usarmos uma expressão cara a Aurox (2012)²⁶⁹ –, tratamento esse que se assemelha à abordagem positivista do final do século XIX, na abstração que esta também faz do sujeito falante. Como se sabe, o trabalho de militância de Labov, já havia se iniciado um pouco antes, na década de 60, no clássico texto *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968), época em que foram estabelecidos os pressupostos teóricos da Teoria da Variação e da Mudança, conforme ficou evidente no capítulo anterior desta tese.

Com o que expomos acima, queremos demonstrar que tanto Silva Neto quanto Labov filiam-se, cada um a seu modo e em seu contexto histórico e científico específicos, às correntes de **ideias linguísticas** em que a controvérsia do problema da variação e da mudança está atrelada à questão social. Com isso não se quer dizer que não tenha havido desde há muito tempo programas de investigações sociais e linguísticas, dentro ou fora das

²⁶⁹ Sobre a *Matematização da linguística e natureza da linguagem*, ver Aurox (2012). Com base em Aurox (op. cit.), podemos dizer que a formalização no tratamento da linguagem, tal como vem sendo feita pelo gerativismo, é sinônimo de *matematização da linguística*: “o sucesso institucional da gramática gerativa foi decisivo para a extensão do domínio” (AUROUX, 2012, p. 12); ao passo que, “seu lado dinâmico (variações e mudanças linguísticas) resta ainda como um amplo terreno para ser explorado” (idem, ibidem, p. 93), cujos domínios, acrescentamos nós, poderíamos estender tanto às teorias filológicas no campo da Romanística, quanto às teorias Sociolinguísticas de modelo variacionista.

ciências da linguagem, que procuraram dar a devida importância para o tema; antes, é preciso reconhecer que cada um dos programas não se apresenta senão sob a forma de uma *fisiologia particular* a cada contexto de ideias e objetivos específicos aos quais estão circunscritos.

5.4.2. Proposta de uma complexa rede referencial

Mas também é preciso que não ignoremos as relações, ainda que indiretas, apresentadas entre Schuchardt, Silva Neto e Labov, cujo ponto de intersecção, neste caso, encontra-se em Weinreich, professor e orientador de Labov, cuja influência sobre ele é patente, e que é citado explicitamente pelo segundo, Silva Neto, quanto ao conceito de *efeito de gatilho*. Vimos que a ligação entre Schuchardt e Silva Neto é direta e visível em cada citação que o filólogo brasileiro faz do mestre de Graz.

Mas em que ponto encontraríamos a relação entre Schuchardt e Labov? Fora o que já levantamos e apresentamos acima. A primeira explicação não será anulada pela segunda, antes, será completada por ela. Entretanto, o problema não é de fácil resolução, contudo avançaremos essa outra possível explicação, que do ponto de vista do encadeamento das ideias linguísticas, é mais do que plausível. Ela intersecciona-se novamente em Weinreich.

A explicação encontra-se no próprio depoimento de Labov (a ponta do fio de Ariadne!) a respeito da formação que teve sob os cuidados de Weinreich, e sobre como foi construído o famoso artigo a encargo de Weinreich, de Herzog e dele mesmo. Ao detalhar as partes a que cada um ficou responsável em *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística], de 1968, Labov diz que tudo “foi encaixado numa visão mais ampla da história da linguística, que foi exclusiva da erudição de Weinreich” (LABOV, 2008 [1972], p. 15). Ainda segundo o mesmo depoimento de Labov (op. cit.),

Na primavera de 1967, quando se deu conta de que lhe restava pouco tempo de vida, Weinreich se dedicou com grande energia à revisão final daquele ensaio. Em suas últimas semanas de vida, Weinreich reelaborou a introdução ao ensaio de um modo que capta claramente sua visão geral da natureza da linguagem e a relação da linguagem com a sociedade. Tal introdução postula o tema principal deste volume melhor do que qualquer passagem de minha própria autoria (LABOV, 2008 [1972], p. 15).

A informação é corroborada por Kim & Labov (2011) em *Uriel Weinreich and the study of language contact in Switzerland, 1951 – 2011*²⁷⁰:

Nos últimos meses de vida, Weinreich escreveu a primeira parte de "Empirical Foundations for a theory of language change" [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança de linguística] (Weinreich, Labov & Herzog, 1968). Este artigo estabeleceu, nos dias atuais, os princípios para o estudo da variação e mudança linguísticas através do trabalho de campo em comunidades de fala, assim como a aplicação de tal pesquisa para linguística histórica. Ele anunciava o nascimento do que hoje é chamado de abordagem variacionista para o estudo da linguagem (KIM & LABOV, 2011, p. XIX).²⁷¹

Pressupomos que, como detentor de tal erudição, ainda que Weinreich não tivesse feito referência alguma a qualquer ideia de Schuchardt e, em especial, à sua forte oposição contra os Neogramáticos, assim como às suas avançadas ideias sobre as relações entre língua e cultura, língua e sociedade nessa obra seminal da sociolinguística moderna, que são os *Fundamentos empíricos...* (1968), definitivamente, ele não podia desconhecer-lo. Ainda mais, tratando, como Weinreich tratou, em sua tese de doutorado, de um tema tão caro ao mestre de Graz – o contato linguístico – e de ter escrito posteriormente uma obra que foi um marco no estudo do multilinguismo e no das línguas em contato: *Language in contacts: Findings and Problems* (1953), e além de tudo, ter domínio da língua alemã. Seu trabalho de doutoramento, que realizou com base em pesquisas de campo, contém um

²⁷⁰ *Introduction*. In: WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland*. With an introduction and notes by Ronald I. KIM and William LABOV. Amsterdam: John Benjamins, 2011. A presente obra é a reprodução da tese doutoral de Weinreich, *Research Problems in Bilingualism with Special Reference to Switzerland*, de 1951, defendida na Universidade de Columbia, sob a orientação de André Martinet (1908-1999).

²⁷¹ Tradução de: "In the last months of this life, Weinreich wrote the first third of "Empirical Foundations for a theory of language change" (Weinreich, Labov & Herzog, 1968). This article laid out the principles for the study of linguistic variation and change through fieldwork in present-day speech communities, as well as the application of such research for historical linguistics. It heralded the birth of what is now called the variationist approach to study of language" (KIM & LABOV, 2011, p. XIX) .

relatório detalhado sobre o contato linguístico existente na Suíça na primeira metade do século 20, especialmente ao longo da fronteira linguística entre o francês e o alemão, e entre o alemão e o romanche no Cantão dos Grisões (Graubünden) (ver WEINREICH, 2011 [1951]).

Toda essa discussão, inevitavelmente, leva-nos à leitura de suas obras; tanto a tese de doutoramento: *Research Problems in Bilingualism with Special Reference to Switzerland*, de 1951, quanto a *Language in contacts: Findings and Problems* (1953). E o que encontraremos lá? As referências a Hugo Schuchardt. Como, por exemplo, quando, no primeiro texto da tese, Weinreich discutiu os problemas relacionados àquilo que definiu como *Borrowing of bound morphemes* [Contração de morfemas fronteirços]. Ele entendia que

Raras como são as instâncias de empréstimo formal dos morfemas fronteirços, seria incorreto negar a sua existência; mas é essencial seguir Schuchardt, tal como ele tem tido cuidado, para com todos os casos examinados. Schuchardt, como Whitney, acredita que o empréstimo de sufixos isolados é "possível, mas improvável" Contudo, ele não viu nenhuma forma de explicar tais morfemas como o -kh plural Caucásico em Armênio, ou o -iw em Armênio instrumental na Geórgia, de qualquer outra forma que não seja a por empréstimo (WEINREICH, 2011, [1951], p. 50).²⁷²

Além de outras questões, dentre as quais, a do velho problema que toda discussão sobre contato linguístico traz à tona: a da interferência e do real alcance dos *substratos* linguísticos. Aí, novamente Weinreich referiu-se a Schuchardt quando disse que:

Esses são fatores essenciais para o estudo da formação de substratos. "Acredita-se geralmente", diz Schuchardt (243, pp 528f.), "que a língua original sempre 'sobressai' através de quem a recém-adquire; mas quais de seus lados, que parte

²⁷² Tradução de: "Rare as the instances of formal borrowing of bound morphemes are, it would be incorrect to deny their existence; but it is essential to follow Schuchardt as to the care with which all such instances are examined. Schuchardt, like Whitney, believed the borrowing of isolated suffixes to be 'possible but improbable'; yet he saw no way to explain such morphemes as the Caucasian plural -kh in Armenian, or the Armenian instrumental -iw in Georgian, in any other manner than by borrowing" (WEINREICH, 2011, [1951], p. 50).

dela? Nós temos que saber a história do povo para decidir se AI deve ser interpretado como AI ou Ia’.” (WEINREICH, 2011[1951], p. 62).²⁷³

Referência que Weinreich completa, deslocando a discussão do problema para o plano sociocultural: “Se o estudo de caso concreto deve mostrar que, sob condições socioculturais específicas, certos tipos de empréstimos ou de sobrevivência são possíveis (mas não em outros), então pode ser possível reconstruir situações sociais do passado com a ajuda de evidência lingüística diferente, principalmente, a de empréstimos linguísticos culturais” (WEINREICH, 2011[1951], p. 62).²⁷⁴

Ou ainda quando, em tom de crítica, discute a interferência do sistema fonético da língua-mãe na percepção dos pesquisadores de campo desses mesmos sons estrangeiros, que, linguisticamente, eles acabavam confundido, Weinreich afirma que “Schuchardt sequer formulou o problema adicional de erros na interpretação dos erros dos estrangeiros” (WEINREICH, 2011 [1951], p. 43).²⁷⁵

Há também referências a Schuchardt em *Language in contacts: Findings and Problems* (1953), que, basicamente, se resumem ao problema da interferência gramatical de uma língua na outra (ver. WEINREICH, 1979 [1953], p. 29, 68).

Como podemos observar ao longo deste capítulo, muitos são os pontos de contato entre os conceitos. Cumpre, ainda, reportar o trecho em que Weinreich demonstra de modo elucidativo conhecer a posição de Schuchardt, a quem reputa como grande estudioso,

²⁷³ Tradução de: Those are essential factors in the study of the formation of substrata. “It is generally believed”, says Schuchardt (243, pp. 528f.), “that the original language always ‘protrudes’ through the newly acquired one; but which of its sides, which part of it? We have to know the history of the people to decide whether AI is to be interpreted as AI or Ia’” (WEINREICH, 2011[1951], p. 62).

²⁷⁴ Tradução de: “If study of actual case should show that under specific sociocultural conditions, certain types of borrowing or survival are possible (but not under others), then it may be possible to reconstruct social situations of the past with the help of linguistic evidence other than mainly cultural loanwords” (WEINREICH, 2011[1951], p. 62).

²⁷⁵ Tradução de: “Schuchardt has even formulated the further problem of errors in the interpretation of foreigners’ errors” (WEINREICH, 2011 [1951], p. 43).

erudito [scholars], embora reconheça também seu isolamento frente aos outros estudiosos sobre a questão das *línguas em contato*, que é reproduzido da seguinte maneira:

Contato gera imitação e imitação gera convergência linguística. A divergência linguística resulta de separação, estranhamento, afrouxamento de contato. Apesar dos esforços de alguns grandes estudiosos, como Hugo Schuchardt, a investigação até agora tem favorecido o estudo da divergência em detrimento da convergência (WEINREICH, 1979 [1953], p. VIII).²⁷⁶

Enfim, com todas essas referências entre os autores relacionados, queremos demonstrar, fechando o capítulo, que não é sem razão que os temas, os conceitos, os argumentos, enfim, as ideias são tão próximas e apresentam algo em comum. Pelo que sabemos, até o momento, ninguém estabeleceu esta complexa relação entre os autores estudados, que poderia ser representada da seguinte maneira:

[Esquema 3: *Proposta de uma complexa rede referencial*]

Fonte: autoria própria

As relações não são diretas e nem antecipadamente dadas, por isso mesmo não são fáceis de serem comprovadas. Mas pelo que pudemos expor, elas são válidas. Essa complexa rede de ligações referenciais e, conseqüentemente, conceituais, representada aqui em escala bastante reduzida, poderia também contribuir para a explicação da proximidade entre três autores, Schuchardt, Silva Neto e Labov, aparentemente, tão distantes entre si.

Para uma síntese dos eixos temáticos aproximados e das obras utilizadas para o desenvolvimento do presente capítulo, seguem as seguintes tabelas:

²⁷⁶ Tradução de: “Contact breeds imitation and imitation breeds linguistic convergence. Linguistic divergence results from secession, estrangement, loosening of contact. In spite of the efforts of a few great scholars, like Hugo Schuchardt research has so far favored the study of divergence at the expense of convergence” (WEINREICH, 1979 [1953], p. VIII).

(T2) **Eixos temáticos de conceitos comparados**

- a. *caracterização dos crioulos como uma configuração linguística que acelera vários processos sistemáticos de mudança linguística;*
- b. *a influência social e linguística (irradiação) dos falantes de classes sociais mais elevadas sobre os demais;*
- c. *a explicação não apenas linguística, mas, sobretudo, social para as questões da variação e mudança linguística;*
- d. *a variação situacional de uso da língua.*
- e. *a estratificação social e uso da língua.*

Tabela 2 – Eixos temáticos dos conceitos comparados

Foram compulsadas as seguintes obras:

Autores	Obras	Ano
H. Schuchardt	<i>Der Vokalismus des Vulgärlateins</i> , vol.I	1866
H. Schuchardt	<i>Zeitschrift für romanische Philologie</i> , 5	1881
H. Schuchardt	<i>Literaturblatt für germanische und romanische Philologie</i> 6,	1883
H. Schuchardt	<i>Schuchardt contra os Neogramáticos</i>	1885
H. Schuchardt	<i>Kreolische Studie IX, Über das Malaio-Portugiesische von Batavia und Tugu</i>	1890
H. Schuchardt	Hugo Schuchardt - <i>Brevier</i> , Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft	1922
S. Silva Neto	<i>Fontes do Latim Vulgar</i> (O Appendix Probi)	1946
S. Silva Neto	<i>Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil</i>	1950
S. Silva Neto	<i>História do Latim Vulgar</i>	1957
S. Silva Neto	<i>Língua, Cultura e Civilização</i>	1960
W. Labov	<i>Padrões Sociolinguísticos</i> [Sociolinguistic Patterns]	1972
W. Labov	<i>Principles of Linguistic Change – internal factors</i> , vol. I	1994
W. Labov	<i>Principles of Linguistic Change – social factors</i> , vol. II	2001

Tabela 3 - Obras consultadas para estabelecer os conceitos relacionados

Terminada esta última análise, passaremos à finalização do trabalho, com a apresentação da conclusão em que reiteraremos os principais pontos discutidos no percurso da tese, além de avançar outros que servirão de aporte para uma reflexão final.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho nosso objetivo foi demonstrar que, *entre os anos 40 e 50 do século XX, portanto, vinte anos antes da formação do ramo da linguística que, modernamente, foi denominada Sociolinguística, Serafim da Silva Neto, no conjunto de sua obra, apresentou subsídios para a configuração de uma teoria sobre a variação e a mudança linguística.*

Foi confirmada nossa **tese** de que Serafim da Silva Neto elaborou, no transcurso desses mais de vinte anos de atuação científica, conceitos relacionados à variação e à mudança linguística, tendo como referência as três áreas de investigação a que esteve ligado: a Filologia Românica; a Crítica Textual (edição de textos medievais portugueses) e o conhecimento de Gramáticas Antigas, tanto latinas como portuguesas. Em cada capítulo deste trabalho, levantamos elementos que a comprovaram.

O **corolário** principal desta tese é o de que *as ideias sobre a variação sempre estiveram presentes nos estudos linguísticos do Ocidente, ainda que de maneira não continuada e assistemática. Foi essa permanência prolongada e a ideia de que a heterogeneidade é inerente à língua, que conformaram o pensamento contemporâneo, incluindo o do nosso autor e o expresso em obras que surgiram a partir dos anos 60 do século XX e configuraram o ramo da linguística denominado como Sociolinguística.*

Entretanto, não se pode firmar que os autores – os antigos, os gramáticos latinos, os gramáticos portugueses e brasileiros, os romanistas Hugo Schuchardt e Silva Neto e os sociolinguistas contemporâneos, principalmente Labov – manifestam precisamente as mesmas ideias, quando arrazoam sobre variação e mudança. Afiançar o contrário disso seria incidir em grave erro epistemológico e historiográfico. A base de fundo pode ser a mesma, e na verdade o é, caso não fosse, não poderíamos nem ao menos comparar e nem

aproximar suas ideias, mas os objetivos imediatos que cada um dos autores apresenta têm as suas especificidades.

Labov, como é de conhecimento geral, estudou as variedades do inglês não padrão, particularmente de porto-riquenhos e negros da cidade de Nova Iorque. A sociolinguística que ele desenvolveu se opõe ao estudo da linguagem que focaliza apenas a forma, ignorando as características dos sujeitos falantes (como ocorre no gerativismo). Partindo do pressuposto estabelecido desde 1968, em texto escrito em parceria com Weinreich e Herzog, Labov reconheceu que a língua é um sistema inerentemente heterogêneo e ordenado. Ele demonstrou por meio de vários estudos, até mesmo antes de 1968, que a competência linguística do falante comporta a heterogeneidade da língua e, também, que não existe falante de estilo único. Além disso, verificou que as formas variantes funcionam como portadoras de significado social, o que é relevante ao contexto desta tese.

No que diz respeito à relação *variação* e *mudança*, as pesquisas de Labov têm como premissa a ideia de que o processo de mudança, inerente às línguas, não é uniforme nem instantâneo. Por isso, os processos de mudança não ocorrem em bloco, isto porque a mudança linguística não é o movimento de um sistema inteiro que passa a ser outro, mas o movimento de um conjunto de fenômenos variáveis dentro de um mesmo sistema. O que ocorre é que os fenômenos em mudança *se encaixam* no sistema sem que ele precise mudar por completo, ou seja, o sistema continua estruturado enquanto muda, de forma que os falantes continuam se comunicando sem prejuízo para a interação e sem notar a mudança.

Explicação semelhante, no contexto da Romanística e da Filologia Portuguesa, Silva Neto deu à formação do romance. De acordo com ele, a fase do romance, estágio intermediário entre o latim e as línguas românicas, representaria uma cesura, uma transição

em que os estratos sociais e linguísticos foram desintegrados e, em seguida, reintegrados de maneira diferente.

A compreensão de que nem tudo o que varia na língua sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação é um dos pontos de contato entre as ideias de Silva Neto e as de Labov, embora tal ideia não pareça ser genuinamente do sociolinguista norte-americano, mas oriunda do já referido texto que ele escreveu em 1968 em parceria com Weinreich e Herzog. De qualquer modo, a noção de que a mudança decorre da variação está presente em ambos.

Outro ponto que une o pensamento linguístico de Labov ao de Serafim da Silva Neto é a preocupação com dados sociais. Silva Neto, por exemplo, ao explicar a questão da formação histórica do português como língua românica, afirmou que ela era oriunda de várias modalidades, ou, de vários *sermos* do latim, dentre eles, o vulgar.

Assim, o horizonte mais próximo de Silva Neto, e em torno do qual se discutem questões ligadas não apenas à *variação geográfica*, mas também à *variação social*, é o do latim em sua extrema dialeção, que deu origem, ao longo dos séculos, ao conjunto das línguas românicas. Vimos que, para Silva Neto, *as línguas são resultados de complexa evolução histórica e se caracterizam, no tempo e no espaço, por um feixe de tendências que se vão diversamente efetuando em uma parte e em outra*. Mas, o mais relevante para a nossa tese, é a sua afirmação de que a mudança de uma língua – o autor emprega a palavra *evolução* – explica-se, principalmente, *pela descontinuidade da transmissão e pela própria constância do uso*. Então, segundo essa concepção do autor, a variação leva à mudança.

Para ele, como vimos no capítulo quatro, *as línguas estão em perpétua mudança, embora só o repouso seja facilmente perceptível*, essa expressão, aliás como muitas outras, é decalcada de Schuchardt. Nota-se, portanto, a partir dessa concepção, que, para Silva

Neto, a mudança é imperceptível aos falantes, é gradual e inevitável, devido à *deriva* da própria língua, entendida pelo autor como um feixe de tendências gerais e pressupostas, que, a depender da situação cultural e social dos falantes, poderia ser precipitada ou retardada.

É munido dessa concepção de *deriva linguística* que Serafim da Silva Neto demonstrou particular interesse pela discussão em torno do – na sua expressão – “espinhoso problema da língua do Brasil”, ou seja, da discussão em torno da língua praticada no Brasil, e de sua eventual denominação, que, para ele, como sabemos, era a *língua portuguesa no Brasil*.

Preocupado em esclarecer o mal-entendido a respeito da origem do PB, isto é, se ele provinha de um tipo de *crioulo* ou *semicrioulo* dos tempos coloniais, Silva Neto procurou elementos dos mais diversos em nossa sócio-história a fim de rechaçar a hipótese de que havia uma língua brasileira. Nessa busca, sua concepção de *deriva linguística* (aliás, herdada de Edvard Sapir), viria a funcionar como uma ferramenta contra os argumentos em favor do substrato indígena e africano, atribuídos, segundo ele, indevidamente, ao PB. O argumento de Silva Neto era de que as diferenças entre o PE e PB estavam pressupostas na deriva da própria língua, e não porque o PB incorporava a todo tempo os mais diversos elementos linguísticos dos chamados *aloglotas*. Seu outro principal argumento recaiu sobre a estratificação social da língua, que teria havido desde sempre (suas referências aos gramáticos latinos, aos Padres da Igreja e aos gramáticos luso-brasileiros seguem neste sentido), e não apenas na ideia da variação geográfica ou regional. Aliás, de suas ideias, esta (a da variação geográfica ou regional), foi a que, até hoje, mais alcançou repercussão entre os estudiosos.

Diante desta constatação, esperamos que, de algum modo, nossa tese tenha contribuído para lançar maiores luzes ao problema, indicando que *também há na obra de Serafim da Silva Neto o tratamento da variação social*. Do mesmo modo, esperamos ter demonstrado que, no seu tempo, o autor disponibilizou aos estudiosos do PB elementos suficientes para uma discussão informada a respeito da heterogeneidade linguística do PB, inclusive, do ponto de vista de sua sócio-história e do antigo problema da língua brasileira.

Em relação a este problema, o do português brasileiro, Serafim da Silva Neto entendia que o contato de falantes do português com os *aloglotas* teria acelerado a sua mudança em relação ao PE, mas a ação da escola e da cultura letrada poderia coibir ou até mesmo abortar esses processos de mudança que estão em curso, desde que houvesse a preocupação por parte da elite intelectual brasileira em manter o patrimônio cultural herdado, por meio da modalidade escrita da língua, de seu ensino gramatical, e de seu caráter tradicional e conservador, que representariam formas que estariam acima de todas as variedades sociais e regionais. Todavia, como se sabe, essas posições foram rejeitadas depois da difusão das ideias da Sociolinguística, mas foram avaliadas anacronicamente porque, como vimos, embora estivesse preocupado com o problema da língua brasileira, Silva Neto também tratou de questões de ordem sociais relativas à língua.

Além disso, se levarmos em consideração a premissa de que, em sua totalidade, uma língua, não encerra apenas uma variedade ou outra do idioma, ou, de que ela não consiste tão-somente em aspectos dialetais do mesmo idioma, mas que, no seu conjunto e na sua complexidade, isto é, diante de todo o aparato histórico-cultural herdado e envolvido na sua dinâmica, a língua também deve ser reconhecida como representante de uma tradição gramatical escrita, ainda que, neste último caso, sua tendência seja mais à

conservação do que a possíveis mudanças, então, neste caso, podemos dizer que Silva Neto tinha razão.

Em resumo, as concepções linguísticas de Serafim da Silva Neto sobre variação e mudança também estão intimamente ligadas às discussões do problema da língua portuguesa no Brasil, mas, para ele, a relação entre *unidade* e *diversidade*, *homogeneidade* e *heterogeneidade* não eram fatores excludentes que não pudessem ser aplicados à mesma língua. É com essa premissa que o filólogo entendia a relação do PB com o PE.

A preocupação com a formação do PB também explica o fato de que a construção de uma *teoria variacionista* no conjunto de sua obra vá sendo concebida gradativamente, enquanto ele enfrentava o problema da língua do Brasil. Entretanto, essa *concepção variacionista*, conforme demonstramos no capítulo 2, em essência, já estava instituída no quadro de seus estudos sobre a língua latina (*Fontes do latim vulgar: o Appendix Probi*, 1ª edição, foi dado a lume em 1938), ainda que, apenas depois, viesse a ganhar contornos mais definitivos em IELPB (1950).

Enfim, seguindo a evolução de seu trabalho, notamos que a noção de variabilidade linguística está bem estabelecida no conjunto teórico constituído por ele e é representada pelos diversos níveis de linguagem, ou, para utilizarmos sua própria metalinguagem, de vários “graus de linguagem”. Vê-se, então, que não é apenas o latim ou o português que variam, e sim as línguas.

Partindo, primeiramente dos estudos sobre a dialeção do latim, e em segundo momento, da diversidade linguística portuguesa e, depois brasileira, Silva Neto chega à noção geral de que não apenas a variação é inerente às línguas, mas, também – o que é mais importante, do ponto de vista de nossa tese –, a afirmação de que a língua varia de

acordo com a classe social de quem a usa, conforme procuramos ressaltar no segundo, terceiro e quinto capítulos.

Sabemos que há muito que investigar sobre o autor, pois suas ideias repercutiram e repercutem ainda hoje. Tomemos como exemplo a averiguação do alcance de suas ideias linguísticas entre os autores contemporâneos, isto é, a verificação de seu *horizonte de prospecção*, principalmente em relação ao tema aqui discutido.

A abrangência do *horizonte de prospecção* de Serafim da Silva Neto é bastante ampla. Só para citarmos alguns autores, cujos trabalhos, de algum modo, estiveram mais ligados ao tema aqui desenvolvido, vejamos a lista a seguir. Trata-se de Celso Cunha (1975), Penha (1970) Penha (1975), Celso Cunha & Lindley Cintra (1985), Preti (1982), Elia (1988), Mattos e Silva (2004), Viaro (2008), Paixão de Sousa (2010b), Bortoni-Ricardo (2011) e Cruz (2012). Um trabalho dessa natureza, em que se investiguem as ideias linguísticas de Silva Neto, no alcance que teve sobre as noções de *variação* e *mudança* será muito importante e está em nossa perspectiva de estudos futuros.

No capítulo quatro e cinco desta tese, vimos que no campo da Romanística a principal referência de Silva Neto, em relação às ideias sobre *variação* sobre *mudança* linguísticas aqui discutidas foi, precisamente, Hugo Schuchardt, romanista do final do século XIX e início do XX, a quem, avaliadores como Fought (1982), não hesitaram em denominar como o representante, no plano material e funcional, de estudos comparáveis à da sociolinguística de hoje, inclusive em sua relação desarmônica com o sistema teórico dominante. Embora esta avaliação esteja longe de ser unânime.

Talvez um dos motivos que contribuam para que Schuchardt não venha a ter o reconhecimento que mereça, tanto nas teorias linguísticas gerais quanto nas Histórias da Linguística já escritas, mesmo tendo sido, como vimos, um dos principais introdutores, nos

estudos linguísticos modernos, da heterogeneidade como parte do funcionamento da língua, seja aquele que Baggioni (1988) observou, em ensaio historiográfico que escreveu sobre o debate entre ele – Schuchardt – e Meillet, a respeito do parentesco das línguas. Baggioni (op. cit.) apresenta como uma das causas desse não reconhecimento o fato de Schuchardt nunca ter publicado, sob sua responsabilidade, uma obra de síntese que pudesse se tornar um livro de linguística geral ou um manual de introdução à linguística, que mostrasse o estatuto da disciplina a partir de seu ponto de vista. A lacuna deixada pela falta desse tipo de publicação entre seus escritos afetou substancialmente a maneira como os estudiosos posteriores avaliaram sua obra.

No caso de Silva Neto, pode-se dizer o mesmo. Ele não escreveu nenhum manual de linguística em que esclarecesse sua visão em relação ao problema da variação e da mudança. Tudo o que lemos a respeito do assunto, está disperso no conjunto de sua obra, ou relacionado diretamente a outros problemas, como, por exemplo, o do estatuto da língua portuguesa do Brasil.

Ressaltamos no quarto capítulo, que, no texto inaugural da *Teoria da Variação e da Mudança* (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), seus autores ignoraram as ideias de Schuchardt, não obstante o fato de Weinreich, o líder do grupo, ter conhecimento de sua obra, principalmente a de caráter crioulista, e de citá-lo em *Languages in Contact* (1953), conforme demonstramos no quinto capítulo.

A par dessa constatação, e do que apresentamos no capítulo cinco, de que, por um lado, há uma intersecção entre Schuchardt e Weinreich, e de que, por outro lado, há o conhecimento de Silva Neto em relação às ideias dos dois linguistas, assim como, também existe a familiaridade de Labov com relação às ideias de Weinreich e, por intermédio deste, com as ideias de Schuchardt, esperamos ter demonstrado a existência de uma

complexa rede referencial entre esses autores, e de que tal rede possa ser considerada como a base da hipótese de que há uma gênese comum que, em parte, poderia explicar as semelhanças conceituais, principalmente, entre Silva Neto e Labov. Sabemos, no entanto, que essa hipótese não é a única a nos fornecer tais pistas.

Pelo que demonstramos, principalmente nos capítulos quatro e cinco, entendemos que Schuchardt foi muito além de ter simplesmente *aberto uma trilha para os futuros estudos sobre a variação linguística*, como alguns estudiosos modernos entendem, reduzindo, assim, seu quinhão de importância (ver. Faraco, 2007 [1991]) na construção e no desenvolvimento das ideias linguísticas da área. Muitos são devedores de seus conceitos, inclusive Bailey (1973), o autor contemporâneo da *teoria das ondas*, que, conforme evidenciamos no capítulo quatro, demonstrou ter afinidade com suas ideias linguísticas. Acreditamos que o mestre de Graz foi um autor que esteve muito à frente de seu tempo, e que teorizou de modo consistente e sistemático as relações entre língua e sociedade, naturalmente, por ele integradas a aspectos socioculturais e políticos mais amplos. Silva Neto, como vimos, assumindo boa parte de sua orientação teórica e metodológica, procurou fazer o mesmo entre nós.

Devemos reconhecer que foi Schuchardt um dos primeiros estudiosos a dar atenção sistemática aos *pidgins* e *crioulos*, línguas emergentes em situação de contacto e de cujos estudos se podem tirar inúmeras contribuições para a compreensão dos fenômenos linguísticos em geral. Esse último aspecto, também, ficou demonstrado no quinto capítulo deste trabalho; porque, conforme explanamos, Schuchardt procurou, estudando os crioulos, para ele, contatos de línguas ou mescla de línguas [*Sprachmischung*], extrair ideias linguísticas gerais sobre o contato e sobre a variação e mudança na linguagem, estabelecendo-lhes uma relação de implicação.

Portanto, não é falta de reconhecimento, em si, que é o maior infortúnio na recepção às ideias ou ao legado de Schuchardt para a linguística contemporânea, embora este também seja um grave problema, mas sim as restrições feitas às suas ideias, como se fosse possível, por exemplo, requerer de um estudioso da passagem do século XIX para o XX as mesmas concepções linguísticas contemporâneas. É o que se pode pressupor da crítica de Faraco (2007 [1991]),

Cabe ainda ressaltar que, em sua gênese, nosso trabalho partia da hipótese de que Silva Neto, *efetivamente, havia configurado uma teoria da variação linguística*. Entretanto, ao longo de nossas leituras e de maior contato com a sua obra – se não lemos tudo, pelos menos compulsamos grande parte do que o autor escreveu a respeito do assunto –, assim como, depois de ter tido maior contato com a leitura das obras dos autores por ele citados, enfim, depois de haver analisado parte do que se configurou como seu *horizonte de retrospectão*, verificamos que a resposta seria negativa. Para chegarmos a tal conclusão, isto é, para que essa hipótese pudesse ser comprovada, entendemos que algumas questões deveriam ser respondidas, tais como:

- 1) dentre os conceitos apresentados, o que definitivamente provinha da lavra do autor?
- 2) o que não era de sua lavra, procedia de quais autores?
- 3) dos conceitos que eram propriamente seus e dos que eram de autores diversos, em que Serafim da Silva Neto havia contribuído, de modo significativo, para ter aprimorado ou reelaborado aspectos sobre as questões da variação, a ponto de podermos afirmar que ele teria *configurado uma teoria da variação linguística*?

Em relação a essas perguntas, depois de haver analisado os autores citados pelo filólogo, para o desenvolvimento das questões a respeito da variação linguística, chegamos

à conclusão de que Silva Neto, mais se insere numa *longa tradição de estudos sobre a heterogeneidade linguística*, do que apresenta uma teoria genuína sobre o assunto.

Não conseguimos encontrar respostas a elas, por isso não é possível afirmar que Silva Neto configurou uma teoria da variação e da mudança, entretanto, não se pode ignorar que no conjunto de sua obra encontram-se subsídios para a configuração de uma teoria nesse sentido.

Não se pode afirmar, entretanto, que descrever as variedades linguísticas sejam elas latinas, portuguesas, brasileiras ou das diversas lições manuscritas medievais portuguesas que estudou e estabeleceu, e extrair delas conceitos variacionistas, que tornamos possíveis cotejar e comparar em nosso trabalho, tenha sido a intenção inicial de Silva Neto, e que todos os passos que deu foram, manifestamente, neste sentido. Ao contrário,

o conhecimento linguístico parece ser um processo complexo, pluridirecional, cujas continuidades (e descontinuidades) só podem ser restabelecidas pelo historiógrafo da linguística, *a posteriori*, e muitas vezes, tentativamente, como no presente texto, a partir da perspectiva privilegiada do presente histórico (ALTMAN, 2009, p. 125).

Daí, preferirmos não afirmar *categoricamente* que Serafim da Silva Neto idealizou uma teoria da *variação e mudança* linguísticas, embora haja, conforme demonstramos, no conjunto de sua obra elementos suficientes para confirmá-lo.

Conforme vimos, o desenvolvimento dessas questões no horizonte do filólogo tem início, em termos cronológicos, com a sua referência aos gregos, os mais distantes, do ponto de vista temporal. Na introdução deste trabalho, mostramos que seu comentário em relação a Platão, no *Crátilo*, a respeito do conservadorismo na fala das mulheres, é bastante significativo para o tema aqui discutido. Do mesmo modo, seus estudos sobre o *latim vulgar* trazem comentários expressivos dos gramáticos latinos a respeito da variação na fala romana e na das demais províncias do Império Romano. Silva Neto também encontrou respaldo, para explicar o problema da variação e da mudança, nas várias obras da

gramatologia portuguesa, principalmente na de Fernão de Oliveira e na de Jerônimo Contador de Argote, assim como nas obras dos gramáticos brasileiros. Com os tratados dos ortografistas, a quem Silva Neto também reconhecia como gramáticos, ocorreu o mesmo. Não foi diferente com relação ao estudo dos textos medievais portugueses, assim como no campo da romanística. Foi o que procuramos ressaltar em vários itens do segundo, terceiro, e quarto capítulos, respectivamente.

Também observamos que suas opções teórico-metodológicas inclinaram-se mais ao método histórico-comparativo do que em direção ao método filosófico. Isso, aliás, ficou evidenciado nas escolhas feitas pelo autor, seja no âmbito da gramaticografia, seja no âmbito dos estudos romanísticos. Boa parte, por exemplo, das gramáticas que citou não eram de orientação filosófica. Salvo algumas exceções. Aparentemente, gramáticas deste último tipo foram rejeitadas pelo autor porque não se prestavam à análise dos problemas linguísticos e nem à investigação de questões históricas as quais ele estava interessado.

Reitera-se ainda que vários outros autores não foram aqui estudados devido à verticalização da pesquisa.

A dificuldade em visualizar na obra de Silva Neto as características linguísticas por nós descritas e analisadas decorre do fato de ele não ter escrito sequer um manual sobre o tema, e também de não ter escrito, digamos, uma obra linear, em que oferecesse sua visão direta sobre o problema. Se pudemos visualizar o que visualizamos, foi porque suas ideias sobre variação e mudança são, de algum modo, recorrentes e se conformam no conjunto de sua obra.

O problema é dos mais complexos. Se pensarmos, por exemplo, no caso de Labov – estudado comparativamente neste trabalho e, modernamente, considerado o mais importante autor nesses estudos –, como responsável pela autoria de uma teoria da variação

e da mudança, veremos, no mínimo, que não poderemos considerá-lo como alguém que tenha formulado sozinho essa teoria. Dizemos *sozinho* porque, conforme demonstramos no quinto capítulo, e não há porque duvidar – já que o testemunho é do próprio Labov –, boa parte do texto de 1968, é de autoria de Weinreich, principalmente os aspectos teóricos. Segundo o testemunho de Labov, Weinreich reelaborou a introdução do ensaio de um modo a captar *claramente sua visão geral da natureza da linguagem e a relação da linguagem com a sociedade*.

Dada a importância dessas informações a respeito da autoria, ou da contribuição de cada um dos autores no ensaio, podemos afirmar, até mesmo, que Labov não elaborou uma teoria da variação e da mudança, de fato. O que Labov fez, ao longo de sua obra, foi confirmar as hipóteses já levantadas neste texto de 1968, por meio de refinadas metodologias que desenvolveu sobre a variação e a mudança linguísticas. Neste último aspecto, o metodológico, aí sim haveria inovação.

Todavia, é o desaparecimento prematuro de Weinreich do cenário dos estudos linguísticos, associado à constante permanência de Labov, como articulador de um paradigma, que faz com que os contemporâneos, praticamente, atribuam toda a responsabilidade teórica do texto de 1968 a ele.

Entretanto, o percurso que seguimos nesta tese nos levou a ressaltar a relevância da obra de Serafim da Silva Neto, sobretudo, nos estudos da variação e da mudança linguística. No seu conjunto, a obra de Silva Neto traz importantes contribuições para o estudo da estratificação do português do Brasil, e não apenas sobre as variações dialetológicas ou regionais, como a leitura de seus principais estudos pode fazer acreditar. Vimos que há um forte discernimento por parte de Silva Neto, inclusive ilustrado com exemplos de estudos das diversas formas de variação, nos vários níveis linguísticos, de que

a diversidade ocorre em seus múltiplos aspectos: histórico, geográfico, social, situacional, individual, e até mesmo, segundo a modalidade, escrita ou falada.

Afirma-se isso porque este estudo tentou mostrar as ideias de Serafim da Silva Neto com base no conjunto de seus trabalhos e que, pelo que se conhece, não há outro que tenha tal abrangência. A necessidade dessa abrangência justificou-se pelo fato de as ideias acerca da variação permearem todo o trabalho do autor, o que descobrimos percorrendo textos dos diversos assuntos.

Parece ser sintomática do que afirmamos a recepção crítica que **Sílvio** Edmundo **Elia** (1913-1998), por exemplo, dispensou ao carácter “sociolinguístico” de uma das obras de Serafim da **Silva Neto** (1917-1960). Conforme verificamos, a partir de dois materiais compulsados e analisados (ELIA 1986 [1977]) e (1987), em um intervalo de dez anos, em lugares e momentos distintos, Elia não tratou do mesmo modo a menção que fez a Silva Neto.

Como atestam algumas passagens analisadas de “*Sociolinguística – uma introdução*” de 1987, Elia não franquiou a Silva Neto o mesmo grau/status de reconhecimento que, dez anos antes, havia dispensado ao colega, quando escreveu o texto de “orelha” de *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* (1986 [1950]) que, sob o ponto de vista da história das ideias linguísticas é, até o momento, a obra mais importante escrita sobre o PB.

Essas observações nos parecem relevantes porque, no nosso entender, o gênero/suporte “orelha” é mais marginal em comparação ao gênero/suporte livro. No primeiro (texto-orelha), no ano de 1977, Elia reconhece e afirma textualmente que *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil* é “obra precursora, que tanto pertence à Sociolinguística quanto à Etnolinguística” (ELIA, 1986 [1977], grifamos).

Entretanto, dez anos depois, no segundo (texto-livro), publicação característica dos *manuals de introdução e síntese*, neste caso, especialmente voltada à introdução da Sociolinguística, que, então, se estabelecia de forma mais sistemática e institucionalizada em nosso meio, pode-se afirmar que as referências a Silva Neto feitas por Elia foram enviesadas e não diretamente ligadas à *abordagem social* que o filólogo carioca dispensava às questões linguísticas, o contrário do que se poderia esperar, já que dez anos antes, Elia havia conferido ao colega o mérito de *precursor* desses estudos em nosso meio.

De todas as citações, um total de quatro, que Elia faz a Silva Neto neste livro, uma se refere à formação histórica do português, em relação ao galego, enquanto as outras três restantes dizem respeito aos falares crioulos, cuja temática Silva Neto empreendeu em seus estudos, ora em aproximação com Adolfo Coelho e Carolina Michaëlis, ora em aproximação com Hugo Schuchardt, reconhecidamente estudiosos pioneiros neste domínio, conforme mencionava Elia. Todavia, nenhuma citação aproximava Silva Neto aberta e deliberadamente aos estudos *Sociolinguísticos*, que eram, naquele momento, apresentados.

Pode-se dizer que *os ventos eram outros*? Talvez, O que se afirma tem todo o sentido para a história das ideias linguísticas. Não daria mesmo para Elia insistir no que havia dito Serafim da Silva Neto. Afinal, lembremos que não há na obra do filólogo carioca uma teoria ou metodologia explícita, pronta ou acabada sobre o problema da variação. Em todo caso, como se explicariam posições tão diferentes no intervalo de dez anos. Essa questão precisaria ser respondida e também merecerá a atenção em futuros projetos.

Enfim, procuramos ao longo deste trabalho demonstrar, em relação à hipótese aqui defendida, aquilo que Colombat, Fournier e Puech (2010, p. 12) afirmam sobre o trabalho

do historiador das ideias linguísticas. O historiador, precisamente porque é capaz de tornar manifesto estas duas características do conhecimento da língua, que é o esquecimento e a acumulação, cria igualmente as condições para uma reflexão aprofundada sobre o modo de ser desse conhecimento nas ciências da linguagem. Esta é uma das características epistemológicas importantes das ciências da linguagem, que devemos tentar entender.

Como ficou demonstrado, a atualidade desses autores – Schuchardt e Silva Neto – frente às questões por nós estudadas só parece acentuar cada vez mais aquela expressão que Bickerton empregou para apontar a importância do trabalho de **Hugo Schuchardt** em relação aos mesmos estudos. Bickerton, segundo Pereira (2006), dá ao papel precursor de Schuchardt um alcance que vai muito para além da atualidade. Diz ele: “Se as ideias de hoje estão lá [em Schuchardt], as ideias de amanhã também podem estar.” Adaptando tal avaliação para os nossos interesses, podemos dizer o mesmo em relação às ideias de **Serafim da Silva Neto**. Mas para que tenhamos a comprovação científica dessa assertiva, é preciso explorar melhor seu *horizonte de prospecção*, o que, obviamente, deverá ser feito em outro trabalho.

REFERÊNCIAS

a. Fontes primárias

I. Obras

SILVA NETO, Serafim da. *A língua portuguesa no Brasil. Problemas*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

SILVA NETO, Serafim da. *A Santa Vida e Religiosa Conversação de Frei Pedro: porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora.*, André de Resende. Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1947.

SILVA NETO, Serafim da. *Bíblia Medieval Portuguesa*: Texto apurado por Serafim da Silva Neto. Vol. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

SILVA NETO, Serafim da. *Diálogos de São Gregório* – Edição crítica, segundo os três manuscritos conhecidos, organizada e prefaciada por Serafim da Silva Neto, Fascículo 1. Coimbra: Atlântida, 1950.

SILVA NETO, Serafim de. *Falares Crioulos*. Coimbra: Editora Coimbra, Separata de **Brasília**, Vol. 5, 1949, p. 1-28.

SILVA NETO, Serafim da. *Fontes do Latim Vulgar* (O Appendix Probi). Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia/ Imprensa Nacional, 1946 [1ª ed. 1938].

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957 [1955].

SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957.

SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986a. [1ª ed. 1957].

SILVA NETO, Serafim da. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004 [1ª ed. 1957].

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional/ MEC-INL, 1950 [Col. Biblioteca Popular Brasileira XXIX].

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença/INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986b. [1ª ed. 1950].

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da filologia Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da filologia Portuguesa*. São Paulo. 2ª edição ampliada e revista por Evanildo Bechara e Joram Pinto de Lima. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

SILVA NETO, Serafim da. *Língua, Cultura e Civilização*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.

SILVA NETO, Serafim da. *Manual de filologia portuguesa – história, problemas, métodos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988. [1ª ed. 1952]. (Coleção linguagem, 6).

SILVA NETO, Serafim da. *Manual de Gramática Histórica Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

SILVA NETO, Serafim da. “O Crioulo de Surinam”. In: SILVA NETO, Serafim da *Língua, Cultura e Civilização*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960, p. 127-153.

SILVA NETO, Serafim da. “Problemas do português da América”. In: SILVA NETO, Serafim da. *Língua, Cultura e Civilização*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960, p. 247-274 [1ª ed. 1940].

SILVA NETO, Serafim da. *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas*. Rio de Janeiro: MEC/ Casa de Rui Barbosa Casa de Rui Barbosa, 1956.

II. Periódicos e Anais de Congresso

SILVA NETO, Serafim da. ‘A origem do dialeto brasileiro.’ (Apreciação do papel desempenhado pelos colonizadores lusos, e conclusão pela existência de um nivelamento lingüístico que se caracteriza pela arcaicidade e pela estagnação.) **Revista Filológica** - Ano II, n.º 9, ago. 1941, p. 45-49.

SILVA NETO, Serafim da. Resenha de *Notas de Raul Soares à Gramática de João Ribeiro*, de Mário Casassanta. *Revista Filológica* - Ano II, n.º 9, ago. 1941, p.88-90.

SILVA NETO, Serafim da. “Notas. *Bíblia Medieval Portuguesa*.” **Boletim de Filologia**, nº 7, Rio de Janeiro, 1947, p. 139-142.

SILVA NETO, Serafim da. *Parecer à comunicação L'évolution de la pronuntiation au Portugal et au Brésil du XVIe. siècle à nos jours*, de I. S. Révah. In : ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO. Realizado em Salvador, Universidade da Bahia, de 5 a 12 de setembro de 1956. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Biblioteca Nacional e Universidade da Bahia, 1958, p. 399-402.

a. Estudos

AGOSTINHO, Santo. Bispo de Hipona. *Confissões*. Trad. J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2011 (coleção Vozes de Bolso, p. 166-171).

ALLEN, Harold B. "The linguistic atlas of the upper Midwest – as a source of sociolinguistic information". In: ALLEN, Harold B.; LINN, Michael D. (Eds.). *Dialect and Language Variation*. Orlando, Florida: Academic Press, Inc, 1986

ALTMAN, Maria Cristina Salles. *A pesquisa linguística no Brasil, 1968-1988*. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1998. [2ª ed. 2004].

ALTMAN, Cristina. "A emergência do sintagma nominal na tradição americanista brasileira." *Projeto de documentação linguística e historiográfica*. CNPq, 2005. bolsa PC, a vigir a partir de março de 2006.

ALTMAN, Cristina. *Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil*. **Revista Argentina de Historiografia Lingüística**, vol. 1, nº 2, 2009. Disponível em: www.rah.com.ar. Acesso em: 23 dez. 2015.

ALTMAN, Cristina. *A guerra fria estruturalista*. Disciplina do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral – Departamento de Linguística, FFLCH – USP, 2011. [Anotações pessoais de aula, alusivas ao referido curso].

[ARGOTE, Jeronymo Contador de.] Pseudônimo Caetano Maldonado da Gama. *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina, ou disposição para facilitar o ensino da língua latina pelas regras portuguesas*. Lisboa: na Offic. de Mathias Pereira & João Antunes Pedroso, 1721, In: 8º, de 228p. [BNP: obra microfil. F.1.541]; [U.C.1-(23)-.]

ARGOTE, Jeronymo Contador de. *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina, ou disposição para facilitar o ensino da língua latina pelas regras portuguesas. Muyto accrescentada, e correcta/ Segunda impressão*. Lisboa occidental: Na officina da musica, M. DCC. XXV. [1725].

ASSUNÇÃO, Carlos. *Para uma Gramatologia Portuguesa - Dos Primórdios a Reis Lobato*, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 1997 [Edição subsidiada pelo Ministério da Cultura].

ASSUNÇÃO, Carlos. *A Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa* de António José dos Reis Lobato – Estudo, Edição Crítica, Manuscritos e Textos Subsidiários, Academia das Ciências, Lisboa, 2000.

ASSUNÇÃO, Carlos e FERNANDES, Gonçalo. *Methodo grammatical para todas as linguas* de Amaro de Roboredo. Edição fac-similada, com prefácio e estudo introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2007.

ASSUNÇÃO, Carlos da Costa; SANTOS, Maria Helena. A questão da heterogeneidade e da mudança linguísticas: da sensibilidade precursora de Fernão de Oliveira. In: MORAIS, Carlos (org.). *Fernando Oliveira: um Humanista Genial*. Braga: Oficinas da APPACDM de Braga - Secção de Artes Gráficas, 2009, p. 215- 232.

AUERBACH, Erich. *Ensaio de Literatura Ocidental*. Org. Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. Trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

AUROUX, Sylvain. *La Sémiotique des Encyclopédistes. Essai d'Epistémologie historique des sciences du langage*. Paris: Payot, 1979a.

AUROUX, Sylvain. « La querelle des lois phonétiques ». *Linguisticae investigationes* 3, 1-27, 1979b.

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização* [Trad. de Eni Orlandi]. Campinas: Edunicamp, 1992.

AUROUX, Sylvain. “Fecundidade do conceito de gramatização”. Posfácio à reedição de 2009. In: AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. 3ª ed. [Trad. de Eni Orlandi]. Campinas: Edunicamp, 2014, p. 119-129.

AUROUX, Sylvain. “Introduction. Le processus de grammatisation et ses enjeux”. In : Auroux, Sylvain (dir.). *Histoire des idées linguistiques. Tome II : Le développement de la grammaire occidentale*, pp. 11-64. Liège: Mardaga, 1992a.

AUROUX, Sylvain. « Introduction ». In : AUROUX, Sylvain (dir.). *Histoire des idées linguistiques. Tome I : La naissance des métalangages en Orient et en Occident*. Liège : Margada, 1994.

AUROUX, Sylvain. A “hiperlíngua” e a externalidade da referência. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 241-251.

AUROUX, Sylvain. *La raison, le langage et les normes*. Paris: PUF, 1998. [Collection Sciences, modernités, philosophies, dirigée par Sylvain Auroux].

AUROUX, Sylvain. *A Filosofia da Linguagem*. [com a colaboração de Jacques Deschamps, Djamel Kouloughli]. Trad. José Horta Nunes. Campinas: UNICAMP, 1998.

AUROUX, Sylvain et COLOMBAT, Bernard. « L’horizon de rétrospection des grammairiens de l’Encyclopédie », *Recherches sur Diderot et sur l’Encyclopédie*, numéro 27 *Varia*, 1999. [En ligne], mis en ligne le 4 août 2007. Disponible à : URL : <http://rde.revues.org/document821.html>. Consulté le 21 janvier 2008. Texte originellement publié à octobre, 1999. [Archive pdf].

AUROUX, Sylvain. Les modes d'historicisation . In: *Histoire, Epistemologie, Langage*. Histoire des Idées Linguistiques et Horizons de Rétrospection. Tome XXVIII, Fascicule 1, 2006. pp. 105-116.

AUROUX, Sylvain. *Os Modos de Historicização*, 2006. [Tradução, para fins de estudo, de Jorge Viana de Moraes, doutorando em História das ideias linguística pela Universidade de São Paulo], Inédito.

AUROUX, Sylvain. *Perspectives*. In : Page personnelle, 2007. [em linha] Disponível em « htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/auroux.html ». Acesso em 01 de março 2011.

AUROUX, Sylvain. *A questão da origem das línguas, seguido de A Historicidade das Ciências*. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joaquinho. Campinas: Editora RG, 2008.

AUROUX, Sylvain. *Matematização da linguística e natureza da linguagem*. Trad. Débora Massmann. São Paulo: Hucitec editora, 2012. [Col. Significação & História].

AZEREDO, José Carlos de. *Ensino de Português – fundamentos, percursos, objetos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BAGGIONI, Daniel. *Le débat Schuchardt /Meillet sur la parent des langues (1906-1928)*. **Histoire, Épistémologie, Langage** 10/2: 85-97, 1988.

BAGGIONI, Daniel. *Schuchardt entre L. Adam e F. A. Coelho: contra tudo e contra todos*. **PAPIA**, v. 1, n. 2 (1991), p. 80-91, ISSN: 0103-9415, e-ISSN: 2316-2767.

BAILEY, Charles-James Nice. *Variation and Linguistic Theory*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistics, 1973.

BARATIN, Marc. “Grammaticalité et intelligibilité chez Priscien”. In: AUROUX, Sylvain et alli (orgs.) *Matériaux pour une histoire des théories linguistiques*. Presses Université de Lille III, Septentrion 1984, p. 155-161. [ISBN 2-86531-021-3].

BARATIN, Marc; BIVILLE, F.; BONNET, G.; COLOMBAT, B.; GARCEA, A., HOLTZ, L.; ISSAEVA, S.; KELLER, M.; MARCHAND, D. *Priscien – Grammaire – Livre XVII – Syntaxe, I*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2010.

B[ARBOSA], J[erônimo] S[ouza] (1822): *GRAMMATICA / PHILOSOPHICA / DA / LINGUA PORTUGUEZA, / OU / PRINCIPIOS DA GRAMMATICA GERAL / APPLICADOS Á NOSSA LINGUAGEM. / POR J. S. B. / Deputado da Junta da Directoria Geral dos Estudos, e Es- / colas do Reino em a Universidade de Coimbra // Lisboa: / NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS. / 1822 ([IV], XIV, 466 págs.)*.

BARROS, D. L. P. *Variação e norma na língua falada: estudo de duas gramáticas*. In: BARROS, Kazue. S. M. (org.) *Produção Textual: interação, processamento, variação*. Natal-RN: EDUFRRN, 1999, p. 21-35.

BARROS, D. L. P. de. *O discurso do dicionário*. Alfa (ILCSE/UNESP), São Paulo, v. 44, p. 75-97, 2002.

BARROS, D. L. P. de. *O discurso da norma na gramática de João de Barros*. Alfa (ILCSE/UNESP), Universidade Estadual Paulista, v. 45, p. 11-32, 2003.

BARROS, D. L. P. de. *O discurso da norma nas gramáticas portuguesas do século XVI*. Estudos Portugueses, v. 5, p. 11-24, 2006a.

BARROS, D. L. P. de. *O discurso da gramática: imagens da norma e da língua*. Lingüística (Madrid), v. 17, p. 95-113, 2006b.

BARROS, D.L.P.; NEVES, M.H.M. “Introdução”. São Paulo, 27 de junho de 2007. In.: LEITE, M. Q. *O nascimento da gramática portuguesa – uso e norma*. São Paulo: Humanitas/ Paulistana, 2007a.

BARROS, D. L. P. de. *Gramática e lusofonia: a construção de identidades*. In: Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos. (Org.). *Língua portuguesa: lusofonia - memória e diversidade cultural*. 1ª ed. São Paulo: Educ, 2008a, v. 1, p. 15-26.

BARROS, D. L. P. de. *Linguagem popular na gramática e no dicionário*. Investigações (Recife), v. 1, p. 15-30, 2008b.

BARROS, D. L. P. de. *Gramáticas brasileiras do século XX*. In: (INTERNACIONAL) XVI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina (ALFAL), 2011, São Paulo. Documentos para el CVI Congreso Internacional de la ALFAL. Alcalá de Henares: Universidade de Alcalá, 2011. v. 1. p. 1-11.

BASSETO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica*. Vol. 1. 2ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo [Edusp], 2013.

BASTOS, Neusa B. e DIELI, V. Palma (orgs.). *História Entrelaçada I – a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa do século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BASTOS, Neusa B. e DIELI, V. Palma (orgs.). *História Entrelaçada II – a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BASTOS, Neusa B. e DIELI, V. Palma (orgs.). *História Entrelaçada III – a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

BASTOS, Neusa B. e DIELI, V. Palma (orgs.). *História Entrelaçada IV – os discursos das produções linguístico-gramaticais dos países lusófonos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BAXTER, Alan *et. al.* *A construção de objeto duplo e as influências do substrato no português afro-brasileiro (e africano)*. **PAPIA**, São Paulo, 24(2), p. 283-306, Jul/Dez 2014, ISSN 0103-9415 eISSN 2316-2767.

BECHARA, Evanildo. “Prefácio da 2ª edição”. In: SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao Estudo da filologia Portuguesa*. São Paulo. 2ª edição ampliada e revista por Evanildo Bechara e Joram Pinto de Lima. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

BERNSTEIN, Basil. *Social class, linguistic codes and grammatical elements*. **Language and speech**, v. 5, n. 4, p. 221-240, 1962.

BERNESTEIN, Basil. *Class, Codes and Control*. Vol 1. Theoretical Studies towards a Sociology of Language. Londres: Rontledge & Kegan Paul Ltd, 1971.

BERNSTEIN, Basil. *A sociolinguistic approach to socialization: With some reference to educability*. In: HYMES, Dell H.; GUMPERZ, John Joseph (Ed.). *Directions in sociolinguistics: The ethnography of communication*. Holt, Rinehart and Winston, Inc, 1972.

BESSA-FREIRE, José Ribamar. “Nheengatu: a outra língua brasileira”. In: LIMA, Ivana Stolze; DO CARMO, Laura. (Orgs.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008, p.119-149 (Coleção FCRB Aconteceu; 5).

BLASCO FERRER, Eduardo. *Linguistik fur Romanisten : Grundbegriffe im Zusammenhang*. Berlin : Schmidt, 1996. 235 p.

BLIKSTEIN, Izidoro. *Maurer, Salum e a Romanística: pioneirismo, sabedoria e humildade*. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 22, p. 259-262, 1994.

BOLÉO, Manuel de Paiva. “Serafim da Silva Neto (1917-1960)”. In.: *Separata da Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. X, 1960. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos, 1961, 10 p.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAGA, Theophilo. *Grammatica portugueza elementar, fundada sobre o methodo historico-comparativo*. Porto: Livraria Portuguesa e Estrangeira; Rio de Janeiro: A. A. da Cruz Coutinho, 1876.

BRANCA-ROSSOF, Sonia. “Normes et dialectes”. In: AUROUX, Sylvain (dir.). *Histoire des idées linguistiques: l'hégémonie du comparatisme. Tome III*. Liège: Editions Mardaga, 2000, p. 45-53 [Section 3].

BRIGHT, William. "Introduction: The dimensions of Sociolinguistics". In.: BRIGHT, William (ed.) *Sociolinguistics: Proceedings of the UCLA Sociolinguistic Conference*, 1964, Mouton, 1966.

BRIGHT, William. "As dimensões da Sociolinguística". In: FONSECA, M. e NEVES, M. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.

BUESCO, Maria Leonor Carvalhão. *Gramáticos portugueses do século XVI*. Ministério da Educação e Cultura, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

BUESCO, Maria Leonor Carvalhão. *Ortografia e origem da língua portuguesa* de Duarte Nunez de Lião. Impr. Nacional-Casa da Moeda, 1983.

BUESCO, Maria Leonor Carvalhão. *Babel ou a ruptura do signo: a gramática e os gramáticos portugueses do século XVI*. Impr. Nacional-Casa da Moeda, 1984a.

BUESCO, Maria Leonor Carvalhão. *Historiografia da língua portuguesa - século XVI*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984b.

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. Trad. Álvaro Luiz Hattnher. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2010.

CALADO, Adelino de Almeida. *Frei João Álvares – estudo textual e literário-cultural*. Coimbra: Universidade de Coimbra. **Separata do Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra**. Vol. XXVII, 1964.

CAMPBELL, Lyle. *Historical Linguistics: an introduction*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1999.

CARMELO, Frei Luis do Monte. COMPENDIO/ DE/ ORTHOGRAPHIA,/ COM SUFFICIENTES CATALOGOS, E NOVAS/ Regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de/ Portugal, poffam os curiofos comprehender facilmente a/ Orthologia, e Pro/ódia, ifto he, a Recta Pronun-/ciaçam, e Accentos proprios, da Lingua/ Portuguesa [...]. Lisboa: Na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767.

CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. *Grammatica portugueza philosophica*. Bahia: Imprensa Economica, 1881.

CAVALIERE, Ricardo. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2000.

CAVALIERE, Ricardo. *Gramaticografia da língua portuguesa no Brasil: tradição e inovação*. **Limite**. nº 6, 2012, p. 217-236 [ISSN: 1888-4067]. Disponível em: <http://www.revistalimite.es/volumen%206/11cava.pdf> Acesso em: 10 de jan. 2014.

CAVALIERE, Ricardo. *A gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

CECATTO, Cleuza. *Comentários gramaticais de Aulo Gélíio: Uma proposta de tradução*. Dissertação de Mestrado: UFPR, 2005.

ČERNÝ, Jiří. *Historia de la Lingüística*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1998.

CGL Corpvs Grammaticorvm Latinorvm. In: **Histoire Épistémologie Langage**. Tome 30, fascicule 1, 2008. Grammaire et mathématiques en Grèce et à Rome. p. 174.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1998 [1980].

CHAMBERS, J. K. “Studying Language Variation – an Informal Epistemology”. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie (Eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 1st. Edition. USA/UK: Blackwell Publishing, 2003, p. 3-14.

CHAMBERS, J. K. “Studying Language Variation – an Informal Epistemology”. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING-ESTES, Natalie (Eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2nd. Edition. USA/UK: John Wiley & Sons, [Wiley-Blackell], 2013, p. 1-6.

CHAVES DE MELO, Gladstone & SILVA NETO, Serafim. *Conceito e Método da Filologia*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952 [Coleção Rex].

CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. “La linguistique structurale, du discours de fondation à l’emergence disciplinaire”. In: *Langages*, 29e année, n° 120. Décembre 95. Les savoirs de la langue : histoire et disciplinarité. pp. 106-126.

doi : 10.3406/lgge.1995.1734.

Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726X_1995_num_29_120_1734. Consulté le 07 juillet 2015.

CHOMSKY, Noam. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Prefácio e coordenação da edição portuguesa por Inês Duarte. Lisboa: Caminho, 1994. [Col. Universitária, série Linguística, dirig. Raquel Delgado Martins]

COELHO, Adolfo, *Os ciganos de Portugal: com um estudo sobre o calão*. Lisboa: Imp. Nacional, 1892.

COELHO, Francisco Adolpho. *Noções Elementares de Grammatica Portuguesa*. Porto: Lemos & CA Editores, 1891.

COELHO, F. Adolfo. *Curso de Litteratura Nacional para uso dos Lyceus – I A língua portuguesa, noções de Glottologia Geral e Especial Portuguesa*. 3^a ed. emendada. Porto: Magalhães & Moniz editores, 1896.

COELHO, Izete Lehmkuhl; et al.. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015 [Coleção Para conhecer].

COELHO, Olga Ferreira. *Serafim da Silva Neto (1917-1960) e a Filologia Brasileira: um ensaio historiográfico sobre o papel da liderança na articulação de um paradigma em ciência da linguagem*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: DL-FFLCH- Universidade de São Paulo, 1998.

COLOMBAT, Bernard. L'horizon de rétrospection du *Mithridate* de Conrad Gessner (1555). In: KIBBEE, Douglas (ed.), *History of Linguistics 2005. Selected Papers from the tenth International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS X), 1-5 September 2005, Urbana-Champaign, Illinois, Amsterdam-Philadelphia, Benjamins (SiHoLS 112)*, 2007, p. 89-102.

COLOMBAT, Bernard ; FOURNIER, Jean-Marie ; PUECH, Christian. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

COSERIU, Eugenio. Premissas históricas da linguística moderna. In: Lições de Linguística Geral. [Trad. Evanildo Bechara]. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980 p. 1-10. [Coleção Linguística e Filologia].

COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/ São Paulo: Edusp, 1982.

COSERIU, Eugenio. *Lingua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*. In: Gramática da linguagem portuguesa. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia de Ciências, 2000, p. 29-60.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 2007.

CRUZ, Regina. *Vogais na amazônia paraense*. In: Alfa, São Paulo, 56 (2): 945-972, 2012.

DESBORDES, Françoise. *Idees romaines sur l'écriture*. Lille – France : Presses universitaires de Lille, 1990 [Series: Histoire de la linguistique].

DESBORDES, Françoise. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. Trad. Fulvia M.L. Morreto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995. [Coleção múltiplas escritas].

DIAS, Augusto Epiphany da Silva. *Grammatica Practica da Lingua Portuguesa* para uso dos alunos do Primeiro anno do curso dos Lyceus. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1870.

DIAS, Augusto Epiphany da Silva. *Grammatica Portugueza Elementar*. Obra aprovada pela junta consultiva de instrução publica. Quarta Edição, Revista. Porto: Livraria Universal de Magalhães & Moniz Editores, 1881.

ELIA, Silvio. *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1963.

ELIA, Silvio. “Os estudos filológicos no Brasil”. In: ELIA, Silvio. *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1963, p.157-232.

ELIA, Silvio. *Ensaio de Filologia e Linguística*. 2ª ed. refundida e aumentada. Rio de Janeiro: Grifo/MEC, 1975 [Coleção Littera 7].

ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. 3ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1997. [1ª ed. 1979].

ELIA, Sílvio. *Sociolinguística – uma introdução*. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora/Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1987.

FASSINA, Alessia. A proposito di un passo dele Etymologiae di Isidoro di Siviglia (*orig.* I. 39, 25-26). **Cento Pagine** I (2007), 56-63. Disponível em: http://www2.units.it/polymnia/iniziativa/SCA2007_Fassina.pdf. Acesso em: 07 abr. 2015.

FAVERO, L. L. . *As Concepções Linguísticas No Século XVIII - A Gramática Portuguesa*. Campinas: UNICAMP, 1996.

FÁVERO, L. L. *Breve Compendio de Grammatica Portugueza – Frei Joaquim do Amor Divino Caneca. Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 3, p. 89-103, 1999.

FÁVERO, L.L. “Gramática é a arte...” In: ORLANDI, Eni (org.). *História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas e Cáceres: Pontes e Unemat, 2001, p. 89-100.

FÁVERO, L.L.; MOLINA, M.A.G. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO, A. J. *Resenha breve das ideias gramaticais, dos gregos aos nossos dias*. Rio de Janeiro: S. M. G. Imprensa do Exército, 1957.

FIGUEIREDO, Carlos Filipe G. *Variável extralinguística escolaridade: influência na marcação plural do sintagma nominal do português reestruturado de Almocharife, São Tomé*. **PAPIA** 22(1), p. 41-76, 2012. ISSN 0103-9415 eISSN 2316-2767.

FILOLOGIA BANDEIRANTE: *projeto temático de equipe em Filologia e linguística portuguesa*. Processo: 96/01265-0. Disponível on line no site da FAPESP: <http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/1263/filologia-bandeirante-projeto-tematico-de-equipe-em-filologia-e-linguistica-portuguesa/> Acesso em: 25 jul. 2013.

FIORIN, J. L. Resenha. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.1, nº5, p. 205-209, 1º semestre 2011.

FISCHER, John L. “Social Influences on the Choice of a Linguistic Variant”. **Word**, 1958, vol. 14, p. 47-56.

FISCHER, John L. “Influências sociais na escolha de variantes linguísticas”. In: FONSECA, M. e NEVES, M. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 87-98.

FONSECA, Maria Stella V.; NEVES, Moema F. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1974.

FORTES, Fábio da Silva. *Uso, variação e norma na tradição gramatical latina*, In: **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n. 15/2, p. 197-214, dez. 2012.

FOUGHT, John. *The reinvention of Hugo Schuchardt*. In: *Language in Society*, Vol. 11, No. 3 (Dec., 1982), pp. 419-436. Published by: Cambridge University Press.

FRÝBA, Annette; SWIGGERS, Pierre (org.). *L'œuvre scientifique de Cyprien Ayer (1825-1884): grammaire, pédagogie et dialectologie*. **Orbis. Supplementa**. Vol. 39. Leuven-Paris-Walpole: Peeters, 2013.

FRÝBA, Annette. *Cyprien Ayer et l'étude des dialectes francoprovençaux*. In: FRÝBA, Annette; SWIGGERS, Pierre (eds.) *L'œuvre scientifique de Cyprien Ayer (1825-1884). Grammaire, Pédagogie et Dialectologie*. **Orbis. Supplementa**: Vol. 39, p. 133-139. Leuven-Paris-Walpole: Peeters, 2013.

FRÝBA, Annette. *Cyprien Ayer: Bibliographie des écrits scientifiques*. In: FRÝBA, Annette; SWIGGERS, Pierre (eds.) *L'œuvre scientifique de Cyprien Ayer (1825-1884). Grammaire, Pédagogie et Dialectologie*. **Orbis. Supplementa**: Vol. 39, p. 23-29. Leuven-Paris-Walpole: Peeters, 2013.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M.A.; CEZARIO, M. M. “Pressupostos teóricos fundamentais – capítulo 2”. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística Funcional – teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GILLIÉRON, J. *Linguistique de La France – notice servant a l'intelligence des cartes*. Paris: Honoré Champion, 1902.

GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. 3ª ed. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

GONÇALVES, Maria Filomena. *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734 – 1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

GONÇALVES, Maria Filomena “Treinta años de Historiografía Lingüística del Portugués”. In: *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de*

Lingüística. León: Universidad de León, Dpto. de Filología Hispánica y Clásica: 2006, 732-753.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUMPERZ, John J. *Language in Social Groups*. Essays by John Gumperz. Selected and Introduced by Anwar S. Dil. Stanford, California: Stanford University Press, 1971.

HARDY-VALLÉE, Benoit. *Que é um conceito?* São Paulo: Parábola, 2013. [Série Episteme nº 07]

HILTON, Ronald (Ed.). *Who's who in Latin America - Part VI Brazil*. Third Edition Revised and Enlarged. Stanford/ Chicago: Stanford University Press/ The A. N. Marquis Company, 1948.

IORDAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. Trad. de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

ILARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

JOSEPH, John E. *Language and Identity*. National, Ethnic, Religious. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

KEMMLER, Rolf. *Caetano Maldonado da Gama, D. Jerónimo Contador de Argote e as duas edições das Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina (1721, 1725)*. In.: **Limite**. ISSN: 1888-4067 nº 6, 2012, pp. 75-101. Disponível em: <<http://www.revistalimite.es/volumen%206/05kemm.pdf>>. Acesso em: 02 nov de 2013.

KEMMLER, Rolf. *A primeira gramática da língua portuguesa impressa no Brasil: a Arte de grammatica portugueza (1816) de Inácio Felizardo Fortes*. **Confluência**, nº 45, 1º e 2º semestres, Rio de Janeiro, 2013, p. 61-82.

KIM, Ronald. I. & LABOV, William. *Uriel Weinreich and the study of language contact in Switzerland, 1951 – 2011*. In: WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland*. With an introduction and notes by Ronald I. KIM and William LABOV. Amsterdam: John Benjamins, 2011 [1951].

KOERNER, Konrad. "Toward a history of Sociolinguistics". In: KOERNER, Konrad. *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. (Serie Studies in the History of the Language Sciences).

KOERNER, Konrad. *Questões que persistem em historiografia linguística*. In: **Revista da ANPOLL**, 2: 45-70, 1996. [orig. ingl.: "Persistent issues in Linguistic Historiography", no volume *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995].

KOERNER, Konrad. O problema da “influência”: Georg von der Gabelentz e Ferdinand de Saussure. In: ALTMAN, Cristina; BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Orgs.) Dossiê: Historiografia Linguística. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 14, n. 1, p. 54-70, 2012.

KOSSARIK, Marina. *Methodo grammatical para todas as linguas de Amaro de Roboredo*. Edição facsimilada, com estudo introdutório. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

LABOV, W. “Building on Empirical Foundations”. In: LEHMANN, W & MALKIEL, Y (orgs.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1ª ed. 1972].

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change – internal factors*, vol I. Massachusetts-USA/ Oxford-UK: Blackwell, 1994. [Vol. 20, collect. *Language in Society* - Oxford].

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change – social factors*, vol II. Massachusetts-USA/ Oxford-UK: Blackwell, 2001. [Vol. 29, collect. *Language in Society* - Oxford].

LAVANDERA, Beatriz R. *Variación y Significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LEITE, M. Q. *Observações sobre o discurso do gramático e o discurso do exemplo nas gramáticas portuguesas do século XVI*. In: URBANO, Hudinilson; DIAS, Ana Rosa Ferreira; SILVA, Luiz Antônio da; GALEMBECK, Paulo de Tarso. (Org.). *Dino Preti e Seus Temas*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 289-309.

LEITE, M. Q. *A hiperlíngua brasileira na construção da norma lingüística gramatical: um estudo de gramáticas do século XIX*. **Estudios Portugueses**, v. 5, p. 103-112, 2005a.

LEITE, Marli Quadros. “Variação Linguística: dialetos, registros e norma linguística”. In: SILVA, Luiz Antônio da. (Org.). *A língua que falamos – português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005b, p. 188-210.

LEITE, M. Q. *A Nova Gramática do Português Contemporâneo: tradição e modernidade*. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, v. 8, p. 23-50, 2006a.

LEITE, M.Q. *Metalinguagem e Discurso: a configuração do purismo brasileiro*. 2ª Ed. São Paulo: Humanitas, 2006b.

LEITE, M. Q. *O nascimento da gramática portuguesa – uso e norma*. São Paulo: Humanitas/ Paulistana, 2007a.

LEITE, M. Q. *A Gramática da Linguagem na Gramática da língua: o legado de Fernão de Oliveira no discurso de João de Barros*. In: Fernão de Oliveira: 500 anos, 2007, Campinas. Simpósio Comemorativo. Campinas: IEL - UNICAMP, 2007b. v. 1. p. 21-22.

LEITE, M. Q. *Uso e norma: a ordem na gramática de Jerônimo Contador de Argote*. In: V Congresso Internacional ABRALIN, 2009, João Pessoa. ABRALIN 40 ANOS. João Pessoa: Ideia, 2009a. v. 2.

LEITE, M. Q. *A Gramática Como Instrumento Linguístico - A noção de ordem na Gramática de João de Barros*. In: III Seminário Internacional de Linguística Texto, discurso e ensino, 2009, São Paulo. III Seminário Internacional de Linguística. São Paulo: Terracota, 2009b. p. 78.81-78.81.

LEITE, M. Q. *Uma "teoria da tradução" no Methodo Gramatical para todas as línguas, de Amaro de Roboredo*. In: C. Assunção; G. Fernandes; M. Loureiro. (Org.). *Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX)*. 1ed. Münster: Nodus Publikationen, 2010, v. 2, p. 495-509.

LEITE, M. Q. *A constituição da norma linguística na gramática do século XVIII*. In: **Alfa**. São Paulo, 55 (2): 665-684, 2011a.

LEITE, M. Q. *Considerações sobre uso e Norma na Gramática Portuguesa O Methodo Grammatical para todas as Linguas (1619), de Amaro de Roboredo*. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 13, p. 337-368, 2011b.

LEITE, M. Q. *Gramatização e normalização: a Arte da Grammatica Portugueza de António José dos Reis Lobato (1770)*. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN. Curitiba: UFPR, 2011c. v. 1. p. 3212-3221.

LEITE, M. Q. ; Cestero Mancera, Ana M. ; Paredes García, Florentino ; Molina Martos, Isabel . La lengua, lugar de encuentro. Actas del XVI Congreso Internacional de la Alfal. In: XVI Congreso Internacional de la Alfal (Alcalá de Henares, 6-9 de junio de 2011), 2012, Alcalá de Henares. Gramatização e normalização: rudimentos da grammatica portugueza (1799). Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2011d. v. 1

LEITE, M. Q. "Variação linguística: aspectos históricos". In: PRETI, Dino. (org.) *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011e, p.19-77 [Projetos Paralelos, nº 11 – NURC- núcleo USP].

LUCCHESI, Dante; ARAÚJO, Silvana. *A teoria da variação linguística*. [s.n.t]. **Texto situado no site <http://www.vertentes.ufba.br>**. Acesso em: 04 abr. 2015.

LUCCHESI, Dante. *As duas vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000)*. **DELTA**, 17(1): 97-132, 2001.

LUCCHESI, Dante. "O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil". In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 272-284.

LUCCHESI, Dante. *Parâmetros sociolinguísticos do Português brasileiro*. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006. [ISSN 16781805]

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.) *O português afro-brasileiro* Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, Dante. “História do contato entre línguas no Brasil”. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.) *O português afro-brasileiro* Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-71.

LUÍZ, Ana. R. (Guest Editor). **PAPIA. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**. *A Festschrift for John A. Holm – Part 1*. v. 24, n. 1 (2014). ISSN: 0103-9415; eISSN: 2316-2767.

LUÍZ, Ana. R. (Guest Editor). **PAPIA. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**. *A Festschrift for John A. Holm – Part 2*. v. 24, n. 2 (2014). ISSN: 0103-9415; eISSN: 2316-2767.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador: EDUFBA, 2004a.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Três documentos medievais trecentistas em confronto: indícios paleográficos e linguísticos recorrentes e divergentes nos Manuscritos Serafim da Silva Neto*. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 6, p. 39-51, 2004b.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Diálogos de São Gregório – Edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador: EDUFBA, 2008.

MACIEL, Maximino de Araujo. *Grammatica analytica*. Rio de Janeiro: Typographia central de Evaristo Rodrigues da Costa, 1887.

MALKIEL, Y. “Drift, slope, and slant: background of, and variations upon, a Sapirian theme”. **Language**. v. 57, n.3, p. 535-570. Washington: September, 1981.

MARCOS, Francisco García. *Nociones de sociolingüística*. Barcelona: Octaedro, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguagem e Classes Sociais – introdução crítica à teoria dos códigos linguísticos de Basil Bernstein*. Porto Alegre: Movimento/UFRGS, 1975. [Col. Augusto Meyer. Ensaios vol. 7]

MARCUSCHI, Luiz Antônio. “A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual”. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.) *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. Vol. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MARÇALO, Maria João. *O que é a palavra? Reflexões sobre a herança gramatical greco-latina*. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 10-11, p. 53-68, 2008/2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (1993). *Português brasileiro: raízes e trajetórias. Discursos*, 3: 75-92.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. “Da sócio-história do português brasileiro para o ensino do português no Brasil hoje”. In: AZEREDO, José Carlos (Org.). *Língua portuguesa em debate*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, p. 19-33.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. “De fontes sócio-históricas para a história social linguística no Brasil: em busca de indícios”. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro. Primeiros estudos*. v. II. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 275-302.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Fatores sócio-históricos condicionantes na formação do Português Brasileiro*: em questão o propalado conservadorismo da Língua portuguesa no Brasil. [s.n.t.]. Disponível em: <http://www.prohpor.ufba.br/propalado.html#_ftn1>. Acesso em: 17 jun. 2013.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaaios para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola. 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Fontes para o conhecimento da língua portuguesa de trezentos: Os mais antigos manuscritos portugueses existentes no Brasil*. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; MUNIZ,

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A unidade da România ocidental*. São Paulo: (*Boletim nº 118* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP), 1951.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A Linguística e a Gramática*. **Filosofia, Ciências e Letras**. Ano XVIII. Nº 14, Março, 1953, p. 5-25. São Paulo. [Órgão do Grêmio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo].

MAURER JR. Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *Linguística Histórica*. Transcrição da conferência proferida no I Seminário de Linguística, promovido pela FFCL, de Marília, em 1966, sem revisão do autor. ALFA (11): 19-42, 1967.

MEGALE, Heitor. *O Pentateuco da Bíblia Medieval Portuguesa*; introdução e glossário Heitor Megale. São Paulo: Imago/ EDUC, 1992.

MEGALE, Heitor. “Filologia Bandeirante”. *Itinerários*, Araraquara, nº 13: 1998, p. 11-34. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/2843/2594%E2%80%8E>. Acesso em: 23 jul. 2013.

MEGALE, Heitor. *A leitura do texto antigo: variação linguística em manuscritos*. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v.28, 1999, p. 175.

MEGALE, Heitor. (org). *Filologia Bandeirante*. Estudos 1. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000.

MEGALE, Heitor; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *A escrita do tempo das bandeiras o a língua falada hoje em suas trilhas*. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Brasil, n. 7, p. 93-98, ago. 2005. ISSN 2176-9419. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59716/62816>. Acesso em: 09 Jan. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i7p93-98>.

MIAZZI, Maria Luisa Fernandez. *Introdução à Linguística Românica: histórico e métodos*. São Paulo: Cultrix, 1976.

MISES, Ludwig von. *Teoria e História – uma interpretação da evolução social e econômica*. Trad. Rafael de Sales Azevedo. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2014.

MOLLICA, Maria Cecília. “Fundamentação teórica: conceituação e delimitação”. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 09-25.

MONTEIRO, Clovis. *Fundamentos clássicos do português no Brasil*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Colégio Pedro II, Coleção Silva Ramos n. 1, 1958.

MORAES, Jorge Viana de. *Língua, Cultura e Civilização: um estudo das ideias linguísticas de Serafim da Silva Neto*. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH-Universidade de São Paulo, 2008. Inédita. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05022009-122803/pt-br.php>

MORAES, Jorge Viana de. *Serafim da Silva Neto, Theodoro Henrique Maurer Jr: o conceito de latim vulgar em ensaio historiográfico*, FFLCH/USP, 2011. In: VI Semana de Filologia na USP, de 2 a 6 de Maio de 2011. (Apresentação de comunicação oral). Resumo disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/america/index.php>.

MORAES, Jorge Viana de. *Unidade na Diversidade: a presença das ideias linguísticas de Serafim da Silva Neto na Nova Gramática do Português Contemporâneo de Celso Cunha e Lindley Cintra*. São Paulo: Unicsul, 2011. In: IV Seminário Internacional de Linguística da Cruzeiro do Sul – IV SIL, de 08 a 11 de novembro de 2011. (Apresentação de comunicação oral).

MORAES, Jorge Viana de. *As diferentes abordagens em historiografia linguística: os princípios koernenianos e o horizonte de retrospectiva de Aurox*. Alcalá de Henares: UAH, 2011. In: Actas del XVI Congreso Internacional de la ALFAL, Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2012. p. 3799-3808. Disponível em: <http://alfal2011.mundoalfal.org/#/pdf/429alfal.pdf>

MORAES, Jorge Viana de. *O papel da Romanística nas Ciências da Linguagem: pontos para reflexão*. São Paulo: CCL-UPM, 2012. In: Congresso Nacional Mackenzie “Letras em Rede”: Linguagens e Saberes, de 22 e 24 de agosto de 2012. (Apresentação de comunicação oral).

MORAES, Jorge Viana de. *Serafim da Silva Neto: contribuições de seus levantamentos à sociolinguística moderna*. São Paulo: Unicsul, 2013. SIMPÓSIO História e discurso: análise de instrumentos linguísticos. In: ANDRADE, Carlos; BRAIT, Beth (Org.) Anais do 19º Intercâmbio de Pesquisa em Linguística Aplicada (InPLA) e do 5º Seminário Internacional de Linguística (SIL), p. 115-116, de 08 a 11 de outubro de 2013. Congresso “Linguagens, Teorias e Práticas”, (ISSN 2176-4980). Disponível em: <http://inplasil2013.com.br/ANAISS%20DO%2019%20INPLA%20E%20SIL%202013%2005%2012%2013.pdf>

MORAES, Jorge Viana de. *Hugo Schuchardt, Serafim da Silva Neto e William Labov: uma aproximação*. Goiânia: UFG, 2013. In: IV Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa – IV SIMELP, de 02 a 05 de julho de 2013. (Apresentação de comunicação oral). Resumo disponível em: http://www.simelp.letras.ufg.br/simposios/simposios_01_20.pdf

MORAES SILVA, Antonio. *Epítome da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1806.

MOTA, Maria Antónia; MIGUEL, Matilde; MENDES, Amália. *A concordância de P6 em português falado*. Os traços pronominais e os traços de concordância. **PAPIA**, 22(1), p. 161-187, 2012, ISSN 0103-9415 eISSN 2316-2767.

MURRAY, Stephen O. *Theory Groups and the Study of Language in North America. A social history*. Amsterdam: John Benjamins. 1994. [1 ed., U.S.A: Linguistic Research, Inc. Carbondale; Canada: Edmonton Univ. Press, 1983].

MUSSA, Alberto Baeta Neves. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991. 242 p.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Sobre as origens do português popular do Brasil*. **DELTA**, v. 9, n. Especial, 1993, p. 437-454.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

NASCENTES, Antenor. “A Filologia Portuguesa no Brasil (esboço histórico)”. (1939). In: NASCENTES, Antenor. *Estudos Filológicos*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003, p. 186-204. [Vol. dedicado à memória de Antenor Nascentes, Org. Raimundo Barbadinho Neto. Col. Antônio de Moraes Silva – Estudos de Língua Portuguesa].

ORLANDI, Eni. (org.) *História das Ideias Linguísticas* – construção do saber metalinguístico e constituição da Língua Nacional. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento linguístico* – para uma História das Ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. *Schuchardt contra os Neogramáticos*. Introdução. In: SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Sobre as leis fonéticas: contra os neogramáticos*. [Organização, introdução, tradução e notas de Maria Clara Paixão de Sousa], Campinas: Editora RG, [1885] 2010a, p. 5-28.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. *A morfologia de flexão no Português do Brasil: ensaio sobre um discurso de “perda”*. (Inflectional Morphology in Brazilian Portuguese: essay on a discourse of loss). **Estudos da Língua (gem)**, v. 8, n. 1, p. 83, 2010b.

PAUL, Hermann. *Princípios fundamentais da história da língua*. Trad. Maria Luíza Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., 1983 [1880].

PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. “History of sociolinguistics: introduction”. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 1-3.

PENHA, João Alves Pereira. *A arcaicidade da língua popular brasileira*. Franca: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca. SP. Orientador: Francisco da Silveira Bueno. [s.n.], 1970, 296f. Tese de doutoramento.

PENHA, João Alves Pereira. *Aspectos da linguagem de São Domingos* – tentativa de descrição da linguagem rural brasileira. **Alfa**, Revista de Linguística, Vol. 20/21, 1974/1975, p. 81-118.

PEREIRA, Dulce. *Crioulos de Base Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2006. [Coleção *O Essencial sobre Língua Portuguesa*]

PEREIRA, M. A. *Quintiliano Gramático: o papel do mestre de gramática na Instituição oratória*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

PEREIRA, Valéria de Araujo. *A sintaxe popular: um estudo das ideias linguísticas de Julio Moreira*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PESSOA SANTOS, Maria Helena. *As ideias linguísticas na centúria de oitocentos*. Parte I. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para Ciência e Tecnologia, 2010.

PIZANO, Mariana Peixoto. *Sílabas métricas em Terenciano Mauro*, De Syllabis, 997-1299. 2012. 1 CD-ROM. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/120625>>.

PRETI, Dino. *Sociolinguística – os níveis de fala*. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9ª. ed. 1ª. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. [1ª ed. 1974].

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 1ª ed. São Paulo: Typ[ographia] de Jorge Seckler, 1881.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 7ª ed. São Paulo: N. Falcone & Comp, s/d.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 12ª ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves & C., 1914.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza – curso superior*. Rio de Janeiro/ São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1889.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza – curso superior*. 20ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1923.

RIBEIRO, João. *História do Brasil. Curso Superior*. 5.ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1914, p. XVIII.

RIBEIRO, João. “Introdução”. *História do Brasil. Curso Superior*. 5.ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1914, p. XVIII.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Homenagem da Revista Idioma ao Professor Emérito Olmar Guterres da Silveira*. In: **IDIOMA**, Rio de Janeiro, Ano XV, nº. 18, p. 06-09, 2º. Sem. 1996.

RUY, Maria Lucília. *Formação de palavras: Livro VIII da gramática de Varrão*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. *Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil*. **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p187>. Acesso em: 27 jul. de 2013.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. « Mato-Grosso – Pontos de inquéritos ». In : MEGALE, Heitor. (org). *Filologia Bandeirante*. Estudos 1. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2000, 113-134.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M.; LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). *História do português paulista*. Série estudos III. 1. ed. Campinas/São Paulo: UNICAMP/Publicações IEL/FAPESP, 2012. v. 3. 528p.

SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. (coord.) *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP - Projeto Caipira). São Paulo: FAPESP. Processo: 11/51787-5. Vigência: 01 de dez. 2012 – 30 de nov. 2017. Disponível em : <http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/56292/projeto-de-historia-do-portugues-paulista-phpp-projeto-caipira/> Acesso em : 01 dez. 2015.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Der Vokalismus des Vulgärlateins I*. Leipzig: Teubner, 1866.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Der Vokalismus des Vulgärlateins III*. Leipzig: Teubner, 1868.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Über die Klassifikation der romanischen Mundarten* - Probe-vorlesung Gehalten zu Leipzig am 30 april 1870. Graz: [s.n.], 1900.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. '[Rez. von:] C. Baissac, *Étude sur le patois créole mauricien*; F. Adolpho Coelho, *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America*'. In **Zeitschrift für romanische Philologie** 5: 580-581, 1881.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Kreolische Studien I*. Ueber das Negerportugiesische von S. Thomy (Westafrika). **Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften zu Wien** 101 (2): 889, v. 917, 1882.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Dem Herrn Franz von Miklosich zum 20: November 1883; Slawo-deutsches und Slawo-italienisches*. Graz: Leuschner & Lubensky, 1884.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Ueber die Lautgesetze. Gegen die Junggrammatiker*. Berlin: Oppenheim, 1885.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Sobre as leis fonéticas: contra os neogramáticos*. [Organização, introdução, tradução e notas de Maria Clara Paixão de Sousa], Campinas: RG, [1885] 2010.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Kreolische Studien IX. Ueber das Malaioporgugiesische von Batavia und Tugu*. In: **Sitzungsberichte der philosophisch-historischen Classe der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften**. Wien 122: 1-256, 1890.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. '[Rez. von:] Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*, publié par Ch. Bally et Alb. Sechehaye, avec la collaboration de Alb. Riedlinger'. In: **Literaturblatt für germanische und romanische Philologie** 38: 1-9, 1917.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Hugo Schuchardt-Brevier*, Ein Vademekum der allgemeinen Sprachwissenschaft. Ed. por Leo Spitzer. Halle/Saale: Max Niemeyer, 1922, [2ª ed. rev., 1928].

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *The ethnography of variation: Selected writings on pidgins and creoles*, by Hugo Schuchardt. Ed. and trans. by Thomas. L. MARKEY. Ann Arbor, MI: Karoma, 1979.

SCHUCHARDT, Hugo Ernst Mario. *Pidgin and Creole languages: selected essays by Hugo Schuchardt*. Ed. and trans. by Glenn G. GILBERT. Cambridge University Press, 1980. [2nd. ed. 2009].

SÉRIOT, Patrick. *Structure et totalité*. Les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale. Paris: Presses Universitaires de France - PUF, 1999. [2ª ed.: Collection Domaines Étrangers et Langues de France; Limoges: Lambert-Lucas, 2012].

SÉRIOT, Patrick. *Structure and the Whole*. East, West and Non-Darwinian Biology in the Origins of Structural Linguistics. Boston/Berlin: Walter de Gruyter, Inc., 2014.

SÉRIOT, Patrick. *Vološinov e a filosofia da linguagem*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA JR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Noções de grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1887.

SILVA JR, Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Grammatica da lingua portugueza*. 2ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Livraria Classica de Alves & C., 1894.

S[OARES] B[ARBOSA], J[erónimo]. *Grammatica philosophica da lingua portugueza* ou Principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias, 1822.

SOTERO DOS REIS, Francisco. *Postillas de grammatica geral*, applicada à lingua portugueza pela analyse dos classicos ou Guia para a construcção portugueza. 2ª ed. Revista e Accrescentada pelo autor. São Luiz - Maranhão: Typ[ographia] B. de Mattos, 1868.

SOTERO DOS REIS, Francisco. *Grammatica portugueza accomodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediata applicação pratica*. 2ª ed. Maranhão; Typ[ographia] Antonio Pereira Ramos. d'Almeida &C., 1871 [1866].

SWIGGERS, Pierre. "The history writing of linguistics: a methodological note". **General Linguistics** 21: 1. 11-16, 1981.

SWIGGERS, Pierre. *Histoire de la pensée linguistique*. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe siècle Paris: PUF, 1997.

SWIGGERS, Pierre. « *La canonisation d'un franc-tireur: le cas de Hugo Schuchardt* ». In. : *Kanonbildung in der Romanistik and in den Nachbardisziplinen*, ed. por Wolfgang Dahmen *et al.*, 269-304. Tübingen, Narr, 2000. Disponível em : http://schuchardt.uni-graz.at/files/Swiggers_2000a.pdf. Acesso em: 30 jul. 2012.

SWIGGERS, Pierre. “History and Historiography of Linguistics; Status, Standards and Standing”. Tradução portuguesa: “História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações”, por Profa. Dra. Cristina ALTMAN. **Eutomia. Revista Online de Literatura e Linguística**, 2010. Disponível em: <http://www.Revistaeutomia.com.br/eutomia-ano3-volume2-destaquez.html>. Acesso em: 18 mar. 2012.

SWIGGERS, Pierre. *A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. Confluência*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 44-45, 1º e 2º semestres de 2013a, p. 39-59, [ISSN 1415-7403] (no prelo).

SWIGGERS, Pierre. *História e historiografia da linguística: problemas e métodos. Minicurso de Historiografia Linguística com Pierre Swiggers*. São Paulo: FFLCH-USP, 2013b, Promovido e traduzido pelo CEDOCH [Material mimeografado].

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TORRES, Amadeu e ASSUNÇÃO, Carlos, *Gramática da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira - edição crítica, semidiplomática e anastática, Academia das Ciências: Lisboa, 2000.

TORRES, Amadeu. O contributo conceptual das gramáticas filosóficas para a história da língua portuguesa. **Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa: actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva**. Porto: Universidade do Porto, p. 385-395, 2004.

URBANO, Hudinilson. *A margem de “À margem da dupla articulação” de Martinet elementos para um estudo de paralinguística. Lingua e Literatura*. São Paulo, n. 3, p. 101-134, 1974.

URBANO, Hudinilson. *A frase na boca do povo*. São Paulo: Contexto, 2011.

VALLE, Rosalvo do. *Apresentação – Serafim da Silva Neto e sua História do Latim Vulgar*. In: SILVA NETO, Serafim da. *História do Latim Vulgar*. 3ª reimp. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004 [1977], p. vi-x, (Coleção Linguística e Filologia).

VASCONCELOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2ª ed. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970 [Paris: 1901].

VASCONCELOS, José Leite de. “A filologia portuguesa. Esboço histórico”. In. VASCONCELOS, José Leite de. *Opúsculos*, vol. IV. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929, p. 839-919.

VARRON, M. T. *De Lingua Latina - Livre IX*. In: MACROBE/ (œuvre complètes)/ VARRON/ (De la Langue Latine)/ POMPONIIUS MÉLA/ (œuvre complètes)/ Avec la traduction en Français/ Publiées sous la direction/ DE M. NISARD/ De l'académie Française/ Inspecteur Général de l'enseignement supérieur/ PARIS/ Chez Firmin-Didot Frères, Fils et Cie, Libraires/ Imprimeurs de L'institut de France/ Rue Jacob, 56/ M DCCC LXXV.

VEYNE, Paul. "A história conceitual". In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. 2ª ed. Tradução de Theo Santiago. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1979, p. 64-88.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VIARO, Mario Eduardo. *Rumos parecidos*. In: **Língua Portuguesa**. n. 33, ano III. São Paulo: Segmento, julho de 2008. p. 60-63.

VIARO, Mario Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó, a África no Brasil: linguagem e sociedade*. Editora da UNICAMP, 1996. [2ª ed. 2013].

VOSSLER, Karl. *Positivismus und Idealismus in der Sprachwissenschaft – eine sprach-philosophische Untersuchung*. Heidelberg: Carl. Winter's Universitätsbuchhandlung, 1904.

WATBURG, Walther. *La Fragmentacion Lingüística de la Romania*. Trad. do alem. Manuel Muñoz Cortés. Madrid: Gredos, 1952.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-198.

WEINREICH, U., LABOV São Paulo: Parábola, 2007 [1968]., W., HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [Trad. Marcos Bagno]

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland*. With an introduction and notes by Ronald I. KIM and William LABOV. Amsterdam: John Benjamins, 2011 [1st unpublished edition, 1951].

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: Findings and problems*. New York: Walter de Gruyter, 1979 [1st ed. 1953].

WILBUR, Terence H. "Hugo Schuchardt and the Neogrammarians". In: VENNEMANN, Theo; WILBUR, TH. (eds.) *Schuchardt, the Neogrammarians, and the transformational theory of phonological change - Four Essays by....* Frankfurt/M: Athenäum, 1972, p. 73-113. (Linguistische Forschungen, Bd. 26).

b. Dicionários de Linguística

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2004.

DUBOIS, Jean et alli. *Dicionário de linguística*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-Chave da Análise do Discurso*. 2ª reimp. [Trad. de Márcio Venício Barbosa & Maria Emília Amarante Torres Lima] Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

c. Dicionário comum em língua alemão

DUDEN. *DEUTSCHES UNIVERSALWÖRTERBUCH*. 4., neu bearbeitete und erweiterte Auflage. Dudenverlag, Mannheim/Leipzig/Wien/Zürich, 2000, ISBN 3-411-05504-9.

d. Dicionários de linguística em alemão

HADUMOD BUSSMANN: *Lexikon der Sprachwissenschaft*. 3., aktualisierte und erweiterte Auflage. Kröner, Stuttgart, 2002. ISBN 3-520-45203-0

HELMUT GLÜCK (Hrsg.), unter Mitarbeit von Friederike Schmöe. *Metzler Lexikon Sprache*. Dritte, neubearbeitete Auflage. Metzler, Berlin: Directmedia, 2004. (CD-ROM).

e. Bases de dados on-line consultadas

ARCHIVE.ORG: <https://archive.org/details/grammaticilatin07keil>

CORPUS CORPORAUM: <http://www.mlat.uzh.ch/MLS/xanfang.php?corpus=13&lang=0>

CORPUS GRAMMATICORUM LATINORUM: <http://kaali.linguist.jussieu.fr/CGL>

CORPUS DE TEXTES LINGUISTIQUE FONDAMENTAUX: http://ctlf.ens-lyon.fr/n_fiche.asp?num=1204

GOOGLE: https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=keil+grammatici+latini+online&safe=off&tbm=bks

HUGO SCHUCHARDT ARCHIV: <http://schuchardt.uni-graz.at/>

INTERNET ARCHIVE: <https://archive.org/>

PHILOBIBLON: <http://pb.lib.berkeley.edu/saxon/SaxonServlet?source=BITAGAP/Display/3889Person.xml&style=BITAGAP/templates/Person.xml&gobk=http%3A%2F%2Fpb.lib.berkeley.edu%2Fxtf%2Fsearch%3Fmode%3Dphilobitagap%26title%3Dbeja%26text-join%3Dand%26mode%3Dphilobeta%26browseout%3Dwork%26sort%3Dmoniker%26startDoc%3D61>